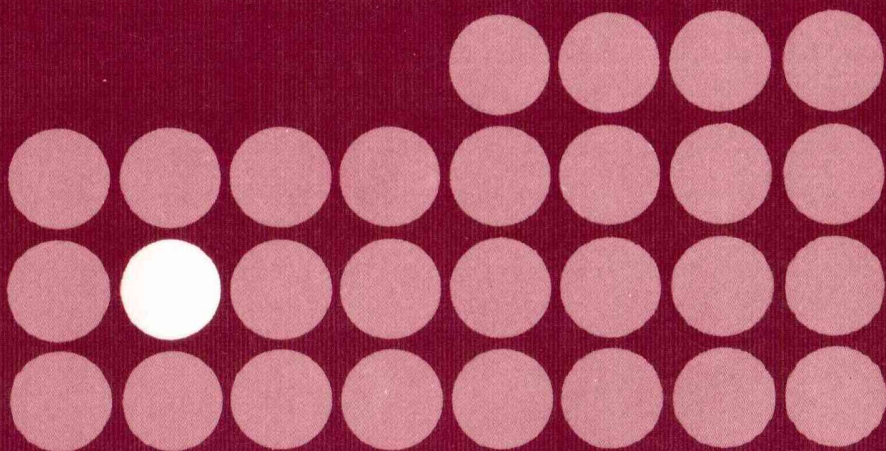


Salmos 73-150

introdução
e comentário

Derek Kidner



Mundo
Cristão



SÉRIE CULTURA BÍBLICA

SALMOS 73 — 150

SALMOS 73 — 150

**Introdução e Comentário aos
Livros III a V dos Salmos**

por

DEREK KIDNER, M. A.

Diretor, Tyndale House, Cambridge

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

e

ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA EDITORA MUNDO CRISTÃO

Título do original em inglês:
PSALMS 73 – 150
An Introduction and Commentary on
Books III–V of the Psalms

Copyright © 1975 pela
INTER-VARSITY PRESS
Leicester, Inglaterra

SÉRIE – TYNDALE COMMENTARY

Tradução:
Gordon Chown

Primeira Edição: 1981 – 4.000 exemplares
Reimpressão: 1984 – 3.000 exemplares

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pelas Editoras

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
e
ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA EDITORA MUNDO CRISTÃO
São Paulo, SP, Brasil

ÍNDICE

PREFÁCIO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS	286
ABREVIATURAS PRINCIPAIS	287
COMENTÁRIO SOBRE OS LIVROS III – V	
LIVRO III Salmos 73–89	289
LIVRO IV Salmos 90–106	350
LIVRO V Salmos 107–150	400

Nota acerca da numeração de páginas neste volume

Sendo que este volume completa o comentário sobre os Salmos, suas páginas são numeradas a partir do ponto em que terminou o volume sobre Salmos 1–72. As referências mais ou menos freqüentes à Introdução, bem como outras alusões à parte anterior do comentário, identificam-se, portanto, simplesmente pela paginação entre 1 e 280. Evita-se assim, a possível confusão entre os dois volumes do comentário, e os cinco livros nos quais o Saltério é tradicionalmente dividido.

PREFÁCIO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós peca pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas linhas. A série *Cultura Bíblica* vem remediar esta lamentável situação sem que peque do outro lado por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os Comentários que fazem parte desta coleção *Cultura Bíblica* são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentaristas e as notas de rodapé são reduzidas ao mínimo. Mas nem por isso são superficiais. Reúnem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é denso de observações esclarecedoras.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegética que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos são debates infundáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam assim o preparo do caminho para a pregação. Cada Comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no tempo e no espaço e um estudo profundo do texto a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira trata as questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examina as questões de destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda analisa o texto do livro seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave e a partir delas procura compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante “carne” para mastigar nestes comentários.

Esta série sobre o V.T. deverá constar de 24 livros, de perto de 200 páginas cada. Os editores, Edições Vida Nova e Mundo Cristão, têm programado a publicação de, pelo menos, dois livros por ano. Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção, terá um excelente e profundo comentário sobre todo o V. T. Pretendemos, assim, ajudar os leitores de língua portuguesa a compreender o que o texto veterotestamentário, de fato, diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar este propósito seremos gratos a Deus e ficaremos contentes porque este trabalho não terá sido em vão.

Richard J. Sturz

ABREVIATURAS PRINCIPAIS

Anderson	<i>The Book of Psalms</i> por A. A. Anderson (<i>New Century Bible</i> , Oliphants), 1972.
ANET	<i>Ancient Near Eastern Texts</i> por J. B. Pritchard, ² 1955.
ARA	<i>Almeida Revista e Atualizada</i> , SBB.
ARC	<i>Almeida Revista e Corrigida</i> .
AV	Versão Autorizada em Inglês ("King James"), 1611.
BDB	<i>Hebrew-English Lexicon of the Old Testament</i> , por F. Brown, S. R. Driver e C. A. Briggs, 1907.
BH	<i>Bíblia Hebraica</i> , editada por R. Kittel e P. Kahle, ⁷ 1951.
Briggs	<i>Psalms</i> por C. A. e E. G. Briggs (<i>International Critical Commentary</i> , T. & T. Clark), 1906-07.
Dahood	<i>Psalms</i> por M. J. Dahood (<i>Anchor Bible</i> , Doubleday), 1966-70.
Delitzsch	<i>Psalms</i> por F. Delitzsch, ⁴ 1883.
Eaton	<i>Psalms</i> por J. H. Eaton (<i>Torch Bible Commentaries</i> , SCM Press), 1967.
EV	Versões em Inglês.
Gelineau	<i>The Psalms: A New Translation</i> arranged for singing to the psalmody of Joseph Gelineau (Fontana), 1963.
G-K	<i>Hebrew Grammar</i> por W. Gesenius, editada por E. Kautsch e A. E. Cowley, ² 1910.
Gr.	Grego.
Heb.	Hebraico.
HTR	<i>Harvard Theological Review</i>
JB	<i>Jerusalem Bible</i> , 1966.
JTS	<i>Journal of Theological Studies</i>
K-B	<i>Lexicon in Veteris Testamenti Libros</i> por L. Koehler e W. Baumgartner, 1953.
Keet	<i>A Study of the Psalms of Ascents</i> por C. C. Keet (Mitre), 1969.
Kirkpatrick	<i>Psalms</i> por A. F. Kirkpatrick (<i>Cambridge Bible for Schools and Colleges</i> , CUP), 1891-1901.
Kissane	<i>Psalms</i> por E. J. Kissane (Browne and Nolan), 1953-54.
LXX	A Septuaginta (versão grega pré-cristã do Antigo Testamento).
mg.	Margem.
Moffatt	<i>A New Translation of the Bible</i> por James Moffatt (Hodder and Stoughton), 1934.
Mowinckel	<i>The Psalms in Israel's Worship</i> por S. Mowinckel (Blackwell), 1962.
MS(S)	Manuscrito(s).
NDB	O Novo Dicionário da Bíblia, Edições Vida Nova, 1979.
NEB	The New English Bible, 1970.
PBV	Prayer Book Version, 1662.
Perowne	<i>The Psalms</i> por J. S. Perowne (G. Bell), 1864.

RP	The Revised Psalter (SPCK), 1964.
RSV	American Revised Standard Version, 1952.
RV	English Revised Version, 1881.
SLH	Salmos na Linguagem de Hoje, SBB, 1979.
Sir.	A Peshita (versão siríaca do Antigo Testamento).
Targ.	O Targum (versão aramaica do Antigo Testamento).
TEV	Today's English Version, the Psalms: <i>Sing a New Song</i> (Fontana), 1972.
TM	Texto Massorético.
TRP	<i>The Text of the Revised Psalter</i> . Notas por D. W. Thomas (SPCK), 1963.
VT	<i>Vetus Testamentum</i> .
Vulg.	A Vulgata (A versão latina da Bíblia, por Jerônimo).
Weiser	<i>Psalms</i> por A. Weiser (<i>Old Testament Library</i> , SCM Press), 1962.

LIVRO III: SALMOS 73-89

Os onze Salmos, 73-83, que perfazem a porção principal deste terceiro “livro”, levam o nome de Asafe, fundador de um dos coros do templo (1 Cr 25:1). Salmo 50 é o precursor isolado deles no Livro II. Quatro dos demais salmos pertencem aos Filhos de Coré (84-85, 87-88, formando um suplemento ao grupo no Livro II, 42-49); os demais se dividem entre Davi (86), Hemã (que reparte com os coraítas o título do Sl 88), e Etã (89). Para mais pormenores, ver a Introdução, II, págs. 15ss., VI. b, p. 46.

Salmo 73

Acima de Toda a Comparação

Este grande salmo é a história de uma busca amarga e desesperadora, que agora recebeu uma recompensa acima de toda a expectativa. Relembra o tipo de pergunta que perturbava Jó e Jeremias; no fim, já não parecem incapazes de resposta, e o salmista tem uma confissão e uma descoberta suprema para repartir.

Título

Sobre *Asafe*, ver Introdução, pág. 48.

73:1-14. A influência maligna da inveja

O vers. 1 fica um pouco isolado, e é a chave do salmo inteiro, dizendo não somente o que Deus pode fazer para um homem, como também, o que Ele pode ser para ele. A frase, *de coração limpo*, tem mais significado do que surge à primeira vista, pois o salmo passará a demonstrar que as circunstâncias têm relativamente pouca importância em comparação com as atitudes, que podem ser azedadas pelo egoísmo (3, 13) ou libertadas pelo amor (25). *Limpo* significa mais do que ter mente limpa, embora certamente a inclua (ver os defeitos desastrosos da impureza em Tt 1:15; e 2 Pe 2:14); basicamente, trata-se de ser totalmente dedicado a Deus. Quanto a *coração*, suas seis ocorrências no salmo enfatizam, conforme a expressão de Martin Buber, que “o estado do coração determina se o homem vive na verdade, na qual se experimenta a bondade de Deus, ou na semelhança da verdade, onde o fato de que as coisas “vão mal” com ele se confunde com a ilusão de que Deus não é bom para com ele”.¹

¹ *Right and Wrong* (SCM Press, 1952, pág. 37). As seis ocorrências se acham nos versículos 1, 7, 13, 21, 26, 26.

"Os justos" (RSV, 1), é uma emenda feita pela divisão das consoantes de "Israel" (*yśr'ł*) em duas palavras, *yśr' 7* (mas RSV, NEB então omitem a segunda destas, um sinônimo para "Deus"). Não há apoio para esta divisão, e é dificilmente necessária, pois "Israel" faz bom sentido e serve de lembrança apropriada, desde o início, da graça e da aliança de Deus, que vêm antes da resposta do indivíduo.

2, 3. *Dúvidas que perturbam*. NEB transmite bem a situação precária: "Meus pés quase escorregaram, quase cedeu de tudo o apoio deles". Quanto às razões desta crise da fé, o salmista revela uma franqueza animadora. Embora pudesse ter simulado uma paixão desinteressada pela justiça, confessa ter tido inveja, e ter julgado apenas por aquilo que *via* (contrastar Is 11:3).

4-9. *A demonstração que intimida*. É curioso que estar fisicamente *sadio e nédio* ainda é considerado, em certos círculos, como direito de nascença do crente, a despeito de passagens tais como estas e, e.g., Romanos 8:23; Hb 12:8. Nesta própria descrição, o salmista revela a tentação à arrogância que acompanha o bem-estar em demasia; esta, na realidade, teria chegado a ser a própria tentação dele se tivesse sido concedido seu desejo original.

4. Este versículo conforme é interpretado por ARA, RSV, etc., faz sentido excelente, embora inclua a divisão de uma palavra hebraica em duas. Embora tal coisa dificilmente fosse justificada no v. 1 (ver o comentário ali sobre "os justos"), aqui é recomendada por ser bem desajeitada a alternativa.²

7. Na segunda linha, é preferível NEB: "enquanto vãs fantasias passam-lhes pela mente".

A passagem inteira é uma obra de mestre ao retratar estes favoritos da fortuna: emblasonados, vangloriando-se; dignos de risos se não fossem tão implacáveis; sua vaidade os impulsiona a querer submeter o universo à sua valentia. Há retratos comparáveis, e. g. nos Salmos 12 e 14; e, neste salmo, um contraste significativo de atitude para com *os céus e a terra* (9) no v. 25.

10-14. *A divergência isolada*. A idéia de que "temos forçosamente de amar o mais sublime quando o vemos"³ não acha apoio aqui, a não ser que pensemos que o "mais sublime" é aquilo que, segundo parece, detém o domínio. O *Altíssimo* (11) é quem recebe menos respeito, e o salmista tem a mortificação de ver o pecado não somente bem pago, como também tido em alta estima (10; ver o comentário). Não é um fenômeno inteiramente moderno.

10. Parece que o texto deste versículo sofreu durante a transmissão. Literalmente, a primeira linha diz ou: "... trará seu povo de volta para cá"

² Cf. RV: "Pois para eles não há laços (ou 'dores') em sua morte". Parece que aqui a morte aparece demasiadamente cedo. "Em sua morte" é uma palavra heb. única, *lēmōtām*; dividida, lê-se *lāmō: tām*, i. é, conforme as palavras grifadas na frase: "Para eles não há preocupações, o seu corpo é *sadio* e *nédio*".

³ Tennyson, *Guinevere*. 1, 647 (*Idylls of the King*).

ou: “. . . seu povo voltará para cá”; e a segunda linha (cf. RV) “e eles sorverão água de um (vaso) cheio”. A falta, no entanto, de qualquer conexão clara com o contexto induziu RSV e outras versões a tentarem a restauração do texto original. Para isso, as emendas no Hebraico não são grandes,⁴ e a maioria das versões modernas vêm aqui o culto ao sucesso que é tão popular.

13. A frase: *e lavei as mãos na inocência*, é um eco amargo da resolução devota de 26:6. Decidir que esta sinceridade tem sido uma perda de tempo é uma atitude pateticamente egoísta — o que ganhei com isto? — mas a simples formulação da idéia chocou o escritor ao ponto de ele adotar uma atitude metal melhor, a qual ele agora passa a descrever.

73:15-28. A radiância da fé

A transformação do ponto de vista dele teve seu momento decisivo, definido pela palavra *até* do v. 17, embora tenha havido muita sondagem do coração antes dela, e muita coisa para explorar além dela.

15-20. O *raiar da verdade*. O primeiro passo para a iluminação não era mental, e, sim, moral: o virar-se contra o egoísmo e a auto-compaixão que se revela nos vv. 3 e 13, para então lembrar-se das responsabilidades e lealdades básicas (15). O escritor ainda não tinha a mínima idéia dalguma resposta (16), mas esta própria mudança de atenção era, de si mesma, uma libertação depois da fixação da sua atenção numa única parte do cenário, a saber: nos mundanos. O título sublime que emprega para seus companheiros na fé, “a família de Deus” (NEB), ou lit. “teus filhos” (15), introduz um fator esquecido, um relacionamento que é riqueza de um tipo diferente.

17. A luz irrompe, quando se volta para o próprio Deus, tratando-O como objeto, não de especulação⁵ e, sim, de adoração. Em contraste com a eternidade, soberania e existência original dEle, estes homens do momento são percebidos como sendo apenas aquilo que são. O *fim deles* é, literalmente: “o depois deles”, ou seja, o futuro deles que desmontará tudo quanto era a razão de viver deles. Em contraste, uma palavra relacionada que se traduz “depois” no v. 24, introduzirá uma perspectiva bem diferente e gloriosa.

18-20. O julgamento não é apenas o fim lógico ou o “depois” da maldade, embora ela possua esta qualidade (ver sobre o v. 17); em última análise, é a rejeição pessoal deles por parte de Deus; é Ele quem dispensa alguém que não tem mais valor ou interesse (20). Trata-se da “vergonha e horror eterno” de Daniel 12:2, e do “nunca vos conheci” de Mateus 7:23. “Po-

⁴ E. g. *‘alê hem* (“para eles”) em vez de TM *h’lôm* (“Para cá”); e *mûm lô’ yimşû* (“não acharão falta”) em vez de TM *mê malê yimmâşû* (“água de um (vaso) cheio será sorvida”). Em defesa do Texto Massorético (TM), cf. talvez nossa própria metáfora de “beber” aquilo que pessoas dizem (cf. Eaton aqui).

⁵ JB (cf. Gelineau) tem “até que penetrei o mistério”, mas assim se espiritualiza desnecessariamente a declaração simples e direta “até que entrei no santuário”.

demos ser deixados total e absolutamente *fora* — repelidos, exilados, alienados, e ignorados de modo final e indizível”.⁶

21-26. O pleno fulgor da glória. “Do outro lado” (assim continua a citação supra) “podemos ser chamados, com as boas vindas, sendo recebidos e reconhecidos”. Foi disto que o salmista se esquecera — pois nada pode cegar mais (e os termos dele são ainda mais fortes, 22) do que a inveja ou o ressentimento. Foi este o nervo que a serpente tocou no Jardim do Éden, de tal modo que fazia como que o próprio Paraíso parecesse ser um ultraje. Agora vêm à luz os valores verdadeiros, numa passagem que, por breve que seja, é insuperável como registro da resposta a Deus feita pelo homem.

21, 22. Há nova profundidade no arrependimento que o cantor sente a respeito de sua atitude anterior. No v. 2, já notara o seu próprio perigo por causa dela; no v. 15, viu que ela era uma traição contra seus companheiros; agora, confessa a afronta contra Deus que ele praticara. Esta mudança veio por causa de ele se colocar na presença de Deus (cf. “entrei no santuário”, v. 17), pois *à tua presença* significa, literalmente: “contigo”; aquela presença, no entanto, que antes parecia acusadora, ficará sendo o deleite dele. A mesma expressão: “contigo”, é imediatamente retomada em 23a., e outra vez em 25b (ver a nota), transformada pelo seu novo contexto.

23, 24. Os tempos verbais, embora nem sempre se distingam tão nitidamente no Hebraico como no Português, parecem ter o propósito aqui de ressaltar a grande extensão da frase: *estou sempre contigo*. Pode-se ler a sequência como segue (algo semelhante a JB):

“Tu tomaste minha mão direita,

Tu me guias com o Teu conselho,

E, no fim, me receberás na glória”.

A palavra *depois*,⁷ ou “no fim”, torna claro que a última linha olha para além do progresso estável da frase do meio, para o clímax de tudo. Fica sendo uma questão algo aberta, se o clímax (que pode ser traduzido *na glória* ou “com glória”) é comparativamente modesto — a promoção à honra terrestre, conforme alguns julgariam — ou a alegria suprema de passar para a presença de Deus. Para este escritor, a última interpretação é totalmente mais provável. Verbalmente, a palavra *recebes* a sugere, e duplamente assim pelo seu emprego na história de Enoque (Gn 5:24, “porque o tomou para si”; o verbo é o mesmo), e em Salmo 49:15. Neste último, a linha “pois ele me tomará para si” completa uma parêntese de versos que começa assim: “Mas Deus remirá a minha alma do poder do Seol”. Além disto, a dinâmica deste

⁶ C. S. Lewis, “The Weight of Glory”, *Transposition* (Bles, 1949), pág. 30.

⁷ Esta palavra *‘aḥar*, pode se empregar tanto como advérbio, i. é, “depois”, “depois” disto”, etc. (e.g. Gn 10:18; 18:5; Lv 14:8, 19; etc.), ou como preposição “após”. Esta última (“*após* a glória”) faria pouco sentido aqui, embora LXX assim a tenha entendido, e RP a emendou para *‘ōrah* (“*pelo caminho da honra*”). O sentido “depois” não acarreta semelhante dificuldade.

parágrafo vai em direção a Deus somente, desde o tema de abertura. “Sempre contigo” até sua confissão suprema em 25-26, “Quem mais tenho eu no céu?” Esta experiência sempre crescente da salvação, “seguro, guiado, glorificado”, é uma contrapartida humilde da grande seqüência teológica em Romanos 8: 29-30, que abrange a obra de Deus desde o começo oculto, “aos que de antemão conheceu”, à mesma conclusão que aqui temos, “a esses também glorificou”. Podemos tirar a conclusão de que, se a vida eterna era visível ao olho discernidor mesmo na declaração “Eu sou o Deus de Abraão, . . . de Isaque, e . . . de Jacó”, conforme indicou nosso Senhor, aqui jaz a descoberto, para todos verem. Para algumas outras passagens onde esta esperança se torna visível, ver o comentário final sobre o Salmo 11.

25. O salmista, tendo recebido a certeza daquilo que Deus estava fazendo em prol da salvação dele (“segurar” . . . “guiar” . . . “receber”, 23-24), chega a descansar naquilo que Deus é para ele, por menos prometedora que seja a sua situação.

Céu e terra é um modo de dizer, a certo nível de linguagem, simplesmente “em qualquer lugar que seja”. Estas duas palavras, no entanto, quando se dirigem a Deus, conservam seu sentido integral. Certo é que a apresentação que a Bíblia faz do céu se centraliza totalmente em Deus —

“Tu lhe és a luz, a alegria e a coroa,

Tu lhe és o sol que nunca se põe”⁸

— e, no seu conceito da terra, mostra que o lema: “Para mim o viver é Cristo”, não exclui os demais relacionamentos; pelo contrário, enriquece-os.⁹

Nota-se, de passagem, que *outro* (além de ti) é a mesma expressão Heb. aqui como “à tua presença” (22) e “contigo” (23); trata-se de um elo que não se vê na tradução, embora seja bastante real, e ressalta a consciência que o poeta tem quanto a estar na presença de Deus, o que transformou sua atitude. É bem possível que NEB tenha razão ao traduzir esta linha assim: “E tendo a Ti, nada mais desejo na terra”.

26. Aqui, enfrenta-se a própria morte, porque a palavra *desfalecer* aponta nesta direção, e significa “chegar ao fim” mais do que “ser inadequado”.¹⁰ O salmista, porém, com verdadeiro realismo se recusa a alterar este fato, nem a eternidade de Deus que com ele se contrasta (notam-se as palavras *fortaleza e para sempre*); e ele invoca os elos indissolúveis entre as duas partes, os quais, conforme indicou nosso Senhor, devem sobrepor-se à própria morte (MT 22:32). Além disto tinha, como levita, a certeza explícita de que Deus era a sua *herança* (Nm 18:20), certeza esta que Davi podia reivindicar apenas por analogia: ver sobre 16:5, 6.

⁸ W.C. Dix, “As with gladness men of old”. Cf. Ap. 4:2 e segs.; 21:22 — 22:5.

⁹ Fp 1:21. Cf. as amizades calorosas e duradouras de Paulo, que foi quem adotou este lema.

¹⁰ JB, “desfalecem de amor”, pressupõe demais. O verbo pode ter este significado quando se liga ao objeto por meio da preposição “por”, como em 84:2; 119:81; aqui, porém, está sozinho.

27, 28. A comparação verdadeira. O cantor, olhando a partir desta posição favorável, pode ver seus queixumes e ciúmes passando, percebendo o que realmente são. “Inveja dos arrogantes” (3)? Eles, porém, estão destinados à perdição. Praticou “inutilmente” a religião (13)? Possui, no entanto, o “bem” único e supremo (28), que é *estar junto a Deus*.

Assim sendo, embora em certo ponto a melhor coisa que podia fazer era guardar para si os seus pensamentos (15), agora seus lábios estão abertos. À luz da sua descoberta, voltamos com novo entendimento à primeira exclamação dele: “Com efeito Deus é bom . . . para com os de coração limpo”.

Salmo 74 Devastação

Este salmo atormentado traz em si as marcas do desastre nacional que deu vazão aos Salmos 79 e 137, e ao Livro das Lamentações: i.é, a destruição de Jerusalém e do Templo pelos babilônios em 587 a.C. Talvez o paralelo mais próximo é o de Lamentações 2:5-9, onde o fato de fazer calar a profecia é, como aqui (v. 9), um dos golpes mais desorientadores de todos. A alusão em AV e RV a “sinagogas” (8, “lugares santos” ARA), dá a impressão de uma era posterior, tal como a da grande perseguição de Antíoco Epifânio em 168-165 a.C. (onde, mais uma vez, somos informados da ausência de qualquer profeta: 1 Mac. 4:46). A tradução “sinagogas” é sujeita a debates aqui, e a maioria dos intérpretes concorda em colocar o salmo dentro da duração de uma vida, no máximo, depois dos eventos de 587.

A total mudança de tom nos vv. 12-17, não muito diferente do interlúdio triunfante no Salmo 60, sugere que aqui irrompe uma nova voz (nota-se o singular, “meu”, depois de “nós” e “nosso”), ou, talvez, um sopro de ar fresco advindo de outro salmo que, fora deste trecho, nos é desconhecido. A nota trágica ainda voltará, mas, pelo menos, a disciplina de prestar louvores e de enfrentar outros fatos terá emprestado a esta petição mais confiança, embora ela não seja menos urgente.

Título

Sobre “Masquil” (*Salmo*) e *Asafe*, ver a Introdução, págs. 52, 48.

74:1-3. A herança repudiada

É a fé, mais do que a dúvida, que precipita a torrente de perguntas que inicia e termina esta metade do salmo (vv. 1, 10, 11), sendo que a perplexidade gira em torno, não do mero fato do castigo, mas, na realidade, do seu aspecto que parece ser final. É “para sempre?” (1a; cf. 10) — mas como pode ser assim, quando se trata de “*teu* pasto . . . *tua* congregação . . . *tua* herança”? Poderíamos acrescentar, é Teu através da escolha feita já havia muito tempo — pois é esta a implicação da série no v.2: *adquiriste desde a*

antiguidade . . . remiste . . . tens habitado. Ver, neste tema, Romanos 11:1-2, 29.

2. Quanto às implicações práticas de *Lembra-te*, ver sobre 13:1. Nos Salmos, o tema de *Sião* como habitação terrestre de Deus evoca grande variedade de disposições de ânimo, desde o presente desnortamento até os anseios esperançosos do Salmo 84, o júbilo de 68, a visão cósmica de 87, a fé desafiadora de 46, e muito mais. Acerca deste versículo, Perowne disse muito bem que “os dois grandes fatos, a redenção do Egito, e a habitação de Deus no meio deles, . . . resumem, como parece, tanto aqui como no Salmo 68, a totalidade da sua história”.

Tribo também pode significar “vara” ou “cetro”, e assim era traduzida pelas versões antigas; aqui, porém, a ênfase recai sobre o pertencer a Deus como o próprio povo dEle, não sobre o conceito de ser manuseado como instrumento dEle (cf., de modo semelhante, Jr 10:16 e o plural em Is. 63:17).

3. *Dirige* é, literalmente, “levanta”; assim, JB tem o toque vívido, porém duvidoso, “Avança com passos cuidadosos nestas ruínas intermináveis”. É mais provável que signifique “apressa-se para”;¹¹ e parece que as ruínas são mais irreparáveis do que de extensão ilimitada.

74:4-8. O templo pilhado

Depois das perguntas e das petições, agora são os fatos que se colocam diante de Deus. Os detalhes nítidos deste quadro, decerto uma lembrança indelével, reforçam-no grandemente.

4. Para *bramam* . . . , NEB tem, mais realisticamente, “Os gritos dos teus adversários encheram o lugar santo”. “Bramam”, no entanto, por certo tem a intenção de indicar uma comparação com feras. “Berraram” é possivelmente uma combinação melhor do realismo e da metáfora. A palavra que aqui se traduz: *lugar das assembléias* (cf. 8), relembra o termo “tenda da congregação”, i. é, o lugar onde Deus, segundo Sua promessa, ficará disponível ao Seu povo (Êx 29:42). A cena já é um contraste suficientemente brutal com o ambiente no qual Isaías ouviu os serafins cantando “Santo, Santo, Santo” e a voz de Deus.

Os *símbolos* devem ser os estandartes militares (cf. a mesma palavra em Nm 2:2). A nota explanatória: “para sinais”, que talvez pareça supérflua (ARA a omite), dirige nossa atenção a alguns “símbolos” bem diferentes determinados para o santuário: os incensários martelados, provindo da rebelião de Coré, e a vara milagrosa de Arão (Nm 16:38; 17:10 / 17:3, 25, Heb./) A estas lembranças de santidade inviolável, os emblemas pagãos eram uma res-

¹¹ NEB (“Agora, finalmente, restaura”) emprega um sentido comum do verbo, mas modifica “teus passos” para transformar a palavra (sem o “teu”) em advérbio, como, e.g., em Gn 2:23. É engenhoso, porém sem justificativa.

posta humilhante. Havia abominações piores para virem, mas tanto o Antigo como o Novo Testamento as consideram como sinais do ataque final e derrota iminente do inimigo (Dn 11:31; Mt 25:12).

5. RV segue com mais precisão este versículo difícil: "Pareciam¹² (ou 'tornaram-se conhecidos',¹³ mg.) homens que levantavam machados contra uma moita de árvores". É um retrato de energia destrutiva furiosa.

6, 7. 1 Rs 6:21, 22, 29 revela que os *lavôres de entalhe* eram cobertos de ouro (RSV acrescenta a palavra "madeira"). Se sobrou qualquer parte deste revestimento (cf. 2 Rs 18:16), pode ser que o v. 6 descreva o arrancar dele antes de ser queimada a madeira entalhada: cf. a coleta cuidadosa dos metais para a remoção para a Babilônia, 2 Rs 25:13-17.

8. *Lugares santos* é o plural da palavra que se traduz "lugar das assembléias" no v. 4; ver o comentário. Se este for o sentido aqui, sua pluralidade se constitui em problema, sendo que Deus reconhecia um só santuário (Dt 12:13-14). É possível, porém, que este versículo considere o templo em Jerusalém como o último dos lugares sucessivos do encontro com Deus (Êx 20:24), todos os quais agora foram destruídos Cf. Siló (Sl 78:60-64). Se, pelo contrário, o sentido é "lugares de assembléias" (cf. "sinagogas", AV, RV), não há evidência clara que apóie a existência de semelhantes construções nesta data tão recuada, aparentemente dentro da memória de pessoas que viveram os eventos de 587 a.C. A LXX oferece uma terceira possibilidade ao entendê-la como "festas determinadas", um sentido que frequentemente tem; requeria, no entanto, um verbo diferente, e.g. "fez cessar". Por enquanto, não há solução clara, mas, no cômputo geral, a primeira parece a mais provável.

74:9-11. O silêncio impenetrável

A falta de qualquer "sinal do Teu favor" (cf. a petição em Sl 86:17) e, muito menos qualquer palavra através de um profeta, são feridas mais profundas do que aquelas que o inimigo causou, porque, "por estas coisas vivem os homens" (Is 38:16; cf. Dn 8:3). Os únicos *símbolos* dos quais há lembrança são os do inimigo (cf. 4b). Incidentalmente, o papel do *profeta* aqui surge claramente como sendo o daquele que está encarregado com o conhecimento confidencial (Am 3:7) e que podia ver adiante. Cf. a expressão, "teus olhos, os profetas" (Is 29:10).

Historicamente, este clamor muito bem poderia ser o da comunidade desolada, deixada na pátria depois das deportações para a Babilônia e a emigração para o Egito (Jr 43:5-7) que removera Ezequiel em primeiro lugar, e,

¹² O verbo está no singular, mas este pode ter a força de "cada um deles". LXX coloca este verbo com o versículo anterior, mas o traduz assim: "e não sabiam"; cf. JB, Gelineau, que o modifica ainda mais ao supor uma leitura original "(que) não sabíamos".

¹³ É este verbo que AV traduz por: "um homem foi famoso".

depois, Jeremias¹⁴. Podemos ver, a partir da distância atual, quão frutífero era o período que parecia ser um tempo estéril do abandono por Deus, pois dissolveu as estruturas políticas em preparação para a fase seguinte, como igreja mais do que como reino. *O Até quando* (10), tinha, como sempre, um limite, e o *Por que* (11) tinha uma resposta.

74:12-17. As proezas antigas

Quanto ao irrompimento repentino de louvor, ver supra, no segundo parágrafo introdutório.

12. O salmo é girado numa nova direção sobre o pivô da abertura: “Deus, porém” . . . , conforme ocorre em muitas outras passagens da Escritura: e.g. 22:19 (ver o comentário); Ef 2:4. Embora o pronome *meu* talvez sugira que uma voz individual agora tenha tomado a dianteira, fala em prol da nação, como na declaração semelhante de 44:4 e segs. (onde há alternância entre “eu” e “nós”). Com as palavras *Deus, meu rei* há um voltar-se tácito da monarquia terrestre, em favor da celestial; a primeira era um episódio breve da história; a última é de tempos imemoráveis, e é irresistível. (O contraste desapareceria com o Messias, que também é *desde a antiguidade*: Mq 5:2/1, Heb./). Os inimigos humanos, com sua devastação (4-8) agora parecem pequenos contra o pano de fundo das potências que Deus já derrotou e o universo que formou. O que os pagãos fizeram “no meio do lugar das assembléias” (Santuário) (4) era nada diante daquilo que Deus fizera *no meio da terra* (12) durante o êxodo — eles, que tinham imaginado que a terra era deles.

13-15. A separação do mar Vermelho e o golpe esmagador contra o Egito, aquele dragão das profundezas (cf. Ez 32:2 e segs.), convidam uma comparação com a jactância dos cananeus acerca das vitórias de Baal sobre o Mar e o Rio personificados, sobre o Dragão (*tnn*; cf. o plural *tannînm*, *monstros marinhos*, aqui) e sobre a serpente de sete cabeça, Lotan (a palavra que se equivale a Leviatã — *crocodilo*¹⁵). A lição aqui é que aquilo que Baal reivindicara dentro do âmbito dos mitos, Deus fizera no âmbito da história — e o fez em prol do Seu povo — *operando feitos salvadores*. As Escrituras também empregarão esta linguagem a respeito da batalha contra “as forças espirituais do mal, nas regiões celestiais” (cf. Is 27:1; Ap 12:7 e segs.; 13:1 e segs.); aqui, porém, os vv. 12-15 contemplam o cenário terrestre, revestindo os eventos do êxodo com suas figuras vívidas, desde o mar Vermelho (13a) até ao Jordão (15b), e desde o âmbito de julgamento contra o inimigo (13b,

¹⁴ Ver, porém, as demais possibilidades discutidas no parágrafo inicial e no comentário sobre o versículo 8.

¹⁵ A alusão à matéria cananita é inconfundível em Is 27:1, onde os adjetivos comuns, bem como os substantivos, são os do poema de Baal. Ver *Documents from Old Testament Times*, ed. D. Winton Thomas (Nelson, 1958), págs. 129-133. Para passagens comparáveis, ver Sl 89:10; Is 51:9-10.

14b) até aquele onde Deus transforma o deserto em cenário de abundância (14b, 15a). Era altamente relevante para a crise corrente nos vv. 1-11, como de fato é para as vicissitudes da igreja cristã.

Sobre Leviatã (*crocodilo*, 14) ver supra. A matança de um monstro tem como seqüela natural o devorar da carcaça dele, uma figura que se detalha com prazer em Ezequiel 32:4 e segs., onde Egito, mais uma vez, é o dragão (*tannîn*). Para ARA, a festa é desfrutada pelas *alimárias do deserto* (cf. JB, Gelineau), enquanto NEB tem a conjectura de “os tubarões”; estas, porém, são emendas do texto hebraico,¹⁶ que diz: “a um povo, aos habitantes do deserto” (ou “às criaturas do deserto”, interpretando “povo” como acontece em Pv 30:25; ver, porém, 72:9 mg., e os comentários ad. loc.). Tomando o risco de inferir demais de uma figura poética, podemos, talvez, ver uma referência às riquezas que os israelitas trouxeram consigo do Egito: “assim despojaram os egípcios” (Êx 12:35-36). A menção de *alimento* corresponde à metáfora do Egito como cadáver, não necessariamente ao abastecimento que oferecia de modo literal.

16, 17. Agora, o pensamento levanta vôo em direção a Deus como Criador, e não somente como Redentor. É atraente a idéia de achar uma parábola na frase: *tua também a noite*, como também na palavra final: *e inverno*; o salmista, porém, não dá sinal de estar falando figuradamente. Mesmo assim, está declarando que a totalidade da ordem criada, com todos os seus contrastes, poderes e mudanças, pertence a Deus. No contexto de sofrimento que há no salmo, inibe nossas conclusões apressadas, assim como também fazem os capítulos finais de Jó, por meio de olhar para além do problema imediato, para o cenário total que Deus coordena na Sua sabedoria.

74:18-23. A oração continua

O sofrimento permanece, e o salmo termina com uma torrente de orações urgentes. Mesmo assim, é talvez significativa que as perguntas dos vv. 1-11 (“Por que?” “Até quando?”) já cessaram.

Alguns aspectos não conspícuos, e provavelmente inconscientes, da oração são instrutivos. Sua primeira petição, como na Oração Dominical, é pelo bom *nome* de Deus (18); e esta preocupação aflora outra vez em 21. Outro sinal de reconhecimento é o emprego freqüente de “*teu*”, que relaciona com Deus, e não somente entre si, amigos e inimigos juntamente (ver mais sobre 72:14). Além disto, o apelo à *aliança de Deus* oferece uma base firme para os pés quando as demais coisas estão em movimento.

Mais alguns detalhes requerem comentários:

¹⁶ TM diz: *le'am le'siyyim*; RSV simplesmente omite a primeira destas palavras (cf. mg.); Welhausen sugeriu *la'as*, um sinônimo conjecturado para “comida”: NEB (“tubarões”) retém as consoantes, mas lê *le'amilešê yâm*, de um derivado conjecturado da raiz *mlš*, “ser liso”. Ver K-B, s. v. : *amlāš*.

18. *Insensato*, aqui no v. 22 (“ímpio”, ARA), é *nābāl*, a palavra para o estulto blasfemo e arrogante que encontramos em 14:1, ver o comentário ali.

19. *A vida de tua rola* era entendida nas versões antigas como “a alma que Te confessa” (NEB), tratando-se da diferença de uma letra (*d* em lugar de *r*, letras que facilmente se confundem no Hebraico). Mesmo assim, “ro-la”, um termo de terna afeição (e.g. Ct 6:9), faz sentido igualmente bom.

20. ARC tem “crueldade” em vez de *violência* (ARA), que é mais exato, pois a palavra final do versículo não é especializada como nossa “crueldade”. *Terra* pode referir-se ao país, ou ao mundo inteiro.¹⁷ Quando, porém, se preenchem os detalhes, como em Lamentações 5:11 e segs. (“Forçaram as mulheres em Sião . . . Os príncipes foram por eles enforcados. . .”), ou como no registro histórico contínuo da raça humana, “crueldade” não é uma palavra forte demais, nem o “mundo” um cenário por demais extenso.

Salmo 75 Árbitro Supremo

A alegria por causa das grandes reviravoltas causadas por Deus, que “a um abate, e a outro exalta” (7), é um tema que este salmo reparte especialmente com o *Magnificat* e com o Cântico de Ana. Situa-se num ponto apropriado, como seqüela à petição de 74:22-23, no sentido de Deus trazer o caso ao julgamento. Aqui, não é requerente relutante, e, sim, o Juiz: o processo se iniciará quando Ele o marcar (2), e a sentença será pronunciada sem meios-termos.

O Título

Sobre o *mestre de canto e Não destruas*, ver a Introdução, págs. 53, 57. Sobre *Asáfe*, ver pág. 48.

75:1. A história maravilhosa

Aqui, todas as *graças* são as que a memória induz, sendo que a memória é incitada pela “declaração”, ou seja, o contar de novo as grandes coisas que Deus tem feito (cf. 78:4; Dt 31:10 e segs.). Esta recitação ainda é uma parte indispensável do culto: cf. 1 Co 11:23-26.

Quanto à expressão: *tuas maravilhas*, ver sobre 9:1. Nesta linha, RSV e ARA seguem as versões antigas,¹⁸ enquanto NEB fica mais perto do Hebraico existente com: “Teu nome é trazido para bem perto de nós mediante a

¹⁷ NEB estende este sentido ao revocalizar *bērīt*, “aliança” como *beriyyōt*, “criaturas”, uma palavra que se acha somente em Nm 16:30 (singular); uma alteração infundada que não convence.

¹⁸ E.g. *qārô* ‘b -, “invocar”, onde TM tem *qārôb* “(está) perto”.

história dos Teus atos maravilhosos”.¹⁹ O nome de Deus faz parte do Seu oferecimento de Si mesmo: uma revelação de Quem Ele é (Êx 34:5 e segs., 14) e um convite no sentido de se invocar a Ele (At. 2:21). Este nome, trazido para “perto” em todos os Seus atos, foi colocado bem no nosso meio em Cristo (Jo 17:6, 26).

75:2-5. A Palavra do Juiz

Agora (talvez inicialmente através de um profeta) a voz de Deus irrompe, com a mesma autoridade poderosa como em 60:6-8: primeiramente para outorgar confiança (2-3) e depois para advertir (4-5).

2. *O tempo determinado* é uma palavra importante na narrativa vetero-testamentária de como Deus ordena o mundo. Emprega-se para as “estações” do ano, com seu ritmo firme (Gn 1:14), para as “festas determinadas” (Lv 23:2)²⁰ que davam o padrão anual do culto (e, sem Israel ter consciência disto, determinaram as datas quando Cristo sofreria, ressuscitaria e derramaria o Espírito Santo), e para os “tempo, dois tempos e metade de um tempo” (Dn 12:7). Nenhuma palavra poderia melhor expressar Seu controle, nem se adequar melhor a um juiz, do que *retamente*, o advérbio aqui empregado.

3. Há um vislumbre, quase como de alguém tomado pelo pânico, dos alicerces que se desfazem em Salmo 11:3, que recebe como resposta a lembrança de que o trono de Deus está firmado no céu. Aqui, temos o outro aspecto: Deus como a força estabilizadora dentro da estrutura. Pode ser definido em termos de “graça geral”, Sua dádiva de influências e instituições sadias que ajudam a apoiar até uma sociedade ímpia; além disto, *porém*, há mais diretamente a obra dEle em sustentar todos os seres vivos (At 17:25), em guiar todos os eventos, e a Sua verdade nas vidas de certos homens. Cf. as referências à obra de Deus em Isaías 33:6 e 58:12.

4, 5. Depois do consolo, vem a advertência; pois aqueles que se consideram “colunas” da sociedade (3) talvez não passem daqueles que empurram no meio do rebanho. NEB empresta vida a 5a, dizendo: “não atireis vossos chifres contra os altos céus”; em 5b, porém, segue sem necessidade a LXX e Vulg., ao ver uma referência a Deus (“com arrogância contra vosso Criador”²¹). O “pescoço insolente” (RSV, como TM) se adapta bem à figura

¹⁹ Lit. “o teu nome está perto, as tuas maravilhas (o) declaram” (ARC); cf. Êx 9:16).

²⁰ A mesma palavra também servia para o “lugar determinado” onde Deus Se encontraria com Seu povo (ver sobre 74:8), e, raramente, para a própria “assembléia” (Nm 16:2). AV, PBV adotam aqui este último significado, de modo não muito inteligível. NEB é direto: “Lanço mão do tempo determinado”.

²¹ Para *sawwār*, “pescoço”, LXX e Vulg. leram *šūr* “Rocha” (ARA), com uma consoante diferente. Mas se for correto, o fato de que elas parafrasearam para “Deus” é uma admissão de pouca força aqui. Não há necessidade de alterar o TM “pescoço”.

dos chifres que dão empurrões; recusa o jugo, assim como os ímpios recusam a Deus.

75:6-8. A visão da justiça

Este é o comentário responsivo sobre o oráculo de Deus, inculcando duas das suas lições, de modo específico.

6, 7. A raiz da palavra que se traduz *exalta* (7) e *auxílio* (6), é retomada da repreensão que Deus dirige àqueles que fazem promoção de si mesmos (4, 5: “levantéis” — é esta a desvantagem do *atirar* os chifres em NEB). No v. 6, os substantivos hebraicos estão menos estereotipados do que os nossos, e ressaltam, não os pontos do compasso, e, sim, o elemento da inacessibilidade (o lugar da saída do sol, o lugar do entardecer, e o deserto, que não é necessariamente o Neguebe, ao sul, mas qualquer deserto). Noutras palavras: procure onde quiser, mas não acharás qualquer outro Árbitro senão Deus,²² não há, portanto, qualquer posto ou posição no mundo que passe de provisório.

8. Agora, a promessa de Deus, quanto à ação que afinal adotaria (2) se traduz em visão poderosa. A figura de um *cálice* de julgamento frequentemente se encontra noutros trechos, e sua ocorrência final nas Escrituras o apresenta como retribuição, como em nossa frase: “aturar a xaropada que receitou para os outros”: “no cálice em que ela misturou bebidas, misturai dobrado para ela” (Ap 18:6). Outras passagens dão mais pormenores da metáfora, retratando os recipientes que cambaleiam, vomitam, ficam desorientados, prostrados (e. g. Is 51:17; Jr 25:15-16, 27-28). *Cheio de mistura*, ou bem mistos”, é uma referência às especiarias que podiam ser acrescentadas para tornar mais pungente a bebida; assim NEB, “quente com especiarias”.

75:9, 10. A glória eterna

Exultarei segue a LXX; no Hebraico, a diferença de uma só letra dá “declararei”. Este último é o texto que temos, no entanto, e ele se condiz com a preocupação da segunda linha em dar a Deus a glória.

Com o v. 10, volta o tema dos chifres ameaçadores, e aquele da verdadeira exaltação. A rigor, quem vai agir não é Ele (RSV), e, sim, “Eu”. Talvez o significado seja que o adorador se empenha para lutar nas batalhas de Deus; mas tendo em vista a ênfase dada ao único Juiz, é mais provável que isto seja um eco da própria proclamação feita por Deus nos vv. 4 e 5. Sendo assim, a paciência e o sofrimento não terminam a história: haverá um tempo para o poder sem agressão, e a glória sem orgulho.

²² Em 6b, *hārīm*, “levantando” poderia ser, alternativamente, o sub. “montanhas”, que acha apoio no modo de TM vocalizar a palavra anterior, dando como resultado a frase “ermo das montanhas” (cf. LXX, Vulg.). Esta interpretação subjaz JB, RP e Gelineau, mas exige pequenos ajustes para fazer sentido. São preferíveis RSV e NEB.

Salmo 76
O Leão de Judá

Há uma simplicidade forte no padrão deste salmo, que, em primeiro lugar, olha para uma grande libertação no passado (1-6), e depois, para um grande julgamento no futuro (7-12). A primeira parte é local e defensiva sendo que Sião, a sede e residência de Deus na terra, está sendo atacada de todos os lados; a segunda parte é cósmica, tendo o céu como sede de Deus, e o mundo como Seu reino, sendo assunto dEle todos quantos sofrem injustiças. Trata-se, desta forma, até certo ponto, de uma miniatura da própria história na Bíblia, desde os inícios ferozmente combatidos até ao tempo do fim, quando, a despeito de toda oposição humana, a salvação e julgamento divinos terão atingido seu auge e plena expansão.

O Título

Sobre o *mestre de canto e Asafe*, ver a Introdução, págs. 53, 48. Sobre *Cântico*, ver pág. 51.

76:1-3. Deus na Sua Fortaleza

Como declaração da glória de Deus, nada poderia ser mais estreito ou meramente provinciano do que esta abertura; como glória de Israel, no entanto, nada poderia ser mais frutífero ou rico para o mundo. O fato de que Deus era *conhecido* em Judá tornou-se em bênção para todos os homens, “porque a salvação vem dos judeus” (nota-se a conexão com a declaração: “nós adoramos o que conhecemos”, em Jo 4:22). Para a igreja também, estas ainda são as prioridades: que Deus seja *conhecido* nela (Fp 3:10), e que Seu nome seja tido por *grande* (“glorificado”, Jo 12:27-28).

2. *Tabernáculo*. Literalmente, a expressão arrojada que aqui se emprega é “moita” ou “toca”²³, fazendo comparação tácita entre o Senhor e um leão (cf. Jr 25:38, e ver sobre Sl 27:5, com as referências ali citadas; para Sua defesa de Jerusalém, cf. também Is 31:4). *Salém* é uma forma mais curta de Jerusalém (cf. Gn 14:18; Hb 7:2); seu nome alternativo de *Sião* era o do topo da colina e da fortaleza que Davi conquistou. Quanto à escolha que Deus fez desta cidade, um tema principal nos Salmos, ver sobre 46:4; 68:15-18; 87.

3. As “frechas” (ARC) são realmente *relâmpagos* (cf. 78:48). O grande livramento será detalhado na seção seguinte.

²³ A forma mais comprida desta palavra se emprega para um abrigo feito pelo homem, ou uma choupana (cf. “tenda”, NEB, JB, aqui); a palavra que aqui se emprega, no entanto, significa uma moita natural, que é tão impenetrável como a choupana é frágil.

76:4-6. O agressor fica indefeso

A ocasião que aqui vem de imediato à mente é a eliminação do exército de Senaqueribe, numa só noite, pelo anjo do Senhor (Is 37:36). A LXX faz esta alusão na sua versão do título, e nenhum outro evento é tão fortemente sugerido pelos versículos 5 e 6. Embora os Salmos 46-48 cantem em linguagem figurada a salvação de Sião, como se visassem evitar que ela fosse confinada a qualquer ocasião individual, a linguagem que aqui temos parece ser proposital no sentido de relembrar uma noite específica na história,²⁴ como se nos lembrasse de que os milagres são reais e datáveis, e não declarações pitorescas de verdades gerais.

4. *Os montes eternos*, um texto tirado da LXX, é provavelmente certo, ao invés de “os montes de presa” (AV, RV, ARC).²⁵ Várias outras sugestões têm sido feitas (e. g. JB, TEV), mas não há evidência textual para apoiá-las.

5. A frase: *nenhum dos valentes pode valer-se das suas próprias mãos* (lit. “não acharam suas mãos”) se coloca assim em NEB: “não podem erguer uma mão.” Assim, Deus cumpriu Sua promessa: “Não entrará nesta cidade, nem lançará nela flecha alguma . . .” (Is 37:33). Há uma série de restrições semelhantes impostas sobre o inimigo, dentro e fora das Escrituras, na história da igreja de Deus; não se trata, porém, de uma série ininterrupta (conforme fica bem claro nos Salmos 74 e 44, sem procurarmos mais longe). A expectativa que se deve ter, quanto aos milagres, nunca foi melhor definida do que pelos três amigos em Daniel 3:17-18.

76:7-9. Deus Se levanta para julgar

A ação já não é localizada, nem passada, nem defensiva. Aqui há uma previsão de Deus quando desfechará o golpe final contra o mal em todos os lugares, como Juiz; e, na estrofe final, quando receberá a homenagem do mundo, como Rei dele.

7. *Quem pode subsistir . . . ?* é ecoado (talvez citado) como clímax da visão do julgamento em Apocalipse 6:12-17, que é uma exposição poderosíssima deste versículo.

8. Este é o tempo do fim, e a visão dele é tão certa que nos pode ser apresentada como algo no passado e completo. (Este acontecimento é bas-

²⁴ Quanto à teoria de que tais referências têm sua origem num drama ritual, ver a Introdução, págs. 18, e segs.

²⁵ Pode ser que esta seja uma expressão condensada, para indicar as montanhas que são o esconderijo dos predadores. Cf. a nota sobre v. 2. D. W. Thomas, no entanto (TRP. ad. loc.), sugere que *‘ad*, “para sempre”, pode ter sido o texto original, que, por causa da sua semelhança à raiz que se traduz “despojar” (Sa), um escriba o confundiu com outro *‘ad*, uma palavra rara que significa “presa” (Gn 49:27), acrescentando a palavra mais comum para esclarecê-la. Não são desconhecidas tais associações de idéias. Ambas as palavras ocorrem em Gn 49:27.

tante freqüente nos Profetas, ao ponto de ter dado origem ao termo “o perfeito profético”, que é freqüentemente traduzido pelo futuro.²⁶) A figura da terra que se aquietou é semelhante àquela dos vv. 5-6, que, como todos os julgamentos divinos, dão um antegozo do Seu dia final. Agora, porém, Deus é encarado como Aquele que está entronizado no céu, e não entrincheirado em Sião.

9. Nota-se o propósito do *juízo*, que é *salvar* todos aqueles que entregam a Deus a sua causa. Este é o aspecto principal da justiça nos Salmos, onde há uma preocupação constante com a aflição daqueles que não podem ou não querem revidar contra os desapiedados. Aqui, as vítimas são deste último tipo: os *humildes* ou “mansos” (ARC), mais do que simplesmente os “oprimidos” (RSV). Ver o comentário sobre a palavra *ānāw* em 18:27 (a segunda palavra que ali se discute). Nota-se, também, a extensão dos cuidados de Deus: Seu pequeno reino dos vv. 1-3 era Sua cabeça de ponte, e nunca Sua fronteira, que abrangia toda a *terra*, enquanto Seu objetivo era a salvação de “*todos* (9b) os humildes da terra”.

76:10-12. Os rebeldes se submetem

O versículo 10, uma das declarações mais marcantes no Saltério, cria alguns problemas pelo seu próprio arrojo. Mesmo assim, a maioria das nossas traduções concorda quanto à primeira linha, bem transmitida por Coverdale: “A ferocidade do homem se tornará em Teu louvor”. Esta declaração do controle providencial por Deus (que se demonstraria de modo supremo no Calvário, cf. Atos 2:23) é o impacto principal deste versículo. A seqüela familiar: “e o restante da cólera tu o restringirás” (ARC), altera o significado do verbo, que, no Antigo Testamento, sempre significa “cingir”, “cingir-se com”, mas não “atar” no sentido de “restringir”. O quadro, portanto, provavelmente é como aquele em Isaías 59:17, onde o Senhor “vestiu-se de justiça, como de uma couraça”,²⁷ e é questão aberta se o *resíduo das iras* é o dos homens ou de Deus. Se for o último, dá a entender que tudo quanto falta no julgamento que o homem atrai sobre si mesmo (vindicando, assim, o nome de Deus), a ira de Deus suprirá quando Ele Se levanta para julgar o mundo.

11. A expressão *vosso Deus* sugere que a primeira metade do versículo se dirige ao povo da aliança; a segunda, porém, conclama o mundo em der-

²⁶ Um exemplo é a bem-conhecida profecia em Is 9:6/5, Heb./, onde o versículo inteiro tem a forma de uma narrativa, mas que usualmente se traduz por uma mistura de passados e futuros.

²⁷ LXX, porém, tem “celebrar festa” (Heb. *hgg*) ao invés de “cingir” (*hgr*), o que levanta a questão adicional quanto à possibilidade de “resíduo” se referir aos “sobreviventes” (que é freqüentemente o caso). Daí termos TEV: “aqueles que sobreviverem às guerras guardarão Tua festa”. NEB adota um ponto de partida semelhante, mas também revocaliza “homem” na primeira linha e “ira” na segunda, para ler “Edom” e “Hamate” respectivamente (os reinos ao sul e ao norte de Israel).

redor, sendo que os *presentes* se traduzem adequadamente por “tributo” NEB; cf. esta palavra em 68:29/30, Heb.; Is 18:7). Ao falar sobre *aquele que deve ser temido* (uma única palavra no Heb.), a última linha emprega um termo para Deus que não precisa ser ameaçador; há uma exposição dele em Is 8:12-13.

12. Se o versículo 11 deixou o assunto em aberto, este o encerra. A primeira linha pode significar ou “apaga as vidas” (JB) ou “quebranta o espírito” (NEB). A segunda linha emprega uma palavra relacionada com “temer”, discutida acima (11); agora, porém, como no v. 7, seu contexto pode apenas permitir o significado *terrível*.

Embora seja este um término apropriado para o Antigo Testamento, o Novo Testamento apresenta as mesmas alternativas de submissão de boa ou de má vontade; acrescenta, no entanto, a tremenda dimensão da eternidade.

Salmo 77 Meditando em Duas Disposições Mentais

Todos que já conheceram a pressão envolvente de uma negra disposição mental podem se sentir gratos pela franqueza deste companheiro nos sofrimentos,²⁸ como também pela coragem dele. As memórias que, de início, apenas traziam comparações tormentosas, são reexaminadas de forma resoluta, já sem a tonalidade do presente momento de desespero, e tendo a licença para brilharem com sua própria luz, e para falarem conforme sua própria lógica. Já antes do fim do salmo, o “eu” pervasivo desapareceu, e os fatos objetivos da fé prenderam toda a atenção dele, bem como toda a nossa.

O Título

Sobre o *mestre de canto e Asafe*, ver a Introdução, págs. 53, 48. Sobre *Jedutum*, ver sobre Salmo 39.

77:1-3. Gritos de aflição

1. Se achamos que é ingenuidade *eleva a voz e clamar a Deus, para que me atenda*, pode ser que Deus, ao ler o coração, pense doutra forma. O próprio Jesus orou “com forte clamor e lágrimas . . . , tendo sido ouvido por causa da sua piedade” (Hb 5:7).

2. Neste versículo, os tempos verbais provavelmente devem ser traduzidos como sendo no passado, que ajudaria a mostrar o longo alcance da

²⁸ Há uma musicalização pungente dos vv. 8-9, juntamente com partes de outros salmos, por Vaughan Williams, em *The Pilgrim's Progress* (“O Peregrino”), Ato III, Cena 1.

ordalha, bem como a persistência da oração.²⁹ Na linha final, pode haver outro vislumbre desta tenacidade, ao ecoar-se a recusa de Jacó de ser consolado no tocante a José (Gn 37:35). O amor não aceitará facilmente uma separação, e é assim que o silêncio de Deus parece àquele que sofre.

3. *Lembro-me* é uma palavra que desempenhará um papel importante no poema como um todo; ver vv. 5 (6) e 11, e os comentários introdutórios deste salmo.

77:4-9. Indagações do coração

Agora recebemos uma introspecção mais exata quanto à aflição, primeiramente no que diz respeito aos sintomas da insônia e de confusão (4), mas, principalmente quanto à condição que é a sua raiz: o estado da dúvida.

5, 6. A maioria das traduções modernas aqui segue as versões antigas, ao transferir *trago à lembrança* do v. 6 para o v. 5, aceitando outras pequenas variações que pouco afetam o sentido geral. Mesmo assim, o texto hebraico existente tem certos aspectos marcantes, que muito bem podem ser originais. ARC traduz (segundo RV):

“Considerava os dias da antiguidade,
os anos dos tempos passados.
De noite chamei à lembrança o meu cântico;
meditei em meu coração,
e o meu espírito investigou”.

A linha final poderia, realmente, ser traduzida: “E Ele perscrutou o meu espírito”,³⁰ que ressaltaria o outro lado deste seu comungar consigo mesmo; as perguntas que se seguem, no entanto, dão seqüência mais natural à tradução usual. “Meu cântico”³¹ provavelmente não é uma “canção da noite” como aquela de 42:8; deve, sim, ser uma que vem de dias mais felizes, e que é relembrada de noite — ressaltando ainda mais o contraste, tornando, porém, mais forte a atração em direção ao lar.

7-9. Este é um nítido exemplo do valor de se confessar a Deus as dúvidas. Enquanto os maus pressentimentos gerais do v. 7 se definem mais precisamente nos vv. 8-9, suas contradições interiores chegam à luz, juntamente com a possibilidade de uma resposta. Se a *graça é prometida na Sua aliança* (ver sobre 17:7), dificilmente poderia desaparecer, nem Sua *promessa* vir a ser nada. As palavras *perpetuamente e para todas as gerações* ressaltam esta verdade. Além disto, perguntar *Esqueceu-se Deus* é convidar uma só resposta.

²⁹ NEB, no entanto, traduz assim a penúltima frase: “Jazia suando, e nada me refrescava”. Os verbos dão algum apoio a isto, sendo que o sentido primário de *erguer e cansar-se* (ARA) é *fluir e entorpecer-se*. Este último verbo, no entanto, se emprega noutros lugares apenas figuradamente, da incapacidade.

³⁰ O verbo é masculino, e “espírito” usualmente, embora nem invariavelmente, feminino.

³¹ Para esta palavra, *neḡinātī*, as versões antigas, segundo parece, liam *haḡīnī*, “eu meditava”.

A pergunta final (9b) é reconhecidamente menos confortável, pois é somente o pecado que desperta a *ira* de Deus, e somente a impenitência que a perpetua. Se este caso surgir, será, no entanto, mais um desafio do que um problema.

77:10-15. Coragem advinda do passado

O versículo 10 é o ponto crucial (como indica o *Sela*). Sendo, porém, que duas das suas palavras-chave estão abertas a várias interpretações,³² a tradução do versículo deve ser controlada, em última análise, pela sua compatibilidade com a passagem que ele inicia. Esta (10-20) é um ato exultante de louvor, relembrando os milagres da salvação.

Este fato milita contra ARA, RSV e a maioria das traduções modernas, com seu tom de surpresa desgostosa quanto à perda das proezas de Deus,³³ (cf. especialmente em TEV: “O que mais dói para mim é isto —”). Nossas traduções mais antigas fazem mais justiça ao sentido ao suprirem o verbo “me lembrarei” (ARC) (antecipando suas duas ocorrências no versículo seguinte). ARC traduz assim: “E eu disse: Isto é enfermidade minha; e logo me lembrei dos anos da dextra do Altíssimo”. O versículo assim forma um pivô entre as duas seções, e a sua forma pouco fluente pode se dever parcialmente à sua variação sobre o v. 5b (mais uma linha sem verbo),³⁴ que ergue para um plano mais alto, como se fosse dizer: “Os anos de tempos passados?” “Os anos da Sua dextra”. Desta forma, a memória, que antes enervava, agora revigora. Aquela dextra, longe de falhar, liga o passado ao presente, cheio de promessas.³⁵

11, 12. *Recordo* significa, a rigor,³⁶ “Farei menção de”; i.é. tratar-se de narrar publicamente aqueles atos (Sl 78 é um exemplo extenso disto). Assim como 11b, 12 fala da meditação particular acerca deles — sendo que um aspecto enriquece o outro. Quanto ao significado de *maravilhas*, aqui e no v. 14, ver sobre 9:1, onde há outra palavra da mesma raiz, que pode ser traduzida “atos maravilhosos”.

³² *Aflição* (ARA; cf. RSV, JB, Gelineau, TEV) pode ser entendida, alternativamente, por “enfermidade” (ARC, AV, RV, PBV; cf. RP, NEB) ou traduzida por “petição” (Eaton); enquanto *mudou-se* (ARA, RSV; cf. Gelineau, JB, RP, NEB, TEV) pode significar “anos” (ARC; AV, RV, PBV), ou “renovação” ou “recitação” (Eaton).

³³ Este tom, porém, pode ser modificado se, cf. alguns comentadores, pensarmos na ênfase como recaindo na *mão direita* de Deus (i.é. sobre Seu modo corrente de operação) em distinção a Seu caráter imutável, e se, além disso, *minha aflição* for entendida como uma atitude agora repudiada pelo salmista. Isso permanece, se assim for, como um mudo ato de louvor.

³⁴ Ver sobre os versículos 5, 6, supra.

³⁵ Eaton, sem mudanças do texto, oferece duas traduções que falam da oração ao invés da aflição ou da enfermidade, e da renovação ou recitação dos atos de Deus, ao invés dos “anos” ou da “mudança”. Suas traduções, embora talvez sejam demasiadamente engenhosas, têm o mérito importante de se encaixar no contexto e de evidenciar uma construção fluente.

³⁶ Seguindo o *kēfîh*, i. é, as consoantes conforme estão escritas.

13, 14. Embora a tradução “O teu caminho, ó Deus, está no santuário” (ARC, AV, RV; cf. LXX, etc.), formaria uma contrapartida marcante com o v. 19, “Pelo mar foi o teu caminho”, a frase deve quase certamente ser entendida como (lit.): *teu caminho . . . é de santidade*, porque ecoa o cântico da vitória no mar Vermelho (“glorificado em santidade”, Êx 15:11), enquanto as frases acompanhantes ecoam, em primeiro lugar, a sua pergunta: “Quem é como tu . . . entre os deuses?”, então seu epíteto: *que operas maravilhas* (como em nosso v. 14a), e, finalmente, sua alusão ao efeito destas coisas sobre “os povos” (14b; Êx 15:14). *Santo*, neste contexto, é uma palavra formidável, que transmite o aspecto de Deus como sendo Aquele que “habita em luz inacessível”; temível como inimigo, mas glorioso como amigo.

15. E é algo que é mais estreito do que a amizade. Em contraste com *os povos* (14), estes são *o teu povo*, ligados a Deus através da aliança e contado como virtualmente Seus aparentados. Esta é a implicação comum da palavra *remir*, sendo que o redentor (*gô'el*) era normalmente o parente que tinha de tirar a pessoa das dificuldades mediante um pagamento, quando nada mais adiantaria.

A ligação entre *Jacó e José* como ancestrais do povo que foi redimido dos egípcios pode ser devido à insistência deles de que a Terra Prometida, e não o Egito, teria que ser o lugar do seu descanso final (Gn 47: 29 e segs.; 50: 24-25).

77:16-20. “O ribombar do teu poder”

Os eventos tremendos no mar Vermelho e no Sinai inspiram a mente do profeta enquanto se entrega a pensamentos deles, e transmite aquilo que vê. Não somente seu problema fica reduzido a um tamanho mínimo e esquecido, como também o nosso mundo recebe uma corretiva contra qualquer impressão de forças autônomas e de um criador que se ausenta. Aqui há licença poética, sem dúvida, como em 114:3 e segs., que ressalta o drama e o personifica, com as águas não somente em reviravoltas como também em dores de parto (o sentido lit. de *temerem*, 16), e os relâmpagos e os trovões são retratados como *setas* chamejantes de Deus (17), e, talvez, rodas ecoantes dos carros (tradução freqüente da palavra que se traduz *redondeza*, 18; cf. NEB mg. e, e.g., Is 5:28; Jr 47:3 Ez 10:2). Mesmo assim, é um quadro exato do domínio que Deus exerce sobre a natureza. Mesmo quando estava encarnado, os ventos e as ondas Lhe obedeciam, e o mar Lhe servia de caminho.

20. Se o versículo final parece ser um anticlímax, é deliberado. As demonstrações de poder (como Elias haveria de descobrir), são meios, e não fins; a preocupação principal de Deus é para com Seu *rebanho*. Com aquela palavra pouca lisonjeira, mas que não deixa de consolar, e com a liderança humana mista de *Moisés e Arão*, o salmo chega ao fim, numa distância não

longe demais do salmista e do seu dia de coisas pequenas, numa situação que não deixava de marcar uma etapa na peregrinação de Israel, e que era destinada a ser não menos formativa do que o começo espectacular.

Salmo 78

A fim de não nos esquecermos

Este Salmo poderia ter o subtítulo, tendo em vista os vv. 12 e 68, *De Zoã a Sião*, pois passa em revista a adolescência turbulenta de Israel desde seu tempo de escravidão no Egito até ao reinado de Davi. Como o cântico de despedida de Moisés (Dt cap. 32), visa sondar a consciência: é uma história que não deve se repetir. Ao mesmo tempo, visa acalentar o coração, pois conta acerca de grandes milagres, acerca de uma graça que persiste através de todos os juízos, e da promessa que demonstra seus sinais na cidade escolhida e no rei escolhido.

O leitor cristão do salmo sabe que, na realidade, a história acabou se repetindo, e que, afinal, a tribo escolhida recusou seu Rei, fazendo isso na própria cidade escolhida (v. 68); sabe também, no entanto, que cumpriu mais do que suficientemente a promessa a Davi, e que estabeleceu um Monte Sião que é “mãe de nós todos” (Gl 4:26). Pode também refletir, no entanto, que assim como a história de Israel termina abruptamente no salmo, para gerações subseqüentes completarem e terem como lição, assim também o Novo Testamento interrompe sua história dos nossos próprios começos (At 28: 30-31), para continuarmos com a fidelidade que é exposta no v. 7.

O Título

Sobre *Salmo didático* (“Masquil”) e *Asafe*, ver a Introdução, págs. 52, 48.

78:1-8. Um sermão tirado da história

Os vv. 1 e 2 seguem o estilo dos escritos sapienciais; a palavra para *parábola* (*māšāl*), por exemplo, dá ao Livro do Provérbios o seu título. Basicamente, significa “comparação”, i. é, um ditado que emprega uma esfera da vida para iluminar outra. Mateus 13:35 cita v. 2 como profecia do modo de Jesus ensinar; Seu método, porém, seria mais imaginativo e menos explícito do que este exemplo. O salmo inculca esta lição (como fez Estêvão em At cap. 7), por meio de selecionar matéria do passado, e reforça esta moral da história de modo implacável. Nosso Senhor, quando baseava uma parábola na história (Mt 21:33 e segs.), dava nova forma aos eventos através de uma miniaturização vívida (conforme fez Natã em 2 Sm cap.12) que convidava os ouvintes a tirarem suas conclusões. Ambos os métodos fazem com que o passado seja como um espelho para o presente, trazendo à lume seus *enigmas* – pois o verdadeiro padrão da história não é evidente em si mesmo.

4. Quanto ao emprego da palavra *maravilhas* (aqui e no v. 11), ver sobre 9:1.

5, 6. A certeza e a clareza daquilo que Deus nos entregou se ressaltam nas expressões gêmeas: *testemunho e lei*; ver o comentário sobre 19:7-10 e sobre 119:1-2. Ver, em Deuteronômio 6:6-9, a passagem clássica sobre o ensinar desta fé aos *filhos*, pois a Escritura não tem lugar para a atitude neutra da parte dos pais.

7, 8. Aqui temos a moral principal do salmo, em termos positivos e negativos. As três frases do v. 7 demonstram uma corda tríplice da fé, como confiança pessoal,³⁷ como pensamento bem-informado e humilde, e como vontade obediente. Se acharmos que estas qualidades nos parecem pouco aventureiras, o v. 8 retrata o rebelde contra a aliança nas suas verdadeiras cores, não como herói, mas como renegado: perverso, enfermo quanto aos seus propósitos, e indigno da confiança. Os versículos seguintes desenvolvem o pensamento.

78:9-16. Milagres esquecidos

9. *Os filhos de Efraim* aparecerão de novo no v. 67, como sendo aqueles que foram deixados para trás na escolha da liderança. Como a maior das tribos que se separaram, sua história subsequente fez com que viessem a ser quase um símbolo de apostasia e relapso (cf. Os caps. 4 — 13, passim), e é assim que o nome deles aqui se emprega. Já que não há registro de qualquer covardia especial da parte deles (na realidade, tendiam a ser exaltados: Jz 8:1 e segs.; 12:1 e segs.), sua deserção na batalha é provavelmente uma metáfora, um modo poderoso de expressar os fatos do versículo seguinte, e ressaltando a vergonha deles, vergonha esta que pertence à nação inteira.³⁸

12. *Zoã* é melhor conhecida como Tánis, ao nordeste do Delta do Nilo, uma cidade que ou era idêntica com a capital de Ramesés II (Ramsés, que os israelitas ajudaram a construir: Êx 1:11), ou ficava a poucos quilômetros dela. O *campo* se traduziria melhor; “*as terras em derredor*”, ou “a região de”.

78:17-31. Murmúrios de inquietação

17, 18. Parece que quanto mais Deus dá, tanto menos o apreciamos. Esta resposta relutante a uma fileira de milagres não é muito diferente da seqüela a multiplicação dos pães para os cinco mil: uma exigência para um

³⁷ *Confiança* (ARA) aqui é melhor do que *esperança* (ARC).

³⁸ O Heb. deste versículo é difícil, com uma palavra a mais, “atiradores”, antes da palavra “arco”. Sendo que a raiz (*rmh*) desta palavra adicional é semelhante à de “enganoso” no v. 57, pode ser que haja algum jogo de palavras entre os dois versículos, que também se vinculam pelas expressões “bateram em retirada” / “se portaram aleivosamente” (ambas da raiz *hpk*). Ver também Os 7:16, onde Efraim mais uma vez é chamado “arco enganoso”.

senal adicional e melhor (Jo 6:26, 30-31). A totalidade da história da descrença no deserto apóia a recusa de nosso Senhor; é, também, a resposta às exigências perpétuas por provas melhores. Ao apelarem para este mesmo salmo (v. 24; cf. João 6:31), os opositores estavam manuseando uma arma aguda demais para eles.

19, 20. A expressão *preparar mesa* emprega as mesmas palavras que Salmo 23:5, cuja serenidade é um contraste brilhante com este. Se a pergunta “*Pode, acaso Deus . . . ?*” sempre merece certo grau de repreensão (e.g. Gn 18:14; Mc 9:23), Deus conhece a diferença entre a fé que se debate e a descrença desdenhosa (*não creram em Deus*, 22).

21, 22. Os vv. 21-31 se baseiam em Números cap. 11, onde aprendemos que o *fogo* do v. 21 era mais do que mera metáfora (cf. Nm 11:1-3). A resposta de Deus ao desafio de 19-20 foi, na realidade, um “Não” chamegante ao espírito da exigência, e um “Sim” prodigioso à substância dela. Através destas duas respostas, Israel, por meios diferentes, foi levado ao julgamento. A segunda delas é resumida de modo memorável em Sl 106:15 (ver o comentário ali).

23-25. Embora as codornizes (26 e segs.) fossem o auge da *comida a faltar* (25), o *maná* também era uma dádiva da graça, que sondava aqueles que a receberam. As estipulações que a cercavam faziam com que fosse um teste suave da obediência (Êx 16:4), e sua infamiliaridade tornava-se (juntamente com a fome que a precedia), um treinamento simples nas prioridades e na humildade (Dt 8:3).

Jesus indicou o sentido limitado em que o *maná* podia ser chamado *cereal do céu* (“pão do céu”, Jo 6:31-32), sendo, porém, um antegozo, apesar disto, da realidade maior. Se este pão veio dos céus, Ele, o Pão da Vida, veio da parte do próprio Pai; e, se este pão nutria o corpo por um tempo, Ele satisfaria uma fome mais profunda, e viria a ser o alimento da imortalidade (Jo 6:30-40, 47-51). Podemos, talvez notar um paralelo adicional, no fato que nenhuma das dádivas de cima, apesar das suas qualidades milagrosas e bondosas, evocou muita gratidão.

26-31. Se o *maná*, com seu provimento não muito emocionante, foi um tipo de teste, a repentina superabundância de codornizes era outro bem diferente. A reação do povo a ela foi a gula desenfreada (comentada no nome do lugar, “Quibrote-Taavá” — “as sepulturas da concupiscência”, Nm 11:34; cf. nossos versículos 29b, 30a) que falava, na sua própria linguagem, da impaciência total para com a vocação peregrina e o espírito filial. O julgamento rápido de 30-31 demonstra, não que Deus agiu antes do tempo, e, sim, que este comportamento era sintomático, esta atitude contagiosa e este momento crucial.

78:32-39. O arrependimento significativo

Uma passagem que pode ser lida com proveito, juntamente com esta, é

Os. 5:15-6:6, onde se vê que Israel corresponde à disciplina divina, como aqui, com aparente sinceridade (cf. v. 34), e com uma eloquência tocante que poderia enganar o leitor (Os 6:1-3), até que ouça a resposta da parte de Deus: "Porque o vosso amor é como a nuvem da manhã, e como o orvalho da madrugada, que cedo passa". A lisonja e as mentiras do v. 36 eram, possivelmente, deste tipo: um engano que era a fraude praticada contra si mesmo mediante o palavrear vão: neste caso, a culpa de Israel não era muito diferente da culpa que Tiago reverbera entre os cristãos (e.g. Tg 1:22 e segs.; 2:14 e segs.). O pecado, porém, do qual se arrepende aqui de modo tão superficial, era o pecado crucial da deslealdade a Deus (*para com ele*) e à *sua aliança* (37; cf. v. 8b, supra). À luz deste apostasia, o equivalente da infidelidade conjugal, a compaixão e brandura de Deus (38-39), sobrepujam tudo. Quanto a isto, também, a passagem faz lembrar Oséias: "Que te farei, ó Efraim?" (Os 6:4); "Como te entregaria?" (11:8).

78:40-53. Ingratidão pelo Êxodo

40, 41. *As expressões Quantas vezes . . . ! e tornaram a tentar*, mostram o outro lado do julgamento repentino dos vv. 30-31, e das orações piedosas de 34-35. Os verbos acrescentam sua contribuição ao quadro de Israel e de Deus: do lado de Israel, havia uma combinação de teimosia (*se rebelaram*, cf. Dt 21:18) e de ceticismo insolente (*tentaram*; cf. Êx 17:7; Sl 95:8-9), e, do lado de Deus, desgosto e dor. O verbo raro em 41b provavelmente significa "magoar" ou "provocar" (LXX e a maioria das traduções modernas); e não "limitaram" (AV), por mais apropriado que o último possa parecer.³⁹ Quanto ao nome, o *Santo de Israel*, ver sobre 71:22.

42. Aqui temos o ponto crucial da questão (cf. v. 7), pois se for esquecida a própria redenção (no caso de Israel, o êxodo; em nosso caso, a cruz e a ressurreição), a fé e o amor não durarão por muito tempo.

43-53. Sendo assim, o salmo se emprenha em refrescar a nossa memória. Num sumário livre dos "seus prodígios no campo de Zoã" (43; ver sobre v. 12), mencionam-se seis ou sete das dez pragas,⁴⁰ em linguagem que visa demonstrar não somente o poder de Deus como também o privilégio de Israel. Já se esqueceram que a ira que para eles foi freada (38) foi derramada sobre os opressores (40-41), ou que foram pastoreados enquanto outros pecaram (52-53)?

³⁹ "Limitaram" é uma derivação um pouco precária de um substantivo que significa uma "marca", supondo que significasse, por extensão, "limite", "fronteira".

⁴⁰ No versículo 48, dois MSS heb. têm *deber*; "praga", "pestilência" (como em Êx 9:3), onde *bārād*, "saraiva", repetiria v. 47. Se esta é a forma original, acrescenta a pestilência no gado em Êx 9:3 e segs., às outras seis, sendo que assim, apenas os piolhos, úlceras e escuridão ficam sem serem mencionados. *Raios* (48), pode também significar "febres"; cf. JB, NEB, e ver Dt 32:34.

78:54-64. Ingratidão pela terra prometida

Mais uma vez, o fato do privilégio aguça a repreensão, com a alusão às *nações expulsas* (55); pois persistia a antiga atitude de Israel, que se resumia nas palavras *tentaram . . . e resistiram* (56; cf. 40-41) e na metáfora do *arco*, que falhou no dia da batalha (57; cf. v. 9).

58. O pecado característico, no entanto, já não é o descontentamento (o paradoxo dos anos no deserto, com seus milagres diários), mas, sim, a idolatria — o paradoxo dos anos em Canaã, cujos idólatras foram castigados por Deus através de Israel.

59-64. A história por detrás destes versículos se conta em 1 Samuel cap. 4, o capítulo que nos deu a palavra Icabode e a frase “Foi-se a glória”. Esta *glória* (61) era a arca de Deus, capturada pelos filisteus, e sua partida era símbolo do afastamento do próprio Deus (60-61). Haveria de acontecer outra vez. Jeremias empregaria *Siló* (60) como seu texto contra o templo (Jr 7:11 e seqs.), e Ezequiel veria a glória do Senhor afastando-se de Jerusalém (Ez 11:23). Jesus haveria de falar em termos semelhantes, e não somente à igreja judaica (cf. Ap. 2:5; 3:16).

64. A alusão é à morte de Eli e dos seus dois filhos, e ao silêncio chocante da viúva de Finéias (1 Sm 4:20), interrompido apenas pelo grito dela: “Icabode” com seu comentário acerca do sentido da expressão. Cf. Ez 24:15-24.

78:65-72. Um novo começo.

O momento mais tenebroso da história antiga de Israel foi, na realidade, rapidamente seguido por um despertar de poder. Os versículos animados, 65-66, realmente não exageram a tragi-comédia desempenhada em Asdode (1 Sm cap. 5), e, durante o meio-século que se seguiu, Israel foi subindo até seu apogeu. Até este ponto do salmo, semelhante desenvolvimento já é totalmente inesperado, e demonstra o amor inabalável de Deus nas cores mais robustas e sem sentimentalidade.

67 e segs. Agora é a soberania da escolha divina que fica em primeiro plano. A despeito da fama de *José* e da posição central e poder do seu filho *Efraim*, Deus escolheu *Judá*, uma tribo que não conquistou qualquer glória nos dias dos juizes. Dentro de Judá, escolheu o *monte de Sião*, uma fortaleza que ainda estava nas mãos do inimigo (2 Sm 5:6-7); para capturá-la e reinar ali, tomou um *pastor* do meio do rebanho. Em tudo isto, a única motivação que se menciona se acha na frase “o monte de Sião, *que ele amava*”. Certamente o Efraim rejeitado (67) era estigmatizado no v. 9 como renegado, mas, no ínterim, todo o Israel tinha sido mostrado na mesma luz. Enfatizava-se, não os merecimentos do homem, “mas . . . a própria determinação e graça” (2 Tm 1:9) É a isto que Sião deve sua estabilidade (69); é a isto que o povo de Deus deve o dom e os dons de Davi como seu pastor capaz. Se a

história de Israel é a vergonha dele, a bondade persistente de Deus emerge como a esperança dele (e nossa) para a história ainda não completada.

Salmo 79 Ultraje

Juntamente com o Salmo 74, este clamor vem até nós, segundo parece, da parte de testemunhas oculares da queda de Jerusalém diante de Nabucodonosor. É provável que estas fossem os sobreviventes deixados nos arredores, e não os deportados como os que cantavam o Salmo 137.

O desalento fica quase ininterrupto, embora nunca chegue ao desespero: é, na realidade, em grande medida, o resultado da perplexidade de que “a grandeza do teu poder” (11) tivesse sido retida por tanto tempo daquele que era, sem dúvida, o povo de Ele”. Noutras palavras, é um grito da fé no meio da perplexidade, e não uma dúvida fundamental.

O Título

Sobre *Asafe*, ver Introdução, pág. 48.

79:1-4. A profanação

Embora haja um aspecto patético no salmo, seu tom predominante é de indignação, e o apelo é feito à honra de Deus. Trata-se de *tua* herança, *teu* templo, e não apenas nosso, que sofreram; *teus servos e teus santos*, considerados, não somente como nossos amigos e compatriotas, que foram tratados como carniça. A palavra *santo* (1) acrescenta a esta ênfase. O que aconteceu é pior do que uma tragédia: é o sacrilégio. (A palavra traduzida *santos* no v. 2, porém, significa “leal”, e não “santo”; ver sobre 18:25). Assim ficou cumprida a profecia de Jr 16:4.

3. Jazer sem sepultura era a humilhação final, como se o morto não fosse amado, e não valesse nada, e como se pudesse ser jogado fora como animal. Davi honrara Rizpá por causa de ela ter lutado contra esta última indignidade para seus filhos (2 Sm 21:10-14); ao tirano Jeoaquim foi prometido um fim exatamente assim: “Como se sepulta um jumento . . . arrastá-lo-ão e o lançarão para bem longe” (Jr 22:18-19). Não se pode descobrir se, na imaginação popular, os mortos sofriam no Seol por falta de ritos de enterro, como muitos pressupõem; esta certamente não é uma doutrina do Antigo Testamento,⁴¹ que desencoraja atitudes supersticiosas para com a morte (cf. Lv 19:28). O que de fato é ensinado no Antigo Testamento é a solidariedade

⁴¹ Pode ser que Ez 32:27 (ver o comentário ali) penalize Meseque e Tubal a serem enterrados sem plenas honras militares; o texto, no entanto, é inseguro (LXX omite o “não” crucial, e nisto é seguida pela maioria dos comentaristas), e os detalhes da visão são poéticos mais do que didáticos.

humana e o valor do indivíduo, que o sepultamento decente e os costumes do luto instintivamente afirmam.

79:5-7. Estranha amizade!

Não há, aqui, qualquer fingimento de inocência; a palavra para *zelo* (“ira zelosa”) é por demais reminiscente do segundo mandamento para isto (Êx 20:5). Há, porém, uma perplexidade dupla: que o fogo ardesse por tanto tempo, e que a aliança contasse por tão pouco. Para nós, isto tem duplo valor, primeiro, como introspecção nos sentimentos dos oprimidos em nossa própria era; mas, em segundo lugar, através da compreensão depois do evento, pois a história nos demonstra a resposta que Deus deu a Israel. A ordalha não era para sempre; a ira zelosa tinha uma outra face (ver Zc 8:2); e a resposta ao v. 6 já fora dada através de Amós (Am 3:2; cf. Lc 12:48), se pudessem agüentar ouvi-la.⁴²

79:8-10. Estranha severidade!

8. Dois profetas deste período citam um ditado amargo que estava passando de boca em boca: “Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram” (Jr 31:29; Ez 18:2). Havia nele uma porção de verdade (ver outra vez o segundo mandamento), que ou se podia aceitar com humildade, como aqui, reconhecendo-se a sua própria continuidade com o passado, ou se rejeitava, indignado, como grande injustiça. A humildade aqui presente se revela na petição por compaixão (com uma frase: *apressem-se ao nosso encontro as tuas misericórdias*, talvez nos faça lembrar outro encontro: Lc 15:20), e na confissão do povo dos seus próprios pecados (9).

9. O apelo se fundamenta no caráter de Deus (como *Deus e Salvador nosso*) e no Seu bom *nome*, de modo semelhante a Ez 36, onde as bênçãos mais sublimes são prometidas em termos nem sequer da compaixão, mas, sim, da consistência de Deus consigo mesmo, e da Sua honra. É um motivo sólido.

10. Esta exigência ainda mais ardente é igualmente bem fundamentada, sendo que toda língua há de confessar o Senhor (Is 45:23), e cada gota de sangue inocenteserá requerida (cf. Mt 23:35; Lc 18:7). O que os salmistas não podiam conhecer era o sangue de Cristo “que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel” (Hb 12:24). Ver mais na Introdução, págs. 38-45.

79:11-13. Suspiros, vitupério ou louvor

Estes, em geral, são os três tons de voz que sobem até Deus. A oração do salmo é que os dois primeiros sejam respondidos de modo tão decisivo

⁴² Mesmo assim, o Novo Testamento sustenta a apelação ao julgamento, baseada no fato de que a ignorância humana acerca de Deus é, em última análise, deliberada: Rm 1:18-23; 2 Ts 1:6 e segs.

que somente o terceiro sobre. É uma oração que se deve ecoar, mas não le-vianamente. O Antigo Testamento perscruta o leitor em relação ao v. 11 (ver Pv 24:11-12) e o Novo Testamento faz o mesmo em relação ao v. 12, pelo menos no que diz respeito aos vitupérios lançados contra nós (cf. 1 Pe 3:9; 16-17; 4:14).

13. Olhar para trás, até ao v. 1, é maravilhar-se da fé que possibilitou semelhante salmo, que começou com tanta aflição, a terminar com a palavra *louvores*, ainda que seja por antecipação.

Salmo 80

Volta, Senhor, e Faze os Voltar!

Parece que não é a queda de Jerusalém, e, sim, os últimos dias da sua equivalente, Samaria, cerca de um século e meio antes, que deu origem a este forte grito por socorro. O refrão: “Restaura-nos . . .” (3, 7, 19), reitera o tema do salmo, e o símile extenso da videira lhe dá uma forma memorável. A oração revela quão profundo era o choque que se sentiu em Jerusalém (o salmo pertence aos cantores asafitas do templo) diante da varredura de quase a totalidade de Israel — dez tribos das doze — entre 734 e 722 a. C., deixando o pequeno reinado de Judá exposto agora, ao norte, a uma nova província da Assíria, ao invés do reino-irmão de Israel. Aqui, não há mais pensamento acerca das antigas rivalidades entre o norte e o sul, somente aflição diante da ruína de tanta promessa e da dissolução da antiga família. Houve outro relance desta solidariedade no convite à páscoa em Jerusalém, que foi dirigido por Ezequias aos sobreviventes das tribos do norte, logo após o desastre. O mau acolhimento que recebeu, no entanto (2 Cr 30:1, 10-11), revelou algo da obstinação israelita que ajudara a tornar inevitável o julgamento que este salmo lamenta.

O Título

Ver a Introdução, págs. 58, 48, 56. LXX acrescenta: “Um salmo acerca do Assírio”, que parece ser uma inferência válida do salmo, independentemente de se pertencia ou não, originalmente, ao título.

80:1-3. O Pastor distante, o sol oculto

Assim como a oração, de si mesma, nada acrescenta àquilo que Deus já sabe, sendo, porém, que desempenha um papel importante na economia dEle, assim também os apelos apaixonados pela atenção dEle, para que Se levante e aja, têm um lugar apropriado dentro da oração, embora nada acrescente à Sua vontade para ajudar. Este Salmo transborda com tais apelos: ver a torrente de imperativos na primeira seção e na última. Parece que Deus prefere um excesso de ousadia da oração a um excesso de cautela, na condição de a ousadia ser algo mais do que a loquacidade (Ec. 5:2; Mt 6:7).

Chegamos diante dEle como filhos, e não como peticionários.

1. Era principalmente o rei que recebia o título de *pastor* do seu povo; cf. 78:71. Esta oração reconhece que, em última análise, há apenas Um que está à altura deste título (cf. 2 Sm 24:17; Ez 34:1 e segs.). Ele também é chamado Pastor na Bênção de *José* (Gn 49:24). Deus, retratado no Salmo 22:3 como Aquele que Se “entroniza entre os louvores de Israel” (sendo que o amor do povo é a glória do rei), é visto noutro trecho do Antigo Testamento *entronizado acima dos querubins*, os guardiães da santidade e agentes do julgamento (ver sobre 18:10). Estes aspectos, juntamente com Seu fulgor ofuscante, eram os de uma teofania, i. é, da majestade de Deus tornada visível; e o salmo ora em prol de nada menos do que isto.

2. Estas tribos, as tribos de Raquel (Gn 46:19-20), nos dão a chave à situação, pois cessaram de existir como unidades independentes muito tempo antes da queda de Jerusalém. A oração, portanto, diz respeito à própria crise e queda delas, perto do fim do século VIII a.C.; cf. a observação inicial do salmo. Somente Benjamim sobreviveu, pois esta tribo permanecera com Judá quando foi dividido o reino depois de Salomão. Samaria, a capital de Israel, estava no território de Efraim, e esta tribo poderosa, com a do seu irmão Manassés, dominava o centro da terra prometida. O reino de Israel, para distingui-lo de Judá, muitas vezes era referido como “Efraim”, especialmente por Oséias; sendo assim, era duplamente difícil para esta tribo orgulhosa aceitar ajuda da parte de Jerusalém (cf. outra vez, 2 Cr 30:5-12). Esta oração, porém, revela quão genuína era a preocupação de Jerusalém: nota-se o sentimento de companheirismo no emprego de “nós” e “nosso”.⁴³

3. Este refrão volta nos versículos 7 e 19, cada vez com o título divino um pouco mais completo do que antes. A petição: *Restaura-nos*, pode ser interpretada de mais de um modo, e está sujeito a debate se é meramente um grito por socorro, ou se vai mais profundo, como em ARC: “Faze-nos voltar”. A confissão de deslealdade no v. 18 sugere que há, na realidade, uma dimensão espiritual além da material; se for assim, o mesmo se aplica à palavra *salvos* (cf. Ez 37:23), embora no Antigo Testamento a palavra raramente tenha este sentido mais rico. A oração: *faze resplandecer o teu rosto*, retoma as palavras da Bênção Arônica (Nm 6:25), que invoca, não a glória ofuscante do v. 1b, mas, sim, o ardor da bondade e da amizade. As paráfrases de JB e TEV, “que Teu rosto sorria sobre nós”, e “mostre-nos Teu amor” (para acompanhar a paráfrase que TEV dá em 2b: “Mostra-nos Tua força”), são vívidas e expressivas, sendo, porém, mais comentários do que traduções.

80:4-7. O pão das lágrimas

Ao invés do rosto esplendoroso de Deus (ver supra), há a escuridão da

⁴³ Outra possibilidade é que se trata da oração de refugiados devotos, vindo destas tribos. Mesmo assim, sua presença na coleção de Asafe revela o sentido da unidade de Israel.

fumaça, como a de Sinai, na palavra que aqui se emprega para *estar indignado*; cf. JB, “arder”.⁴⁴ O Pastor de Israel, ao invés de oferecer pastos verdejantes e um cálice que transborda, oferece, de modo monótono: *lágrimas* . . . *lágrimas* (cf. 42:3). A palavra para *copioso* é caracteristicamente específica; um equivalente aproximado seria: “por litros”⁴⁵ – um toque vívido.

6. TM tem *contendas* (*māḏōn*), que faz sentido até certo ponto, como na nossa expressão “osso de contenda”, mas *zombaria* (*mānōd*) é apoiada pela versão siríaca, e forma um estreito paralelo com a segunda linha; a suposição é que as consoantes trocaram de lugar mediante um erro ortográfico.

7. Quanto a este refrão, ver sobre v. 3.

80:8-13. A videira devastada

Pode ser que este fosse o fundo histórico principal da declaração de nosso Senhor: “Eu sou a videira verdadeira”. Aquilo que Israel apenas começara a ser, Ele era e é totalmente. Outras passagens relevantes são Is 5:1-7, escrita, talvez, cerca deste tempo, e Ez 15. É possível que o “ramo frutífero” de José (cf. v. 1), em Gn 49:22 tenha sugerido a metáfora aqui.

8-11. A história do êxodo, conquista e estabelecimento de Israel é levada adiante até os grandes dias da sua expansão⁴⁶ sob Davi e Salomão, numa figura de beleza e clareza singelas. O que se ressalta é a maravilha de uma árvore tão pequena que põe na sombra *montes e cedros*. Será, porém, que há uma indicação de incongruência, como na fábula da videira que foi tentada a deixar de dar frutos a fim de ir reinar sobre as árvores (Jz 9:12-13)?

12. A resposta a este *Por que* se dá com suficiente clareza aos homens de Judá, numa situação semelhante àquela que é cantada em Is 5:1-7. A pergunta que não se responde é o “por que?” de Is 5:4.

13.⁴⁷ A expressão *os animais que pululam* representa uma única palavra heb., *zîz*, que pode significar “ênxames de insetos” (cf. NEB) ou talvez os pequenos animais do campo. Em 50:11, é o paralelo das “aves dos céus”. Israel, desprotegido, fica exposto a ser despojado de modo casual (12b) e sis-

⁴⁴ “Resistirás”, em NEB, é uma conjectura baseada numa raiz siríaca: “ser forte”, i. é, que não cede. Cf. G. R. Driver, *HTR* 29 (1936), págs. 186-7. Há pouca necessidade, porém, de procurar uma alternativa a “fumegar”, embora o sujeito do verbo usualmente seja a ira de Deus mais do que o próprio Deus. Ver sobre 18:8.

⁴⁵ Para ser exato: “por terças”, sendo claro que se trata de um tamanho padronizado de um receptáculo, embora não tenhamos ainda mais detalhes acerca desta medida. Ocorre também em Is 40:12.

⁴⁶ Sobre *mar e rio* (11), ver sobre 72:8.

⁴⁷ A consoante central de *ya’ar, selva*, fica suspensa acima da linha de TM, para identificá-la como letra central do Saltério – um exemplo do cuidado que os massoretas tinham na cópia exata do texto. Da mesma forma, o *waw* na palavra heb. para “ventre” em Lv 11:42 é calculado como sendo a letra central do Pentateuco. Ver mais em C. D. Ginsburg, *Introduction to the Hebrew Bible* (Trinitarian Bible Society, 1897), pág. 69.

temático (13b), bem como por inimigos mais formidáveis (13a), sendo que um tipo completa aquilo que o outro começou. Cf. 2:15; Is 56:9-10.

80:14-19. A petição final

14. *Volta-te* condiz com a oração recorrente: "Faze-nos voltar" (ou: "Restaura-nos", ARA; ver a nota sobre v. 3), fazendo com que este versículo seja uma variação do refrão em 3, 7 e 19. Vai para trás do poder de Deus para salvar, que é visto neste versículos, até à compaixão que o motiva. Quanto à expressão *visita*, ver sobre 8:4 ("visites").

15. Agora, apela-se à fidelidade de Deus e não somente à Sua compaixão, sendo que o plantio da videira não fora uma operação por acaso; cf. a alusão à *mão direita* de Deus, i. é, Seu poder plenamente exercido; ver, outra vez, vv. 8-9. Não é Ele quem vai começar uma grande obra para depois perder interesse nela.

O versículo tem uma segunda linha que RSV e outras arbitrariamente relegam à margem. ARA traduz: "o sarmento (Heb. "filho") que para ti fortaleceste". A palavra "filho"⁴⁸, que aqui se emprega para o sarmento da videira, será mais valorizada em 17b, linha esta que leva o pensamento inteiro uma etapa adiante. Aqui, simplesmente continua a metáfora e enfatiza o crescimento daquilo que foi plantado, como em 9b-11.

17. Duas expressões aqui se retomam do v. 15 e se reforçam. *Tua destra* se emprega aqui para significar o lugar de honra (cf. 110:1), e o "filho" agora é o *filho do homem*. Isto parece ser messiânico, mas o contexto indica Israel em primeiro lugar, como "primogênito"⁴⁹ de Deus, e homem da mão direita entre toda a humanidade. É noutras passagens que a vocação de Israel se focaliza numa figura individual da única Pessoa que a cumpre: a videira verdadeira e Filho do homem.

18. *Apartar-nos* não é a mesma expressão que *volta-te* no v. 14; pelo contrário, é o verbo que se emprega em 53:3/4, Heb. / para a apostasia: "todos se extraviaram". Com a palavra que faz a ligação *E assim*, enfrenta o fato de que somente a mão de Deus (17) pode evitar isto,⁵⁰ assim como somente o sopro de vida da parte dEle (18b) pode despertar a fé.

19. Assim o salmo termina com o refrão (ver sobre v. 3), agora na sua forma mais completa, com o acréscimo do nome Javé (*SENHOR*), e com seu pensamento enriquecido pela história que acaba de ser passada em revista, e pela reenfatização do chamado e da graça de Deus.

⁴⁸ É a palavra para "ramo" que se emprega em Gn 49:22; ver sobre os vv. 8-13, supra. O Targum entendeu que se tratava de um título messiânico, e o parafraseou como "Rei Messias". Quanto a esta interpretação, ver sobre v. 17.

⁴⁹ Êx 4:22, RV. Ver também a Introdução (iv: A Esperança Messiânica), págs. 30-37.

⁵⁰ NEB faz uma reviravolta com o pensamento, ao omitir a conjunção inicial e ao colocar o verbo no passado: "Não voltamos para trás... concede-nos portanto, vida nova..."

Salmo 81
O Toque da Trombeta

Este salmo poderoso não nos deixa qualquer dúvida quanto à sua natureza festiva, e pouca dúvida quanto à festa que estava destinado a acompanhar: com toda a probabilidade, a Festa dos Tabernáculos (ver sobre v. 3), que comemorava a peregrinação no deserto, e que incluía a leitura pública da Lei, cada sétimo ano (Dt 31:10 e segs.), fato que parece ser ecoado nos vv. 8-10.

O salmo que é mais próximo ao espírito deste é o Salmo 95 (conhecido como *Venite*), onde uma abertura igualmente festiva leva à lembrança de que Deus procura ouvintes e não somente cantores, que não deixarão passar despercebidas as lições sóbrias do deserto.

O Título

Sobre o *mestre de canto e Segundo a melodia: Os lagares*, ver a introdução, págs. 53-54. Sobre *Asafe*, ver pág. 48.

81:1-5. Regozijai

Esta chamada estimulante, *Cantai de júbilo*, foi ouvida pela primeira vez no Cântico de Moisés (Dt 32:43), cujos louvores e advertências, juntamente com outros temas de Deuteronômio, deixaram uma marca considerável sobre o salmo. O *celebrai* era um grito alegre com o qual um rei poderia ser saudado (1 Sm 10:24) ou uma vitória ser aclamada (Sf 3:14), pois a cena no átrio do templo teria toda a emoção de uma ocasião nacional.

2. *Salmodiai* deve ser “música” (possivelmente “flauta”, NEB) mais provavelmente instrumental do que vocal. O *tamboril* é o pandeiro, cujas batidinhas são sugeridas pelo nome hebraico *tôp*. Miriã dançou ao som dele, como também as mulheres que saudavam Saul e Davi. Sobre *harpa (kinnôr)* e *salterio (nēhel)*, ver o artigo “Música e Instrumentos Musicais” em *NDB* (pág. 1078).

3. Esta palavra para *trombeta* é *shophar (šōpār)*, o chifre de carneiro tal como aquele que soava o sinal para atacar, em Jericó e na batalha de Gideão, e que anunciava certos dias festivos. Aqui, a referência à *lua nova* (ou “novo mês” — NEB), é um indício do sétimo mês, que era o clímax do ano festivo, e que era anunciado com o som desta trombeta (Lv 23:23) no primeiro dia. No décimo dia, seguia-se o Dia da Expição, e, no décimo-quinto, i. é, na *lua cheia*, começava-se a Festa dos Tabernáculos (Lv 23:34).

4, 5a. A menção de *preceito, prescrição e lei* pode levantar a pergunta de como alguém pode se regozijar seguindo uma ordem. Nem o Antigo Testamento nem o Novo acham dificuldade aqui, pois “sempre” há bases sólidas para a alegria, e há modos válidos de despertá-la e de compartilhá-la (Ef 5:19-20). O Novo Testamento concorda com o Antigo em receitar música bem

como palavras para isto; não faz, no entanto, qualquer *preceito* acerca de festas ou jejuns, e fala deles como sendo “sombra” da realidade que Cristo trouxe, deixando ao julgamento individual o emprego ou não dos mesmos (Cl 2:16-17; Rm 14:5-6). Adverte, porém, contra o individualismo (“Não deixemos de congregar-nos”, Hb 10:25), e aqui o bom-senso de Matthew Henry faz o útil comentário: “Nenhum tempo é impróprio para louvar a Deus . . . Há, no entanto, certos tempos marcados, não para Deus Se encontrar conosco (pois Ele sempre está pronto), mas para nós encontrarmos uns com os outros, a fim de que nos juntemos no louvor a Deus”.

5b. Na frase *ao sair*, o sujeito evidentemente é Deus, pois foi nestes termos que Ele falou do Seu julgamento contra os primogênitos (Êx 11:4). TEV traduz: “quando saiu marchando contra a terra do Egito”.⁵¹

5c. Este “aparte” (omitido em NEB⁵²) tem sido interpretado de dois modos principais: como reminiscência da vida num país estrangeiro (as versões antigas, e PBV, AV, RV, ARC), ou como introdução ao oráculo de Deus (6 e segs.) por aquele que é inspirado para pronunciá-lo, o que testifica à sua inspiração (cf. RSV, TEV, Gelineau, ARA). A última interpretação se condiz melhor com o contexto.

81:6-10. Lembra-te

As lembranças são vívidas. Ao invés de abstrações tais como “opressão” e “redenção”, mencionam-se *ombros e mãos, peso e cestos* (o último destes é de memória independente, não mencionado nos registros, mas confirmado por muitas pinturas). A julgar por este modelo, é bom relembrar as respostas de Deus com certa nitidez de detalhe.

7. A resposta de Deus, porém, era mais do que Israel esperava. A seqüência, *livrei . . . respondi . . . experimentei*, vai além do mero livramento, até a disciplina perscrutadora que o seguiu, através da exposição à Pessoa de Deus, de um lado, e ao deserto impessoal e vazio, do outro lado. *O recôndito*⁵³ *do trovão* era Sinai, coberto de fumaça e terrível com a voz de Deus (Êx 19:16 e segs.; 20:18 e segs.). Era a educação através do encontro. *Meribá* era a educação através do silêncio e daquilo que parecia ser o abandono; deixou seu nome (“luta”, “contenda”, “disputa”) em dois lugares no deserto onde Israel fracassou no teste da sua fé, tanto no começo como perto do fim

⁵¹ As versões antigas, porém, fazem a expressão se referir à saída de Israel: cf. NEB, “quando saiu do Egito”. Isto, porém, acarreta uma mudança de preposição ou o apelo a uma língua cognata (cf. TRP, Dahood).

⁵² Parece que NEB o considera uma nota marginal que foi se juntando ao texto. Cf. A. Guilding *JTS* (NS) 3 (1952), págs. 45-46, que argumenta que se trata de três palavras-chaves que se referem a três Leituras da Torá num ciclo trienal. Se este é o caso, os anos estão fora de seqüência, e *Ouçõ* tem que ser emendado para ser “oferta pela culpa” – um procedimento precário.

⁵³ Esta palavra pode ser traduzida “no esconderijo”; assim NEB: “sem ser visto, no trovão eu te respondi”. Cf. Dt 4:12.

da sua peregrinação (Êx 17:7; Nm 20:13). É lembrado outra vez no Salmo 95:8, cujas lições para o cristão se tiram em Hebreus caps. 3 e 4.

8-10.⁵⁴ Estes versículos, dando pedaços dos atos e palavras de Deus no deserto, dão o âmagô e a lição do treinamento ao qual submeteu Israel (e, por implicação, todas as gerações dos Seus seguidores): que devem escutar somente a Ele, curvar-se diante dEle somente, e depender exclusivamente dEle. Há ecos aqui do “Shema” (o grande mandamento: “Ouve, ó Israel ...”, Dt 6:4), das exclamações anelantes “quem dera” de Dt 5:29; 32:29; do Cântico de Moisés com suas advertências contra qualquer “deus estranho” (Dt 32:12, 16, etc.); e os Dez Mandamentos com sua lembrança inicial do êxodo do Egito (Dt 5:6). O clímax, onde se espera, talvez de modo defensivo, o restante do Decálogo, muda-se repentinamente da exigência para a generosa superabundância de 10c. Esta, porém, era a mensagem (se pudessem escutá-la) da própria fome física da marcha (Dt 8:3-10), e das exigências austeras da lei (“para o nosso perpétuo bem, para nos guardar em vida”, Dt 6:24):

“Tudo quanto me enviaste,
Dado com misericórdia”.⁵⁵

81:11-16. Arrepende-te

A falta de gosto de *meu povo* para *minha boca* é quase por demais comum para parecer inconsistente. Mesmo assim, é como se a fechadura rejeitasse a chave, ou a avezinha seus pais; esta era a matéria humana insensata que Deus manuseava, e ainda manuseia.

12. A cláusula, *Assim, deixei-os andar* (ainda mais exatamente: “mandei-os embora”, NEB), mostra um aspecto importante do julgamento, sendo o “Assim seja!” pronunciado por Deus sobre aquilo que escolhemos, que é melhor conhecido em Rm 1:24, 26, 28. No deserto, foi feito quase literalmente.

13-14. Vale a pena notar o tom afetuosos destes versículos (também no contexto de julgamento: é como se fosse o equivalente no Antigo Testamento da lamentação por Jerusalém (Mt 23:37). Aqui, porém, as opções ainda estão abertas: há tempo para se arrepender.⁵⁶ Mais uma vez há ecos, como em 8b, de Deuteronômio (Dt 5:29; 32:28 e segs.).

15. Sobre *submeteriam*, ver sobre 18:37-45 (nota de rodapé do v. 44). *Isto* (lit. “tempo” – ARC), que as traduções mais antigas entendiam como sendo uma referência ao tempo de triunfo de Israel, mas que a maioria das versões modernas entendem, mais plausivelmente, como o fim da ascendência dos pagãos. Anderson indica este sentido da palavra em, e.g., Jr 27:7.

⁵⁴ NEB faz uma interposição arbitrária de 10 c e 16, devidamente emendados, entre os vv. 7 e 8.

⁵⁵ S. F. Adams, “Mais Perto Quero Estar”, C. C. 283.

⁵⁶ AV, PBV e ARC relegam, de modo inexacto, as alternativas para o passado.

16. Este versículo também alude ao Cântico de Moisés, e o Hebraico chama atenção a este fato ao seguir a forma narrativa do Cântico na primeira linha (lit. "E alimentou-o com a gordura⁵⁷ do trigo": cf. Dt 32:14), antes de voltar à forma de trato eu-tu (oculto em Português) na última linha, para oferecer a possibilidade de deleites semelhantes. *Mel que escorre da rocha* alude ao versículo que forma um par no Cântico (Dt 32:13).

Assim o salmo termina com uma forte lembrança da graça e dos recursos de Deus. Aquele em Quem Israel não quer colocar sua confiança não é nem mesquinho nem incapaz: Ele dá o melhor, e traz doçura daquilo que era agreste, amedrontador e totalmente sem futuro.

Salmo 82 Os Deuses são Julgados

Esta cena de julgamento, com sua forma arrojada e dramática, traz alguma clareza a uma situação humana confusa. Em poucas palavras, nos leva para trás e para além das injustiças que agora sofremos, para retratar a jurisdição ilimitada de Deus, Sua delegação de poder, seu diagnóstico da nossa condição, e Suas intenções drásticas. A oração final responde fervorosamente à largura da visão.

O ponto enigmático para o intérprete é a referência repetida a "deuses" que são repreendidos pela sua injustiça. A referência que Jesus fez ao v. 6 em Jo 10:34-35 deixa sua identidade como questão aberta. Segundo um ponto de vista (e.g., Delitzsch, Perowne, Briggs) são juizes humanos, que recebem este título como representantes de Deus. Este argumento depende principalmente de Êx 21:6; 22:8-9, onde, para certos procedimentos legais, as partes tinham que comparecer diante de "Deus" (ou "o deus"⁵⁸); também em Êx 22:28 ("Contra Deus⁵⁹ não blasfemarás, nem amaldiçoarás o príncipe do teu povo"), entendendo-se que aqui "Deus" e "príncipe" são sinônimos. Estas passagens, no entanto, estão longe de serem conclusivas. Embora esta última referência não exclua um sinônimo, não o exige; e o grupo anterior não precisa reivindicar mais para os magistrados do que aquilo que Moisés reivindicava para si mesmo: "É porque o povo me vem a mim para consultar a Deus . . . e lhes declare os estatutos de Deus e as suas leis" (Êx 18:15-16).

⁵⁷ I.é, "mais fino", como em ARC, ARA, RSV; mesmo assim, a palavra "gordura", e a palavra para "leite", que têm som semelhante, se destacam no texto heb. de Dt. 32:14.

⁵⁸ O artigo definido se emprega nestes três versículos, mas é bem comum (mesmo para "Deus"), especialmente depois de uma preposição. Cf. e.g. Gn 5:24, onde "Deus" ocorre com e sem o artigo na mesma frase.

⁵⁹ "Deus" aqui se emprega sem o artigo.

Um segundo ponto de vista é que estes “deuses” são “principados e potestades”, “os dominadores deste mundo tenebroso” (cf. Ef 6:12). Há algumas poucas referências no Antigo Testamento a tais potentados, bons e maus (Is 24:21; Dn 10:13, 20-21; 12:1), para os quais o Novo Testamento emprega a palavra “anjos” (Ap 12:7). Reconhece-se que são referidos mais como príncipes do que como juizes, mas esta distinção não é muito nítida nas Escrituras (cf. 72). De modo global, este ponto de vista parece mais fiel do que o anterior à linguagem do salmo (e.g. v. 7), e ao emprego ocasional no Antigo Testamento do termo “deuses” ou “filhos de Deus” para anjos (ver sobre 8:5; cf. Jó 1:6; 38:7).

Uma terceira interpretação vê aqui uma relíquia do politeísmo, de que estes são os deuses dos pagãos, cuja existência ainda não é negada, mas são subjugados e forçados a prestarem contas. É verdade que 1 Co 10:20 fala do culto pagão como sendo a adoração a demônios, mas a lição disto é que a idolatria nunca é uma coisa neutra, e, sim, uma entrega a Belial⁶⁰ e suas hostes; não é uma aceitação da parte de Paulo das mitologias pagãs. Da mesma forma, o Antigo Testamento nunca titubeia no seu aborrecimento dos deuses pagãos. Fazer com que Javé autenticasse as reivindicações deles com as palavras: “Eu disse: Sois deuses” (6) seria totalmente fora de harmonia com o caráter dEle.

O Título

Sobre *Asafe*, ver a Introdução, pág. 48.

82:1. O tribunal do céu

Congregação, como no restante do Antigo Testamento (ver sobre 25:14) se emprega vividamente para o fato de Deus compartilhar Seus pensamentos com Seus servos; esta assembléia, no entanto, está presente para ser julgada, não para ser consultada. Sobre os deuses, ver a discussão acima.

Quanto à ocasião, trata-se de uma “avaliação contínua”, dramatizada como cena única num tribunal, embora também dê uma previsão do tempo do fim. Há repreensão e advertência, mas a sentença ainda está para ser executada (cf. 7-8).

82:2-7. A acusação e a sentença

A pergunta de Deus “*Até quando*”, dirigida às mais altaneiras das “autoridades superiores”, se condiz com a observação de Ec 5:8 de que as injustiças locais são apenas o cume da montanha de gelo (invertendo-se a metáfora), “pois o alto oficial é vigiado por um mais alto, e há aqueles que são ainda mais altos, sobre estes”. Aqui, o espiral chega às “forças espirituais do mal, nas regiões celestiais”. O que fica nos vv. 2-4, porém, é que o Altíssimo

⁶⁰ Cf. 2 Co 6:15-16.

sobre tudo não tem paciência com esta corrente de abuso do domínio; ainda não podemos decifrar a Sua vontade ao olhar como as coisas estão acontecendo na terra. As Escrituras, a partir da história do dilúvio em diante, demonstram a paciência de Deus que se orienta na direção de aperfeiçoamento da salvação, e não em direção de tolerar a corrupção que, por enquanto, abusa dela (cf 2 Pe 3:9, 13, 15).

5. De modo contrário à maioria dos comentaristas, que entendem que este versículo é um “aparte”, um comentário sobre os príncipes corruptos⁶¹ entendo que se trata da aflição dos mal-governados e mal-orientados, que são “destruídos por falta de conhecimento” (Os 4:6), tateando por causa da falta de luz ou de quaisquer certezas morais (cf. Is 59:9 e segs). “Ora, destruídos os fundamentos, que poderá fazer o justo?”⁶²

6, 7. A abertura é enfática: “Fui eu quem disse: ‘Sois deuses’”. Nosso Senhor retomou este fato na Sua frase “. . . àqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus” (Jo 10:35). Com o versículo 7, porém, sublinha o princípio de que mesmo as credenciais mais altas podem ser brandidas contra Deus, que as outorgou: cf. Sua palavra ao presunçoso Eli: “Na verdade disse-ra eu . . . ; porém agora diz o SENHOR: Longe de mim tal coisa . . .” (1 Sm 2:30). Se tal coisa pode ser dita até às pessoas de posição mais altaneira, também é uma advertência às de posição mínima. Quanto ao sentido de *deuses* aqui, ver os comentários introdutórios a este salmo. O v. 7, com seu símile, *como homens*,⁶³ parece fatal ao ponto de vista de que se trate de juízes humanos; e não há motivo algum para fazer com que sejam deuses cananitas, ao entender o *Altíssimo* no seu sentido cananita e não bíblico, como em NEB. Ver sobre 7:17. Quanto à sentença da morte, o Novo Testamento confirma que o diabo e seus anjos participarão da sorte dos rebeldes humanos (Mt 25:41; Ap 20:10, 14-15), que é “a segunda morte”.

82:8 O clamor da terra.

O salmo, tendo atravessado parte do terreno que o Apocalipse haveria de explorar, termina de modo bem semelhante àquele Livro, com seu: “Vem, Senhor Jesus!” Fiel à ênfase que normalmente se dá na Bíblia, já não mostra mais interesse nos “deuses” e no seu papel misterioso: só no próprio Deus e na Sua salvação.

Na linha final, NEB segue o pronunciamento de G. R. Driver de que “a única tradução possível” é aquela que dá ao último verbo o significado de

⁶¹ Cf. RSV, JB, que encerram as aspas antes deste versículo; cf. também NEB, TEV, que colocam “Vós” no lugar de “Eles” no texto hebraico (sem justificativa).

⁶² Sl 11:3 (que emprega uma palavra diferente para “fundamentos”). Cf. 75:3/4, Heb./, com ainda outra palavra.

⁶³ Esta expressão talvez pudesse ser traduzida “como Adão”, mas a expressão paralela “como qualquer dos príncipes”, é por demais generalizada para tornar isto provável. “Como o homem” (*Twenty-five Psalms*, Church Information Office, 1973) fica mais perto da realidade.

“peneirar”;⁶⁴ daí sua interpretação: “pois Tu passas todas as nações pela Tua peneira”. Isto faz bom sentido, mas o significado usual do verbo, que faz com que a totalidade do mundo seja a possessão de Deus, também o faz. Dissipa-se assim a alegação do diabo (Lc 4:6), que ainda insiste em nos impor através de vários meios: “Dou-a a quem eu quiser”.

Salmo 83 Cercado

Aqui temos um Israel cercado por uma aliança ímpia, dedicada à sua destruição. Ao procurarmos um episódio histórico para se condizer com o conteúdo do salmo, com a longa lista de inimigos, o mais aproximado provavelmente será o de 2 Cr 20, onde Josafá de Judá foi ameaçado por um grupo que incluía Edom e que foi encabeçado por Moabe e Amom (cf. nossos vv. 6-7, e o destaque dado “aos filhos de Ló, 8). À primeira vista, parece que um elo adicional com este salmo de Asafe é o fato de que foi um asafita que profetizou a vitória de Josafá, e de que foram os cantores levíticos que abriram o caminho para ela (2 Cr 20:14, 19, 22).

Mesmo assim, estes últimos não eram asafitas, e o salmo que cantaram, segundo a citação, não era este; além disto, a lista de inimigos aqui é muito mais extensa do que a de Josafá. Pode muito bem ser, portanto, que aqui tenhamos uma oração que se ocupa com alguma coisa maior do que uma ameaça individual e uma aliança específica: pelo contrário, trata-se de peregrinações agressivas do mundo contra Deus e Seu povo. Pode ser que este salmo fosse o produto da consciência habitual deste fato; poderia, igualmente, ter surgido do contexto de um rito que dramatizava este conflito, se existiu tal rito.⁶⁵

Seja qual for a ocasião que deu origem a este salmo, ele tem em vista algo mais do que uma vitória. É verdade que quer ver o inimigo derrotado e destruído, mas, mais do que isto, deseja que fique convicto, e que reconheça, e até mesmo busque, o Senhor. Sendo assim, a minoria cercada não perdeu sua visão. Por mais estreito que seja o objetivo do inimigo, o de Israel permanece sendo nada menos do que ver “toda a terra” (18) se curvar diante do Altíssimo.

Título

Sobre *Cântico e Asafe*, ver a Introdução, págs. 51, 48.

⁶⁴ HTR 29 (1936), pág. 187. Esta idéia se baseia numa raiz assíria, com cognatas siríacas e árabes.

⁶⁵ Tal conceito se discute na Introdução, págs. 18 e segs.

83:1-8. “Eis que teus inimigos . . .”

“ . . . Os *Teus* inimigos estão desfaldando bandeiras”⁶⁶ – pois a força deste salmo é sua ênfase sobre “Eu” e “Tu”. Não se menciona “nós” ou “Israel” (a não ser nos lábios do inimigo, 4); vê-se que o ataque é basicamente contra Deus (2, 5; cf. 2:1-3), e, embora o alvo imediato seja Israel, a oração toma posição, não sobre a aflição do povo, mas, sim, sobre o relacionamento dele, *o teu povo . . . os teus protegidos* (3). O segundo destes termos é bem parafraseado em NEB: “aqueles dos quais fizestes Teu tesouro”. Emprega o verbo que se acha em 27:5a; 31:19a, 20b (20a, 21b, Heb.).

4. A inimizade figadal contra Israel vai mais profundo do que a política e as rivalidades da época. Tendo em vista a promessa feita a Abraão, deve provavelmente ser vista como mais uma fase do conflito de longa duração, anunciado em Gn 3:15, mais uma tentativa entre muitas outras feitas pelo reino das trevas para liquidar os que transmitem a salvação (e.g. através de Faraó, Senaqueribe, Assuero, Herodes).

6, 7a. Alguns destes povos eram parentes próximos de Israel, e, por isso mesmo, ainda mais intensos na sua hostilidade. *Edom* era o povo de Esaú, o irmão de Jacó; os *israelitas* descendiam do meio-irmão de Isaque; *Moabe e Amom* eram os filhos de Ló (8). Com estes vizinhos de Israel, ao leste e ao sudeste, juntavam-se agora as tribos menores da mesma área geral. Os *agarenos* se vêem em 1 Cr 5:10 ao leste do Jordão; *Gebal*, provavelmente, não é a cidade do norte conhecida por este nome (melhor conhecida como Biblos, e associada com Tiro: Js 13:5; 1 Rs 5:18); é, pelo contrário, uma localidade ao sul do mar Morto. *Amaleque*, o inimigo mais antigo de Israel depois do Egito (Êx 17:8 e segs.), era uma tribo nômade de descendência edomita (Gn 36:12, 16), centralizada mormente no sul.

7b, 8. A esta coalização do sul e do leste acrescentavam-se os povos temíveis do litoral sudoeste e noroeste, *Filístia e Tiro*, quase completando o círculo; e, por detrás do cenário, a Grande Potência, a *Assíria*, estava presente, empregando os líderes, Moabe e Amom (*os filhos de Ló*), como seus piões no jogo. Teve a intenção, que finalmente conseguiu, de incorporar este grupo inteiro de povos, tanto os amigos como os inimigos, no seu império. Tendo em vista a proximidade do Salmo 82, talvez possamos legitimamente considerar a própria Assíria mais como pião do que como parceiro no jogo.

83:9-12. “Senhor, Tu podes salvar . . .”

Mediante a oração e a fé, o passado aqui retoma vida. Todos estes são nomes dos derrotados de duas campanhas no Livro dos Juízes, que ressalta a fraqueza daqueles que Deus escolheu para serem vencedores. A destruição de *Midã* (9) e dos seus quatro príncipes (11) iniciou-se com os trezentos homens de Gideão, armados com trombetas, jarras e tochas (Jz 7:19 e segs.).

⁶⁶ P. Pusey, “Lord of our life”.

Sísera, o comandante de Jabim, foi entregue “na mão de uma mulher” (Jz 4:9).

12. Se a escolha divina dos fracos era uma das partes do padrão, outra parte foi Sua promessa da terra. Assim, os pensamentos do inimigo se refra-seiam na oração, para ressaltar a verdade a respeito dos territórios que cobijaram: eram as *habitações de Deus*, e não meramente as propriedades de Israel (cf. os comentários dos vv. e e segs.). No Novo Testamento, ressalta-se de modo semelhante o cuidado protetor de Deus por aquilo que é dEle: e.g. “minha igreja” (Mt 16:18), “minhas ovelhas” (Jo 10:27-29), “o templo de Deus” (1 Co 3:17), etc.

83:13-18. “... até que sejam varridos para trás”

Diferentemente do hino aludido no título supra, o salmo ora pedindo uma derrota total (13-15), e não meramente uma retirada; o hino, no entanto, do ponto de vista mais alto do Novo Testamento, pode ultrapassar as observações dos versículos finais do salmo, ao orar em prol dos plenos frutos de o inimigo buscar (16) e conhecer (8): “Concede-lhes a Tua verdade, a fim de que sejam perdoados”; e não meramente “confundidos perpetuamente” (17).

13. *Folhas impelidas por um remoinho* é literalmente “a roda”, substantivo derivado do verbo “rolar”. Pode, portanto, ser um remoinho de poeira, palha, ou de algo como lanugem de cardos (NEB); assim são, em último análise, os poderes maciços e os homens de peso. Cf. e. g. 1 4;62 9;68 2.

16-18. O versículo 16 chega à iminência de orar em prol da conversão do inimigo, sendo, porém, que seu pensamento predominante é o da vindicação de Deus mais do que a conversão do homem. A ênfase destes últimos versículos cai onde Ezequiel, sob a inspiração divina, colocaria o refrão “Para que saibais que eu sou o SENHOR”.⁶⁷ Outros trechos das Escrituras se ocupam em distinguir entre a busca frutífera e infrutífera (v. 16; cf. e. g., Jr 29:13; Os 5:4-6); esta última se limita a orar em prol do tempo quando “todo olho o verá . . . e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele” (Ap 1:7). A perspectiva de submissões forçadas dá pouca alegria em comparação com as conversões de, e. g., 87; mesmo assim, faz parte da vitória final, e é um enorme passo para a frente em comparação com o espetáculo do mal desavergonhado que faz incursões. Há um conhecimento mais rico de Deus do que o assentimento relutante encarado no v. 18, mas este é o mínimo. O salmo não aceitará menos, nem um ambiente menor do que *toda a terra*.

Assim terminam os Salmos de Asafe (SI 50; 73-83).

⁶⁷ E. g. Ez 6:7 e as 17 referências que RV alista ali. A lista está longe de ser completa.

Salmo 84

A Atração do Lar

O anseio está escrito em toda parte deste salmo. Este homem ansioso e saudoso é um dos cantores coraítas do templo, e a disposição do salmo não é muito diferente dos Salmos 42 e 43, que foram produzidos pelo mesmo grupo. Perowne sugere que aqui escutamos a mesmíssima voz; se for assim, o cantor agora saiu do desalento do qual já começara a se libertar no cântico anterior.

Três vezes emprega a palavra “Bem-aventurado” ou “Feliz”: uma vez com saudosa vontade (4), uma vez de modo resoluto (5), e uma vez em profundo contentamento (12). Estas repetições podem nos guiar ao explorarmos os movimentos do salmo.

O Título

Este salmo é um dos quatro salmos coraítas (84-85; 87-88) que suplementam os oito que se acham no Livro II (Salmos 42-49). Quanto a *Segunda a melodia: Os lagares*, ver a Introdução, pág. 54.

84:1-4. O lar distante

1. *Quão amáveis* é, mais precisamente: “Quão queridos” ou “Quão amados”; é a linguagem das poesias de amor. 42:4 e 43:4 nos dão um vislumbre do deleite que um servo dedicado do templo achava no seu papel — uma alegria que é completamente estranha àqueles que não têm dedicação (cf. Am 8:51). O equivalente cristão é o “amor aos irmãos” que são, individual e coletivamente, o templo de Deus (1 Co 3:16; 6:19).

“Oh, meu espírito anseia e desfalece

Pelo convívio dos Teus santos.”⁶⁸

2. “Anelo e desfaleço de saudades” (NEB) é uma boa tradução da primeira linha, que torna a expressão subsequente, “canta de alegria” (ou seu equivalente, que se acha em quase todas as versões modernas — *exultam*, ARA), distintamente inapropriada. A palavra em epígrafe indica um grito agudo, não necessariamente de alegria (cf. 17:1; Lm 2:19), e a tradução dada em AV, RV: “exclamam”, é sábia.

O Deus vivo, assim como em 42:2, é o objetivo verdadeiro deste anseio, que não é apenas o apego a um lugar, por mais consagrado que ele seja. Este último pode se transformar em escapismo (1 Rs 19:9) ou um fetiche (At 7:48, 54), enquanto o restante deste salmo mostrará quão construtiva é a preocupação com o próprio Deus.

3. “Até o pardal” (ARC) — trata-se, mais uma vez, da linguagem do amor, segundo a qual se pode invejar qualquer pessoa ou coisa que tenha

⁶⁸ H. F. Lyte, “Pleasant are Thy courts above”.

acesso à gente querida distante. Não se retrata, incidentalmente, o templo como abandonado; ver o v. 4. Os átrios estavam abertos ao céu, e os beirais do templo eram um bom lugar para as aves se aninharem. Nota-se que a palavra *casz* (ou “lar”) aqui se menciona duas vezes em proximidade; uma para o pardal (3), outra para Deus (4), um toque que ressalta Sua terna hospitalidade; se ela se estende às aves, então, decerto, muito mais para o servo!

Outro modo de entender isto (cf. Delitzsch) é ver o pardal e a andorinha como sendo figuras do próprio salmista, que tinha que emigrar de lugar em lugar por um tempo demasiadamente longo, mas que agora se imagina em casa. Assim traduz JB: “O pardal finalmente achou o seu lar . . .” Isto, por assim dizer, faz com que chegue cedo demais em casa. O salmo ainda tem uma peregrinação pela frente.

4. Esta é a primeira das três bem-aventuranças (ver o segundo parágrafo introdutório sobre o salmo). Resume as meditações dos versículos até este ponto, sobre a sorte feliz daqueles que não são exilados. Podemos, no entanto, refletir sobre o fato de que é freqüentemente o exilado que aprecia o seu lar, enquanto aquele que não sai de casa acha nela defeito.

84:5-8. Uma viagem esperançosa

5a. *Bem-aventurado* . . . O cantor retoma esta palavra do versículo anterior, dando-lhe nova orientação, recusando-se a se estabelecer em pesares vãos. A bem-aventurança dá um tom de apoio à estrofe. Se ele não pode estar em Sião, pode estar com Deus; se não pode desfrutar de doçura (cf. v. 1), pode achar força (7). Lembra-se das bênçãos daqueles que têm que forçar caminhar até Sião, ao invés de residir ali como os coros no v. 4.

Trata-se, talvez, daqueles que planejam uma peregrinação literal, ou daqueles que têm que se restringir a fazer a viagem só no coração (5b), tratando as atuais privações como equivalentes à caminhada árdua até Sião. Em qualquer dos casos, agora contempla o Caminho do Peregrino, e parece que faz algum jogo de palavras com os nomes dos marcos ao longo dele.

5b. *Caminhos aplanados* (ou “os caminhos dos peregrinos”, NEB) é uma palavra com dois sentidos possíveis (ver sobre 68:4): ou um caminho elevado, e, especialmente, uma “via sacra” para as procissões,⁶⁹ ou, com pouca possibilidade, a música entoada a Deus na adoração (cf. NEB mg., “altos louvores”). Esta última, porém, é apenas uma inferências de certa interpretação de 68:4, e do sentido provável de *Selá* (ver a Introdução, pág. 50). No seu sentido principal, a palavra leva consigo a lembrança de que o caminho à presença de Deus não é tão solitário ou sem pistas como parece ser; pelo contrário, é bem preparado, e bem freqüentado. Para nós, os próprios Salmos são uma “estrada” deste tipo.

⁶⁹ Ver Is 35:8 e segs., que emprega uma palavra relacionada; ver, também, Is 40:3; 62:10, etc. Cf. Mowinckel, I, págs. 170-171. As palavras adicionais “para Sião” (AV, RV, RSV) são uma adição interpretativa, que não consta do texto.

6. “Vale de Bacá” (ARC). *Bacá*⁷⁰, segundo parece, é o singular de uma palavra que se traduz “balsameiras” ou (NEB) “álamos” (2 Sm 5:23), e pensa-se que se trata de uma árvore ou arbusto que cresce em lugares áridos; daí NEB: “o vale sedento” (ARA: *o vale árido*). NEB emenda a linha seguinte para facilitar demasiadamente as coisas para os peregrinos: “acham águas na fonte”. Pelo contrário, como em ARA, “faz dele um manancial”, que é uma declaração clássica da fé que ousa escavar bênçãos dos sofrimentos.⁷¹ Deus, no entanto, da Sua livre vontade, pode enviar *chuva*, que não é fruto do empreendimento de pessoa alguma, podemos, assim, vivificar áreas inteiras, pois Ele tem mais do que uma maneira de tratar com a nossa sequidão (cf. 81:7 com 107:35). “Tanques” (ARC) é uma palavra que tem as mesmas consoantes que *bênçãos* (RV; ARA), sendo esta última, na realidade, a palavra do texto hebraico e das versões antigas,⁷² talvez um termo para a verdura que brota rapidamente depois das chuvas em tais áreas.

7a. Quanto mais perto fica o alvo, tanto mais forte é a atração dele; desta forma, os peregrinos, longe de abrandarem o passo, apressam-se mais ansiosamente do que no início. Em termos da peregrinação da vida, a analogia talvez não seja tanto entre a piedade da juventude e da velhice de um homem (onde fatores externos perturbam comparação), quanto entre seguir a Deus à distância e de perto, sendo que a fé e o amor crescem com o exercício. Com a expressão de *força em força*,⁷³ cp. a frase no Novo Testamento: “de glória em glória” (2 Co 3:18, AV, RV, ARA), que se vincula estreitamente, como aqui, com a concentração sobre o ver e conhecer o próprio Deus.

7b. *Diante de Deus*. Esta é uma interpretação de uma construção difícil. Mudando-se uma vogal (*’el* no lugar de *’el*) teríamos (RSV) *o Deus dos deuses*, que é apoiado pelas versões antigas e é provavelmente correto.

⁷⁰ O verbo “chorar” tem som muito semelhante a esta palavra; daí o “vale do Choro” em RV, seguindo LXX, etc. É possível que o nome da árvore tenha vinculação com este verbo, uma árvore que goteja ou “chora” alguma substância (cf. K-B); neste caso, pode haver um jogo de palavras, retomado por “vale do Choro”.

⁷¹ É apropriado que Refaim, o único vale de tais árvores que é mencionado pelo nome no Antigo Testamento (2 Sm 5:22-23), certa vez foi transformado em lugar de refrigério além de toda a expectativa para Davi quando estava sedento e desanimado, através da coragem dedicada dos seus amigos (2 Sm 23:13-17).

⁷² Estas, também, tomam *môreh* (*primeira chuva*) no seu outro sentido de “ensinador” ou “legislador”; assim LXX, Vulg.; “o legislador dará bênçãos”. Talvez o salmo esteja comparando esta peregrinação com aquela do êxodo.

⁷³ NEB “do muro externo para o interno” supõe que *hayil*, “força” seja um erro ortográfico de *hél* (consoantes *h - y - l*), “baluarte” (“de baluarte em baluarte”, na medida em que os peregrinos vão entrando em Jerusalém). Tal idéia é plausível, mas não tem apoio textual. É possível que, por um jogo de palavras, o salmista tenha colocado “força” no lugar de “fortaleza” (“baluarte”), fazendo com que a peregrinação seja figurativa, mais do que uma viagem literal.

8. O salmista, no entanto, está sozinho. Não se pode juntar à peregrinação que acaba de visualizar. Volta de “eles” para “me”; mesmo assim, é com Deus que está sozinho, e não com seu “próprio-eu”, por mais longe que esteja do Sião do versículo 7. Sua oração será atendida.

84:9-12. A presença radiante

O v. 9 tem a aparência de uma parêntese, interrompendo as declarações de dedicação pessoal, pouco antes do seu auge no versículo seguinte, com uma oração coletiva em prol do rei.⁷⁴ Pode bem ser que se trate de uma marca deixada no salmo por uma tragédia nacional, tal como a deportação do rei (cf. as palavras pungentes de Jr 22:10-11 ou de Lm 4:20) em prol do qual a congregação lançou mão deste momento apropriado de intercessão, ecoando a oração do salmista a fim de fazê-la veículo da sua própria oração.

10. Agora volta a voz individual do salmista, com uma declaração que se compara com a de Paulo: “Deveras considero tudo como perda . . .” (Fp 3:8), ou com a de Asafe: “A quem tenho eu no céu senão a ti?” (Sl 73:25 — ARC). Sem dúvida, há eloquência aqui, mas nada de extravagante, conforme demonstrará o versículo seguinte.

Quanto ao detalhe, uma palavra tal como “noutro lugar” (RSV) seria necessária para dar pleno sentido à primeira linha do v. 10, e, de fato, a palavra hebraica para *prefiro* (lit. “escolhi”) tem a aparência de ser uma substituição ortográfica por uma expressão deste tipo, tal como: “em casa” (NEB). Então, a linha seguinte seria interpretada “(Melhor) estar . . .” Naquela linha, a palavra traduzida *estar à porta* é um verbo que não se deve confundir (como pode acontecer pelo original, evidenciado na RSV) com “porteiro”, que em 1 Cr 26:1, 12, fala de uma posição mais ou menos exaltada. É um contraste de posição, ou daquilo que parece ser segurança, bem como de convívio.

11. Este versículo rico, “uma caixa onde se deitam doces compactados”,⁷⁵ silencia quaisquer dúvidas quanto ao entusiasmo do versículo 10, mediante a visão daquilo que Deus é, e daquilo que dá e retém. As duas figuras daquilo que Ele pode ser para Seus seguidores, tanto *sol* como *escudo*, retratam vividamente tudo quanto é extrovertido e positivo (luz, alegria, calor, energia . . .; cf. Ml 4:2) e tudo quanto é protetor; a resposta ao medo e à morte — mas resposta de um soldado ativo. Quanto aos Seus dons, são *graça* e *glória*, duas palavras que haveriam de desdobrar seu significado na medida em que a Bíblia procedia. Já naquela época, a “graça” significava algo seme-

⁷⁴ Cf. Sl 89:18 (“nosso escudo . . . nosso rei”), e as intercessões subseqüentes ali, especialmente nos vv. 38 e segs. Quanto ao significado messiânico de termos tais como “escudo”, “ungido”, etc., ver a Introdução, págs. 30ss. (Quanto à tradução alternativa de Dahood da palavra “escudo”, ver a nota de rodapé de 89:18).

⁷⁵ George Herbert, “Sweet day, so cool, so calm, so bright”.

lhante ao sorriso de Deus; no tempo das Epístolas, porém, “todos os benefícios da paixão de Cristo” tinham chegado à lume. A “glória”, também, já era vislumbrada em termos que longe estavam de se prenderem à terra (ver sobre 73:23, 24); com o evangelho, entretanto, aspectos bem novos haveriam de emergir (e. g. 1 Pe 4:14). a linha final do versículo, outrossim, continha ainda mais do que era evidente. Pode parecer um truísmo que Deus não *sonegar*, ao invés de “nada”, *nenhum bem* (cf. 34:10); mesmo assim, foi o evangelho que revelou o cumprimento e a largura, além daquilo que se pode imaginar, disto (Rm 8:32; Fp 4:6-19). A frase limitadora, *aos que andam retamente* (i.é, com coração indiviso), não é uma condição arbitrária — pelo contrário, é tão lógica como aquela na frase “Abre bem a tua boca, e ta encherei” (81:10). Jeremias emprega a linguagem do nosso versículo para expressar o lado oposto deste fato: “As vossas iniquidades desviam estas coisas, e os vossos pecados afastam de vós o bem” (Jr 5:25, ARA).

12. A última das três bem-aventuranças resume, como fazem suas antecessoras, o pensamento da sua estrofe (ver o fim das observações introdutórias ao salmo). O salmista, através da sua resposta disciplinada à nostalgia, achou a bênção que pertence àqueles “que não viram, e creram” (Jo 20:29), e pode nos ensinar a tratar nosso estado atual de vislumbres e anseios como ele tratou o dele: não somente como estímulo à peregrinação, como também uma oportunidade de já corresponder a Deus com confiança alegre.

Salmo 85 Reavivamento

Partindo de uma situação desanimadora, este salmo nos leva a um ponto onde uma paisagem gloriosamente fértil se estende diante da vista. A primeira metade do salmo é, na sua maior parte, uma oração de arrependimento (4-7), nutrida pela relembração (1-3); a segunda metade é, principalmente, promessa, ou visão (10-13), o resultado de uma resolução no sentido de escutar (8, 9). O clímax é uma das descrições mais agradáveis da concórdia — espiritual, moral e material — que se pode achar em qualquer trecho das Escrituras.

O Título

Sobre o *mestre de canto*, ver a Introdução, pág. 53. Sobre os *filhos de Coré*, ver pág. 48.

85:1-3. Misericórdias anteriores

Os simples tempos passados de RSV e ARA (cf. Gelineau: “Ó Senhor, já uma vez favoreceste a Tua terra”), que olham para trás, para uma cena muito diferente da cena do momento, fazem com que as orações que se seguirão nos vv. 4-7 façam bom sentido. Interpretar os verbos dos vv. 1-3 no

perfeito (e.g. “tens favorecido”), como fazem a maioria das traduções, é perder a lição e fazer com que, e.g., vv. 3 e 5 entrem em colisão desnecessária.

Favoreceste (1) é mais do que uma palavra bondosa: fala do considerar aceitável alguém ou alguma coisa, muito freqüentemente no contexto da expiação (e.g. Jr 14:10, 12). Quanto à frase: *restauraste a prosperidade*, ver sobre 14:7.

Estas frases, e especialmente as dos vv. 2-3, mostram que Israel não está saudosa das glórias do passado, que muitas vezes são uma ilusão ótica (cf. Ec 6:10); pelo contrário, está lembrando misericórdias do passado. Tal atitude é realista; além disto, é estimulante: leva às orações (4-7) mais do que aos sonhos.

85:4-7. A alienação atual

Em várias formas, o verbo “voltar” contribui muita coisa ao colorido do salmo, especialmente na primeira metade, interpretado como “restaurar”, “restabelecer”, (1, 4), e “desviar-se”, “cair” (3, 8), e “tornar” no v. 6. No v. 4, as traduções se dividem entre “Tornar-nos” (ARC), e “volta-Te para nós” (NEB, RVV mg.); a evidência gramatical é indecisiva.⁷⁶ É uma palavra versátil, cujo destaque no Antigo Testamento dá testemunho da situação aberta que ali prevalece, na qual Deus pode Se voltar da Sua ira, e os homens, da rebeldia deles (ou da sua obediência; ver sobre 8b), e as situações podem ser revolucionadas.

A oração paulatinamente desenvolve força mediante a lembrança da consistência de Deus consigo mesmo. As perguntas do v. 5 virtualmente se respondem a si mesmas à luz disto (cf. a pergunta, *por todas as gerações? com a resposta* perene de 33:11-12), e as petições dos vv. 6 e 7 ousam invocar não somente a aliança de Deus (ver sobre 17:7 para *misericórdia*, 7), pois Seu deleite se acha na *salvação* (7); isto porque se trata de uma obra criadora, que traz vida da morte, e alegria do desânimo (6). O julgamento, em contraste com esta obra, é Sua “obra estranha”, Seu “ato inaudito”, que não Lhe dá prazer (Is 28:21; Ez 18:32).

85:8, 9. Pausa para reflexão

O singular, *Escutarei*, depois da oração coletiva, pode muito bem indicar a entrada de uma voz solista ou o salmista ou um profeta está esperando para escutar a palavra de resposta da parte de Deus, e encorajando os demais para prestar ouvidos a ela. Cf. o primeiro comentário sobre 12:5-6.

8. *Paz*, que inclui o pensamento de plenitude, saúde ou bem-estar, é uma saudação normal, e bastante bem-vinda mesmo naquele nível; o que Deus fala, no entanto, também cria: cf. Is 57:18 e segs. — passagem esta que talvez

⁷⁶ Uma parte diferente do verbo se emprega em 80:3, etc. Ver os comentários ali e em 80:14.

seja um comentário sobre estes versículos, não menos na advertência de que “Para os perversos . . . não há paz” (Is 57:21). A advertência correspondente fica em 8b: “e que jamais caiam em insensatez”; RSV a relega à margem,⁷⁷ embora não haja motivo compulsório.

9. A promessa: “Encherei de glória esta casa . . . e neste lugar darei a paz” (Ag 2:7, 9), pode iluminar este versículo pelo seu contexto semelhante — e possivelmente o próprio contexto deste salmo — no qual a grande libertação da Babilônia tinha sido seguida por tempos difíceis (cf. as duas primeiras estrofes do salmo), que agora estavam chegando ao fim. A glória que se afastara (ver sobre 78:59-64) voltaria; Deus voltaria para estar em sua residência. O salmo vê esta presença, não como símbolo, pela arca no templo, mas mediante a presença do próprio Deus em todas as partes do território. A palavra para *assistir* (“habitar”, ARC) é a raiz do termo Shekinah que, no judaísmo posterior, veio a ser uma expressão para a glória de Deus habitando entre Seu povo, e, portanto, um nome do próprio Deus (ver sobre 26:8).

85:10-13. Uma perspectiva harmoniosa

O conceito que prevalece no versículo 10, que tem merecida fama, bem como nos seus companheiros, é o da concórdia: vasta, sem defeito, e rica com vida. O v. 10 se discute abaixo, sendo que o pensamento fica especialmente claro tanto no v. 11, onde o céu e a terra se estendem um para o outro em sociedade perfeita, já não com conflito de propósitos,⁷⁸ e no v. 12, onde o Senhor dará *o que é bom*, sobre o qual depende todo o resto, enquanto a *terra* (nossa terra, dá seu *fruto* apropriado em troca). A repetição do mesmo verbo, “dará”, em ambas as linhas do versículo (que a maioria das traduções, senão todas elas, deliberadamente evitam — ver, porém, ARC), parece ter o propósito de ressaltar esta correspondência singela.

10. À luz dos versículos que acabam de ser discutidos (11-12), e dos significados usuais dos substantivos desta copla, parece que devemos ver aqui um estado equilibrado de concórdia mais do que o ato de resolver qualquer estado de discórdia. As traduções mais antigas, porém, “a misericórdia e a verdade” (ARC), tendem a sugerir o encontro de opostos; assim também ficaria um entendimento da *paz* como sendo, principalmente, a ausência de hostilidades, e a *justiça* primariamente como perfeição moral, a condenação do pecador. Naqueles termos, parece que o versículo dá um retrato gracioso de expiação, embora corra o risco de apresentá-la como sendo o resolver de um conflito dentro do próprio Deus.

A *graça*⁷⁹ e a “fidelidade” (*verdade*, ARC) conforme RSV corretamente as traduz — são parceiras, e não oponentes; e a *justiça* pode ter o pa-

⁷⁷ NEB a emenda sem nota. A alternativa adotada por RSV, NEB: “que se voltam a Ele de coração”, consta do texto de LXX, Vulg.

⁷⁸ Cf. JB, “Da terra brota a Lealdade para cima
e do céu a Justiça se inclina para baixo”.

⁷⁹ Ver sobre 17:7; 62:12.

pel benvindo de retificar as coisas,⁸⁰ e não somente de indicar coisas, de tal modo que também anda de mãos dadas com a *paz*, cujo sentido mais completo se discute no v. 8. Aqui, pois, temos os frutos da expiação mais do que o ato dela. Pode ser que realmente já haja neste versículo uma sugestão de que estas qualidades que formam pares se entrolham do céu e da terra respectivamente, como a graça de Deus e a resposta da terra, mediante a graça. O caso certamente é assim nos versículos finais, com sua perspectiva de mútua alegria e de harmonia ininterrupta.

11, 12. Ver os comentários no começo desta estrofe.

13. Para evitar que o quadro anterior pareça por demais estático, o versículo final é de movimento. A variedade de traduções reconhece que o Hebraico é ambíguo, mas a maioria das variações advém da conjectura de que o verbo “fazer” (cf. ARC) deslocou um substantivo tal como “paz” ou “salvação”. Tal idéia é atraente, porém sem apoio, e podemos ficar satisfeitos com RSV (ARA: *cujas pegadas ela transforma em caminhos*) com o acréscimo explanatório de RV: “para andarmos neles”. Assim, estamos despertando do lagartear, para seguirmos adiante.

Salmo 86

“No dia da minha angústia”

Esta é, em mais do que um sentido, uma oração solitária de Davi, o único poema dele no terceiro livro. Sua forma é simples, com uma súplica inicial e final pontuada por um ato deliberado de louvor — deliberado porque os versículos finais não revelam alívio da pressão, e, por enquanto, não há sinal de uma resposta.

O Título

Sobre *Davi*, ver a Introdução, pág. 46.

86:1-7. O suplicante

Os dois primeiros versículos equilibram o apelo à compaixão de Deus (*pois estou aflito e necessitado*) com o apelo à Sua fidelidade. O v. 2 enfatiza esta última, ao ressaltar a corda tríplice que vincula Davi a Deus, e, por implicação, Deus a Davi: em primeiro lugar, há o vínculo da aliança (*piedoso* é a mesma palavra que “íntegro” em 18:25, ver a nota ali; fala de uma resposta firme ao “amor firme” do v. 5), e depois, do elo que vincula o *servo* ao seu senhor,⁸¹ e do elo, não menos forte, entre aquele que *confia* e a pessoa em quem se confia. A rigor, a interjeição “Tu és meu Deus” (2) deve vir entre *salva o teu servo e que em ti confia*; um aparte urgente.

⁸⁰ Ver sobre 24:5; 65:5.

⁸¹ O apelo é redobrado no v. 16 (cf. 16:16), com a lembrança de que a mãe dele já antes deles estava “no serviço”. São servidores antigos.

4-7. Como acontece freqüentemente nos Salmos, a oração se dirige de modo resoluto em direção a céus mais límpidos e terreno mais firme. *Alegria* (4) é um pedido corajoso em semelhante momento, e boas razões são conclamadas para apoiá-lo. Estas são dadas nas três cláusulas que começam com “porque” ou “pois”; a singeleza de propósito daquele que ora (4b, sobre o qual os empregos contrastados da expressão “levantar a alma” em 24: 4 e 25:1 formam um comentário perfeito); o caráter do Senhor (5), e a convicção de que Ele responde à oração (7b). Depois disto, os “planaltos enso-larados” das estrofes seguintes não são totalmente uma surpresa.

86:8-13. O soberano

A palavra *Senhor*, i. é, “Mestre” ou “Soberano” (que se distingue de SENHOR, que convencionalmente se imprime em maiúsculas na Bíblia, para indicar o nome Javé) ocorre sete vezes neste salmo, sendo que três delas se acham nesta estrofe (8, 9, 12). É a Deus nesta capacidade que Davi dá toda a sua atenção.

Seu louvor não é apenas a esmo: faz comparações, primeiramente no âmbito do céu (8a), e, depois, naqueles da natureza (8b), da raça humana (9) e da história (10); ver os comentários abaixo de todos estes. Finalmente, expõe sua própria pessoa a esta soberania, com suas implicações perscrutadoras (11 e segs.).

8a. *Os deuses*: pode-se tratar de uma expressão retórica, como se dissesse: “os deuses, mesmo supondo que existissem!” A declaração concreta de 10b, *só tu és Deus*, porém, faz com que seja provável que Davi, no v. 8, esteja falando de anjos em vez de seres hipotéticos: ver sobre 8:5; ver, também, a introdução ao Salmo 82.

8b. *Obras* aqui significam, provavelmente, as coisas que Deus criou, mais do que Seus feitos (que vêm mais tarde, 10a). Cf., e.g., 8:3, 6; 19:1.

9. A perspectiva da homenagem do mundo freqüentemente ficou clara e forte para Davi; cf. especialmente 22:27 e segs. Aqui, a lógica deste conceito é ressaltada pela cláusula *que fizeste*.

10a. *Maravilhas*, que recebe várias traduções no Salmos, é um termo freqüente para os milagres de salvação, operados por Deus. Cf. e.g., 78:4, 11, 32; ver também sobre 9:1.

10b. Sobre a declaração, *só tu és Deus!* que não permite meios-termos, ver sobre 8a. Sua proximidade àquele versículo, que, doutra forma, poderia ter dado a idéia de estar um pouco abaixo do monoteísmo, é um fato a ter em mente ao estudar declarações acerca de outros “deuses” noutros salmos.

11. Esta oração em prol da orientação deve ser relacionada com o contexto, que canta da soberania de Deus. Davi agora aplica este fato à sua vida, e não apenas ao mundo, que é o caso de 8-10. É uma oração acerca da formação dos hábitos certos (nota-se o fim em vista, na segunda linha), mais

do que acerca dos atos certos — muito embora Davi não fazia pouco destes últimos (ver, e.g., 1 Sm 23:2, 4, 10 e segs.).

A linha final, *dispõe-me⁸² o coração para só temer o teu nome* é um clímax penetrante, que confessa numa só frase o estado desintegrado do homem, que se demonstra de muitas formas noutras partes das Escrituras, desde a insinceridade (ver sobre 12:2) e a falta de resolução (Tg 1:6 e segs.), até a luta decisiva que Paulo descreve em Rm 7:15 e segs. Sua preocupação não diz respeito meramente com a unificação da sua personalidade como finalidade em si mesma: os fios da meada se encontram num ponto além de si mesmo, no temor ao Senhor.

“Dirige, controla, sugere, neste dia,
Tudo que planejo, faço, ou digo,
E assim, todos os meus poderes e forças,
Se unirão somente para a Tua glória”.⁸³

12. Aqui temos um começo (e meios práticos), caído diretamente dos céus, da resposta à sua oração: *todo o coração* está enlevado no louvor. Já não vai ficar passivamente esperando a maturidade espiritual que estava esperando no v. 11.

13. Este louvor, outrossim, não é mero exercício: há abundância de motivos para ele. Quanto ao livramento *do mais profundo poder da morte*, é possível considerá-lo ou como passado ou futuro, e ou como linguagem elevada para uma crise séria (cf. 88:6), ou termos literais acerca de um estado além da morte. A palavra *alma*, por si mesma, não pode dirimir a questão, pois comumente significa “minha vida” ou “minha pessoa”.

Mesmo assim, o equilíbrio da evidência, para mim, tende para uma libertação futura do poder da morte (entendendo o verbo ou como “perfeito consecutivo”, como na construção de prosa, ou como um “perfeito profético” que exprime a certeza de eventos futuros como se já estivessem completos). Sobre as “profundezas do Seol” (RSV) ver sobre 6:5; quanto à perspectiva de alguém ser salvo dele, ver sobre 49:15; 73:23, 24.

86:14-17. Os zombadores

Agora, finalmente, surge à vista a ameaça imediata. Podemos admirar a auto-disciplina que, até este ponto, confinou as orações às prioridades: o relacionamento entre Davi e Deus, e o caráter e direitos soberanos do próprio Deus; dela podemos aprender. Assim foi vencida a tentação de derramar uma arenga ao invés de uma petição.

14, 15. Os intrigantes se descrevem de modo bem franco, mas Davi

⁸² Trata-se de uma tradução exata do Hebraico, conforme concordam quase todas as versões, LXX, Vulg. e Sir., no entanto, vocalizam as consoantes de modo diferente, dando o sentido de “regozije-se (*yihaq*) o meu coração para temer o teu nome”.

⁸³ Thomas Ken, “Awake, my soul”.

não mostra menos franqueza diante da correção, como quando Simeí o amaldiçoou (2 Sm 16:10 e segs.). Pelo que ele sabia, nem toda a inimizade deles é sem causa justa; sendo assim, é a misericórdia de Deus que Davi invoca, antes mesmo da Sua fidelidade; e baseia nas Escrituras a sua causa, citando Êx 34:6b, palavra por palavra.

16, 17. Entre as orações em prol da compaixão e da consolação, nota-se a petição em prol da *força*. Davi está suficientemente sob pressão para ansiar por algum *sinai* (e Deus é generoso para com aqueles que realmente precisam disto: Jz 6:36 e segs.; 7:9 e segs.), embora seja suficientemente corajoso para desejar haver-se como homem, e não como doente, ao forçar o inimigo a recuar. Até o alívio que ele deseja não é tanto facilitar a sua situação quanto comprovar sua causa e limpar seu bom nome (17b, c). Entre tal atitude, e a autopiedade, há um mundo de diferença.

Salmo 87

“Gloriosas coisas se têm dito de ti”

Este salmo notável, com suas frases enigmáticas e destacadas, fala de Sião como sendo destinada a ser a metrópole de judeus e gentios igualmente. Sem haver explicações detalhadas de qualquer aspecto, não sobra qualquer dúvida quanto à conversão vindoura dos inimigos e da plena incorporação deles na cidade de Deus. É esta visão (juntamente com Is cap. 54) que fica por detrás da frase de Paulo: “A Jerusalém lá de cima . . . é nossa mãe” (Gl 4:26). O comentário mais memorável deste salmo é o majestoso hino de John Newton que começa com a linha do salmo que citamos como nosso título geral supra.

O Título

Sobre os filhos de Coré, ver a Introdução, pág. 48. *Sobre Cântico*, ver pág. 51.

87:1-3. A Cidade de Deus.

Para os salmistas, é uma fonte constante de deleite que Sião, entre tantos lugares, tenha sido escolhida como *monte santo*, causando inveja frustrada às suas rivais (68:15-16). É a Ele que a cidade deve toda a sua estabilidade e santidade: a primeira palavra do salmo é literalmente: “O seu fundamento” (ARC — um começo abrupto e enfático — e suas colinas são (lit.) “montes de santidade”, porque Ele está ali; este fato não se inverte). Está ali simplesmente porque *ama* o lugar (2), o que é razão tão suficiente e inescrutável como aquela que Ele deu para amar ao próprio Israel: “porque o SENHOR vos amava, e para guardar o juramento que fizera aos vossos pais” (cf. Dt 7:6-8). Sendo que o salmo tornará claro que Sião dá seu nome a uma comunidade, e não somente a um lugar, há relevância direta para a igreja de tudo isto.

3. A palavra *dito*⁸⁴ introduz uma oráculo da parte de Deus, e as *coisas gloriosas* indicam, não meramente uma boa reputação de modo geral, como também as coisas específicas que serão ditas nos versículos seguintes. O esplendor de Sião será seu Rei e seu rol de cidadãos.

87:4-6. A cidade-mãe

O oráculo ou declaração de Deus, é cunhado numa forma algo oficial, não somente no v. 6, como também na primeira palavra hebraica do v. 4: “farei menção” — como se fosse uma proclamação formal numa ocasião de estado. É bastante momentoso. Uma parte representativa do mundo gentio está sendo arrolada na cidade de Deus. A posição dela se declara de duas maneiras, cada uma das quais expressa o assunto de modo bem forte. Para com Deus, são aludidas assim: *dentre os que me conhecem*, uma designação ainda mais sublime do que “os que me temem” (cf. Jr 31:34). Para com o povo de Deus, não são meros prosélitos: podem declarar, como falou Paulo acerca da sua cidadania romana: “Eu, porém, nasci cidadão” (cf. At 22:28). Trata-se da era do evangelho, e nada menos.

Os nomes estão bem escolhidos: *Raabe*, (i. é, o Egito, o monstro jactancioso, 89:10; Is 30:7) e a *Babilônia*, as duas grandes potências e perseguidoras do mundo de Israel; mais perto de casa, *Filístia*, a inimiga que Israel nunca deslocou; e *Tiro*, o negociante afluente; finalmente, a *Etiópia* (ou “Cuxe”; ver sobre 68:31), símbolo das nações mais remotas.

A repetição: *Este nasceu lá*, torna-se paulatinamente mais clara. No v. 4 provoca a pergunta: “Onde?”; em v. 5a, a resposta àquela pergunta é dada (*Sião*), mas ela não tem tanto peso de autoridade até que o v. 6 a suplementa com a autorização. Aqui temos o “livro da vida” dEle, escrito com Sua própria mão (cf. o direito de entrada na cidade, dado por escrito, na qual os reis da terra sua glória, em Ap 21:24-27).

5. Há dois detalhes adicionais neste versículo que requerem comentário. Em 5a, LXX tem a palavra adicional “mãe” (palavra que tem duas letras em Hebraico, que poderiam ter caído do TM mediante a haplografia⁸⁵); NEB, portanto, traduz, livremente: “e Sião será chamada uma mãe onde nascem homens de todas as raças”. Esta dá o mesmo sentido que o TM (conservado em RSV, ARA), tornando-o mais explícito. Parece claro que Paulo tinha a LXX em mente em Gálatas 4:26: “Mas a Jerusalém lá de cima é livre, a qual é nossa mãe”.

⁸⁴ Quanto ao ponto gramatical que “dito” é um verbo no singular com um substantivo no plural (não totalmente raro em Heb.), Delitzsch chama a atenção e.g. a Is 16:8, ou, por uma construção diferente, a Ml 1:11. A transferência, feita por NEB, deste versículo para seguir ao v. 7 apenas aumenta a dificuldade.

⁸⁵ I. é, ao copiar uma só vez uma combinação de letras que aparece duas vezes. As mesmas duas letras aparecem na palavra heb. “dirá”, que fica perto.

Em 5b a palavra *'elyôn, Altíssimo*, é colocada de modo um pouco fora do comum na frase, sugerindo que deve ser soletrada sem maiúsculas (por assim dizer), para dar o sentido: "pois Ele mesmo a estabelecerá como suprema". A palavra se emprega desta maneira em 89:27/28, Heb./ e, mais de perto, em Dt 28:1.

87:7. Cidade de alegria

Aqui temos a resposta à perspectiva dos vv. 4-6 e às realidades já desfrutadas em 1-3. É o louvor, em duas das suas formas mais exuberantes: cf. 68:25; 150:4. Fiel à sua própria natureza, este irrompimento de louvor é tão abrupto como o restante do salmo (até a palavra entoarão é deixada subentendida), e as traduções, portanto, diferem entre si quanto a abrandar sua forma áspera, com pequenas mudanças. RSV e ARA, no entanto, representam de modo justo o texto hebraico conforme o possuímos, para mostrar Sião como lugar não apenas da estabilidade e glória já descritas, como também de alegria e frescor. A expressão *em ti*, pela gramática, pode se referir, ou a Deus, ou à cidade; o contexto indica esta última, de modo semelhante a 46:4, com seu "rio, cujas águas alegram a cidade de Deus", ou, como o conceito se desenvolve ainda mais em Ez 47, onde as águas que saem do limiar do templo fluem dali para vivificar o próprio deserto.

"Quem desfalece quando tal rio
Sempre flui, matando a sede —
Graça que, como o Senhor e Doador,
Nunca falta de era em era?"⁸⁶

Salmo 88 A Escuridão se Aprofunda

Não há oração mais triste no Saltério. Aqui, como no caso de outras lamentações, a parte do leitor não precisa ser a de espectador, seja qual for a sua disposição do momento; pelo contrário, pode ser companheiro de oração com os deprimidos ou repudiados, cujo estado mental o salmo expressa em palavras: palavras estas que são para serem usadas.

Embora quase não se ache uma centelha sequer de esperança no próprio salmo, o título (ver abaixo) no entanto, supre esta falta, pois este autor, supostamente abandonado por Deus, parece ter sido um dos pioneiros dos grupos de cantores estabelecidos por Davi, aos quais devemos os salmos coraíticos (42-49; 84-85; 87-88), uma das veias mais ricas no Saltério. Por mais sobrecarregado e desanimado que ele estivesse, sua existência estava longe de não ter razão de ser. Se era uma morte em vida, estava para frutificar grandemente, nas mãos de Deus.

⁸⁶ J. Newton, "Glorious things of thee are spoken".

O Título

Aqui temos um título duplo. Um conceito quanto a ele é que as primeiras duas frases, que espelham o título do Salmo 87, pertencem àquele salmo, como epílogo. Parece possível, no entanto, que estas frases identifiquem a coletânea à qual pertence nosso salmo, i. é, o grupo coraíta, enquanto o restante do título dá os pormenores costumeiros, incluindo-se, neste caso, o nome do autor. Se *Hemã, ezraíta* foi o mesmo Hemã que se menciona como líder do grupo coraíta (1 Cr 6:33, 37; ver também a Introdução, pág. 48), não há contradição entre as duas partes do título.

Quanto ao *mestre de canto*, ver pág. 53; sobre *Para ser cantado com cítara*, pág. 54; sobre *Salmo didático*, pág. 52.

88:1, 2. A petição de quem perdeu o sono

Se este é o último dos salmos coraítas, sua história de lamentar *dia e noite* ecoa o primeiro do grupo (42:3). Para um paralelo mais próximo, no entanto, ver 22:2, um salmo que nosso Senhor conhecia bem; nota-se Seu comentário em Lc 18:7-8, que revela que Deus é sensível a estes clamores incessantes, por mais indiferença que Ele possa aparentar.

Há mais fé expressada no v. 1 do que concedem RSV, NEB etc., pois o Hebraico diz: *Deus da minha salvação . . . clamo* (ARA, ARC), enquanto aquelas versões dizem: "Deus meu, clamo por socorro". É a única nota positiva no salmo, excetuando-se as qualidades que se sujeitam às perguntas de 10-12, e o fato crucial de que continua a orar.

88:3-9. Sombras usurpadoras

Morte, aqui, "Seol"; sobre esta última palavra, e sobre o modo de os mortos serem considerados fora da lembrança, separados (5), e silenciados (11), ver a discussão sobre Salmo 6:5. Pode ser que aqui haja uma sombra ainda mais escura: a impressão de ser tratado como os ímpios (cf. as referências à *Cova* nas notas de 28:1), para os quais a morte realmente é o fim. Esta condenação se declara com bastante clareza em outro salmo coraíta, Sl 49, especialmente nos vv. 13-15. O salmista já sente que está provando um banimento como o deles. Ainda mais significativa do que as metáforas de calabouços e águas profundas (6-7), e a lembrança do olhar no rosto dos seus semelhantes, um repúdio horrorizado que o isola na prisão estreita de si mesmo (8); e nisto, sente que são agentes de Deus: "Apartaste . . . e me fizeste . . ." (8). Mesmo assim, recusa-se a se calar. O *dia após dia* do v. 9 reforça o "dia" e "noite" do v. 1, e a "antemanhã" de 13. Ele está tão tenaz como Jacó na sua luta.

5. *Atirado é literalmente* "livre", que pode ser uma alusão à dissolu-

ção dos laços no Seol, como em Jó 3:19, aqui no mau sentido de “deixar a esmo” (cf. BDB).⁸⁷

88:10-12. A estranha terra da morte

Do ponto de vista da congregação de Deus e da Sua glória no mundo, tudo quanto aqui se diz é verdadeiro. É entre os vivos que se realizam Seus milagres, que se cantam Seus louvores, e que se exibem Seus atos de libertação. A morte não é exponente da Sua glória. A natureza inteira é negativa: é a última palavra da inatividade, do silêncio (10), do rompimento dos laços, da corrupção (*nos abismos*, ou “Abadom”,⁸⁸ (11), das trevas, do esquecimento (12). O Novo Testamento concorda, ao chamá-la de última inimiga. O alvo dEle não é a morte, e, sim, a ressurreição; as perguntas indignadas do salmista não permitem qualquer resposta menor do que esta.

88:13-18. O clamor que não recebeu resposta

Já notamos a persistência do cantor em orar (vv. 1, 9, 13); agora, o salmo terminará com perguntas desnorteadas (*o Por que?* repetido do v. 14), ao qual a única resposta parece ser uma série de golpes, tão incessante como seus clamores (“de contínuo”, 17). Olhando para trás, este homem não se lembra de nada além da má saúde e da má fortuna (15); olhando em direção a Deus, fica aterrorizado (15b-17); procurando consolo humano, não vê nenhum (18).

Tendo *trevas* como sua palavra final, qual é o papel deste salmo nas Escrituras? Para começar uma resposta, devemos notar, em primeiro lugar, que testifica à possibilidade de sofrimento ininterrupto como a sorte do crente na terra. O fim feliz da maioria dos salmos deste tipo é visto como dádiva, e não dívida; se Deus o retém, não se trata nem da Sua ira, nem da Sua derrota. Em segundo lugar, o salmo acrescenta a sua voz ao “gemido em angústia” que nos proíbe de aceitar a ordem presente como definitiva. É uma lembrança agreste de que “aguardamos a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo” (Rm 8:22-23). Em terceiro lugar, este autor, como Jó, não se entrega. Completa a sua oração, ainda no escuro, e totalmente sem recompensa. Mais uma vez, responde-se à zombaria: “É de balde que Jó teme a Deus?” Em quarto lugar, o nome do autor nos deixa perceber, conhecendo a história posterior, que esta rejeição era apenas aparência (ver os comentários iniciais sobre o salmo). Sua existência não fora um erro; havia um plano divino maior do que ele sabia, e um lugar reservado neste para ele, de modo bem cuidadoso.

⁸⁷ A emenda de RP, “ficarei como” (cf. NEB) fica longe do texto hebraico, enquanto a alternativa de Dahood, baseada numa raiz *ugarítica*: “na morte está o meu berço”, dificilmente se impõe como sugestão.

⁸⁸ “Abadom” é um substantivo que se deriva da raiz “perecer”, tratando-se, portanto, da “Destruição” ou “Ruína” (“perdição”, ARC). Como a Cova, é um paralelo para Seol (e.g. Pv 15:11; 27:20), com um tom mais sinistro; cf. Ap 9:11.

Salmo 89
Misericórdias inabaláveis de Davi?

O fundamento deste salmo é a grande profecia de 2 Sm 7:4-17, no coração da qual há a promessa de um trono para a dinastia davídica para sempre, e de honrarias sem iguais para o ocupante do trono. “Eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino. Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho” (2 Sm 7:13-14). Outros trechos das Escrituras exploram com mais detalhe o relacionamento entre Pai e Filho (ver sobre 2:7-9); este salmo se apegua principalmente à frase: “para sempre”, que, conforme parece, o desenvolvimento dos eventos contradizia.

Há aqui, portanto, uma tensão dolorosa, embora o espírito do salmo seja humilde, e nunca amargurado. Ao invés de injuriar a promessa, ou de anulá-la com explicações, enfrenta a plena refrega entre palavras e eventos, ao apelar para que Deus interviesse. Como questão não resolvida, portanto, nos impele em direção ao Novo Testamento, onde descobriremos que o cumprimento ultrapassará totalmente a expectativa.

O Título

Sobre *Salmo didático*, ver a Introdução, pág. 52. Sobre *Etã, ezraíta*, ver pág. 49. Como acontece com alguns dos salmos de Asafe, parece ser este um produto do coro, mais do que do próprio fundador (sendo que nenhum desastre sobreveio ao trono de Davi por muitos séculos depois dos tempos deste), a não ser que o salmo originalmente terminasse no v. 37. Quanto a esta possibilidade, cf. o comentário de 51:18, 19.

89:1-4. Um trono para sempre

O tema deste salmo facilmente se estabelece pela repetição de *para sempre* (1, 2, 4). A confrontação entre este tema robusto dos vv. 1-37, e o clamor lamentoso: “Tu, porém. . .” e “Até quando . . .” dos vv. 38-51, dá ao salmo seu caráter distintivo. O poema inteiro é um comentário sobre a profecia de Natã, dirigida a Davi em 2 Sm 7:12 e segs., resumida aqui nos vv. 3-4.⁸⁹

2. Pois disse eu . . .⁹⁰ TEV parafraseia bem: “Eu sei que Teu amor durará para sempre”. Completa a sequência: “Cantarei . . . proclamarei . . .”. Incidentalmente, a palavra *fundada* (“durará”, TEV) é literalmente “edificada”, que era mais uma das palavras-chaves em 2 Sm 7, com seu jogo de palavras sobre a casa que Davi teria edificado para Deus, e a casa viva que Deus, pelo contrário, edificaria para Davi (2 Sm 7:5, 7, 13, 27).

⁸⁹ Em NEB, estes versículos se transferem para seguir v. 19.

⁹⁰ LXX e Jerônimo introduzem o v. 2 com as palavras: “Pois tu disseste”; mas esta forma não se combina tão bem com “tua”, que a segue. Não há justificativa para transferir a expressão para o v. 3, como faz RSV.

3. A *aliança* com Davi, considerada por alguns comentaristas como quase uma rival com a aliança de Sinai, recebe atenção suave e amorosa nos vv. 19-37, e aquilo que parecia ser o repúdio divino da mesma será a lamentação do v. 39 e da seção inteira à qual pertence.

89:5-18. O Trono acima do trono

O salmo supera magnificamente a tentação de focalizar o cenário imediato e de fazer com que Deus seja parte incidental do mesmo. Sobes até ao céu, exultando na majestade (5-8), domínio (9-13) e grandeza moral (14-18) de Deus. Contra o fundo deste fulgor de glória, revela a graça que permite que Israel e seu rei conheçam e pertençam a este Senhor.

5-8. **Majestade.** O universo bíblico não está vazio; pelo contrário, é povoado com miríades⁹¹ de anjos, aqui simplesmente *santos* (5, 7) e *seres celestiais* (6, lit. “filhos de *’ēlīm*, cf. sobre 29:1; 82, parte introdutória). A palavra “santo” se emprega para eles, naquilo que é provavelmente seu sentido primário, a saber: pertencem ao âmbito de Deus, e não do homem (cf. Êx 3:5); seu sentido ético de “moralmente perfeito” se segue disto, sendo que suas matizes se tiram do caráter de Deus,⁹² assim como “filhos de Deus” pode ser empregado com ou sem suas implicações morais (cf. Jó 1:6; Mt 5:45). Aqui, os anjos são vistos como *assembléia* (5) convocada, tratando-se de um termo freqüente para Israel como igreja de Deus: e.g. Dt 23:1-3, 8, e como “concílio” (7, *assembléia* ARA),⁹³ embora o grande número destas hostes apenas ressalte a majestade de Deus, diante de Quem tremem os mais poderosos (7) e com Quem ninguém sequer começa a se comparar, nem na grandeza nem (5b, 8b) na bondade.

9-13. **O domínio.** O *mar*, como a parte mais formidável e imprevisível do ambiente do homem, retrata nas Escrituras aquilo que somente Deus pode domar (ver sobre 24:2). Tendo o v. 9 como pano de fundo para Marcos 4:39, os discípulos tinham razão de ficarem impressionados, ao perguntarem uns aos outros: “Quem é este?”

10. Depois do exemplo geral tirado da natureza, há o exemplo específico tirado da história; depois do mar, o monstro. *Raabe*, o fanfarrão, é a alcunha para o Egito (cf. Is 51:9 e segs.; ver sobre Sl 87:4). Esta vitória é tão central no Antigo Testamento como o Calvário o é no Novo.

12. NEB e alguns comentaristas acham aqui quatro montanhas, sendo que Zafom (*šāpôn*), a palavra hebraica para *Norte*, também é o nome de

⁹¹ E. g. Dt 33:2; Dn 7:10.

⁹² As matizes bem diferentes que tomaria de um deus falso se demonstram na palavra *qādēš*, “santo”, para o prostituto masculino do templo, e a forma feminina para a prostituta (traduzidos como “cão” e “meretriz” em Dt 23:18), como pessoas consagradas a divindades cananitas e outras.

⁹³ Ver sobre 25:14; cf. o quadro que Micaías dá do concílio celeste de guerra (1 Rs 22:19-23).

uma montanha ao norte de Sucote na Transjordânia. A palavra para *Sul*, no entanto, não produz facilmente outro nome de montanha. O “Amano” de NEB é por demais remoto, como palavra e como local, para convencer.⁹⁴ O Tabor e o Hermom possivelmente se colocuem juntos como obras de Deus que O louvam de modos diferentes: o humilde Tabor (600 metros), mediante sua história, como cenário da vitória de Débora, e o gigante Hermom (3.000 metros), pela sua majestade física. A mão do Criador é tanto *forte* como *elevada* (13).

14-18. A *grandeza moral*. O poder que é louvado no v. 13, resumindo a estrofe anterior, seria tirania sem o direito que o sustenta como *fundamento* (14a) e que marca o caminho que deve tomar (14b). A *fidelidade* de Deus (traduzida “verdade” no v. 14) já ocupou uma posição de destaque (1, 2, 5, 8); agora, pelo menos quatro outras facetas da Sua bondade (14, 16, 17) acrescentam a ela o seu brilho.

15. *Os vivas de júbilo* são os gritos de homenagem, tais como aqueles que saudaram a arca de 1 Sm 4:5-6 (cf. Sl 33:33; 47:5). NEB tem uma expressão feliz: “Bem-aventurado o povo que aprendeu a aclamar-Te”. O *andar* do v. 15 pode expressar uma procissão em primeiro lugar, mas somente para tornar vívida a realidade que esta simboliza: o progresso constante e alegre (*de contínuo*, 16) com Ele e com os companheiros. Um equivalente no Novo Testamento se acha em 1 João 1:4-7.

18. *Nosso escudo*⁹⁵ e *nosso rei* são termos paralelos — um toque revelador: cf. a Introdução, IV. A Esperança Messiânica, págs. 30 s. Este versículo, desta forma, introduz o tópico veemente do restante do salmo.

89:19-37. A aliança com Davi

A “aliança” que surgiu à tona por instantes nos vv. 3-4 era a promessa que Deus fez a Davi em 2 Samuel 7:4ss. O salmo agora reveste-a em poesia rica, demorando com ela um bom tempo, e fazendo exposição dela à luz de outros trechos das Escrituras. Depois, a seção final (38-51), inesperadamente, demonstrará o lado bem diferente da experiência atual, transformando estas promessas em base de oração urgente.

19-27. O príncipe sem par. Toda a ênfase agora recai sobre a iniciativa de Deus ao escolher (19-21) e exaltar Davi (22-27). Não se trata aqui de um rei e fundador de impérios, que subiu sozinho ao poder, e que talhou para si mesmo uma carreira. E, sendo que Deus estava por detrás da história dele, não poderia ser interrompida sem se completar.

19a. Outrora (*lit.* “Então”) *coloca o cenário* para os dias, agora dis-

⁹⁴ As consoantes *ymm* (“sul”) têm de ser mudadas em *’mn*, para indicarem o monte Amano no sul da Turquia. Para a documentação, ver Dahood, ad loc.

⁹⁵ Dahood argumenta em favor do sentido “Suserano”, aqui e noutros trechos, tendo por base o Ugarítico e o Fenício. Tal conceito, porém, acarreta a reinterpretação de “pertence a” como fórmula de ênfase: “Verdadeiramente Javé é nosso Suserano”. É uma tradução forçada e improvável de um texto simples e direto.

tantes, de Davi.⁹⁶ *Teus santos*: no plural, conforme a maioria dos textos, pois as palavras que se seguem resumem mensagens a dois profetas, Samuel e Natã, bem como promessas ao próprio Davi, atestadas nos seus salmos.

19b, 20. Aqui temos a essência daquilo que Deus revelou a Samuel, registrado na declaração famosa de 1 Sm 13:14: "O SENHOR buscou para si um homem que lhe agrada" e na história da unção de Davi na casa do seu pai (1 Sm 16:1-13). *Socorrer* traduz *'ezer* ("ajuda") e é traduzido, por uma emenda conjuntural para *nêzer* ("coroa", cf. v. 39/40 Heb./) em RSV, que talvez faça mais sentido. Muito mais importante do que qualquer coroa, no entanto, era o fato de ser *ungido*, sendo consagrado, assim, ao ofício sagrado; foi este ato que deu origem, no devido tempo, ao título Messias ou Cristo.⁹⁷

21. *Será firme* também se pode traduzir "será bem preparada". NEB dá ambos os aspectos deste verbo ao traduzir: "A minha mão estará pronta a ajudá-lo".

22-24. Vários salmos de Davi registram promessas tais como estas, reveladas a ele como oráculos de Deus, e.g. 2:7-9; 21:8-12; 110:1 e segs., para mencionar apenas poucas. Este salmo, escrito em circunstâncias bem diferentes, repleta-se deste depósito da verdade.

25. 72:8 mostra que a antiga promessa em Êx 23:31, quanto a uma terra que se estende do mar Vermelho até ao Eufrates estava despertando novas esperanças nos dias anteriores da monarquia, enquanto o império de Davi ia se aproximando deste padrão. Ainda mais diretamente, havia o "decreto" de 2:7-9, que parece ser o que está em mente nos dois versículos seguintes.

26, 27. Embora os termos sublimes destes versículos talvez pudessem ser interpretados num nível moderado (e.g. Israel, como povo em conjunto, podia chamar a Deus *Meu Pai*, Jr 3:19, e ser chamado *primogênito* dEle e *o mais elevado*,⁹⁸ Êx 4:22; Dt 28:1), tornam-se asserbantes quando são empilhados um sobre os outros, como aqui, e dirigidos a um indivíduo. Já que Deus levou a linguagem até seus limites ao dirigir-Se a Davi, o salmo tem razão em lançar mão do fato e, no fim, perguntar o que veio a ser dela. Quanto ao seu cumprimento, ver a Introdução, pág. 32.

⁹⁶ A. Bentzen, *King and Messiah* ("Rei e Messias") (Lutterworth, 1955), pág. 19, faria com que este "outro" se referisse a um decreto primevo antes da Criação. Esta idéia, porém, deixa de lado o fato dos "santos" aos quais foi dirigido este oráculo.

⁹⁷ Ver a Introdução, págs. 30s.

⁹⁸ Esta palavra é *elyôn*, o termo que se traduz "Altíssimo" quando se aplica a Deus. Cf. JB, mais literalmente do que a maioria: "Farei com que ele seja . . . o Altíssimo para os reis da terra". Pode-se entender, assim, que Davi é nomeado para ser, sobre as potências da terra, aquilo que Deus já é para as potências no céu. O próprio Davi nunca poderia chegar a esta posição por si mesmo.

28-37. **A dinastia eterna.** O oráculo de Natã (esp. 2 Sm 7:13 e segs.) já deu seu colorido ao v. 26, com sua promessa de filiação real. Agora, seu compromisso quanto ao trono durar *para sempre* fica sendo o tema dominante.

Este tema poderia ter recebido uma avaliação mínima, no sentido de significar que, diferentemente de Saul (2 Sm 7:15), que perdeu a soberania de seus filhos, Davi a haveria de reter na sua família enquanto durasse o reino. “Para sempre”, como nosso termo, “uma nomeação permanente”, não precisa significar mais do que isto. Esta passagem, no entanto, nos oferece uma exposição do pleno poder do termo, por meio de uma sucessão de frases paralelas em 29b, 36b, 37.⁹⁹ Assim, conserva viva uma questão que fica sem solução até que se chegue ao primeiro capítulo do Novo Testamento. É esta questão que é a preocupação urgente da seção final do salmo.

89:38-51. A aliança em eclipse

Esta é a primeira indicação do desastre que sobreveio aos cantores. Ou o louvor desanuviado dos vv. 1-37 foi um milagre de auto-disciplina, se for registrado nesta situação, ou foi tirado de um salmo existente para dar uma nota positiva (por um exercício diferente de auto-disciplina) antes de desabafar a grande aflição que agora aparece.

38-45. *Tu, porém*, a tradução literal, é uma lembrança deliberada de que Deus que fizera as promessas tinha desfeito o reino. Ele é o sujeito de quase todos os demais verbos que se seguem (cf. sobre 60: 1-4).

38. Sobre *ungido*, ver sobre v. 20.

39. *Aborreceste* (ou “renunciaste”, RSV) talvez seja uma palavra por demais decisiva para traduzir este verbo raro, cujo significado precisa ser adivinhado por meio dos termos paralelos, i.é., “profanaste” (39b) e “desprezaste” (Lm 2:7a). Talvez “desdenhaste” ou “consideraste de pouco valor” fosse mais exato. De qualquer forma, é a linguagem da experiência, e não uma acusação de má fé.

A palavra para *coroa* (*nêzer*) ressalta seu aspecto como símbolo de consagração tanto para o rei como (Êx 29:6) para o sumo-sacerdote. Tem afinidade com o termo nazireu, “o consagrado”. Assim, a palavra *profanaste* é duplamente humilhante.

40 e segs. Longe de serem um drama ritual,¹⁰⁰ conforme sustentam alguns, estes versículos são entendidos mais prontamente como reflexão da queda de Jerusalém, em termos semelhantes aos de Lamentações: cf. os muros quebrados (Lm 2:8), e o saque, e a satisfação maligna dos *que passam*

⁹⁹ Não há necessidade forçosa de emendar 37b (38b, Heb.) que diz: “até a testemunha fiel no céu”, ou: “a testemunha no céu é fiel”. Sua interpretação, no entanto, é incerta, e “a testemunha” é identificada, de vários modos, como sendo “a lua” (nossa guarda fiel do calendário, Gn 1:14), “o arco-íris” (Gn 9:13 e segs.), e o próprio Deus (Jó 16:19).

¹⁰⁰ Ver a Introdução, págs. 18 e segs.

pelo caminho (41; Lm 1:10, 12). Nota-se também a *mocidade* (45) do rei Jeoaquim, deportado para a Babilônia com dezoito anos de idade (2 Rs 24:8) para ser *coberto de ignomínia* (45) por demais literalmente (Kirkpatrick), vestindo roupas de prisão por trinta e sete anos seguidos (2 Rs 25:27, 29).

44. *Esplendor*. Ou “brilho”. “Cetro” é sugerido por RSV.¹⁰¹

45. Ver supra, sobre 40 e segs.

46-51. *Até quando . . . ?* Esta pergunta pode ser tão frutífera como é dolorosa. Em termos de realização pessoal, torna-tantalizante a brevidade da vida na terra, como deve acontecer. Os problemas dos vv. 47-48 clamam pela resposta do evangelho. Em termos do trono vazio de Davi (49 e segs.), convida novos pensamentos acerca do ungido do Senhor e do Seu reino.

Finalmente, a oração proferida pelo salmista em prol do rei exilado (cf. 50-51) começa a acostumar nossos olhos à combinação de *servo* (50) e *Messias* (*ungido*, 51), Aquele que recebe as promessas de Deus e a injúria *dos homens*.¹⁰² O esboço é fragmentário, mas já começa a aparecer (cf. 69:9; Rm 15:3). As perguntas que não recebiam respostas, como as nossas próprias, estavam para receber respostas inquestionáveis, das quais nem se sonhava.

89:52. Doxologia

A bênção e o duplo *Amém*, como os de 41:13 e 72:19, terminam este Terceiro Livro do Saltério, no qual o sofrimento nacional desempenhou um papel considerável, numa nota firme de louvor.

¹⁰¹ Ou: “sua pureza” (cf. 39b). O Heb. é difícil, mas é apoiado pela LXX etc.

¹⁰² A palavra *injúria* é uma emenda, mas o contexto já a sugere (*opróbrio . . . vilipendiado*). 50b / 51b, Heb. / diz, lit. “ . . . todos de muitos (ou poderosos) povos”. Já que as consoantes de “todos” são as consoantes iniciais de “injúria” ou “insultos”, parece possível um erro ortográfico.

LIVRO IV: SALMOS 90-106

Embora os salmos desta coletânea não se vinculem, pelo nome, com os coros do templo, conforme a maioria daqueles nos Livros II e III; são, na sua maior parte, salmos para o culto público (notam-se os títulos de 92 e 100: “Cântico para o dia de sábado”; “Salmo de ações de graça”), e, além disto, deram à igreja cristã alguns dos cânticos (95, 98, 100) e hinos dela (baseados, e.g., nos Sl 90, 92, 100, 103, 104). A não ser que se atribua uma origem ritual a tudo no Saltério, pode-se dizer, juntamente com Kirkpatrick¹ que, de modo geral, os Salmos do Livro I (1-41) tendem a ser *pessoais*, os dos Livros II e III (42-89) *nacionais*, e os dos Livros IV e V (90-150) *litúrgicos*, i.e., preocupados com o louvor regular e público a Deus.

No Livro IV, Deus é chamado, de modo predominante, Javé (o Senhor).² A maioria destes salmos é anônima; mesmo assim, o Salmo 90 é atribuído a Moisés, e Salmos 101 e 103, a Davi.

Salmo 90

“Ó Deus nosso Socorro”

Somente Is 40 pode comparar-se com este salmo, no que diz respeito à sua apresentação da grandeza e eternidade de Deus em contraste com a fragilidade do homem. Enquanto, porém, Isaías é consolador, este salmo tem um efeito de arrependimento e seriedade, embora as nuvens desapareçam na oração final. Nalguns aspectos, Gn 1-3, sobre os quais parece que o salmista medita, é um companheiro mais próximo do poema; e isto é apropriado, pois o título lhe dá o nome de *Moisés, homem de Deus*. (Para uma discussão da sua autoria, ver a Introdução, pág. 49).

Numa época que estava mais disposta do que a nossa para refletir sobre a mortalidade e o julgamento, este salmo foi uma leitura obrigatória (juntamente com 1 Co 15), na ocasião de enterros: recitavam-se, assim, os fatos da morte e da vida que, se parecessem severos em tal momento, feriram para sarar. Na paráfrase escrita por Isaac Watts, “O God, our help in ages past”, estabeleceu-se como oração que se adapta com suprema perfeição aos tempos de crise.

90:1, 2. Deus, o Eterno

Esta abertura do salmo corresponde ao encerramento, sendo que

¹ Kirkpatrick, pág. 1viii.

² Na maioria das Bíblias, a palavra “Senhor” é impressa inteiramente em maiúsculas (SENHOR), quando representa o nome Javé ao invés de “senhor” ou “mestre” em Hebraico.

aqui Deus é encarado como *nosso* Deus, cuja eternidade é a resposta, e não simplesmente a antítese, ao nosso desamparo e à brevidade da nossa vida. As estrofes intermediárias mostrarão o lado mais escuro do quadro, revelando que somos membros de uma raça sujeita à condenação, mas tal fato não recebe a primeira palavra, nem a última.

1. *Senhor*, neste versículo, é um título, e não um substituto para o nome Javé (ver sobre 86:8). Assim, Deus é tratado como nosso Soberano, além de ser nosso Refúgio: somos dEle para receber Suas ordens, embora Ele também seja nosso para o desfrutarmos. *Refúgio*. É assim que traduzem LXX e Vulg., baseadas no Heb. *mā'ôz*, ao invés do TM *mā'ôn*, "habitação". Qualquer das duas interpretações seria verdadeira, embora "habitação" seja especialmente relevante à ênfase que este salmo dá ao fato de o ser humano estar sem raízes, e seja uma metáfora que surge também na Bênção de Moisés: "O Deus eterno é a tua habitação" (Dt 33:27). A oração pessoal de 71:3 (ARC, não ARA) faz com que esta seja uma verdade pela qual se pauta a vida inteira: "Sê tu a minha habitação forte, à qual possa recorrer continuamente".

2. Conforme o texto que possuímos, são possíveis duas traduções da linha central. A primeira é: "antes que tivesse trabalhos de parto com a terra e o mundo" — uma metáfora vívida que, porém, está mais de acordo com o pensamento não-israelita do que com a insistência bíblica no fato de ser o Criador distinguido da Sua obra.³ A segunda (cf. Anderson) é "antes que a terra e o mundo trabalhassem de parto (com eles)", i.é., para produzir as montanhas (cf. 104:8; e cf. o mar que saía como se fosse do ventre da terra, Jó 38:8). A majestade imemorial de Deus, que é o tema do versículo, tem implicações perturbadoras além de consoladoras, conforme o salmo passa a mostrar.

90:3-6. O homem, o efêmero

Embora *pó* seja uma palavra diferente do que aquela que se traduz "pó" em Gênesis 3:19 ("tu és pó, e ao pó tornarás"), a idéia de voltar a ele (*Tornai*), quase certamente se refere à maldição pronunciada contra Adão, e emprega o mesmo verbo.⁴ Este fato explica a ênfase dada à ira de Deus como razão da transiência do homem; este tema, no entanto, não emergirá até o v. 7. Por enquanto, é a própria transiência que nos ocupa, numa série de comparações devastadoras.

4. Alguns judeus e cristãos já procuraram mapear as eras na forma de uma "semana" de dias de mil anos, por causa deste versículo. Fazer assim é

³ Em Pv 8:24-25, é a Sabedoria divina que "foi gerada" (ARC), da parte de Deus, antes de se criar o mundo material.

⁴ Além disto, *filhos dos homens* poderia ser traduzido "filhos de Adão", embora a alusão, se está presente, pouco se enfatiza.

deixar de prestar atenção à frase: *e como a vigília da noite*, que não permite uma interpretação tão desajeitada. A comparação é como a de Is 40:15 e segs., onde as nações são “como um pingô que cai dum balde, e como um grão de pó na balança”. Coloca o mundo no seu contexto, que é Deus, e nosso tempo de vida no seu enorme pano de fundo que é a eternidade. Tal fato humilha o orgulho humano (é a lição deste versículo), mas dá ânimo no que diz respeito às intervenções de Deus e o tempo certo delas (a lição de 2 Pe 3:8-9).

5. As rápidas mudanças da metáfora acrescentam ao sentido de insegurança e instabilidade; não há motivo para “arrumar” o texto, tirando-as, juntamente com certas versões modernas, embora o texto tenha suas dificuldades. *Arrastas na torrente*, como por uma chuvarada forte, ou por um rio avolumado. *Sono*, aqui, pode ser uma expressão para a morte (cf. 76:5/6, Heb./; Jó 14:12), embora a tradução “sonho” (RSV, etc.) talvez seja certa; cf. 73:20 (onde se emprega a palavra normal para “sonho”).

5b, 6. É atraente a idéia de vincular a frase *de madrugada* (5b) ao sonho ou sono perdido de 5a (cf. NEB: “como o sonho ao irromper a aurora”); o v. 5b, no entanto, como o temos, reforça o versículo seguinte com o quadro repetido da promessa precoce; promessa esta que torna ainda mais frustrador o seu fracasso. A palavra repetida *floresce* indica uma paisagem revestida de novo com o frescor da manhã, e, assim, a cena humana na sua totalidade: sempre se renovando, mas sempre murchando. É uma figura bíblica predileta: cf. 37:2; Is 40:6 e segs.; 1 Pe 1:23-25; note-se, porém, o modo fora do comum de nosso Senhor tratar do tema em Mt 6:28-30.

90:7-12. O homem debaixo da ira

No coração destes versículos acha-se a verdade de e.g., (ARC): “no seu favor está a vida”, da qual agora exploramos o inverso. Conforme mostrou o v. 3 (ver supra), a situação histórica é a Queda, que revela a morte como nossa sentença, e não como a sorte pretendida para nós. Sua sombra universal é uma lembrança permanente da nossa solidariedade no pecado, e da seriedade que Deus atribui a ela.

7, 8. Ficamos vendo que a ira de Deus é duplamente irresistível, pelo seu vigor e pela sua justiça, deixando-nos sem recursos (7) e sem desculpas (8). *Consumidos* é, literalmente: “acabados”, “gastos”: não sobra nada. *Con-turbados* se emprega de um exército que enfrenta a derrota total (Jz 20:41) e dos irmãos de José quando ficam consternados na hora da verdade (Gn 45:3). Quanto aos nossos *pecados ocultos*, decerto incluem aqueles que gostaríamos de esconder até de nós mesmos. Sobre *a luz do teu rosto*, em tal contexto, ver a citação de C. S. Lewis no comentário sobre Salmo 14:5a.

9. Ambas as linhas deste versículo falam de um anticlímax, vindo-o como evidência adicional de que o homem está sob o juízo. A primeira linha emprega a figura do dia que passa do seu zênite: o verbo *passar-se* é aquele

de Jr 6:4: “Ai de nós! que já declina o dia . . .” O *breve pensamento*, ou “suspiro”, “murmúrio” final (não “conto”, AV, ARC, etc.) é ainda mais expressivo,⁵ e seu efeito é até ressaltado na forma inalterada do versículo, com seu sentido de esforço prolongado que vem a ser nada: (“levamos nossos anos até ao fim . . .”)

10. O declínio e a queda no versículo anterior são dolorosamente fáceis de se predizer, e pouco vale o adiamento deles. Talvez haja contraste tácito entre os setenta ou oitenta⁶ anos e o período de vida dos patriarcas, ao qual, aliás, talvez os mil anos do v. 4 se aludem (cf. Anderson).

11, 12. A despeito de todos estes sinais do desagrado de Deus, a mensagem nunca nos afeta até que Deus a aplica diretamente a nós. Conforme indica Weiser, “o poeta observa que parte da natureza do pecado é o fato de que os homens dificilmente reconhecem o relacionamento que existe, em última análise, entre a mortalidade e o pecado, porque vivem para o momento atual . . .” O salmista se inclui entre aqueles que precisam desta lição. Ele, porém, a aprendeu bem. Talvez em nenhum lugar fora do Livro de Eclesiastes o fato da morte se enfrente de modo tão resoluto, e o temor de Deus⁷ se relacione com ela de modo tão explícito (cf. Ec cap. 12).

90:13-17. O Deus da graça

Com a mesma ousadia do v. 1, que reivindicou um relacionamento com Deus, o restante da oração, na sua maior parte, pede a inversão daquilo que acontecera até então.

13. Deus já repreendeu os homens com a exclamação: “Tornai!” (3); agora o homem clama a Deus com este mesmo clamor: “Volta-te” — para a misericórdia. A segunda linha deste versículo é ecoada bem de perto no Cântico de Moisés (Dt 32:36, Heb.), na intenção de Deus de fazer exatamente aquilo que aqui é peticionado.

14, 15.⁸ Os contrastes continuam. Embora “todos os nossos dias” estejam, quanto aos nossos méritos, “na tua ira” (9), dentro da aliança, *todos os nossos dias* podem ser alegres. Aqui, além disto, temos uma *manhã* de

⁵ T.S. Eliot termina seu poema “The Hollow Men” numa nota não muito diferente, embora não seja uma orientação quanto à escatologia!

É desta forma que o mundo se acaba,

Não com uma explosão, mas com um gemido.

⁶ A sonora expressão encontrada na RSV é um arcaísmo em inglês; o TM tem somente “setenta . . . oitenta”.

⁷ A linha 11b, que é difícil, provavelmente deva ser entendida como em RV e ARC: “e a tua cólera, segundo o temor que te é devido”. I.é., a medida da homenagem que devemos é a medida da nossa condenação se a sonegarmos. O temor que Deus deseja, no entanto, é filial: ver a duplicação paradoxal da palavra em Êx 20:20.

⁸ Briggs chama a atenção a um elo lingüístico entre v. 15 e o Cântico de Moisés, no paralelismo de *yemôt*, *šenôt* (Dt 32:7). Ambas as formas são incomuns, e a primeira apenas se acha nestes dois trechos.

maior duração do que aquela do v. 6. O Novo Testamento, aliás, ultrapassará a modesta oração no v. 15, para alegrias que contrabalançam as tristezas, ao prometer “eterno peso de glória, acima de toda comparação” (2 Co 4:17).

16, 17. O contraste, que remata tudo, é entre aquilo que foi reconhecido como perecível nos vv. 3-12, e a glória permanente daquilo que Deus faz. Aqui temos uma herança para nossos *filhos* num mundo transitório; aqui temos deleite (17a: *graça*); aqui, também, temos a possibilidade de labor que “não é em vão” (cf. 1 Co 15:58). Não somente a obra de Deus (*tuas obras*) há de perdurar como também, com a bênção dEle, a *obra das nossas mãos*. Valeu a pena enfrentar os fatos pouco bem-vindos de tempos, da ira e da morte, para depois ter sido inspirado à semelhante oração e à semelhante certeza.

Salmo 91 Sob as Suas Asas

Este é um salmo para tempos de perigo, para quando estamos expostos ou cercados, ou quando desafiamos a potência do mal. Alguns aspectos da sua linguagem, de “refúgio” e “escudo”, nos fazem lembrar Davi, a quem a LXX o atribui; outras frases ecoam o Cântico de Moisés em Dt 32, que também aconteceu com o Salmo 90; este salmo, no entanto, é, de fato, anônimo, e sem tempo específico, sendo talvez tanto mais acessível por isto mesmo.

A mudança de pessoa para o “Eu” divino, marcam as divisões, e se indicam nos três títulos principais que aqui se sugerem.

91:1, 2. Meu refúgio

Não há necessidade alguma de alterar o fluxo destes dois versículos, os quais, como em ARC, são de fácil leitura como uma declaração em si mesma (v. 1), seguida por um voto de confiança (v. 2). I. é, “Aquele que habita . . . à sombra do Onipotente descansará. Direi⁹ ao Senhor: ‘Meu refúgio . . .’” Assim, o salmista declara a sua própria fé antes de aplicá-la a nós. É uma abertura eloqüente, enriquecida não somente pelas quatro metáforas que representam a segurança, como também pelos quatro nomes divinos. *Altíssimo* é um título que reduz todas as ameaças ao seu tamanho certo; *Onipotente* (Shaddai) é o nome que sustentava os patriarcas, que não tinham lar (Êx 6:3). Pelo nome adicional, o *SENHOR* (Javé), Moisés recebeu a certeza do “Eu SOU”, e “Eu estou contigo” (Êx 3:14, 12, NEB); enquanto até o termo geral, “Deus”, se torna íntimo pelo acréscimo do possessivo: *Deus meu*.

⁹ Este é o texto heb. Em versões recentes, as consoantes são revocalizadas de várias maneiras, embora já façam sentido excelente.

91:3-13. Teu refúgio

Agora o salmista detalha para cada um de nós (o *tu* está no singular no trecho inteiro) alguns aspectos da verdade que acaba de delinear.

3-6. Proteção versátil. A maioria destes perigos são do tipo que ferem sem serem vistos, e contra os quais os fortes são tão indefesos como os fracos. Alguns, tais quais o *laço do passarinho* (v. 3), obviamente são metáforas para os enredos¹⁰ que poderiam complicar nossos negócios (140:1-5), ou comprometer a nossa lealdade (119:110). Há outros males que atacam a mente (5a), ou o corpo, mediante agências humanas e não-humanas (5b, 6). As figuras da *peste que se propaga nas trevas* e da *mortandade que assola ao meio-dia* são personificações poéticas; não há razão para interpretá-las como sendo demônios, como fez a LXX e o judaísmo posterior.¹¹

Quanto ao cuidado divino, combina a calorosa proteção da ave-mãe (v. 4; cf. Dt 32:11; Mt 23:37) com a força dura e inflexível da armadura (4b). *Pavês e escudo* representam, respectivamente, a proteção que era grande e estática, e a que era pequena e móvel.

7-10. Proteção individual. O *tu* é enfático: “de ti não se aproximará”. Esta é, naturalmente, uma declaração da providência exata e minuciosa, e não um encanto contra a adversidade. A promessa não menos generalizada de Rm 8:28 (“... tudo ... para o bem daqueles que o amam”) não exclui “nudez, ou perigo, ou espada” (8:35); cf. outra vez o paradoxo de Lc 21:16, 18. A certeza que ela realmente nos dá é que nada pode tocar no servo de Deus sem a licença dEle;¹² da mesma forma (v. 8), a certeza de que nenhum rebelde pode escapar à Sua retribuição.

11-13. Proteção milagrosa. Assim, a promessa chega a um clímax duplo, ao revelar a multidão invisível de “ministradores enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação” (Hb 1:14, ARC) e ao retratar os servos de Deus não meramente como sobreviventes, mas também como vencedores, que *calcam aos pés* os inimigos mortíferos.

11-12. Foi um aspecto característico do diabo, entender esta promessa como convite à arrogância (Mt 4:6). Foi típico de Deus, Pai e Filho, que a assistência angelical foi enviada no caso de necessidade maior (Mt 4:11; Lc 22:43), aceita como fortalecimento para o serviço e sacrifício, e recusada para o proveito próprio (Mt 26:53-54).

¹⁰ Talvez 3b seja um paralelo a isto, se *deber*, “pestilência”, se vocalizar como *dēbar*, “palavra” (LXX et al.), sendo que “peste” ocorre outra vez no v. 6. A “palavra mortífera”, neste caso, seria a calúnia, a maldição, ou um sortilégio.

¹¹ O Midrax sobre Lm 1:3 faz alusão a este versículo, citando descrições sombrias do demônio *qeteb* (mortandade): e.g. “cheio de olhos, escamas e cabelos”; “quem olha para ele cai morto”. *Midrax Rabbah*, VII (Soncino, 1939), pág. 98-99.

¹² Há certas dúvidas quanto ao texto de 9a; sem alteração no texto uma possível solução é oferecida por AV, ARC: “Porque tu, ó Senhor, és o meu refúgio! O Altíssimo é a tua habitação”. RSV, ARA, etc., fazem pequenos ajustes: a saber: *mahsekā* (RSV, NEB, TEV) ao invés do TM *mahsi* (“meu refúgio”); ou *āmarta* (“disseste”, JB, Gelineau, RP, ARA) ao invés de TM *attā* (“tu”, ARC).

13. *Áspide* ou cobra-de-capelo (*peten*) é perigosa mesmo (ver sobre 58:4). Termos como este freqüentemente simbolizam homens e poderes malignos; cf., e.g. 58:3-6; Dt 32:33. Nosso Senhor, ao dar aos Seus enviados poderes especiais, advertiu-os contra o orgulho que estas vitórias poderiam induzir (Lc 10:19-20).

91:14-16. O compromisso de Deus.

Agora surge o oráculo da confirmação divina: uma mudança de voz tal qual se pode ouvir em vários salmos (e.g. 60:6-8; 81:1-16; 95:8-12).

A confiança que convida a proteção do Senhor já foi comparada ao nosso refugiar sob o abrigo dEle (1, 2, 9). Agora, esta confiança é analisada segundo três das suas partes componentes, e a salvaguarda divina se subdivide em oito aspectos.

A expressão *a mim se apegou com amor* se emprega, noutros contextos, ao fixar o coração sobre outra pessoa ou sobre um empreendimento. Como dedicação do homem a Deus, aparece somente aqui. Deuteronômio (7:7; 10:15) leva Israel a lembrar-se de que foi o compromisso de Deus, e não o do homem, que veio em primeiro lugar. *Conhece meu nome* é o segundo elemento, sendo que o relacionamento tem conteúdo racional, e depende da revelação (cf. 76:1; Êx 34:5-7). O terceiro elemento assevera a simplicidade disto: *ele me invoca*. No fundo, a vinculação é entre o Ajudador e os que não se podem ajudar — um assunto da graça.

Do lado de Deus, as oito expressões em 14-16, que descrevem as coisas que Se compromete a fazer, não são apenas oito aspectos da totalidade. Há, talvez, certo progresso cuja pista se pode seguir desde o conceito da Sua libertação inicial até àquele da Sua comunhão permanente (*com ele*), com as dádivas que a tudo coroam: glória, longevidade (lb; ver sobre 23:6, fim) e a salvação que já não se aguarda, pois já é vista. Para o cristão, estas últimas três dádivas (cf., respectivamente, Rm 8:18, 11, 23-25) revelam dimensões que só ocasionalmente ficam evidentes para os santos do Antigo Testamento.

Salmo 92

Os que esperam no SENHOR . . .

Este *Cântico para o dia de sábado* é prova suficiente, se tal for necessário, que o sábado do Antigo Testamento era um dia, não somente para o descanso, como também para o culto público (“uma santa convocação”, Lv 23:3), que visava ser um deleite, ao invés de ser um fardo. Se era, ao mesmo tempo, um teste da fé e da lealdade em contradistinação com a atração dos próprios interesses (“Quando passará a lua nova, para vendermos o grão? e o sábado . . .” Am 8:5; cf. Is 58:13-14), o quadro que o salmo nos oferece, de mundanos transientes e, em contraste, os fiéis que sempre renovam as suas forças, é duplamente apropriado.

O hino, "Sweet is the work, my God, my King", por Isaac Watts, é uma paráfrase feliz e iluminadora deste salmo.

92:1-4. Louvor incansável

Fica bem claro que é certo dar graças a Deus e cantar Seu louvor; aqui, porém, vamos adiante, chamando-o de *bom*: bom, sem dúvida, no sentido de que Ele, no Seu amor, dá valor a ele, assim como deu valor à Sua criação; bom, também, no entanto, no sentido de que nos edifica e liberta. As obras de Deus nos *alegram* (4) como também fazem os Seus caminhos (2) à medida em que entregamos nossa mente e voz (4b) à expressão da maravilha deles. O inverso disto se revelará na abertura da seção seguinte, nos vv. 5 e 6.

Voltando para ver alguns detalhes dos vv. 1-4: *cantar louvores* (1) é um único verbo no Hebraico, raiz da palavra que se traduz "salmo", e significa tocar um instrumento ou cantar acompanhado. Ver mais na Introdução, pág. 51, subseção 2. *Instrumentos de dez cordas* (3) é, em Hebraico "os dez". JB o chama de "cítara". No mesmo versículo, *solenidade* é "higaiom" (ver pág. 50) e *harpa* é o instrumento que Davi tocava diante de Saul; a maioria das versões agora concorda com a tradução "harpa".

92:5-9. A arrogância que não mede conseqüências

5, 6. Olhar para cima, em verdadeira adoração como nos vv. 1-4, é ficar, não somente "alegre" (4), como também pensativo, reverente diante da grande escala do desígnio de Deus (5). Em contraste, aqueles que são cegos diante de tudo isto, tornam-se "como os animais, que perecem" (49:10, 12, 20), que é a implicação literal da palavra *inepto* (6). Não tem nada a ver com a capacidade mental, mas somente com a utilização da mesma. Cf. Sainuel Johnson, escrevendo sobre os que nada mais pedem na vida a não ser estarem livres de cuidados: "É coisa triste; é brutal. Se um touro pudesse falar, poderia exclamar: — Aqui estou com esta vaca e este capim; qual criatura poderia desfrutar de mais felicidade?"¹³

7, 8. RSV e NEB acrescentam a palavra *que*, no início do v. 7, para indicar que aquilo que se segue é o que o "inepto" e o "estulto" (6) nunca compreendem, i.é, a brevidade do ciclo de vida dos ímpios (7). Desprezam, no entanto, aquilo que é crucial: a majestade de Deus, o tema do v. 5, para o qual o v. 6 mais provavelmente olha.¹⁴ Desta forma, o v. 7 introduz a conde-

¹³ J. Boswell, *The Life of Dr. Johnson* (Editora Everyman), I, pág. 464.

¹⁴ Assim entre outros, entendem Weiser, Gelineau, JB. A interpretação em RSV, ARA, etc., depende do fato de que a palavra *isto*, que se emprega sem qualificação, como no fim do v. 6, quase invariavelmente aponta para a frente: cf. e.g. Gn 42:18; 43:11, etc. Há, porém, exceções: Ez 21:27/21:32 Heb./, aponta para trás; e exemplos de um "isto" retrospectivo, composto com a preposição *be* ou com *be kol* são um pouco mais numerosos do que aqueles que são prospectivos: ver, e.g., SI 27:3; 78:32; Is 5:25, etc.; Jr 3:10; Ml 3:10; etc.

nação dos maus e o triunfo eterno de Deus, como assunto novo que agora será desenvolvido com alguns dos seus corolários. O verbo que se traduz *bro-tar* (7) ou “florescer” (12, 13) ajuda a ligar os versículos remanescentes pelo forte contraste que retrata. TEV aqui coloca a expressão forte: “ervas dani-nhas” (cf. JB). *Destruídos para sempre* talvez apenas aguarda o desapareci-mento deles do cenário, ou talvez dê a entender um contraste entre o fim deles e o dos justos, tal como em 49:14-15; 73:17 e segs.

9. Este versículo, com sua força cumulativa, tem semelhança percep-tível com certas linhas de Ugarite, escritas alguns séculos antes.¹⁵ Se estas li-nhas foram bem conhecidas, é possível que este versículo fosse uma asseve-ração deliberada de que é o Senhor, e não Baal, que triunfará, e que a Sua vi-tória livrará o mundo de toda a maldade, ao invés de sobrepôr um mero deus da natureza sobre seus rivais.

92:10-15. Vitalidade infinda

Mais uma vez, como no v. 4, o cantor intrepidamente faz das proezas do Senhor seu próprio deleite e herança. Se Deus “está nas alturas eterna-mente”(8), pode também erguer a minha cabeça — até *meu poder* (10); e se os inimigos dEle são dispersos (9), assim também são os meus (11).

Até algo da imutabilidade de Deus (*eternamente*, v. 8), é compartilha-da pelos Seus servos, na forma de vida que ressurge. Este aspecto é marcado pelas palavras “fresco” (10, 14c/ “verdor”/) e “florescer” (12, 13).

Examinando estas últimas mais de perto:

10. *Óleo fresco*, em semelhante contexto, fala com eloquência de uma unção ou consagração nova, para servir a Deus. Pode haver o pensamen-to adicional de preparar um “sacrifício vivo”, sendo que o verbo se emprega noutros trechos para o umedecer a oferta de manjares com azeite antes de apresentá-la no altar (Êx 29:40, *et. al*). Nalguns círculos cristãos, esta frase do salmo ainda enriquece as orações proferidas em prol dos ministros e pre-gadores.

12, 13. *Florescer*, em ambos os versículos, é o mesmo verbo que “brota” no v. 7, fazendo-se um contraste marcante, que é intensificado por detalhes adicionais do quadro. A *palmeira* é a concretização da graciosidade ereta; o *cedro*, da força e da majestade. A dignidade e estabilidade naturais deles aqui se ressaltam pelo lugar de honra que, segundo a figura, ocupam, e pela proteção da qual desfrutam nestas circunstâncias (cf. 52:8). Deixando-se as metáforas de lado, a conexão entre *a casa do SENHOR* e o florescimen-

¹⁵ Baal, a ponto de batalhar contra o mar e os rios, personificados, recebe estas palavras:

“Eis que teus inimigos, ó Baal,
Eis que a teus inimigos esmagarás,
Eis que esmagarás teus inimigos!”

Ver a Introdução, pág. 12.

to dos justos se explica na promessa de Is 40:31: "Os que esperam no SENHOR renovarão as suas forças . . ."

14. Ao invés de uma permanência estática e obstrutiva, pouco mais desejável do que a transiência do v. 7, este é um ponto alto satisfatório. Não é o verdor da perpétua juventude; pelo contrário, é o frescor¹⁶ da velhice sem esterilidade, como a de Moisés: "não se lhe escureceram os olhos, nem se lhe abateu o vigor" (Dt 34:7); sua sabedoria era madura, e sua memória, rica além de todo o cálculo. É um quadro que as doenças físicas e mentais muitas vezes podem limitar severamente, mas que oferece um padrão de perseverança espiritual, para o nosso encorajamento e, possivelmente, para a nossa repreensão.

15. O versículo final volta para a nota tônica do salmo, que não é a contemplação das nossas perspectivas, e, sim, o louvor a Deus. Os versículos iniciais nos conclamaram ao louvor (2) com os nossos lábios; a conclusão, com as nossas vidas. *Anunciar que o SENHOR é reto* é a frase que coroa aquilo para o que os vv. 12-14 nos conduzem; i.é, que, através da nossa vitalidade, não devemos apenas cantar, como também *ser* (em termos de Ef 1:12) "para o louvor da sua glória".

Salmo 93 O Trono acima do Tumulto

Aqui começa um grupo de salmos dirigidos a Deus como Rei, e que continua até Salmo 99 ou 100 (com a exceção de 94). O fato de que o grito: "Reina o SENHOR" (93:1; 96:10; 97:1; 99:1; cf. 47:8/9, Heb./) tem a forma de uma proclamação,¹⁷ mais do que uma declaração desvinculada do tempo, como a de 95:3, tem sugerido a alguns intérpretes que estas canções tiveram sua origem nalgum festival para celebrar a acessão do Senhor. Há uma breve discussão deste ponto de vista na Introdução, págs.18-29;¹⁸ aqui talvez baste dizer que a objeção a qualquer interpretação, a não ser aquela que olha para o futuro (quanto a ela, ver sobre 93:1,2), é que o Antigo Testamento não olha para trás para qualquer evento que investiu o Senhor, como o Marduque da Babilônia, com a soberania, e não faz provisão no seu calendário de festas Lv 23) para um festival de entronização. Para escutar a voz autêntica destes salmos, não precisamos de perícias sobre rituais: falam diretamente para nós.

¹⁶ Verdor (14) é a mesma palavra que "fresco" no v. 10.

¹⁷ Cf. 2 Sm 15:10; 2 Rs 9:13; nos Salmos, no entanto, é invertida a ordem das palavras.

¹⁸ Para um escrutínio mais profundo, ver A. Gelston, "A note on YHWH MLK" VT 16 (1966), págs. 507-512.

93:1, 2. O Rei

Há uma qualidade decisiva no original heb. para *Reina o SENHOR* que exige, no mínimo, um ponto de exclamação (como em TEV, “O Senhor é rei!”). Soa como uma proclamação, como na frase: “Jeú é rei” (2 Rs 9:13), embora, noutras maneiras, seja diferente daquela proclamação (ver o parágrafo inicial). Um paralelo mais verídico é o quadro que Isaías pinta das notícias da vitória, que chegam à Jerusalém desanimada, com o grito do mensageiro: “Reina o teu Deus” (Is 52:7). Confronta-nos, de novo, com um fato cujo impacto sobre nós talvez se tenha atenuado; além disto, seu tempo decisivo¹⁹ indica o futuro, o dia em que o Rei virá em poder — tema este que se destaca nalguns outros salmos deste grupo, especialmente 96 até 99, e que pode ser subentendido no restante deste versículo.

Revestiu-se . . . se revestiu: todos os versículos deste cântico, menos o último, reverberam com expressões duplas ou até tríplices, uma feição poderosa que compartilha com algumas das poesias bíblicas e cananitas mais antigas.²⁰ Aqui, a repetição saúda uma soberania que não é, de modo algum, abafada ou dormente: Deus aparece em plena magnificência, e armado para a batalha. Estes verbos são tão decisivos como o primeiro (ver supra). Embora Sua realeza, Sua glória e Seu poder sejam fatos sempre presentes, esta aclamação deles bem poderia ser um pulo para o futuro, prevendo o grande Dia do Senhor numa série de “perfeitos proféticos” (ver o comentário final no parágrafo acima), que já demonstram “a certeza das coisas que se esperam”.

A estabilidade que aqui se contempla não é inerente; o mundo físico é estabelecido (*firmado*, 1) somente porque *está firme o teu trono* (2), e o mundo dos homens apenas tem firmeza à medida em que aquele trono é reconhecido. A humanidade, de si mesma, sempre está em tumulto, conforme o retrato dado no v. 3 ou em Sl 46, onde “bramam nações, reinos se abalam”. O salmo, à altura da fé de Israel, remonta até ao próprio Criador, para aquilo que é eterno, não para aquilo que parece ser a eternidade da terra. Depois, pode olhar com confiança e propósito para a frente (5; cf. 90:2, 17; 102:25 e segs.).

93:3, 4. O tumulto

Não há, no interim, qualquer diminuição da realidade do “choque furioso das ondas”,²¹ cujo martelar (cf. NEB), mais do que *fragor*, se expressa na última palavra do versículo 3, e nas repetições implacáveis desta linhas.

¹⁹ Para o “perfeito profético”, ver sobre Sl 9:5-6, ou o segundo parágrafo sobre 86:13. Para um emprego especialmente claro do mesmo, ver 102:16/17, Heb./, onde os versículos anteriores deixam fora de dúvida o seu aspecto futuro.

²⁰ Ver as canções de vitória de Moisés e de Débora, Êx 15 e Jz 5. Ver também sobre Sl 92:9, e a Introdução, pág. 12, e as notas de rodapé.

²¹ S. Johnson, “City of God, how broad and far”.

Esta é, em figuras, a cena hostil que nos é bem conhecida no nível do chão, que aqui é enfrentada em toda a sua fúria com realismo bíblico; é vencida no v. 4, no entanto, com igual realismo, pela glória de Deus.²² Poderoso, em ambas as ocorrências (ver a nota de rodapé), tem o repique da majestade, como no Salmo 8:1/2, Heb.; e a apresentação que este salmo faz da majestade nas alturas pode ainda acrescentar seu próprio tom viril à nossa invocação de Deus, “que estás no céu”.

93:5. O reino da justiça

Aqui está a verdadeira glória de Deus, não da mera força, e, sim, do caráter: dá segurança sem limites, e tem exigências totais. *Teus testemunhos, ou “afirmações”*, um termo que ressalta o fato de que a Escritura descansa sobre a integridade de Deus, que garante as declarações, promessas, advertências e mandamentos dela. É uma palavra que pertence ao grupo sobre o qual o Salmo 119 dá todas as variações.

Na segunda linha, NEB ressalta a força da palavra *convém*, com a sua tradução: “a santidade é a beleza do teu templo” (cf. Ct 1:10, “formosa”; Is 52:27, “formosos”, os únicos outros lugares onde ocorre). A santidade de Deus é a glória interna do templo em primeiro lugar; a santidade do homem, mediante a dádiva da parte a Deus, é a única resposta condigna. O Novo Testamento relaciona este fato ao templo vivo, a igreja, com igual rigor: “Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado” (1 Co 3:17).

Todas as ênfases deste salmo, no entanto, são positivas, e ele termina ao abrir novo panorama nas duas palavras finais. *Para todo o sempre* é, literalmente, “para o cumprimento dos dias” (2 palavras em Hebraico), como na frase final do Salmo 23. Aqui, como ali, a duração não se define, e fica para o Novo Testamento a exploração adicional deste tema, descobrindo que é tão eterna como o próprio Deus. (Ap 21:22 – 22:5).

Salmo 94 Um Deus que Castiga

Este título foi tirado da primeira linha da tradução TEV, sendo que o “castigo”, conforme o desenvolvimento da nossa língua, é uma palavra menos sobrecarregada com interpretações do que “vingança”, embora ainda seja assunto de controvérsia. Para uma discussão deste tema nos Salmos ver págs. 38-44. O tom, no presente Salmo, é urgente, mas, por debaixo dele, há um espírito refletivo e basicamente confiante: uma convicção da consistência

²² RSV e a maioria das versões modernas supõem um pequeno erro de ortografia na linha central (propondo *'addîr mîmmîšbêrê* ao invés de *'addîrîm mîšbêrê*), mas RV e ARA fazem sentido perfeitamente bom com o texto existente (TM).

de Deus consigo mesmo que é semelhante àquela do 37 e do Livro de Provérbios, e uma fé pessoal ardente que conhece, em primeira mão, a fidelidade de Deus.

94:1-3. Um caso para o Juiz

Há base melhor do que fé naquilo que o salmista quer que seja verdade neste apelo ao *Deus das vinganças* (ou “castigo”; ver supra) e ao *juiz da terra*, sendo que o próprio Deus emprega ou aceita estes termos em duas passagens famosas na Lei (Dt 32:35; Gn 18:25). Desta forma, a única pergunta acerca do poder do mal é *até quando?* (3); não há lugar para a suspeita aleijante de que Deus, talvez, é cego (7), ou de que Ele fechou negócio com as trevas (20). Nada alterou o Sol nem corrompeu o Juiz: trata-se apenas de uma noite longa (1b, 2a).

94:4-7. A brutalidade jactanciosa

Estes tiranos não são necessariamente estrangeiros; podem, igualmente, ser de origem nacional, tais quais Manassés ou os inimigos de Isaías 5:18 e segs. O escárnio do v. 7 sempre tem sido plausível; o que o zombador não percebe é a demonstração condenadora que faz de si mesmo quando imagina que pode fazer o que bem entender. Este fato, na realidade, faz parte do propósito de Deus em guardar silêncio: cf. 50:21. No ínterim, as palavras deste lamento contêm o germe da sua própria resposta nas expressões: *o teu povo* e *a tua herança* (5), que hão de florescer no v. 14, onde reaparecem com as suas implicações agora desdobradas.

Os dois versículos que acabam de ser mencionados, versículos 5 e 14, podem acrescentar profundidade e altura à oração familiar de 28:9²³ em prol da igreja de Deus, citada no *Te Deum* e noutras partes do Livro de Orações da Igreja Episcopal.

94:8-11. A estupidez embrutecida

O contra-ataque pode se revelar a defesa certa numa batalha deste tipo, onde o cético se torna dogmático. O salmista não se impressiona: retoma a zombaria dos atacantes e a joga de volta contra eles, conforme NEB indica na sua tradução de 7b e 8: “dizem: ‘... o Deus de Jacó não dá atenção’. Prestem atenção vocês, os mais embrutecidos entre os povos”. Além disto, retoma parte da sua própria expressão: “até quando ...?” (3), no *quando do v. 8*. Ao empregar um verbo no lugar de um adjetivo para a palavra *estúpidos*, no entanto, ressalta o comportamento mais do que a capacidade. Estas pessoas estão adotando um ponto de vista irracional sobre a vida; são capazes de coisas melhores, e o salmista agora apela para eles no sentido de usarem as suas mentes.

²³ Ver também o comentário sobre aquele versículo, pág. 143.

9, 10.²⁴ A lógica é inescapável, uma vez que se aceita a premissa de que Deus é o nosso Criador. O que o salmo não contempla é o absurdo supremo, reservado para o homem moderno, de rejeitar até isto. Quanto ao ponto de vista bíblico de semelhante negação, na prática, embora dificilmente existisse na teoria, ver sobre 14:1.

11. Este versículo não faz pouco da mente, conforme demonstram os vv. 8-10; critica, sim, as opiniões airoas e as maquinações fúteis (ambos os substantivos são aspectos da palavra *pensamentos*) do homem por si mesmo. Ter suficiente reverência para excluir: "Os teus pensamentos, que profundos!" (92:5), e "os pensamentos do homem . . . são pensamentos vãos", é o princípio do conhecimento. Ver também Is 55:8-9.

94:12-15. A bênção da paciência

12. Este versículo se encaixaria bem em Provérbios onde, especialmente, a palavra "repreender" resalta o papel da edificação do caráter na escola da sabedoria. Aqui, porém, é o aluno quem fala, e não o mestre, e estas palavras são um triunfo da fé: uma reação positiva às perturbações do momento (1-7), e uma aceitação pessoal de uma verdade geral, que seria mais fácil aplicar à "nação" do que a si mesmo.

13. *Descanso*: a palavra hebraica tende a se empregar da quietude interior diante de perturbações externas (e.g. Is 7:4: "aquieta-te; não temas"; cf. Is 30:15). JB dá a paráfrase: "Sua mente está em paz, embora os tempos sejam maus". Na economia de Deus, a cova que se abre para o ímpio é, em grande medida, escavada pelo próprio ímpio (9:15); e isto não se faz num só dia, nem sem devastação geral.

14. Há base bem sólida para esta declaração, sendo que uma pessoa se retrai de um compromisso somente por razões de necessidade ou de inconstância, nenhuma das quais se pode aplicar a Deus. Esta é a resposta à aflição do v. 5, ver o comentário ali. Foi por razões semelhantes a esta que nosso Senhor viu subentendida a ressurreição dos mortos numa declaração pouco conspícua de Moisés (Mt 23:31-32).

15. Numa promessa um pouco difícil quanto à interpretação, onde o Hebraico diz *justiça* em vez de "os justos", JB não é muito fluente, mas é mais exata do que a maioria das versões: "pois o veredito voltará de novo à retidão, e, na esteira dele, todos os corações retos"; cf. a paráfrase de TEV, Gelineau. Esta retidão na vida pública é um ideal bastante modesto, mas suas bênçãos são imensas, inspirando os profetas à poesia e os salmistas ao cântico: e.g. Is 11:3 e segs.; 32:1 e segs.; 72:21 e segs.

²⁴ O v.10 talvez convide a emenda de NEB, TEV (*midda'at*, ou *h'lo' y'eda'* ao invés de TM *da'at*), para fazê-lo acompanhar 9, 10a; o TM, no entanto, faz sentido como em RSV, JB, ARA, aceitando-se a possibilidade de dividir os três versículos em dois grupos de três linhas cada, como em, e.g., 93:3, 4.

94:16-19. O único campeão

Finalmente, as preocupações de “mim” e “meu” têm a oportunidade de se expressarem, e a disposição de alma é tanto sóbria como grata. Não fora uma viagem fácil: pelo contrário, fora solitária (16-17; cf. 2 Tm 4:16-17), precária (18; cf. 1 Sm 20:3b no ambiente físico; Sl 73:2 no espiritual) e carregada com cuidados (19; cf. 2 Co 11:28). Apesar disto, cada um destes fatos ressaltou seu próprio aspecto do caráter de Deus: firme (16-17), forte (18) e animador (19); aspectos estes que, doutra forma, teriam sido conhecidos principalmente por aquilo que os outros dizem.

94:20-23. O julgamento certo

A experiência, no entanto, não é tudo. A pergunta do v. 20 espera a resposta “Não”, porque Deus Se revelou, não por causa da direção que as coisas tomam. “Do lado dos opressores havia poder” (Ec 4:1, RSV), e, do lado do *mal*, o prestígio da lei. Juntamente, sem oposição, podem muito bem tomar o aspecto da normalidade, como se o próprio Deus as aceitasse como as realidades da vida. Em contraste com isto, o salmista sabe os fatos certos: ver outra vez sobre os vv. 1-3.

Assim, o último versículo olha com confiança para o futuro, para aquilo que o primeiro versículo peticionou; e o Novo Testamento não tem nada contra esta idéia — sempre supondo que se trate de pecado não arrependido, uma condição que ambos os Testamentos tomam por certo (Jr 18:8; Jo 12:46-48).

Neste ínterim, o v. 22, em metáforas que relembram os salmos de Davi, se regozija naquilo que é melhor do que a justiça: o Deus vivo que, como *baluarte, rochedo e abrigo*, demonstrou-Se mais do que suficiente para qualquer coisa que o inimigo pudesse enviar.

Salmo 95

Como se Deve Adorar

Desde os tempos mais antigos, a igreja cristã tem feito bastante uso deste salmo (conhecido como *Venite*, que, em Latim, significa *Vinde*), como convocação e orientação para o culto. Sua conclusão austera contrabalança a abertura exuberante, com o mesmo realismo daquele dos profetas com sua exortação no sentido de os belos gestos serem acompanhados com atos nobres. Esta mudança abrupta de tonalidade levou Wellhausen e outros a analisar este salmo em dois fragmentos desconexos; a maioria dos estudiosos recentes, no entanto, vêem nela uma unidade, composta, talvez, para a Festa dos Tabernáculos, quando o povo de Deus revivia, simbolicamente, seus tempos de acampamento no deserto. O companheiro mais próximo deste salmo é 81, onde, outra vez, irrompe a voz de Deus, presumivelmente através de um cantor sacerdotal ou profético, para desafiar Israel com as reivindicações da aliança.

Hb 3:7 – 4:13, porém, fazendo exposição deste salmo, nos proíbe de confinar a Israel o seu impacto. O “Hoje” do qual ele fala é este mesmíssimo momento; O “vós” não se refere a ninguém mais senão a nós mesmos, e o “descanso” prometido não é Canaã, e, sim, a salvação.

A LXX atribui o salmo a Davi, mas neste ponto vai além do texto hebraico, que o deixa anônimo como seus companheiros. Hb 4:7 o cita como a palavra de Deus “em Davi” não “por Davi”, “através de”, como é a interpretação de RSV, ARA, etc.), mas isto não precisa significar mais do que “no Saltério”.²⁵

95:1-5. Regozijo

Vir cantando para a presença de Deus não é a única maneira – cf. o “silêncio” de 62:1; 65:1; ou as lágrimas de 56:8 – mas é a maneira que melhor expressa o amor. Assim, antes de nos tornar pequenos diante dEle (conforme devemos, 6-7), saudamo-Lo aqui com entusiasmo desacanhado, como nosso Refúgio e nosso Salvador (1). Os clamores a plenos pulmões que se sugerem nos verbos dos versículos 1 e 2 sugerem uma aclamação apropriada para um rei que é o salvador do seu povo. Como a maioria dos verbos deste salmo, são fortemente recomendados para nós como adoradores, e até nos dirigimos uns aos outros, para garantir que nos comportemos à altura da ocasião, sem irmos entrando ao léu nos Seus átrios, preocupados com outras coisas, e apáticos.

3 e segs. Não se trata, porém, de uma animação forçada: a palavra explanatória *Porque* introduz uma razão maior do que o próprio mundo, visível e invisível, um fato cujas implicações se declaram nas listas de Paulo das “coisas nos céus e na terra”, “principados . . . poderes . . . altura . . . profundidade”, que foram criadas por meio de e para o Filho de Deus; que no fim terão que se curvar diante dEle; e as quais, no ínterim, nada podem fazer para nos separar do amor dEle (cf. Cl 1:16; Fp 2:10; Rm 8:38-39). Na realidade, o próprio mundo é nosso, enquanto “nós somos de Cristo, e Cristo, de Deus” (1 Co 3:22-23). O que o Novo Testamento expõe em detalhe, este salmo transmite por implicação, com alguns toques gráficos na repetição de *dele . . . dele*, e no quadro deste mundo imenso e variado²⁶ não somente como formado por uma mão pessoal (5), como também por ela sustentado (4).

²⁵ Quanto a esta preposição (*en*) para localizar uma passagem da escritura, cf. o Gr. de Rm 9:25; 11:2. Cf. a preposição *epi* em Mc 2:26; 12:26.

²⁶ *Profundezas* contém a idéia de alguma coisa que precisa de ser sondada; “lugares longínquos”, de NEB, transpõe duas consoantes heb., conforme a LXX, mas isto não é realmente necessário. *Alturas*, ou “píncaros”, é uma palavra rara; seu emprego em Nm 23:22 (“chifres” em RSV), sugere tal sentido, mas AV interpreta como “forças” em ambos os trechos, e NEB acha na palavra a idéia de curvatura: daí, “chifres curvos” em Nm 23:22, e “dobras das colinas” aqui. O contraste entre “profundezas” e “alturas”, porém, parece o mais provável.

Para os pagãos, incidentalmente, *o mar* pode representar uma potência ainda mais antiga do que os deuses, que não foi conquistada sem uma luta tremenda. A distância entre este conceito e a simplicidade de *Dele é o mar, pois ele o fez* é imensa.

95:6-7b. Reverência

Esta é a nota profunda e básica do culto, sem a qual o som de júbilo da abertura ficará estridente e auto-complacente. Cada um dos três verbos principais do v. 6 se ocupa em abaixar-se diante de Deus, sendo que a palavra-padrão para *adorar* nas Escrituras significa “prostrar-se”: cf., e.g., Abraão em Gn. 18:2. Aqui, um ato público de homenagem é colocado insistentemente diante de nós, como parte do serviço que devemos a Deus, aceitando o nosso próprio lugar e reconhecendo o dEle. Ao mesmo tempo, é uma coisa íntima, e não o tributo de estranhos. As metáforas familiares do v. 7 expressam Seu compromisso aos Seus, que é constante (nosso Deus), e Seu cuidado, que é suficiente para tudo (*seu pasto*) e pessoal (*sua mão*). Ele não é como o pastor mercenário.

95:7c-11. A resposta

“Escutar a Sua santíssima palavra” aqui se apresenta como um dos atos primários da adoração. E *ouvir* ou “escutar” muitas vezes tem a dimensão adicional em Hebraico de “obedecer”, para o qual o Antigo Testamento não tem, virtualmente, nenhuma outra palavra (cf. “obedecer” e “atender” em 1 Sm 15:22). Assim, o adorador que canta este salmo recebe a lembrança de que deve perguntar-se *como* escutará — será com obediência? — e qual é a *voz* que ouve.²⁷

Quanto a palavra crucial *hoje*, conforme se expõe em Hb 3 e 4, ver o comentário no v. 11, acerca do descanso de Deus.

8, 9. As palavras *me* e *minha*, etc., agora nos mostram uma troca de quem fala, para a qual a última linha do v. 7 nos alertou. Os vv. 8-11 deveriam ficar entre aspas, assim como 50:7 e segs.; 60:6b-8; 81:6-16, pois trata-se do oráculo da parte de Deus.

É uma ducha fria de realismo; e foi duplamente assim no caso da sua situação histórica ter sido, em primeiro lugar, a Festa dos Tabernáculos, quando Israel, em ambiente festivo, lembrava-se do deserto (Lv 23:40-43), sendo, sem dúvida, tentado a romantizar aquele período como era idílica. Desta forma, os fatos sóbrios de então e de agora são aplicados a nós.

Meribá e *Massá*, “disputa” e “provação” são dois nomes de localidades, que resumem o espírito azedo e cético de Israel na sua viagem pelo deserto, e vinculam a crise inicial em Refidim (Êx 17:1-7), com a crise final em

²⁷ A variação atraente em NEB (cf. RP), “conhecereis hoje o poder dEle se escutardes a Sua voz”, não passa de uma rede de conjecturas.

Cades, que causou a Moisés a perda da terra prometida (Nm 20:1-13). Enquanto, porém, poderíamos ter esperado que a ênfase recaísse sobre Meribá e o pecado de disputar com Deus, o v. 9 retoma o pensamento de Massá ("provação"), com seu padrão de recusar a acreditar na palavra de Deus. Este é o perigo básico, o "coração mau e descrente", contra o qual Hb 3 e 4 ainda acham necessário nos advertir.

10. *Desgostado* é a tradução exata da palavra hebraica, tanto aqui como na maioria dos demais contextos (e.g. Ez 36:31). É palavra profundamente pessoal, sem, porém, ter qualquer sugestão de capricho: trata-se do senso, que foi ultrajado, daquilo que é próprio e daquilo que é vergonhoso.

11. *Meu descanso* tem mais de um sentido, conforme fica claro em Hb 3 e 4. No que diz respeito ao Êxodo, significava a terra de Deus, onde o povo se estabeleceria, e paz que se desfrutaria nela (cf. Gn 49:15; Sl 132:14; 1 Rs 8:56). Hb 4: 1-13, porém, argumenta que o salmo ainda nos oferece, mediante o seu *Hoje* enfático, um descanso além de qualquer coisa que Josué conquistou, a saber: a participação do descanso sabático do próprio Deus, desfrutando da Sua obra completa, não meramente da criação como também da redenção. Os que se deixaram vencer, que voltaram para trás no deserto (conforme nos advertem o Salmo e a Epístola), podem ser apenas sombras pálidas da nossa própria pessoa, se nos recuarmos da nossa grande herança.

Ao terminar com esta nota, o salmo sacrifica a graciosidade literária à urgência moral. Se este é um salmo que trata da adoração, não poderia dar uma indicação mais franca de que o coração do assunto é severamente prático: nada menos do que o dobrar da nossa vontade, e uma renovação da nossa peregrinação.

Salmo 96 Rei do Mundo

Ao narrar para nós a entrada triunfal da arca em Jerusalém, o Cronista escreve por extenso quase a totalidade deste salmo, com partes de mais dois (105, 106), como a parte de destaque do seu capítulo. O simbolismo da marcha, ao fim da qual Deus coroou Suas vitórias ao estabelecer Seu trono no lugar que fora a cidadela do inimigo, é acompanhado pelo tema do salmo, embora 1 Cr 16 não alegue que foram necessariamente estas as mesmas palavras que foram cantadas naquela ocasião.²⁸

²⁸ Pode ser que fossem. Embora Sl 106:47 (1 Cr 16:35) pareça exílico, havia prisioneiros e refugiados judaicos em todos os períodos. 1 Cr 16:7, porém, deixa sem definição o relacionamento exato entre os salmos e a narrativa. AV coloca duas palavras e NEB coloca um ponto para solucionar a questão, mas o Hebraico não se declara neste ponto.

SALMO 96:1-6

O desenvolvimento de palavras e frases repetidas (e.g. “cantai . . .” “tributai . . .”, “porque Ele vem . . .”) dá ao salmo um vigor insistente (ver sobre 93:1) e contribui para o ambiente de emoção quase irreprimível por causa da perspectiva da vinda de Deus. A “ardente expectativa” da criação, da qual Paulo fala em Rm 8:19, irrompe aqui em cânticos no momento do cumprimento.

Quanto ao festival que possivelmente teria originado este salmo e dos seus companheiros, ver os comentários e referências do Salmo 93.

96:1-6. A glória do Rei

Nada de desanimado, nada de introvertido, nada de abatido, é apropriado para o louvor a Deus. Há um crescendo natural no “Cantai . . .” tríplice, e a visão de *todas as terras* como coro apropriado de Deus será sustentada em todos os versículos. O *cântico novo* (cf. 33:3) não é apenas uma peça recém-composta, embora naturalmente inclua as tais. E, sim, uma resposta que será à altura do frescor das Suas misericórdias, que são “novas cada manhã” (cf. Anderson aqui).

2, 3. Com a palavra *proclamaí*, a direção do fluxo se altera, em direção ao homem ao invés de em direção a Deus, pois esta é uma palavra para um mensageiro: “leva as notícias” (cf. 68:11; Is 52:7; 61:1). A LXX, aqui e noutros lugares, a traduz pelo verbo grego que deu origem à nossa palavra “evangelizar”, que aqui se emprega quase no nosso sentido moderno de levar novas de Deus ao mundo em geral. Pode ser que haja uma lição oculta nesta sequência (primeiramente para cima, para Deus, e depois para fora, para o homem): uma correção tanto para a adoração estática como para a pregação superficial.

4, 5. Há lugares no Saltério onde *deuses* é termo para anjos e potentes (ver sobre Salmo 82; também sobre 8:5; 95:3), mas aqui são claramente os deuses irreais dos pagãos. O termo *ídolos* é *‘elilîm*, que o Antigo Testamento trata como mera paródia de *‘elôhîm* (Deus). É a palavra que se traduz como “que vale nada” em Jó 13:4 (“médicos que não valem nada”) e Jr 14:14 (“adivinhação vã”, RSV). Seu desafio robusto às idéias aceitas daqueles dias convida o cristão a ser igualmente isento de se impressionar com a insensatez que atualmente é reverenciada, seja qual for a sua descendência ou apoio oficial. A segunda linha do v. 5 ainda é uma resposta válida àqueles que gostariam de deixar de lado a questão da criação, e de começar suas meditações nalgum ponto secundário.

6. Se perguntarmos se este *santuário* é celestial ou terrestre, a resposta seria, provavelmente, “ambos”. O terrestre era “figura e sombra” do celestial (Hb 8:5); a *força e formosura* (cf. Êx 28:2; 31:3 e segs.) externas dele, no entanto, seriam superadas pela glória interna de Cristo, o verdadeiro santuário terrestre (Jo 1:14; 2:21). Há, outrossim, um contraste significativo em Is 28:1-6, entre o brilho que se apaga das mostras humanas, e a beleza e

firmeza permanentes com as quais Deus coroa aqueles que perseveraram.

96:7-9. O tributo do Rei

O tríplice *Tributai* . . . (lit. “dai”), como o tríplice “Cantai . . .” dos vv. 1 e 2, é uma conclamação emocionante, que repete quase exatamente a abertura de 29. Esta vez, no entanto, é a raça humana, e não as hostes angelicais, que se conclama; daí o convite: *trazei ofertas*. Esta última palavra (*minhã*) se emprega tanto das dádivas que um rei esperava (cf. 45:12/13, Heb./; 2 Rs 17:4), como daquelas que Deus indicou como meio de se chegar à Sua presença, por enquanto (20:3/Heb./; mas 40:6/7, Heb./; Hb 10:5-10).

9. *Na beleza da sua santidade*: ver sobre 29:2. Nota-se que os dois aspectos da *adoração* que foram discutidos em 95:6 estão presentes neste grupo de versículos. NEB vê um terceiro aspecto aqui, ao traduzir *tremei diante dele* como “dançai na Sua honra”; embora este seja um conceito válido (cf. 150:4), não é um sentido provável neste ponto.²⁹

96:10-13. A vinda do Rei

Assim, o salmo avança para seu clímax. Se o grito: “O Senhor reina!” era uma mensagem para Israel em primeiro lugar (cf. 93:1, e o comentário), como aquele do mensageiro solitário em Is 52:7, aqui há uma multidão de mensageiros que o espalha para o mundo. O aspecto decisivo do verbo hebraico e a resposta exultante em 11-13 indicam uma nova asseveração asseverante da soberania mais do que uma verdade teológica infinita. Anuncia o advento de Deus, o Dia do Senhor.

O que significará para o mundo, ser *firmado e não abalado* (10), se vê melhor contra o grande número de nações enfurecidas e regimes em colapso que se retrata em, e.g., 46:6. A primeira e a última linha do v. 10 tornam claro, além disto, que esta é uma profecia de um governo perfeito, não um pronunciamento sobre — entre todas as coisas! — a rotação da terra, conforme sugeriu uma antiga controvérsia.³⁰ Os resultados desastrosos da Queda serão substituídos pela única “liberdade perfeita”, que é a de servir a Deus.

11 ss. Esta saudação extática tinha seu equivalente humano no Domingo de Ramos, como uma indicação, também, de que, tendo só um pouco de

²⁹ O verbo significa “girar em derredor” ou “contorcer-se”, e assim dá origem a dois grupos de substantivos, que significam, respectivamente, “dança” e “angústia”. O verbo, no entanto, quase sempre tem o sentido mais sombrio, e Dt 2:25 (um paralelo próximo do nosso versículo) tem: “tremei diante de ti”. A própria NEB tem “contorce-se de dor” em 97:4. Além disto, a versão em 1 Cr 16:30 emprega uma preposição composta que faz a expressão “em Sua honra” menos plausível do que aqui.

³⁰ Outra curiosidade na história deste versículo é a inclusão das palavras “da madeira”, depois de “o Senhor reina” no Saltério de Verona (século VI) bilingüe (Grego/Latim). Este acréscimo deixou sua marca em vários hinos que falam de Cristo que reina “do Madeiro”, e talvez tenha tido sua origem no “bosque” do v. 12.

oportunidade, “as próprias pedras fariam”. Quanto mais os mares, campos e bosques, cheios de seres vivos. A crença do homem caído, de que a *justiça*, a *verdade* (i. é, confiabilidade), o reino da justiça e o próprio Senhor, são os inimigos da felicidade, é desmentida por esta passagem. Dá a entender que, onde Deus reina, Suas criaturas mais humildes podem ser aquilo que são; onde está Deus, ali há cânticos. Na criação, “as estrelas matutinas cantaram juntamente”; na Sua vinda, a terra finalmente voltará a juntar-se ao cântico; no ínterim, o próprio Saltério demonstra qual efeito tem a presença dEle sobre os que, mesmo como se por um espelho, obscuramente, já vêm o Seu rosto.

Salmo 97 A Majestade Formidável

Este salmo, com seus companheiros, especialmente seus vizinhos imediatos, canta da vinda de Deus como rei universal. Enquanto, porém, os Salmos 96 e 98 captam o puro deleite que aguarda o mundo do porvir, aqui a condenação dos rebeldes ressalta o lado mais escuro do evento. Se 96:10 e segs. retratou, por assim dizer, a volta ao lar de um mestre querido, este salmo mostra a aproximação temível de um vencedor.

97:1-5. A presença ardente

Seja o que mais é trazido pelo advento de Deus,³¹ a alegria da libertação alcançará o mundo inteiro — fato este que se torna vívido pelas *muitas ilhas*, um termo favorito de Isaías para os postos avançados remotos e inúmeros da humanidade.³² Cada salmo deste grupo (93-100) tem o tema de império universal.

2 e segs. O Sinai (Êx 19:16, 18) e o Cântico de Débora (Jz 5:5) contribuem para este quadro do impacto aterrorizador da presença de Deus.³³ *Nuvens e escuridão* advertem que Ele não pode ser aproximado por causa da Sua santidade, e que permanece oculto ao homem presunçoso (embora o aspecto de ser oculto nada deva ao capricho: 2b), enquanto o *fogo* e os *relâmpagos* revelam uma santidade que é, além disto, devoradora e irresistível (cf. Hb 12:29). Não há escape. Falar em montanhas que se derretem é ver desaparecer os monumentos mais imemoriais, e dissolver os mais sólidos refúgios.

97:6-9. Os deuses prostrados

Aqui há a mesma mistura de deleite e de consternação que aparecem

³¹ Para esta implicação da expressão *Reina o SENHOR*, ver sobre 93:1.

³² E.g. Is 24:15-16; 40:15; 41:5; 42:4, etc.

³³ Cf. as demais teofanias em Sl 18:7 e segs.; Is 6:4; Ez 1:4 e segs.; Na 1:5; Hc 3:3 segs.

nas predições da vinda de Cristo no Novo Testamento, quando “todos os povos da terra se lamentarão” (Mt 24:30; cf. Ap 1:7) enquanto Seu povo se regozija. A ênfase agora cai sobre a divindade exclusiva do Senhor, em contraste com os deuses fictícios do paganismo em primeiro lugar (7a, b³⁴), e todos os anjos (*deuses*, 7c) em segundo lugar. Embora *deuses* em 7c ainda pudesse ser uma referência aos deuses falsos, como em 96:5a, também é um termo para seres sobrenaturais (ver as referências dadas em 96:4, 5); e em Hb 1:6 estes “deuses” são interpretados como sendo anjos, como na versão grega (LXX) desta linha, ou de uma outra que se lhe aproxima estreitamente.³⁵ A Epístola, aliás, expõe este evento real como sendo aquele de Deus Filho, “o primogênito”. Além disto, apoia a compreensão do v. 7 como exortação, mais do que uma declaração, conforme sugerem RSV e TEV.

8. Este versículo é quase idêntico a 48:11, ver o comentário ali. Assim, traz consigo o espírito jubiloso daquele salmo, onde a vitória de Deus já foi testada de antemão, conforme parece, por uma grande libertação da cidade literal de Sião.

9. *Altíssimo* é *‘elyôn*, um título de Deus que se vincula especialmente com o culto prestado a Ele em Jerusalém (cf. “Sião”, 8), sem, porém, deixar de levar consigo sua própria lembrança, como aqui, que toda a terra e o céu são dEle. Encontramos o nome em primeiro lugar com o rei-sacerdote Melquisedeque, que estava bem consciente do sentido do mesmo (Gn 14:18-19). O paradoxo de um soberano tão grande adorado por um círculo tão reduzido continua até o presente, mas o salmo inteiro olha para além destes limites, repreendendo nossas idéias tão pequenas. A seção final passará a detalhar este aspecto.

97:10-12. O brilho radiante dos justos

O encorajamento para ficar firme até ao raiar do dia e à chegada da vitória é a nota final do salmo. O texto de 10 a é mais direto do que muitas traduções modernas: *Vós, que amais o SENHOR, detestai o mal!*³⁶ Segue-se a garantia: “ele guarda . . .”, etc.; pois tomar tal posição custa caro.

Guarda também pode ser interpretado “vigia sobre”, e *almas* é uma palavra que abrange a personalidade total. É uma promessa da defesa e cuidado vigilante de Deus, e não uma garantia contra acidentes. A última linha

³⁴ *Ídolos* (RSV “ídolos sem valor”) representa a palavra única que se traduz assim em 96:5, ver a nota ali.

³⁵ Para o ponto de vista de que a Epístola está citando uma linha de Dt 32:43 que não está no TM, ver, e.g., F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews* (“A Epístola aos Hebreus”) (New London Commentary, Marshall, Morgan & Scott, 1964), pág. 15-16.

³⁶ As alterações de RSV (*‘ôhêb* e *sôn’ê* em vez de TM *‘ohâbê* e *sîn’û*) produzem uma frase mais fluente, ao formar um paralelo entre “ama” e “preserva”: “O SENHOR ama os que detestam o mal: preserva as almas . . .”. Há, no entanto, pouquíssimo apoio textual, e a fluência não é um critério seguro.

(10c), de modo semelhante, se revelará verdadeira de várias maneiras: cf. a certeza que há nas palavras: “ele nos livrará . . . das tuas mãos, ó rei”, que vierem acompanhadas por uma mente aberta quanto ao método que Deus escolheria (Dn 3:17-18).

11. A luz *raia* (ao invés de “é semeada”, AV, RV) decerto é a leitura certa aqui, seguindo certo MS hebraico e todas as versões antigas.³⁷ O pensamento forma um paralelo com a parelha clássica em 30:5 (ARC): “O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã”. Trata-se de fatos, não de desejos, pois é o alvo da totalidade da história.

12. Não devemos, no entanto, esperar pela “aurora” (ver supra). O espírito inteiro do salmo tem sido encarar a vitória final como se já fosse um fato consumado. O imperativo, *Alegrai-vos*, retoma o substantivo “alegria” de 11b, como algo a ser exercido e não apenas contemplado. Quanto ao ser prático este conselho, podemos comparar Hc 3:17-18. Quanto ao seu valor, 2 Cr 20:21-22.

Salmo 98 Rei e Salvador

Este salmo, com o nome de *Cantate Domino* (“Cantai ao Senhor”), foi colocado, no Livro das Orações (Anglicano) entre a leitura do Antigo Testamento para a tarde, e seu cumprimento no Novo Testamento. É um companheiro íntimo do 96, só que se dedica integralmente ao louvor. Aqui, não há comparações com os pagãos, nenhuma instrução quanto à adoração correta: tudo é alegria e regozijo.

98:1-3. A vitória de Deus

Vitória, a palavra que domina esta estrofe (1, 2, 3) e que dá vazão a um *cântico novo* (quanto a este, ver sobre 96:1; 144:9), é uma palavra mais rica nas Escrituras do que entre nós. Seu aspecto principal é a “salvação”, como no nome de “Jesus”; assim, encara tanto o amigo (com salvação) como o inimigo (com vitória), e é suficientemente grande para combinar a dura decisão da última com a compaixão e construtividade da primeira. Esta *salvação*/ vitória é totalmente sobrenatural, uma proeza realizada exclusivamente pelo Senhor. O aspecto sobrenatural se expressa no termo *maravilhas*, que é mais do que um superlativo, um termo-padrão para as intervenções milagrosas de Deus, tais como aquelas no Êxodo (106:7), para salvar Seu povo. O aspecto de a luta ter sido vencida por Um só se apresenta de modo comovente em Is 59:15ss.; 63:1-6; é um de vários elos entre Isaías e este grupo de

³⁷ No texto consoantal, trata-se da diferença entre z - r - ‘ (“semeado”) e z - r - h (“surge”, “aparece”). Este último verbo se emprega regularmente do raiar do sol.

salmos (ver sobre vv. 4 e 8). O Novo Testamento nos mostrará com definição mais precisa tanto o Salvador como a salvação, tanto a vitória inicial (Hb. 10:14) e sua consumação (Ap 19:11 e segs.).

2, 3. O significado de *vitória* (ver sobre v. 1), agora se inclina para o lado salvífico do seu conteúdo em ambos estes versículos, pois as *nações* e a *terra* inteira a vêem com alegria, conforme deixa claro o restante do salmo. Da mesma forma, a “vindicação” (RSV) deve ser traduzida *justiça* (NEB, JB, ARC, ARA), que é seu significado primário; trata-se da justiça no seu sentido positivo de retificar aquilo que está errado.³⁸

98:4-6. O cântico de vitória dos homens

O cântico jubiloso dos vv. 4 e 6 nos encontra noutros trechos como o grito espontâneo tal qual aquele que pode saudar um rei ou um momento de vitória. É a palavra que é traduzida “exulta” em Zc 9:9, a profecia que foi cumprida no Domingo de Ramos. A alegria espontânea daquela hora nos dá alguma idéia destas boas vindas maiores, assim como também este grupo de versículos e catálogo de instrumentos. *Aclamai* é uma expressão favorita em Isaías (e. g. Is 14:7; 44:23; 55:12 — com traduções diversas) para semelhante irrompimento de júbilo, grande demais para ser contido. Mesmo assim, como louvor humano, é articulado, e enriquecido com perícias e associações que a ele contribuem. O verbo, *cantai louvores*, é a fonte da palavra “salmo” (ver a Introdução, pág. 51, e o segundo parágrafo sobre 92:1-4); e os instrumentos estão entre aqueles que regularmente animavam o culto no templo (*harpa, trombetas*, 1 Cr 16:3-4) ou anunciavam alguma ocasião grandiosa (*buzinas* proclamavam eventos tais como o ano do jubileu, ou a acessão de um rei: Lv 25:9 e segs.; 1 Rs 1:39).

Há, portanto, dois níveis do cenário: um é o dia do poder de Deus, na Sua vinda; o outro, a antecipação desta vinda, em cada ato de culto. Os salmos que agora cantamos são um ensaio, e a presença de Deus entre os Seus adoradores é o prelúdio da Sua vinda para o mundo inteiro.

98:7-9. O coro da natureza

Este louvor é simples e inarticulado, diferentemente do louvor humano. Ele também, no entanto, já pode ser ouvido, sendo que, mesmo agora, a terra inteira está cheia da glória de Deus. Esta passagem não é apenas um deleite como poesia: juntamente com suas companheiras (96:11ss.; Is 55:12-13), transmite a lição que é exposta em Rm 8:19 ss.; que a natureza não chegará à sua plenitude até que o próprio homem, verdadeiro senhor dela, venha a ser governado com *justiça* e *equidade*. É uma verdade que o homem moderno está aprendendo mediante as suas próprias falhas, e com alarme. A mesma verdade é a mola mestra da alegria deste salmo, e a razão se vê na frase

³⁸ Ver sobre 24:5.

do v. 9 que resume a esperança do cristão: *porque ele vem*.

Salmo 99 Ele é Santo!

Neste grupo de salmos, 93-100, sobre a soberania e advento do Senhor, a disposição de espírito varia entre alta festividade e humilde reverência — pois Deus é tudo quanto nos emociona e tudo quanto nos envergonha. Aqui, depois das delícias despreocupadas do 98, ficamos lembrados quão sublime e santo é Ele, e quão profunda é a reverência que Lhe devemos.

99:1-5. A santidade entronizada

Embora cada linha deste retrato seja eternamente verdadeira, a forma da declaração inicial faz dela primariamente uma proclamação, conforme parece, do advento final de Deus (ver sobre 93:1). Seu trono vivo de *querubins* — não os cupidos desarmados da arte religiosa, e, sim, os seres poderosos cujas formas resumiam para Ezequiel o reino total das criaturas terrestres — este trono vivo é um carro que voa, chamejante com julgamento e salvação. Davi o retrata de modo magnífico em 18:6-19, como também o faz Ezequiel na sua visão original (Ez 1:4ss.; cf. 10:1ss.).

2, 3. Ele, porém, reina em *Sião*, que significava, inicialmente, a cidade terrestre, mas, em última análise, a assembléia total daqueles que O amam (Hb 12:22-23). Sua grandeza não é solitária. Embora seja *grande e tremendo*, Ele é sobretudo *grande em Sião*, no meio do Seu povo da aliança, a partir do qual Seu reino se estende para o mundo inteiro.

Santo é uma palavra para ressaltar a distância entre Deus e o homem: não apenas moralmente, como entre o puro e o poluído, como também, no âmbito da existência, entre o eterno e o mortal. Se o abismo foi atravessado, conforme nos assegura o parágrafo supra, isto foi feito a partir do outro lado. A exclamação repetida: “porque Ele é santo!” nos proíbe de encarar este fato de modo casual.

4, 5. Depois da grandeza da existência e da graça de Deus, louvamos a Sua integridade, em todas as frases do v. 4. Somente nEle é que a santidade e a graça, o poder e a justiça, podem se unir perfeitamente.³⁹

99:6-9. A santidade encontrada

O impacto repentino da santidade de Deus sobre o próprio adorador

³⁹ No texto hebraico padrão, 4a diz: “E a fortaleza do rei ama a justiça” (cf. AV, RV, ARC) — uma declaração abrupta, porém inteligível da união entre a força e o direito. RSV, ARA, e a maioria das versões modernas, porém, revocalizam ‘ôz (“força”) como ‘áz (“forte”, “poderoso”), e ou o acrescentam a 3b (“Ele é santo e poderoso”, cf. JB, NEB), ou fazem com que qualifique “rei”, ao alterar a ordem das palavras em hebraico (*Rei poderoso*, ARA, RSV, TEV).

não é muito diferente daquele de 95; e, mais uma vez, a peregrinação no deserto dá a lição prática principal (outra indicação, talvez, de que este grupo de salmos tenha surgido da Festa dos Tabernáculos, que comemorava dita ocasião: ver sobre 95:8, 9).

Aquela lição é, em primeiro lugar, positiva, com seu exemplo encorajador de orações respondidas e revelações concedidas. Ao nomear os grandes homens do v. 6 *entre* os sacerdotes e os homens de oração, recusa-se a colocá-los numa classe separada. Podemos fazer companhia com eles.

Além disto, embora estes fossem, no seu coração, homens obedientes (7b), o v. 8 nos lembra que tinham “fraquezas humanas como as nossas” (citando de um contexto semelhante, Tg 5:17, NEB). Aqui, há alusão principalmente a Moisés e Arão, com seus lapsos trágicos que podiam ser perdoados, porém não desfeitos (Nm 20:12). Nota-se a distinção entre os sanear dos relacionamentos (*fostes para eles Deus perdoador*), e o castigo das ações (*tomando vingança dos seus feitos*). Assim, a lição negativa reforça a positiva, e é dupla: nem se deve desesperar da misericórdia, nem abusar dela.⁴⁰

9. Assim, o tema da santidade, enriquecido pelo seu desdobramento nas duas estrofes do salmo, volta num refrão que forma um par com o v. 5. Não é sem razão de ser que a frase que forma o lema, *Ele é santo!* (3, 5) agora se expande, e recebe calor dizendo (conforme a ordem original das palavras: *Porque santo é o SENHOR nosso Deus!* A majestade não foi diminuída, mas agora a última palavra é dada à intimidade. Ele é santo; além disto, apesar da nossa falta de merecimento, Ele não Se envergonha de ser chamado nosso. Temos justas razões para adorá-Lo.

Salmo 100 Nos Seus Átrios

Um cântico de louvor agradecido leva este grupo de salmos de homenagem (ver sobre 93) até um píncaro acima das nuvens, depois das suas alternâncias de exuberância e temor. O título talvez vincule o salmo com a “oferta de gratidão” (assim RSV), mas, sendo que a palavra significa, em primeiro lugar, *ações de graça*, sendo assim empregada no v. 4, é talvez melhor entendê-la no seu sentido primário (cf. a introdução à 38).

Este salmo, conhecido como *Jubilate* (“Jubilai”), é muito empregado no culto litúrgico; a maravilhosa paráfrase de William Kethe, porém, “All people that on earth do dwell” (“Todos que na terra moram”) é ainda mais

⁴⁰ NEB e alguns comentaristas consideram a conjunção do perdão e do castigo por demais abrupta aqui, e revocalizam “vingador” (*nôqêm*) para ler “inocentando” (*nôqâm*, da raiz *n - q - h*). Um sentido transitivo desta parte do verbo sugerido, no entanto, é muito improvável. As versões antigas, bem como a maioria das modernas, apoiam o sentido dado em RSV e ARA.

corrente em todos os lugares onde se fala o inglês. Melhor ainda, embora seja um pouco mais livre, é a versão de Isaac Watts: "Before Jehovah's awful throne" ("Diante do trono sublime de Jeová").

1. O "grito jubiloso" não é a contribuição especial dos desafinados, nem dos joviais; é o equivalente na adoração do grito de homenagem ou fanfarra (98:6) para um rei, como em 95:1, ou 66:1, que é quase idêntico. Este versículo reivindica o mundo inteiro para Deus: deve despertar nossos pensamentos enquanto o cantamos. Como questão de precisão, não há ênfase especial na diversidade na palavra que se traduz *as terras* (ênfase que existe em, e.g., 96:7; 97:1b); aqui, é simplesmente "a terra", uma entidade única.

2. O mandamento: *Servi ao SENHOR* tem seu paralelo em *apresentai-vos diante dEle*, o que nos lembra que um ato de adoração muito corretamente se chama um "serviço" (ou trabalho"). É a primeira resposta que devemos a Ele — e não, em qualquer sentido da palavra, a última. O alcance dela se revela em Rm 12:1, onde nada menos do que um sacrifício consta como "culto". Esta é a palavra que o Antigo Testamento Grego empregava para um "culto" no sentido formal, como, e.g., em Êx 12:25-26; 13:5. Em Hebraico, porém, como noutras línguas, o serviço é indivisível; é uma palavra que não deixa vão nem escolha entre a adoração e o trabalho. (Descobrimos a confirmação disto, aliás, na prática, sendo que o louvor e a oração ficam mofados no isolamento, e a atividade se torna estéril nas mesmas condições.).

Quanto ao adorar com *alegria* e *cântico* (a palavra dá a entender o cantar forte sem qualquer incerteza na voz), ver sobre 95:1; comparar também o irrompimento de leite em Is 40 e segs. (e.g. 51:11), onde estas palavras, ou suas raízes hebraicas repetidas vezes transmitem a emoção da libertação. Juntamente com isto, no entanto, há fontes perenes de louvor, das quais este salmo agora passa a beber.

3. *Saber* é ter terra firme debaixo dos pés, a condição prévia do louvor (cf. 40:2-3), e este conhecimento é nosso por dádiva, e até é nosso por mandamento também. No curto espaço deste versículo recebemos a lembrança, em primeiro lugar, de quem Deus é (revelado pelo nome Javé (*o SENHOR*)), nome este que é ricamente anotado pelas Suas palavras e obras); depois: de onde vimos e de Quem somos; e, finalmente: quão favorecido é o nosso relacionamento com Ele.

A linha central deste versículo, no texto escrito, e nas versões mais antigas, diz: "... e não nós mesmos" (ver ARC). Quase todas as traduções modernas, no entanto, com o apoio da tradição massorética e de certos MSS e versões, entendem as palavras no sentido de *e dele somos*. A ambiguidade tem sua origem nas palavras hebraicas para "não" e "dele" (*lō' e lō*), cujo som é semelhante. Qualquer uma das duas seria apropriada aqui.⁴¹ A frase

⁴¹ A mesma palavra em Is 9:3/2, Heb./ não deixa dúvida de que naquele contexto "não" deva ser lido como "dele". AV tem "não", mas as traduções posteriores (incl. ARC, ARA) traduzem "dele" ou "the".

hebraica, no entanto, continua com mais naturalidade com a segunda opção (*dele*); o acréscimo de *somos* uma segunda vez (ARA, mas não ARC), não é necessário em qualquer dos casos.

4. A simplicidade deste convite talvez oculte a maravilha do mesmo, pois os *átrios* são realmente *seus*, e não nossos (conforme Is 1:12 precisava lembrar aqueles que não levavam o assunto a sério), e Suas *portas* são fechadas para os impuros (Ap 21: 27). Apesar disto, não somente Seus átrios externos como também o Santo dos Santos ficam escancarados “pelo caminho novo e vivo”, e estamos bem-vindos. Este fato, por si mesmo, é causa suficiente para o louvor, e o versículo final terá mais coisas para acrescentar.

5. Se o salmo começou para alargar o nosso horizonte, termina por estreitar a nossa visão e as nossas expectativas. (Sobre a associação entre a *bondade* e a *misericórdia*, ver sobre 23:6). A largura se expressa, de modo nobre, na primeira linha da estrofe de Watts citada abaixo,⁴² e o comprimento nas demais linhas, onde “verdade” deve ser entendida no seu sentido de *fidelidade*, como em ARA.

“Largo como o mundo é teu mandamento,
Teu amor, vasto como a eternidade;
Firme como rocha, permanece a Tua verdade,
Quando os anos passageiros param seu movimento”.

Salmo 101 A Resolução de um Rei

O nome de Davi reaparece com este salmo, cujo único companheiro davídico neste Quarto Livro é 103. Não deveria ser realmente necessário dizer que a resolução que aqui se faz, de não ter nada a ver com homens maus, não brota do orgulho farisaico, mas, sim, da preocupação de um rei no sentido de ter uma administração limpa, honesta de cima para baixo.

O quanto ele mesmo estava para ficar aquém deste ideal, nos seus próprios atos e nas suas nomeações, é narrado em 2 Samuel. Mesmo assim, foi um padrão inspirado, que permaneceu como desafio para ele mesmo e para seus sucessores,⁴³ entre os quais se pode contar (com os devidos ajustamentos) todos aqueles que são responsáveis por dirigir uma empresa e escolher oficiais. Para o cumprimento perfeito, somos forçados a olhar além das nossas aproximações, para o próprio Messias. Quanto ao relacionamento entre Ele e os retratos reais no Saltério, ver a Introdução, págs. 30s..

⁴² Do hino: “Before Jehovah’s awful throne”.

⁴³ Aqueles que fazem a origem da maioria dos salmos remontar a ocasiões rituais, vêm neste salmo, ou uma declaração redigida para cada rei davídico fazer na ocasião da sua entronização, ou como parte de um ritual anual durante o qual o rei era simbolicamente humilhado e depois restaurado. Esta abordagem ritual é discutida na Introdução, págs. 18-29.

101:1-4. A veracidade no soberano.

“Lealdade” e *justiça* definem as preocupações principais de um rei, sendo que a “lealdade” (Heb. *hesed* – “misericórdia”, ARC, *bondade*, ARA) chama nossa atenção para a aliança (ver sobre “bondade”, 17:7), mediante a qual o rei e o povo se vinculavam a Deus, em primeiro lugar, e depois, uns aos outros; enquanto a *justiça* fala do dever primário do soberano para com o seu povo (“tanto para castigo dos malfetores, como para louvor dos que praticam o bem”, como em 1 Pe 2:14). Tendo estas prioridades no seu lugar certo, a primeira sendo principalmente “vertical”, entre Deus e o homem, e a outra principalmente “horizontal”, entre um homem e seu próximo, outras bênçãos terão condições para florescer. Seria, talvez, iluminador considerar como este versículo poderia atualmente ser reescrito por vários políticos.

2. A ênfase sobre aquilo que é positivo continua, ficando perto do tema da plenitude. Tanto a *perfeição* como a “integridade” (*sincero*, ARA) contêm esta idéia radical, com referência a algo que nenhuma corrupção ou meio-termo tem licença de roer. A interjeição: Oh! quando . . . ⁴⁴ dá um relance repentino da luta prolongada e solitária, e de uma fé que é profundamente pessoal.⁴⁵ A frase *Portas a dentro, em minha casa*, é tragicamente irônica. É aqui que começa a piedade, conforme bem percebeu Davi; aqui, porém, estava para haver a pior traição, o que envenenaria seu reino inteiro.

3, 4. Agora vêm os repúdios, ainda no âmbito dos padrões pessoais. O versículo 3b não é exceção, pois a “deslealdade” (NEB) ou “a prática da infidelidade” (RV mg.) fica mais perto do texto original do que *o proceder dos que se desviam*. A questão em pauta não é a escolha de colegas (até os vv. 5 e segs.), mas, sim, a afirmação de valores, e o quadro negativo é o desviar-se do percurso certo (cf. 2 Tm 2:18), entregando-se à atração, influência ou ponto de vista diferente de outra pessoa. Se este for um pecado de fraqueza, o *perverso* do v. 4 age de modo mais deliberado: a mente e a vontade são torcidas, pois odeiam a verdade clara e o caminho reto.

101:5-8. A veracidade nas fileiras

Agora, o rei fala como chefe da máquina política, e como guardião da justiça. O vv. 5-7 mostram aquilo que ele procura ao fazer suas nomeações, e aquilo que desaprova enquanto os homens se empurram ao buscar posição, jogando lama nos seus rivais (5a), adotando poses impressionantes (5b) e caminhos fraudulentos (7). Não são somente os reis que precisam desta per-

⁴⁴ NEB emenda *māṭay* (“quando”) para *mah* (“qualquer coisa”), para produzir a cláusula: “qualquer coisa que me acontecer”, de modo algo semelhante a Jó 13:13b (que emprega um vocabulário diferente). Não há apoio textual para isto.

⁴⁵ Segundo o ponto de vista puramente ritualístico deste salmo, porém (ver a nota de rodapé dos comentários introdutórios, supra), esta seria uma petição ritualística, no contexto da humilhação do rei.

cepção. O bom juízo dele, no entanto, tem sua origem no seu caráter. De um lado, não pode suportar o orgulho (5; esta frase não é meramente uma ação para o futuro: é como o “não posso suportar” de Deus, em Is 1:13); do outro lado, sente calorosa amizade para com as pessoas com cuja atitude espiritual ele participa: aqueles que *andam em reto caminho* (6), como ele também aspira fazer (cf. 2a).

8. O quadro final mostra o rei distribuindo a justiça (cf. v. 1). Este é o contexto de *manhã após manhã*: não será um juiz que demora, cujos cidadãos se desesperam de receber uma audiência; será outro Moisés, a quem Jetro precisava dissuadir de ouvir causas “desde a manhã até ao pôr do sol” (Êx 18:13 e segs.) Mesmo assim, fica irônico mais uma vez que, finalmente, Absalão “furtava o coração dos homens de Israel”, por meio de interceptá-los, manhã após manhã, com a história que não havia qualquer tribunal em sessão (2 Sm 15:1-6). Por mais falsa que possa ter sido a história de Absalão (porque não os procurava quando deixavam o forum, descepcionados?), pelo menos parecia-lhes plausível naquela etapa do reinado de Davi, quando já se tinha arrefecido parte do seu calor anterior.

O salmo é duplamente comovedor, tanto pelos ideais que revela como pela sombra de fracasso que a história lança sobre ele. Felizmente, a última palavra não fica com Davi, nem com seus historiadores sinceros, mas, sim, com seu Filho. Ali, não há sombra.

Salmo 102 “Meus dias” e “Teus anos”

Este salmo, tradicionalmente chamado, de modo errôneo, um salmo de penitência (o quinto dos sete; ver a Introdução ao Sl 6), é, na realidade, o clamor de alguém cujos sofrimentos ficam sem explicação, como no caso de Jó. Conforme o título dá a entender, é uma oração que pode ser ecoada por outros cuja perseverança está chegando ao fim, sendo que aqui poderão achar palavras que os levarão “a um lugar espaçoso”.

As aflições iniciais são angústias particulares, sendo mais tarde transcendidas pela preocupação por Sião, cujo destino é glorioso, embora haja lentidão dolorosa no seu cumprimento. Uma passagem final tira o contraste entre a escala de tempo dos homens, e a eternidade do Senhor, levando o salmo a uma conclusão majestosa que é citada em louvor a Cristo no capítulo inicial de Hebreus.

Assim, ficamos sabendo que o salmo é messiânico; e, a luz deste fato, os sofrimentos e a visão, que abrangem o mundo inteiro, daquele que fala, levam a mente do leitor até 22. Quanto ao fundamento do fato de Hb 1:10-12 discernir aqui o Filho de Deus, ver os comentários sobre os versículos finais do salmo.

102:1-11. O dia da minha angústia

Um relance dado à uma Bíblia com referências mostrará que o lamento dos vv. 1-11 tem um fundo detalhado de muitos outros clamores dirigidos a Deus, no Saltério e em Jó. A própria petição inicial: *Ouve, SENHOR, a minha súplica*, ecoa a de 39:12; 54:2; cf. 61:1; 64:1; etc.; e, com sua segunda linha, que forma um par com ela, tem achado uso cristão constante nas intercessões em conjunto. O cantor não estava tão isolado como ele se sentia, como isolados não estão quaisquer dos seus sucessores, que caminham juntos a despeito do tempo e do espaço:

“As várias naus da Tua frota,
Embora separadas e batidas pelos ventos,
Encontrar-se-ão seguras no porto.”⁴⁶

Como outras lamentações, esta também oferece palavras para aqueles que sofrem pessoalmente, bem como para os que intercedem junto com eles. As evocações vívidas da febre, da fragilidade, do esgotamento, da dor, da insônia, da melancolia, da rejeição e do desespero, oferecem para aqueles que têm situação mais alegre o compartilhar de um fardo que, doutra forma, seria difícil de se entender. O salmo deve ser usado, e não só por uma minoria. Seu aspecto messiânico,⁴⁷ aliás, sublinha esta obrigação, ao fazer o cristão lembrar-se do sofrimento que era voluntário e vicário.

102:12-22. O tempo indicado para Sião

As palavras enfáticas: *Tu, porém, SENHOR* marcam um ponto crucial no salmo, como muitas vezes fazem noutros trechos (e.g. 22:3, 9, 19). Poderiam ter sido pronunciadas em amargura, fazendo contraste invejoso entre o imutável e o desarraigado; ao invés disto, tira-se a conclusão verdadeira da eternidade de Deus, que é o Seu domínio sobre o *tempo* (13) e o longo alcance do Seu propósito (18). Estes temas são explorados nos vv. 12-17 e 18-22.

12-17. Chegou o tempo determinado. Como a petição: “Já é tempo, SENHOR, para intervires, pois eles violaram a tua lei” (119:126), o v. 13 discerne o que é um escândalo público (cf. 14), e pede pressa. Talvez dê a perspectiva da terra ao invés daquela do céu (ver sobre os vv. 23-24), pois Deus olha para além das escaramuças para a vitória final; mesmo assim, a urgência do homem, e o compasso bem medido de Deus juntamente insistem, dos seus modos diferentes, que não há tempo a perder, e que a plenitude do tempo se aproxima.

Numa seqüela maravilhosa à lamentação sobre as *pedras* e o *pó* de Sião (14) — uma fixação em potencial nas glórias passadas e nas injustiças passadas que seria paralizante — os vv. 15-17 voltam-se para uma perspectiva bem

⁴⁶ Richard Baxter, “He wants not friends that hath Thy love”.

⁴⁷ Ver sobre os vv. 23-28.

mais rica do que a vingança ou a reconquista. O Novo Testamento nos conta do seu início (a luz para *as nações*; o florescimento de *Sião*, i.é, dos verdadeiros cidadãos de *Sião*,⁴⁸ da *glória* de Deus em nosso meio; do amor que se revela ao *desamparado*), e aguarda a consumação final, quando, no sentido mais perfeito, *aparecerá na sua glória*.⁴⁹

18-22. Uma *geração futura*. Este grupo de versículos ecoa e expande alguns aspectos de 12-17, mas agora olha para o futuro distante, quando *esta* libertação será aquela acerca da qual as pessoas cantarão (já não será o cântico de Moisés somente, mas também como Ap 15:3 há de colocar o assunto, “o cântico do Cordeiro”). Além disto, os cantores são um *povo*, que há de ser “criado”. Este verbo indica um ato grandioso de Deus, ou na renovação de um Israel morto ou em fazer dos gentios “o próprio povo de Deus” àqueles que antes não eram povo (1 Pe 2:9-10). A tradução: “um povo, que há de nascer” não está à altura disto (RSV).

O tema de *cativos* e *condenados* libertados, e de povos e reinos que se reúnem em *Sião*, se apresenta de modo radiante em Is 60-62, e recebe interpretação adicional em Ap 21.

102:23-28. Teus anos jamais terão fim

Conforme o texto hebraico, aqui traduzido, os vv. 23-24 renovam a dolorosa lamentação de vv. 1-11, tirando o mesmo contraste entre a fragilidade do homem e a eternidade de Deus (24b), conforme apareceu no v. 12. (Quanto ao sentido bem diferente da LXX neste ponto, ver a nota adicional abaixo). Este escurecer temporário do cenário depois do espírito radiante dos vv. 12-22, permite que os quatro versículos finais se destaquem na sua plena magnificência.

25-28. Aqui, não somente temos eloquência que ultrapassa até aquela do Salmo 90: o alcance do pensamento deixa muito para trás todas as nossas marcas de tempo e espaço, sem nada tirar do significado do presente. Esta significância se deriva de Deus, que Se obriga com promessas, eternamente, para com Seus *servos* e a *descendência* deles — e para com nada mais na criação, nem sequer o próprio universo.

Hb 1:10-12 cita vv. 25-27 palavra por palavra conforme a LXX (inclusive o acréscimo de “senhor” em 25a), com uma pequena mudança da ordem das palavras); e v. 27 (*tu és sempre o mesmo*) pode subjazer a grande declaração de Hb 13:8, “Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo . . .” A

⁴⁸ Gl 4:26-27; Hb 12:22.

⁴⁹ O versículo 16 é interessante como exemplo do “perfeito profético” (ver sobre 93:1, 2), sendo que os três versículos anteriores não deixam dúvida alguma quanto à sua referência ao futuro. Os dois perfeitos deste versículo acrescentam a sua nota de inevitabilidade das predições anteriores. (O v. 17 também emprega o perfeito, mas pode ser traduzido tanto no passado como no futuro).

Epístola abre nossos olhos para ver aquilo que, doutra forma, seria apenas ressaltado pela LXX dos versículos 23-24 (ver abaixo), a saber: aqui o Pai responde ao Filho, “através de quem foram feitas todas as coisas”; e isto dá a entender que o sofredor, no salmo inteiro, é também o Filho encarnado. (Ver a Introdução, pág. 33).

Notas adicionais acerca de 102:23-24.

Dois modos diferentes de ler os vv. 23 e 24 se acham, respectivamente, nos textos hebraicos (TM) e grego (LXX). Pressupõem as mesmas consoantes hebraicas, mas diferem quanto às vogais e à divisão dos versículos (que não eram indicados no texto original das Escrituras). O modo hebraico de lê-lo é aquele que se acha em nossa tradução; renova a petição dos versículos 11 e 12. O Grego, lendo as consoantes hebraicas com vogais diferentes, diz assim: “Respondeu-lhe no caminho da sua força: ‘Declara-me a escassez dos meus dias. Não me ergue⁵⁰ no meio dos meus dias; teus anos são para gerações sem fim. No princípio, tu, Senhor, lançaste os fundamentos da terra . . .’” (etc.).

Isto fica obscuro, enquanto o texto hebraico (conforme vem traduzido em nossas Bíblias) é claro. Há, porém, um aspecto significativo do Grego: faz com que a passagem inteira, inclusive as palavras tremendas de vv. 25-28, seja de palavras que Deus dirige ao salmista, a quem Deus trata de Senhor e Criador; e é assim que Hb 1:10-12 cita os vv. 25-27, como prova da divindade do Filho.

Segundo este modo de entender, o salmo todo é messiânico, mostrando, em primeiro lugar, os sofrimentos e abandono do Messias (1-11), depois Sua antecipação animada do reino na sua glória de alcance mundial (12-22); finalmente, nos vv. 23-28, Deus responde que, por enquanto, esta é apenas metade da história, somente uns poucos dias da Sua obra, que deve alcançar sua duração total, medida pelos anos eternos do próprio Messias. Este curso completo incluirá o próprio universo que envelhecerá e será ultrapassado; o Filho, no entanto, bem como as gerações dos Seus servos, ficará para sempre.⁵¹

A LXX realiza um serviço ao indicar o caráter messiânico do salmo, e sua tradução dos versículos 23 e 24 é uma interpretação possível das consoantes hebraicas. Mesmo assim, a tradução já familiar do Texto Massorético também permite que os vv. 25 e segs. sejam messiânicos, e não há necessidade de qualquer engenhosidade para tornar inteligíveis os vv. 23-24.

⁵⁰ I.é, “não me convoca à ação”. Este, ao invés de “não me leves daqui” (24, RSV), é o sentido mais comum do verbo hebraico; cf. Jr 50:9; Ez 16:40. Somente Jó 36:20 parece pesar contra isto, e trata-se de um versículo de sentido incerto.

⁵¹ Ver a discussão da forma da LXX destes versículos em F. F. Bruce, *The Epistle to the Hebrews* (“A Epístola aos Hebreus”) (New London Commentary. Marshall, Morgan & Scott, 1964), págs. 21-23.

Salmo 103

Tão Grande é Seu Amor

A gratidão admiradora brilha em cada linha deste hino, dirigido ao Deus de toda a graça. Parece que o salmo seguinte, 104, foi escrito para ser companheiro deste (a julgar pela abertura e encerramento, que se equiparam nos dois salmos). Juntos, os dois salmos louvam a Deus como Salvador e Criador, Pai e Sustentador, “misericordioso e poderoso”. Na galáxia do Saltério, estas são estrelas gêmeas da primeira grandeza.

Entre os salmos atribuídos a Davi, o Salmo 103 fica um pouco à parte: é menos intensamente pessoal do que a maioria dos seus; menos acossado por inimigos ou culpa pessoal, ou até isento deles. Há uma nota pessoal, mas logo Davi passa a falar em prol de nós todos. É mais um hino do que ações de graças particulares, e ficamos lembrados de que Davi era o fundador de um dos grandes coros de Israel.

O salmo dele que mais se aproxima deste é Salmo 145, mas há outros também, nos quais ele se dedica a algum tema geral desde o início: e.g. Salmos 8, 14, 19, 29, já de começo.

Ecos deste salmo se ouvem em Isaías e Jeremias,⁵² e, por sua vez, inspira-se em trechos bíblicos anteriores, conforme indicarão os comentários. Já inspirou alguns dos hinos mais conhecidos na língua inglesa, tais como “Praise, my soul, the King of heaven” (“Louva, ó minha alma, o rei dos céus”), por H. F. Lyte.

103:1-5. Louvor pessoal

É algo mais do que a eloquência que forma esta estrofe na forma de um diálogo íntimo. Não é a única ocasião em que um salmista se desperta para sacudir para longe de si a apatia ou o desânimo (e.g. 108:1; 42:5; 77:6ss., 11ss.), ao empregar sua mente e memória para aquecer suas emoções. E há combustível suficiente nos vv. 2-5 para mais do que meramente começarem a arder.

2. *Benefícios* é o substantivo que corresponde à frase fervorosa em 13:6: “me tem feito muito bem”. O fato de que *esquecer-se* de tais coisas possa ter uma causa mais profunda e sutil do que mera distração se ressalta no comentário do cronista a respeito de Ezequias, que “não correspondeu aos benefícios que lhe foram feitos; pois o seu coração se exaltou” (2 Cr 32:25). Uma lição semelhante se ensina em Dt 8:12-14.

⁵² Jr 3:5, 12 tem a mesma expressão idiomática tersa que Sl 103:9 no que diz respeito a conservar a ira, embora esta fosse expressão padronizada, que também se acha em Lv 19:18 (e Na 1:2). Os comentaristas que consideram este salmo como sendo pós-exílico, naturalmente o encaram como copiadador das semelhanças em Isaías, ao invés de fonte delas.

3. A despeito da semelhança destas duas frases, há uma diferença entre o modo de Deus tratar da *iniquidade* e das *enfermidades*, que ficou claro no caso do próprio Davi quando se arrependeu do seu pecado com Batseba. O perdão foi imediato; a cura, no entanto, foi negada, a despeito de sete dias de oração e jejum (2 Sm 12:13-23). Se o relacionamento com Deus é de suprema importância, este fato faz sentido, pois o pecado destrói este relacionamento, enquanto o sofrimento pode aprofundá-lo (Hb 5:8; 12:11). Mesmo assim, “aguardamos . . . a redenção do nosso corpo” (Rm 8:23), e já desfrutamos muitos antegozos dela.

4. Em certo nível, ser redimido *da cova* pode simplesmente ser expressão do livramento de um falecimento prematuro (ver sobre 6:5; 28:1). A questão mais larga, do resgate do homem da morte, “para que continuasse a viver perpetuamente”, é tratada com seriedade no Saltério (ver, e.g., 49:7-9, 13-15), tornando possível, ou até provável, que devamos entender 4a no seu sentido mais pleno, como ressurreição à vida eterna. Quanto a esta esperança, 16:9-11, que também é de Davi, é ainda mais explícito.

5. *A tua velhice* é uma leve emenda de uma palavra de difícil interpretação.⁵³ A maioria das versões modernas adota uma solução semelhante, embora NEB conserve o Hebraico inalterado, traduzindo-o, porém: “no vigor dos anos”, baseando-se numa raiz árabe que se vincula com o romper da aurora.⁵⁴ Ambas as soluções são algo precárias.

A segunda linha não dá a entender (como sugere o possessivo, *da águia* em ARA, e conforme acreditavam alguns comentaristas antigos) que as águias tenham o poder da auto-renovação; é só que Deus nos renova para sermos “jovens e fortes como a águia” (PBV) — o próprio retrato da força animada e incansável que é retomado por Is 40:30-31. Conforme comenta Weiser: “O poeta reconhece que as oportunidades que a vida oferece ainda ficam abertas diante dele como ficavam nos dias ensolarados da sua juventude.” Em termos diferentes, ver sobre 92:14, com sua perspectiva serena de “frutos na velhice”.

103:6-14. A família teimosa e o Pai meigo

Nenhuma história supera o Êxodo como registro de indignidade humana: de graça superabundante e dos “benefícios esquecidos”. Sua menção aqui (7) nos lembra da ingratidão mal-humorada que Deus recebe como resposta ao perdão, cura e redenção cantados nos versículos iniciais.

⁵³ TM tem *‘edyēk*, “teu ornamento”, que tem sido entendido como “tua boca” (AV, RV, ARC), ou “tua alma” (esta última tradução por analogia com o termo “minha glória”; ver sobre 30:12). RSV emenda isto para *‘ōdekā*, “tua continuação” (“tua velhice”, ARA); cf. *bē ‘ōdī*, 104:33.

⁵⁴ Ver G. R. Driver, *JTS* 36 (1935), págs. 154-5.

6, 7. *Justiça* (como no v. 17) é uma palavra melhor e mais básica do que “vindicação” (RSV — ver sobre 24:5). A vindicação é apenas uma parte daquilo que Deus faz por nós, pois Ele endireita não somente o registro (conforme dá a entender este termo isoladamente) como também a situação inteira e as pessoas envolvidas. O longo alcance disto começa a ser visto no v. 7, sendo que os *caminhos e feitos* de Deus não foram somente revelados nos milagres do Êxodo, como também aplicados a Israel de modo íntimo e incansável no deserto e no monte Sinai — “para te humilhar, para te provar . . . para te dar a entender . . .” (Dt 8:2-3). Não se tratava de mera informação, apenas. Era o treinamento de filhos.

8. Este versículo cita, quase palavra por palavra, o retrato que Deus pintou de Si mesmo em Êx 34:6, quando passou diante de Moisés no monte. Desta forma, tem o pano de fundo do bezerro de ouro dos israelitas, e a suspensão posterior da sentença deles, um exemplo clássico da inconstância humana e da misericórdia divina que são a trama e a urdidura dos versículos seguintes.

9, 10. Estes termos muito humanos ressaltam o contraste entre a generosidade de Deus e a fúria grosseira do homem, que sempre quer continuar suas disputas (repreende traduz um termo que é muito empregado para disputas, especialmente nos tribunais), e acalentar seus ressentimentos. Deus, contra Quem as pessoas pecam infinitamente, não somente tempera Sua ira, como também tempera a justiça (10) — embora somente o Novo Testamento revelaria o quanto isto custaria a Ele.

11-14. Se distâncias incomensuráveis são uma maneira de expressar o amor e a misericórdia infinitos (cf. Ef 3:18-19; Is 55:6-9), a intimidade de uma família é outra. A primeira nos leva para fora, para andarmos em liberdade num “lugar espaçoso”; a segunda nos traz para casa. No contexto de uma família, há afeição além de compaixão na palavra que se traduz *se compadece*: é um termo calorosamente emotivo e é a marca de genitores verdadeiros, conforme indica Is 49:15 no seu ditado acerca da mãe sem coração. O v. 14, no entanto, acrescenta que este pai *conhece* tão profundamente quanto se preocupa. Cf. NEB, “Pois ele sabe como é que fomos feitos” — e o *Ele* é enfático. Ele nos conhece ainda melhor do que nós conhecemos a nós mesmos.

103:15-18. A vida murcha, o amor eterno

A relva e as flores do campo, com glória tão breve, são um tema predileto, às vezes para a comparação, às vezes para o contraste, repreendendo nossos temores e estultícias mundanos em 37:2, 20; 90:5ss. ou para ressaltar a certeza absoluta da ira de Deus em Is 40:6-8, e do Seu amor da aliança nesta passagem. Nosso Senhor mostrou um novo aspecto desta analogia tirada da natureza, comprovando, pelo cuidado que Deus tem com coisas tão frágeis quanto as flores, quão maior é Seu cuidado por nós.

De eternidade a eternidade (17) é outro elo, seja consciente, seja inconsciente, com o Salmo 90, empregando uma frase que ali falava da existência eterna (90:2), para falar agora da graça eterna. Embora seu significado aqui talvez não seja mais do que “de era em era” (cf. o paralelo: “sobre os filhos dos filhos”), já contém as sementes da certeza que o Novo Testamento nos dá, de que fomos escolhidos em Cristo antes da fundação do mundo, para reinar com Ele para sempre.

103:19-22. Louvor de toda a criação

O jovem Davi conhecia o Senhor dos exércitos como “o Deus dos exércitos de Israel” (1 Sm 17:45), e conquistava, armado com aquela fé. Aqui, sua visão inclui os exércitos do céu. Aqui, também, ele nos lembra que o âmbito de Deus é a totalidade das coisas; coloca o artigo definido antes de “tudo” do versículo 19, assim como fez na sua oração em 1 Cr 29:12, para fazer com que este termo seja o equivalente da nossa expressão “o universo”.

A linha final, no entanto, é tão pessoal como a primeira. Sua canção não é nenhum solo, no entanto, pois toda a criação está cantando — ou cantará — juntamente com ele; mesmo assim, sua voz, como todas as demais, tem sua própria parte para acrescentar, seus próprios “benefícios” (2 e segs.) para celebrar, e seu próprio acesso (cf. 5:3) ao ouvido atento de Deus.

Salmo 104

“Que variedade, SENHOR, nas tuas obras!”

A variedade e a largura, a nitidez de detalhe e o vigor de pensamento mantido até ao fim, colocam este salmo de louvor entre os gigantes. Pelo exórdio e a conclusão, que conclamam à “alma” ou totalidade do ser, do cantor, no sentido de bendizer ao Senhor, liga-se à 103, ver os comentários iniciais ali. Diferentemente do seu companheiro, no entanto, não dá o nome de autor algum (a não ser na LXX, que o reivindica para Davi).

Há algumas semelhanças marcantes ao grande Hino ao Sol do egípcio Akenaton (século XIV a.c.; texto em ANET, págs. 370-1), especialmente ao retratar as criaturas da noite e do dia (20-23), dos provimentos para as aves e os animais (10 e segs.), do mar com seus navios (25-26), e da dependência total das criaturas, em matéria de vida ou de morte, do criador delas (27-30). Noutras coisas, porém, as duas poesias seguem seus caminhos separados (e.g. o hino egípcio se demora no mistério do nascimento e na diversidade das terras e raças), e, quanto à sua sequência global, o salmo se reporta a Gênesis 1, conforme demonstrará o parágrafo seguinte. Teologicamente, demonstra a diferença incalculável entre adorar ao sol e adorar ao Criador do mesmo; realmente, os trechos que parecem ser alusões a este hino famoso dão a impressão de chamarem atenção a este próprio fato.

A estrutura do salmo se modela, de modo geral, com estreita relação à de Gênesis 1, tomando as etapas da criação como pontos iniciais para o louvor. Enquanto cada tema é desenvolvido, no entanto, tende a antecipar as cenas posteriores do drama da criação, de tal modo que os dias descritos em Gênesis coincidem e se misturam aqui. Podemos achar as seguintes correspondências (marcando com o sinal “+” os versículos que desenvolvem um tema adicional):

- Dia 1 (Gn 1:3-5) luz; Salmo 104:2a
- Dia 2 (Gn 1:6-8) o “firmamento” divide as águas; 104:2b-4
- Dia 3 (Gn 1:9, 10) distinção entre a terra e a água; 104:5-9 (+ 10-13?)
(Gn 1:11-13) vegetação e árvores; 104:14-17 (+ 18?)
- Dia 4 (Gn 1:14-19) luminários como cronômetros; 104:19-23 (+24)
- Dia 5 (Gn 1:20-23) criaturas do mar e do ar: 104:25, 26 (somente do mar)
- Dia 6 (Gn 1:24-28) animais e o homem (antecipados em 104:21-24)
(Gn 1:29-31) alimento suprido a todas as criaturas; 104:27, 28 (+ 29, 30).

Um dos hinos mais magníficos na língua inglesa, “O worship the King” (“Adorai ao Rei”), de Sir Robert Grant, tem a sua origem neste salmo.

104:1-4. No pavilhão esplendoroso

Estes versículos transmitem, de modo magnífico, o relacionamento íntimo, porém, régio, entre Deus e Seu universo. Ele é distinto do Seu universo (enquanto o panteísmo O teria confundido com este), mas Ele não está, nem longe, remoto dele, como se tivesse meramente colocado o universo a funcionar, ou dado ordens a ele. A metáfora de Deus empregando partes do universo com Seu manto, tenda, palácio ou carro nos convida a ver o mundo como algo que Lhe dá deleite, que está carregado com Sua energia e vivo com Sua presença. Os milagres que Jesus operou sobre a natureza mostram que este conceito não é mera fantasia.

3. A palavra para *morada* é traduzida “alto da tua morada” no v. 3 (cf. uma palavra semelhante, “um quarto em cima”, em Am 9:6), pois contém a idéia de altura, como no caso de um quarto no telhado numa casa oriental (2 Rs 4:10). A altura estonteante das “águas acima do firmamento”, ou as nuvens, é retratada como sendo a base da habitação de Deus, e este apoio insubstancial é bem suficiente para a leveza etérea do Seu palácio. Esta figura é tão poética como aquela do *carro* que voa,⁵⁵ que não se conflita com o conhecimento que “o céu dos céus não te pode conter”, nem com a asseveração de que Deus habita em Sião. Todos os tipos de linguagem são necessários para expressarem o relacionamento entre Deus e o nosso mundo familiar, e entre Ele e o universo e as nossas pessoas.

⁵⁵ Cf., e.g., Sl 18:7-10; 68:33; Ez 1:4 e segs.

4. Este versículo, segundo RSV, ARC, e a maioria das versões modernas, continua a se gloriar na natureza como instrumento de Deus. A LXX, no entanto, entende a frase ao contrário, olhando além da ordem natural para a hoste celestial: “que faz aos seus mensageiros (ou anjos) ventos, e a seus ministros, labaredas de fogo” (assim também ARA). Isto se adapta melhor à ordem das palavras em Hebraico,⁵⁶ e Hb 1:7 cita o versículo com este sentido. Briggs comenta: “Assim como se concebe que o próprio Deus realmente está presente na natureza, envolvendo-Se com a luz e estabelecendo Seu tabernáculo nos céus . . . ; assim também Seus anjos . . . são levados a assumirem a forma de ventos e raios.” Não é caso de esta sempre ser a forma deles; ver, porém, 18:10, e cf. o vento tempestuoso e o fogo brilhante em cujo meio os querubins foram revelados a Ezequiel (Ez 1:4 e segs.; 10:15). O argumento em Hb 1:7-8 é que, enquanto os anjos podem ser descritos com estes termos mais humildes, o Filho é tratado de Deus.

104:5-9. As águas em fuga.

Agora demoramos no terceiro dia de Gênesis cap. 1, cuja declaração singela, de que as águas foram reunidas num só lugar, para a terra seca aparecer, agora se apresenta com vigor hilariante, enfatizando-se também, porém, o controle e “decreto imutável” do Criador. Qualquer pensamento quanto ao *abismo* ser uma ameaça à Sua soberania (como acontece em certas mitologias pagãs) é excluído pelo v. 6. Foi Ele quem envolveu a terra neste manto. A retórica vívida dos versículos 7 e 9 dramatiza maravilhosamente bem o surgimento dos continentes e a formação das profundezas do oceano, o que o v. 8, entre aqueles, apresenta o assunto em termos mais simples. É uma retórica da qual ainda precisamos, numa época na qual o modelo da realidade que se aceita é totalmente mecânico e nada do Criador.

Desta forma, as ênfases gêmeas desta passagem recaem sobre o Criador pessoal (o tema do salmo inteiro), e a boa ordem da Sua criação. O mundo, embora não seja eterno (cf. 102:26), é de solidez confortadora e de um projeto deliberado (5, 8, 9). É um mundo para se regozijar nele.

104:10-13. As águas da vida

Correndo na frente do progresso majestoso da história da criação, o salmo passa em revista a terra hospitaleira, que era o produto final desta separação dos mares e da terra seca. Já não submersa, nem, do outro lado, transformada em deserto, haveria de ser um lugar de riachos amigos, onde as criaturas se sentem perfeitamente à vontade, não precisando de suprimentos

⁵⁶ Perowne, no entanto (4a. edição), cita Is 37:26; 60:18, para demonstrar que não é impossível, na língua hebraica, deixar-se a ordem usual de sujeito e predicado. Naquela edição, portanto, abandona sua concordância relutante com a LXX. Mesmo assim, permanece certo de que o uso normal favorece LXX, e que Hb 1:7-8 baseia seu argumento sobre este modo de ler o texto.

humanos. A expressão, *animais do campo*, se refere aos animais não domesticados (cf. Gn 2:20, onde se distingue de “animais domésticos”); e os *imentos selvagens* são, proverbialmente, animais independentes (Gn 16:12; Jó 39:5-8), assim como as *aves*, das quais Jesus tirou uma lição semelhante dos “cuidados bondosos” de Deus, levando-a mais longe (Mt 6:26).

104:14-18. “Revestidos de verdor . . .”

O terceiro dia em Gênesis 1 continuou, falando do tapete vivo de vegetação e árvores que a terra recebeu. O salmo agora desenvolve este tema, e volta-se da vida campestre da estrofe anterior para os animais da fazenda (14a), e as plantas cultiváveis⁵⁷ e árvores frutíferas, sendo que o *vinho*, o *azeite* (da oliveira) e o *pão* todos são parcialmente produtos da perícia humana, sendo também evidência das dádivas variadas do Criador e das possibilidades que Ele entesourou na inteligência do homem e nos produtos modificáveis da terra. Depois, falando dos gigantes da floresta⁵⁸ (16-17), volta-se para o tema dos lares e esconderijos que abrigam criaturas de tipos vastamente diferentes. Os nomes dão um toque vívido ao cenário, com a *cegonha*, e seu ninho enorme, em contraste com as aves menores e os delas, e com as *cabras montesinhas* lançadas em relevo, por assim dizer, contras suas falésias nativas. (*arganaz* é um pequeno habitante tímido das rochas, cf. Pv 30:26). Para o leitor moderno, este planeta, com a variedade quase infinita que sustenta, se ressalta ainda mais brilhantemente contra seus vizinhos nuamente inóspitos.

104:19-24. O ritmo da escuridão e das trevas

O quarto dia da criação ressaltava o papel do sol e da lua em fixarem o padrão de tempo da nossa existência. Aqui, este papel se mistura com o tema de vida no sexto dia, para mostrar que tanto a noite como o dia formigam com vida, quanto tanto o sol como a lua exercem a suave atração do seu ritmo sobre o homem e os animais.⁵⁹ É mais um matiz sutil no desígnio do Criador: uma regularidade que não traz monotonia, mas somente enriquecimento (cf. sobre 19:2), e, (conforme pode dar a entender a frase *até à*

⁵⁷ Para o serviço do homem (14) traduz um substantivo heb. de uma raiz que significa “servir” ou (Gn 2:13), “lavar”. O vínculo com Gênesis faz com que o sentido “cultivar” seja mais provável aqui.

⁵⁸ A palavra para *nos ciprestes* (17) é muito semelhante ao Heb. para “nos topos deles” (NEB). Esta última interpretação, com sua preposição embutida, é uma expressão algo mais fácil, e parece ter sido o texto hebraico traduzido pela LXX.

⁵⁹ Esta estrofe tem algumas semelhanças evidentes com o Hino ao Sol, de Aquenaton; ver, sobre este, o segundo parágrafo introdutório a este salmo. Nota-se, em conexão com isto, como o sol guarda obedientemente seu horário (19b), e sobre a ação de Deus para trazer a escuridão, como se fosse para tornar duplamente claro o papel subordinado do objetivo ao qual Aquenaton reverenciava como criador. Até a lua toma precedência sobre ele em 19a.

tarde) uma salvaguarda embutida do equilíbrio entre o trabalho e o descanso, que é uma das Suas melhores dádivas.

24. Esta pausa para a reflexão e a adoração evita que transformemos o salmo num catálogo poético, como também evita que malentendamos a fertilidade quase assustadora do mundo vivo. Aquilo que o cético vê como um enxame de vida sem significado, o salmista nos ensina a ver como indício parcial da riqueza do Criador, e do alcance e precisão do seu pensamento. E, sendo que tudo se forma pela Sua sabedoria, a criação é uma unidade, que não somente nos comove a maravilhar-nos, como também (conforme observará Sl 111:2) nos convida a explorá-la.

104:25, 26. O mar, grande além de medida

O salmo já avançou na frente da narrativa de Gênesis, para contar das aves, dos animais, e do homem. Aqui, volta para o quinto dia da criação, no qual “Deus criou os grandes animais marinhos e todos os seres viventes que rastejam, os quais povoavam as águas” (Gn 1:21). As criaturas aladas do quinto dia já foram mencionadas; o salmo, no entanto, como sempre, traz diante de nós o cenário presente, mostrando-nos os navios que transformaram os oceanos em estradas ao invés de barreiras. Quanto ao *monstro marinho* (“o leviatã”, ARC), nome este que pode ter um som sinistro (ver sobre 74:13-15), aqui ele parece meramente alguma criatura grande e desportiva, cuja própria existência glorifica e deleita seu Criador.⁶⁰

104:27-30. Nele vivemos

O salmo, talvez fazendo contraste deliberado com o louvor extravagante que Aqueenaton dirige ao sol — “Quando tu te levantas, eles vivem. Quando tu te pões, eles morrem”⁶¹ — fala da verdade sóbria de que Deus sustenta toda a vida. Dá uma visão equilibrada desta verdade, ao indicar sua operação visível e invisível: ou seja, num nível, a ordem natural com seu suprimento generoso regular de *comida a seu tempo*, que se condiz com as capacidades das várias criaturas de *recolher* o tanto que elas precisam (28a, que abre uma área vasta para o estudo); e, por detrás de tudo isto, a energia transbordante de Deus, que mantém todas as coisas na existência. A *respiração*, ou espírito, de cada ser vivo depende do *Espírito*, ou respiração, dEle; a mesma palavra se emprega nos vv. 29 e 30 para ambos. (Este fato, longe de envolvê-Lo em nossos maus atos, aprofunda nossa responsabilidade diante dEle, sendo que apenas manuseamos o que é dEle. Cf. Dn 5:23: “mas a

⁶⁰ V. 26 pode ser traduzido ou como em RSV (cf. AV, RV, TEV, NEB mg., ARC, ARA), “para nele folgar”, ou como em NEB (cf. JB, RV mg.), “do qual fizeste um brinquedo”. Neste último caso, Jó 41:5 resalta um contraste significativo entre a capacidade do homem e a de Deus, quanto a manipular um monstro tão enorme.

⁶¹ ANET, pág. 371a. Sobre este hino, ver o segundo parágrafo introdutório a este salmo, supra.

Deus, em cuja mão está a tua vida, e todos os teus caminhos, a ele não glorificaste”).

104:31-35. Poder incomensurável

A oração, não pronunciada, de um secularista poderia ser: “Que a terra dure para sempre; que o homem se regozije nas suas obras!” O salmo, no entanto, do começo até ao fim, santifica o nome de Deus. A lição do v. 32 pode ser mais do que a mera asseveração da majestade de Deus; pode ser um reforço da oração de 31b, de que o Senhor tenha causa somente para alegria, e não para julgamento, ao contemplar as Suas obras.

33, 34. Foi, porém, o amor mais do que o temor que motivou 31-32. Tal fato se ressalta, não apenas nas frases calorosas do v. 33, como também, de modo consciente ou não, na resposta de 34b a 31b: “Exulte o SENHOR por suas obras!”... “Eu me alegrarei no SENHOR”.

Esta linguagem, aliás, concorda com o clímax de Gênesis 1, que anunciou a imagem de Deus no homem. Até este ponto, a criação tem simplesmente louvado a Deus por aquilo que ela é. A resposta do homem, porém, é pessoal; somente ele na terra pode *cantar* a Ele. Havia canto, agradável do seu modo, no v. 12; aqui, porém, o cântico tem conteúdo, e dirige-se a Ele, oferecido para Seu deleite.

35. Neste ínterim, como este versículo nos lembra de modo abrupto, a criação não é tanto um coro como um campo de batalha, e há tempo para lutar bem como tempo para cantar. Se a resposta do homem ao seu Criador é consciente e ardente, conforme ressaltaram os vv. 33-34, também é exclusiva: uma dedicação à Sua vitória e a recuperação do Seu mundo.

Assim, o *Bendize, ó minha alma, ao SENHOR* final, ecoando as pri-ras palavras do salmo, responde não somente à glória que já existe, como também à perspectiva da sua consumação.

Aleluia é a palavra hebraica que significa “Louvai ao Senhor” (ARC). Na LXX, inicia o salmo seguinte ao invés de terminar este. Se a sua posição correta for esta, que bem pode ser, cada um dos Salmos 103-106 terá uma frase final exatamente idêntica à inicial.

Salmo 105 Nenhuma Só Coisa Falhou

Este salmo e o próximo formam um par semelhante, que completa o Quarto Livro do Saltério. Representam, de modo geral, os dois fios contrastados da história sacra: os atos de Deus, que nunca falha, e os do homem, o obstinado. Aqui, vemos o primeiro, no largo alcance dos eventos desde Abraão até à Terra Prometida. O recital deles termina, e talvez começa, com Aleluia (ver o comentário final sobre Sl 104), como também acontece no salmo que forma um par com este, Sl 106.

Os quinze primeiros versículos deste salmo, os dois últimos versículos de 106, e, entre estes trechos, a maior parte do Salmo 96 (ver o comentário ali) se citam na narrativa da procissão de Davi com a arca para Jerusalém, em 1 Crônicas 16.

105:1-7. Lembrai-vos dos Seus milagres

Como uma jóia voltada para uma direção e outra, a adoração a Deus aqui revela muitas das suas facetas, com sua preocupação de proclamá-Lo ao mundo (1b); de deleitar-se naquilo que Ele fez e disse (2, 5) e naquilo que Ele é (1a, 3a — para o *nome* da Sua auto-revelação); e para mostrar gratidão devido as misericórdias passadas ao voltar pedindo mais (4: *Buscai . . . buscai perpetuamente*).

Quanto às *maravilhas* (2, 5) ver sobre Salmo 9:1. Quanto ao significado básico de *juízos* (5, 7) ver sobre 36:6. Para algumas implicações sugeridas da palavra *lembrar-se* (5), ver a discussão do conceito da atualização, na Introdução, págs. 25-26.

6. Gl 3:6 e segs. e 4:28 e segs. mostra que todo cristão pertence a esta família, cuja história e vocação agora herdamos. Aqui temos os primeiros capítulos da nossa história: podemos cantar dos seus inícios milagrosos com interesse maior do que aquele de um espectador.

7. A primeira linha é nosso eco que responde à declaração de Deus: “Eu sou o SENHOR vosso Deus” que inicia os Dez Mandamentos; e, enquanto esta linha reafirma a aliança entre nós, a segunda mostra que *todos* os homens, com ou sem aliança, são responsáveis diante dEle. Os *juízos* aqui são o lado escuro dos Seus milagres de salvação, exibidos a cada passo na história que se segue.

105:8-11. A promessa de uma terra

8. A palavra *perpetuamente* pertence a *lembra-se*; e este último verbo sempre dá a entender que Ele age à altura daquilo que prometeu, e não meramente que Ele Se recorda dele. Cf. Êx 2:24; Lc 1:72; e ver sobre 8:4.

Nota-se a expressão, *a palavra que empenhou* como termo paralelo de *sua aliança*. Ressalta a iniciativa e a autoridade de Deus em fazer a aliança, o que significa que este vínculo com os homens é mediante a graça, não mediante a barganha mútua, e serve os interesses do reino de Deus, não os fins egoístas dos homens.

10, 11. *Embora no v. 8 o equivalente de perpétua* descreveu a lembrança divina, aqui descreve a aliança, e, em particular, a promessa de Canaã a Israel. Mesmo assim, devemos notar pelas Escrituras a relatividade desta promessa: em primeiro lugar, a própria terra há de perecer (102:25-26), e, em segundo lugar, que até o “perpetuamente” pronunciado por Deus pode ser perdido através da apostasia do homem (1 Sm 2:30; Mt 21:43). Seria um erro entendê-lo no sentido puramente político, como um título de propriedade territorial, isoladamente.

105:12-15. Proteção para os patriarcas

O livro de Gênesis completa este quadro, com as indiscrições de cada geração dos patriarcas, que repetidas vezes faziam periclitar o empreendimento ao qual foram vocacionados. Ver capítulos 12, 20, 26, 31, 34. A referência do v. 15 é mais especificamente a Gn 20:6-7, onde Deus diz de Abraão: “ele é profeta”. Nada poderia deixar mais claro de que era Deus, e não o homem, que levava o assunto até o fim.

105:6-22. José abre caminho

Mais uma vez, é Deus quem marca o compasso; assim, a *fome*, que era destinada a ser o eixo de todos os eventos, se introduz logo de início como o ponto em direção do qual Deus já estava operando quando *diante deles enviou um homem*.⁶² O próprio José finalmente viu tudo isto nesta luz, expressando-o em duas declarações clássicas acerca da Providência: Gn 45:4-8; 50:20.

18b. *Puseram em ferros*. lit. “sua nepeš entrou em ferro”, onde *nepeš* pode significar “alma”, “vida”, “próprio-eu”, ou, possivelmente (conforme a sugestão que se baseia no Acadiano e Ugarítico) “garganta” — daí o “colar de ferro” da maioria das traduções modernas. Há possibilidade de ser certa esta última sugestão, mas a escolha desta palavra ao invés de uma mais óbvia para “garganta” pode ter despertado algum pensamento do significado da palavra, i.é, que era mais do que a carne de José que sentiu o ferro: seu ser total foi nele cercado. Enquanto Gênesis ressalta seu espírito corajoso de serviço na prisão, o salmo poeticamente enfatiza o outro lado: o fato cruel de estar engaiolado.

19a. A tradução mais literal é: “Até o tempo que veio a sua palavra”, que ARA corretamente interpreta com *cumpriu-se* (como, e.g., em Js 23:14c). Pode ser *Sua* palavra, i. é, a do Senhor, como na segunda linha, mas é mais provável que seja a própria palavra de José: ou sua interpretação dos sonhos dos seus companheiros na prisão, cujo cumprimento levou à soltura dele, ou, talvez, seus sonhos da juventude que contara aos seus irmãos.

19b. Aqui, também há possibilidades alternativas, sendo que a *palavra do SENHOR* pode significar que era o decreto de Deus que ele assim sofreria ou Sua promessa de grandeza futura para José. O segundo sentido é mais provável, sendo que Deus já mostrara a José esta perspectiva em sonhos. Foi *provado*⁶³, de fato, de modo muito semelhante à descrição que Hebreus 11

⁶² O tempo do verbo deve ser traduzido pelo mais — que — perfeito: “enviara”, embora o Hebraico não possua um tempo separado do perfeito; a tradução se infere pelo contexto. É uma curiosidade da crítica bíblica que o mesmo princípio raramente se aplica, e.g., a Gn 2:8a, 9, 19, onde o senso comum requer, da mesma forma, o mais-que-perfeito.

⁶³ A palavra se emprega primariamente da refinação dos metais por meio do fogo. JB e TEV, no entanto, traduzem: “comprovou que ele tinha razão” — cf. nosso emprego do adjetivo “testado” como equivalente de “averiguado”. Esta, porém, seria então a única ocorrência da palavra com tal sentido, no Antigo Testamento: cf. BDB, pág. 864a.

dá dos demais patriarcas, que foram testados, pela “esperança deferida”, e pela necessidade de continuar a considerar fiel Aquele que prometera.

22. Sujeitar. As antigas versões têm “instruir”, enquanto TM tem “atar”. Há confusão fácil entre as duas palavras. “Instruir”, formando um paralelo estreito com a linha seguinte, parece um pouco mais provável, e esta palavra também tem nela uma nota de disciplina: cf. NEB “corrigir”.

105:23-25. Israel no Egito

Mais uma vez, os eventos registrados no Pentateuco (Êx 1:7 e segs.), se apresentam teologicamente, como ato do Senhor: cf. as observações iniciais sobre os vv. 16-22, supra. Da mesma maneira, nosso Senhor encarou a própria traição de Judas como sendo “a taça que o Pai me deu”. Uma das preocupações deste salmo é ressaltar este aspecto de todos os eventos.

105:26-36. Moisés e as pragas

Embora a Bíblia empregue a palavra “pragas” para as desgraças que sobrevieram ao Egito (e.g. Êx 11:1), prefere chamá-las de *sinais e maravilhas* (27; cf. Êx 7:3), sendo que o papel delas era convencer e advertir, e não somente para castigar. Reforçavam o mandamento de Deus,⁶⁴ assim como os sinais de nosso Senhor reforçavam o evangelho (Jo 12:37).

28 e segs. O salmo, ao cantar acerca da nona praga em primeiro lugar, nos prepara para um tratamento livre do tema (também inverterá a ordem das *moscas* e *piolhos* no v. 31, deixando de lado a praga no gado e as úlceras). Kirkpatrick sugere que a praga das *trevas* foi colocada em primeiro lugar porque era decisiva para o povo egípcio (ainda que não o era para Faraó), que imediatamente deram aos israelitas tudo quanto pediam, e trataram Moisés com respeito inqualificado (Êx 11:3). Esta idéia é apoiada pelo texto hebraico de 28b, a saber: “*não foram rebeldes à sua palavra*” (ARA), que parece ser uma alusão a Êx 11:3.

Assim, aqui as pragas se apresentam, não para traçar o progresso do endurecimento de Faraó — ele ainda não foi mencionado — mas para louvar o poder decisivo e versátil de Deus. Nota-se a simplicidade tersa dos verbos: e.g. “Enviou . . . falou . . . deu . . . feriu . . .”, etc.

105:37-42. O Êxodo

Aquilo que Deus faz, o faz de modo magnífico — esta é a mensagem desta passagem. E aquilo que promete, cumpre. *Porque estava lembrado* . . . (42), conforme já indicou o v. 8. As passagens principais aqui aludidas são as seguintes:

⁶⁴ A forma estranha de 27a (lit: “colocaram entre eles as palavras dos seus sinais” — i.e., Suas palavras que consistiam em sinais? — cf. G.-K. 130e), parece ter a intenção de ensinar esta lição, de que os milagres eram mensagens da parte de Deus.

- 37, 38. Êx 12:33-36; Dt 8:4
 39. Êx 13:21-22; 14:19-20
 40. Êx 16:2-4, 13-14. Ver também sobre 78:23-25
 41. Êx 17:1-7; cf. Nm 20:1
 42. Gn 15:12-16 (uma promessa muito específica)

105:43-45. A conquista

Assim, o salmo termina com a nota positiva que manteve desde o início, detendo-se completamente no assunto da graça de Deus nestes eventos, e passando por cima dos pecados dos redimidos que a desafiavam a cada passo. Estes pecados serão o tema do salmo seguinte. No ínterim, o versículo final mostra por que a graça abundava: não a fim de que o pecado também abundasse, mas (para citar um equivalente neotestamentário do v. 45) “a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm 8:4).

Salmo 106 Nem Uma Lição Sequer Foi Aprendida

Este salmo é a contraparte sombria do seu predecessor, uma sombra lançada pela vontade-própria humana na sua longa luta contra a luz. O alcance desta história coincide em parte com aquela de 105, e continua até o período que parece ser o exílio na Babilônia. Os dois últimos versículos, no entanto, são citados na narrativa de um evento muito mais antigo, a procissão de Davi com a arca, até Jerusalém (1 Cr 16:35-36). Se isto significa que o salmo se refere aos cativos de guerras anteriores, ou que 1 Crônicas 16 o tomava por emprestado para ilustrar o tipo de regozijo e de oração que acompanhava a arca, ao invés de citar literalmente as palavras então entoadas, é assunto de breve discussão na introdução a 96; ver também sobre vv. 37 e segs., 46-47, abaixo.

Apesar de desmascarar a ingratidão do homem, este salmo é de louvor, pois é a extraordinária longanimidade de Deus que emerge como o tema verdadeiro. Esta é a base da oração final (47), e dá realidade à doxologia que encerra não somente este salmo, como também o Quarto Livro do Saltério (90 - 106).

106:1-3. Um Deus a ser louvado

Depois da Aleluia inicial (ver o último comentário sobre 104), o primeiro versículo é idêntico com aquele do salmo seguinte, e o do 136. Poderia, na realidade, ter providenciado a semente da qual se originou o salmo posterior. Quanto às palavras *bom* e *misericórdia*, ver os comentários e referências adicionais sobre “bondade e misericórdia” em 23:6.

3. Este versículo, uma das muitas bem-aventuranças nos Salmos (alistadas em 1:1), parece olhar de volta para a pergunta de v. 2, para então considerar o longo catálogo de fracassos que dominará o salmo. Isto quer dizer que “anunciar os seus louvores” (2) exige vida, e não somente lábios; e, embora até os nossos pecados ressaltarão, por contraste, a Sua graça, conforme este salmo demonstrará, nossa obrigação quanto à retidão é total e ininterrupta. A frase: *a justiça em todo tempo* teria como complemento futuro a de Paulo: “insta, quer seja oportuno, quer não” (2 Tm 4:2).

106:4, 5. Uma petição pessoal

Esta pequena oração faz um belo relacionamento entre o indivíduo e os muitos, recusando-se a perder o indivíduo na multidão, sem, porém, retrair-se para um canto particular de prazer. Mais uma vez, ficamos pensando em Paulo, cuja alegria e coroa era a prosperidade dos eleitos de Deus (e.g. Fp 4: 1; 1 Ts 2: 19; 3: 8), e cujo fardo diário era “a preocupação com todas as igrejas” (2 Co 11: 28).

106:6-39. Um registro de fracasso

Condenar uma geração anterior é uma coisa; coisa bem diferente é reconhecer-se refletido e envolvido com ela.⁶⁵ O v. 6 faz esta confissão crucial, ligando o sempre recorrente “eles” de 7-39 com seu próprio “nós”, transformando uma acusação em confissão. O homem moderno que canta este salmo terá que fazer o mesmo. Os israelitas são os nossos antepassados eclesiásticos, e os pecados deles são os nossos, visivelmente demonstrados.

7-12. A descrença. Os ingredientes da descrença lançam luz, por contraste, nos ingredientes da fé. Começando na mente, com um raciocínio que não levava em conta os atos revelados de Deus (7a) nem o Seu caráter (7b), achava sua expressão através da vontade. Se *rebeldes* (7c)⁶⁶ parece uma expressão extrema, continua sendo uma das duas únicas respostas ao chamado divino, embora tenha vários graus de seriedade. O que esta passagem demonstra é que a fé que acabaram tendo (Hb 11:29) devia tudo a Deus, e nada à reação inicial deles, que se descreve em Êx 14:10-12.

13-15. Descontentamento. Das muitas exigências de Israel quanto a uma peregrinação mais confortável, este exemplo é tirado de Números 11 como sendo o mais revelador. Em dois pontos nos quais nosso Senhor haveria de triunfar no deserto, Israel fracassou totalmente: em relação ao corpo

⁶⁵ A dificuldade, parcialmente, é que tentações diferentes descobrem fraquezas diferentes. Somente o nosso Senhor poderia ter visto a solidariedade entre, e.g., a geração que matou os profetas e aquela que ergueu túmulos à memória deles; uma solidariedade que estava para ser demonstrada em bem pouco tempo.

⁶⁶ O Hebraico da terceira linha é, lit. “e foram rebeldes *ao mar* (*‘al-yām*), ao Mar Vermelho”, que faz bom sentido como consta (ARC, ARA, etc), e tem apoio indireto da LXX. Uma emenda do texto hebraico dá “contra o Altíssimo” (*‘elyōn* - RSV).

(onde a *entrega à cobiça* dos israelitas se contrasta com o auto-domínio dEle), e em relação a Deus, a quem Jesus, diferentemente deles, recusou-Se a *tentar* mediante um desafio estulto.

15. Esta declaração clássica da condescendência de Deus com a vontade-própria humana, e da seqüela infeliz, refere-se inicialmente ao desencantamento e desastre de Nm 11:18-20. Além disto, porém, revela um padrão que se expressa na tradução literal: “Deu-lhes o que pediram, mas enviou magreza para a alma deles”. O filho pródigo ilustra esta lição, como também, ainda mais, a história de Ló. De modo inverso, a disposição de nosso Senhor de *aguardar os desígnios* de Deus (13) deu fruto quando voltou do deserto “no poder do Espírito”.

16-18. **Ciúmes.** Os ataques feitos contra Moisés pelos que eram justos aos seus próprios olhos, visando sua liderança espiritual e temporal em Nm 16:3, 13 são desmascarados nas palavras simples: *Tiveram inveja*. Este modo direto é tão característico das Escrituras como são as justificações próprias complicadas dos homens. Há um paralelo estreito noutro resumo breve: “por inveja”, em Mt 27:18.

18. Esta referência aos homens que pereceram pelo *fogo* (cf. Nm 16:35) mostra que o partido de Coré, o líder da ala religiosa da revolta, aqui está incluído no cômputo, embora ele não seja mencionado pelo nome.

19-23. **A idolatria.** Em Rm 1:23 Paulo cita a LXX do v. 20: *trocaram a glória . . . na sua grande acusação formal do homem pagão*. Nem ele, nem este salmo, nem mesmo a ira registrada de Deus e Moisés (Êx 32:10, 19), deixa qualquer lugar para o ponto de vista de que o ídolo era uma mera forma de adorar ao Deus verdadeiro. Foi uma troca. Há desprezo cortante no aparte: que come *erva*; e há ironia no fato de que, nesta escolha, abriram mão da glória *deles* (lit.; cf. RV, NEB; e ver Jr 2:11), pois eles não tinha outra; somente o Deus a quem serviam a tinha.

23. A expressão ousada: “Moisés . . . ficou na brecha diante dEle” (RSV) aceita o risco do nosso malentendimento do papel de Deus neste assunto, a fim de que não deixemos despercebida a importância da intercessão. Assim também acontece com a própria narrativa (Êx 32:7-14). Outras partes da Bíblia indicam que Deus anseia por ver nas pessoas a preocupação que Moisés revelou. Ver especialmente Ez 22:30-31, que emprega a mesma expressão que consta aqui, declarando, porém, ambos os lados do paradoxo, enquanto ressalta que uma oração assim não é mero exercício. O resultado realmente depende disto, pois há a expressão: *Tê-los-ia . . . se Moisés . . . não se houvesse . . .* (23) que é inquietante (cf. Ez 22:31):

24-27. **Recuando.** Este era o “momento da verdade”, quando o desafio para marchar para Canaã foi deliberadamente recusado (“Voltemos ao Egito”), e os únicos que não concordaram com esta recusa foram ameaçados com o apedrejamento (Nm 14:4, 10). O que Israel *desprezou . . . e não deu*

crédito não era apenas *a terra aprazível* e a promessa (24), e, sim, o próprio Senhor, conforme Ele mesmo declarou (Nm 14:11)⁶⁷. O simbolismo do juramento que fez (26; cf. Nm 14:28, “Pela minha vida”) marcou este momento como o ponto crucial para uma geração inteira que agora passaria a vagar e perecer no deserto.

27. A ameaça da dispersão pertence a um discurso anterior (Lv 26:33 e segs.), reafirmada na exortação de despedida de Moisés (Dt 28:64 e segs.).

28-31. A apostasia. Quando Nm 25:1 diz que Israel começou “a prostituir-se com as filhas dos moabitas”, vê a infidelidade espiritual como sendo o fator mais condenador: “Juntando-se Israel a Baal-Peor” (25:3). O salmo ressalta a mesma lição, e acrescenta o pormenor de “sacrifícios dos mortos” (ARC), que não se acha na narrativa de Números (a não ser que “mortos” seja uma referência desdenhosa a *ídolos mortos*, ARA). Mesmo assim, as várias proibições dos ritos que se vinculam com os mortos mostram que estes eram uma tentação forte para Israel, e, presumivelmente, para os seus vizinhos. Ver especialmente Dt 26:14.

A intervenção rápida de Finéias “fez expiação pelos filhos de Israel” ao satisfazer as reivindicações do juízo (Nm 25:13), que é uma das facetas da expiação (cf. Rm 8:3b). Noutra crise, Arão “fez expiação para eles”, ao ficar entre os mortos e os vivos, como Sumo Sacerdote, com os símbolos do sacrifício e da intercessão (Nm 16:46 e segs.; cf. Lv 16:11-13), que é outra faceta, exposta na Epístola aos Hebreus. O registro de louvor divino para Finéias, resumido no v. 31 deste salmo, aparece por extenso em Nm 25:11-13. A frase: *Isso lhe foi imputado por justiça*, faz lembrar a justificação de Abraão, vem como a nossa (Gn 15:6; Rm 4:3, 23-25); felizmente, é a fé de Abraão que devemos seguir, e não o zelo de Finéias! Isto acontece, no entanto, porque a sentença já foi executada (sobre o Justo, em prol dos injustos) e a expiação foi feita, não por símbolo, mas plenamente.

32, 33. A **provocação**. Este é o incidente de Nm 20:1-13, quanto Moisés feriu com ira a rocha. O equilíbrio da culpa é restaurado aqui, pois foi Moisés que sofreu o castigo na ocasião, pagando o preço da liderança; Deus, porém, não tinha ilusões quanto aos liderados.

34-39. A **paganização**. Esta estrofe tem assunto em comum com Dt 32:15-18, que Paulo emprega em 1 Co 10:19-22 ao discutir os tratos de um cristão com uma cultura pagã. Todas as três passagens concordam que os ídolos são fraudulentos (o salmo nem sequer os chama de deuses); mesmo assim, por detrás deles, há demônios. Não são, portanto, apenas ilusão; são um *laço* também.

37 e segs. Há, na Lei de Moisés (e.g. Lv 18:21), advertências contra o sacrifício de pessoas a Moloque; mesmo assim, os exemplos registrados deste ato, bem como a expressão *sangue inocente*, são aspectos da monarquia em

⁶⁷ Um verbo diferente, porém paralelo, se emprega aqui para *desprezaram*.

declínio (e.g. 2 Rs 16:3; 21:16; Jr 19:4-5), que dá a impressão de o salmo ter uma data menos antiga. Não há, porém, qualquer motivo para pensar que o mesmo não aconteceria nos dias obscuros dos juízes, quando houve, conforme se nos informa, um destes sacrifícios oferecido até ao Senhor (Jz 11:31).

106:40-46. Um juízo bem temperado

O julgamento teve de começar apenas uma geração após a morte de Josué, e ocorreu de novo com regularidade trágica. O Livro dos Juízes dá ampla ilustração da história dos vv. 40-45, com seu ciclo recorrente de apostasia, um grito por socorro, a libertação e a nova apostasia. O v. 46, no entanto, enquadra-se mais dificilmente naquele período antigo: exemplos desta clemência (em prol da qual Salomão orou na sua oração da consagração do templo, 1 Rs 8:50) são registrados para nós somente no caso de uma era posterior (e.g. 2 Rs 25:27-30; Ed 1:2-4).

106:47, 48. Motivo para oração e louvor

A oração do v. 47 tem, por detrás dela, a confissão franca do pecado nacional de um lado, e da tolerância divina do outro, que dominaram o salmo inteiro. É o tipo de oração que Deus tem prazer em atender. Sua inclusão, com o versículo seguinte, na salmódia que o Cronista inclui na narrativa da procissão de Davi com a arca (1 Cr 16:35-36)⁶⁸ ressalta o fato de que o arrependimento nunca está fora de lugar no louvor, nem o louvor está fora de lugar num ato de arrependimento.

O versículo 48, portanto, forma uma coroa apropriada cujo tema tem sido a fidelidade de Deus, ainda mais do que a perversidade do homem, e uma doxologia digna de terminar o Livro IV do Saltério.

⁶⁸ Ver os comentários iniciais sobre este salmo.

LIVRO V: SALMOS 107-150

Pouca coisa há, além da doxologia no fim do Salmo 106, para destacar este Livro do seu antecessor. Dentro dele, no entanto, há certos agrupamentos óbvios: duas coleções de salmos davídicos (108-110; 138-145); os quinze Cânticos de Romagem (120-134), dos quais quatro levam o nome de Davi (122, 124, 131, 133) e um leva o nome de Salomão (127); e um irrompimento de louvor para levar o Saltério até seu clímax com os cinco salmos "Halel", 146-150, cada um dos quais começa e termina com "Aleluia!" ("Louvai ao Senhor"). Além disto, a tradição judaica agrupa os Salmos 113-118, conhecidos como o "Halel egípcio", para se empregar na Páscoa. O "hino" que se cantou na Última Ceia (Mc 14:26) provavelmente era parte daquele Halel.

Salmo 107 Deus vem Socorrer

A peça central deste salmo marcante é o grupo de quatro retratos em palavras de más situações humanas e de intervenções divinas. Por si só, as aventuras não são situações caracteristicamente israelitas; mesmo assim, o fato de que esta composição celebra a volta dos exilados sugere a possibilidade de que estes episódios são quatro meios diferentes de descrever a triste situação da qual fora libertada a nação. "As cenas são, ao mesmo tempo, fato e figura; cenas da vida, mas que visam representar a experiência de Israel. Isto fica especialmente claro nos vv. 10-16, onde alguns toques são obviamente nacionais e pessoais" (Kirkpatrick).

Uma seção final (33-43) desenvolve o tema das grandes reviravoltas que Deus deleita em levar a efeito nos negócios humanos.

107:1-3. A alegria de congregar-se

Esta chamada de abertura dá ao salmo seu âmbito histórico na grande libertação de Israel do exílio, o tema sobre o qual o restante do salmo dá as variações (ver as observações introdutórias, supra). A palavra *remidos* traz ecos do costume que obrigava o parente a se interpor para livrar seu aparentado próximo da dívida ou da escravidão (ver as referências em 69:18). Deus fizera exatamente aquilo; e a palavra *congregou* responde precisamente à oração de 106:47. Esta combinação entre a petição e a resposta tem persuadido alguns expositores que os Salmos 105-107 formam uma trilogia, a despeito da fronteira tradicional entre os Livros IV e V, contando a história da graça de Deus na Sua escolha e cuidado de Israel (105), Sua longanimidade e

castigos (106) e, finalmente, Sua recuperação da nação (107). Kirkpatrick indica que há um elo entre os três na expressão *as terras*, que cristaliza a promessa (105:44), o castigo (106:27) e o salvamento (107:3).

107:4-9. Os errantes recuperados

Na maioria das versões modernas, cada uma das quatro estrofes tem o mesmo tipo de abertura (“Alguns andaram . . .”, “Alguns se assentaram nas trevas . . .”, etc.), como se estivéssemos seguindo os fortúnios de grupos diferentes. Isto é inexato,¹ e obscurece a probabilidade de que as quatro cenas são quatro modos de encarar a mesma realidade, a saber, as situações desastrosas das quais Israel agora foi libertado. Já que aquela situação é análoga àquela de todos os pecadores, o salmo pode ser apreciado de modo direto, e não somente através dos olhos de Israel.

A condição de perdido, a fome, a sede e a exaustão, — todas são figuras que nosso Senhor empregaria em relação ao Seu sacrifício de Si mesmo como Caminho, o Pão e a Água da vida, e o Doador de descanso. A cena nesta estrofe une todos estes aspectos da salvação e os coroa como aquele de *uma cidade em que habitassem*: um clímax, sem o qual o salvamento, em qualquer nível do sentido, seria pouco mais do que primeiros socorros. O Novo Testamento diz muito acerca desta cidade: cf. Ef 2:11ss; Hb 12:22 e segs.; Ap 21 e 22.

107:10-16. Prisioneiros soltos

A culpa (cf. 11), a escuridão, a labuta maçante, e as restrições de *cadeias, portas e trancas*, criam outra dimensão de aflição, que se distingue da primeira cena; como metáfora, porém, seja do exílio ou do estado caído do homem, forma uma companheira apropriada daquela. O homem, até que seja liberto, não está meramente perdido num mundo vasto demais para ele, como os viajantes dos vv. 4 e segs., ou engaiolado num mundo estreito demais, como estes prisioneiros; está em ambas estas condições.

O último versículo do *Benedictus* (Cântico de Zacarias) (Lc 1:79), que combina ambas as metáforas, cita o nosso v. 10, *nas trevas e nas sombras da morte* (ver sobre 23:4). O manifesto do nosso Senhor em Lc 4:18-19 pode ser lido com compreensão mais viva contra o pano de fundo desta estrofe, especialmente quanto aos retratos que a mesma dá dos prisioneiros, na sua postura ora de inatividade paralisada (10), ora de exaustão e colapso (12).

“Longamente jazia nem espírito preso,
Acorrentado ao pecado e à noite carnal;
Um raio vivificante veio do Teu olho, —
Despertei, a prisão encheu-se de luz;

¹ As frases iniciais são, respectivamente: “Andaram” (4); “Os que se assentaram” (10); “Estultos” (17); “Os que descem” (23).

Caíram minhas cadeias, ficou livre meu coração,
Subi, saí, e segui a Ti".²

107:17-22. Os enfermos restaurados

A triste situação descrita aqui é certamente a doença, mas não o tipo de doença que fica isento de culpa.³ *Os estultos*: tais pessoas são, nas Escrituras, os perversos, e não aqueles que não são inteligentes. Além disto, o verbo, bem como as frases que o apoiam, indicam que o problema é causado por eles mesmos. Neste contexto, o v. 18 poderia muito bem chamar à mente o viciado em drogas, mas somente como um dos exemplos da perene determinação do homem de causar seu próprio dano.

Sendo assim, o salário do pecado, ou pelo menos um pagamento interino, deve ser acrescentado ao quadro composto. Com a estrofe anterior, esta enfatiza a culpa; em ambos os casos, a culpa fundamental do homem em desprezar o conselho de Deus, que é declarado no v. 11, e agora subentendido no termo "estultos" (17, ver supra). A culpa, porém, ressalta a atividade libertadora de Deus como sendo a graça: "o amor aos sem amor", e não meramente aos desditosos (como no salvamento dos perdidos ou sobrecarregados nos versículos 4-9 ou 23-32).

22. Para dois exemplos excelentes dos cânticos de *júbilo* que acompanhavam e refletiam sobre *os sacrifícios de ações de graça*, ver 40 e 116.

107:23-32. O salvamento das vítimas da tempestade⁴

Esta quarta parábola da triste situação anterior de Israel (e, por extensão, a da humanidade também) fala não somente da nossa culpa como da nossa pequenez. O furacão nos sacode ao ponto de percebermos que, num mundo de forças gigantescas, vivemos por permissão, e não por nossa própria eficiência. Esta lição é ressaltada de modo específico no v. 27, onde *ti-no* poderia ser traduzido "marinharia" (NEB). Cf. TEV: "toda a sua perícia foi em vão". Há *maravilhas* para humilhar os homens, e não apenas para salvá-los (24, 31, empregando a mesma palavra).

Se esta é inicialmente uma figura do exílio e posterior libertação de Israel, conforme sugere o padrão do salmo (ver supra), acha apoio (conforme sugere Kissane) no epíteto "arrojada com a tormenta" que Is 54:11 emprega de Jerusalém na mesma conexão. Mesmo assim, quando nosso Senhor acalmou a tempestade no lago como sinal para Seus discípulos, fez com que lêssemos esta estrofe como sendo relevante a outros além de israelitas e marheiros.

² Charles Wesley, "And can it be . . . ?" ("Como pode ser . . ." - hino).

³ Cf. as implicações de, e.g., Jo 5:14, em contraste com Jo 9:1-3.

⁴ Os versículos 23-27 (e o v. 40) foram marcados pelos massoretas com sinais que indicam um parêntese. Os versículos, no entanto, são bem atestados, e não parece haver razão suficiente para esta anotação. BH acrescenta à confusão ao colocar o sinal em 21-26.

107:33-42. Árbitro supremo

O salmo agora deixa de lado o padrão de calamidade — grito — salvamento — ações de graças, para tirar uma conclusão que ressalta a lição da soberania de Deus, conclusão esta que se tira de experiências como estas. Um versículo final, como epílogo, assegura que a lição não se deixa escapar.

33-38. Este trecho relembra a cena do deserto nos vv. 4-9, mas agora, não é o homem que se perdeu e foi achado, é seu habitat que morre na sua frente ou lhe apresenta com abundância — tão longe está ele de ser dono do seu destino. O v. 34 é sublinhado pela destruição de Sodoma e pelas advertências da Lei, “Não suceda que a terra vos vomite, havendo-a contaminado” (Lv 18:28). Vv. 35-38 relembram a profecia idílica de Is 35:6-7, e a bênção de Dt 28:1-5, para tornar duplamente claro que, com Deus, recursos parcos podem se transformar em fertilidade e riqueza.

Estes versículos, conforme podemos supor, não tratam meramente de desertos e de terra cultivada; pelo contrário, indicam outros tipos de pobreza e riquezas, não deixando as da mente e do espírito para trás. Cf. e.g., os contrastes da pobreza externa e interna em Ap 2:9 e 3:17.

39-42. Dificilmente é coincidência que aqueles que cantam das grandes reviravoltas dos fortúnios humanos tendem a ser aqueles que acabam de ser libertados ou promovidos. Aqui, é o Israel restaurado que retoma o tema; noutros lugares, mais memoravelmente, são Ana e Maria. Seus cânticos, no entanto, pertencem a todos os remidos.

107:43. Epílogo.

O Livro de Oséias encerra-se com uma nota semelhante a esta: uma lembrança sóbria no sentido de não sermos levados pela eloquência, numa resposta pouco profunda àquilo que Deus fez em profundidade, ou na participação puramente imaginativa num capítulo da história. Neste quadro quádruplo da triste situação da qual houve livramento, o leitor deve se reconhecer a si mesmo, e é a fidelidade de Deus que agora deve louvar com nova compreensão.

Salmo 108
Em Deus Faremos Proezas

As segundas metades de dois salmos de Davi, 57:7-11 e 60:5-12, aqui se juntaram para formar este. Cada um deles foi começado sob tensão, sendo que Davi foi caçado em 57 e derrotado em 60; mesmo assim, cada um deles tinha um fim animado. O novo salmo começa neste ponto mais positivo de cada, e assim providencia para uma situação que é certamente humilhante (11), mas cujo desafio é aquele de uma herança da qual ainda não se tomou posse (10 e segs.; cf. 9), mais do que uma derrota que ainda não foi vingada (cf. 60:1-3, 9ss.). Para o nosso uso, aqueles salmos anteriores podem muito

bem servir para tempos de perigo pessoal ou coletivo, mas este é para tempos que exigem novas iniciativas e venturas da fé.

Há algumas poucas variações secundárias em comparação com 57 e 60, uma das quais se discute em 60:8. O fato de que o termo *Deus* se emprega freqüentemente de modo isolado neste salmo, embora isto ocorra somente em um outro trecho deste Quinto Livro do Saltério (144:9), torna claro que o presente salmo tirou matéria emprestada dos outros dois, e não vice-versa, sendo que o Livro II, onde ocorrem, tem forte preferência por este título em contraste com “o Senhor”. Ver a nota de rodapé na pág. 16.

Os pormenores deste salmo se discutem nos comentários sobre 57:7-11 e 60:5-12.

Salmo 109 O Assassino do Caráter

Este salmo não nos poupa em nada. Quanto à presença de semelhantes explosões nas escrituras se discute na Introdução, págs. 38-45 (“Gritos por Vingança”). Aqui, nossa tarefa principal é considerar aquilo que o salmo está dizendo, e o que provocou estas declarações.

O Título

Sobre o *mestre de canto* e *Davi*, ver a Introdução, págs. 53, 46.

109:1-5. A queixa

As palavras *Ó Deus do meu louvor*, ao abrirem o salmo, são uma tomada firme de posição antes de os pensamentos perturbados virem entrando. O salmo irá tateando caminho até voltar a este ponto de vista superior, realçando-o apenas nos dois últimos versículos.

Davi está sofrendo um ataque total contra o seu caráter, que já o reduziu a uma sombra (23). Já não se trata de uma campanha de calúnias sussurradas — é descarada e pública: “no meu rosto” (2a, NEB)⁵. Sente-se cercado (*cercam-me com palavras odiosas*).

4, 5. A profundidade da chaga se revela na frase repetida, em *paga do meu amor* (no original, idêntica em 4a e 5b), e nas palavras vacilantes que RSV expande (parece ter razão nisto) assim: “mesmo enquanto eu orava em prol deles” (4b).⁶ Foi uma traição quase do tipo de um Judas. De fato, o Novo Testamento, ao aplicar a este o v. 8 (ver o comentário ali), lança luz sobre o problema do salmo como um todo. De um lado, o amor ininterrupto

⁵ Parece que é esta a força da expressão que é, lit.: “comigo”, e que se traduz “contra mim” ou “acerca de mim” nas várias versões.

⁶ O Heb. diz, simplesmente: “mas quanto a mim — oração”, o que é semelhante a 120:7: “quanto a mim — paz”. Pode significar: “mas eu me dedico à oração” (AV, RV), mas as três expressões de bondade que existem no contexto sugerem que a oração foi em prol deles.

do nosso Senhor para com aquele que O traiu repreende qualquer espírito de vingança que talvez tenha motivado Davi; do outro lado, o fim horrível de Judas demonstra que pelo menos uma cláusula da imprecação tinha o endosso de Deus, em um caso, no mínimo.

109:6-20. A imprecação

A mudança repentina do plural para o singular, até que o plural volte no v. 20, tem dado ensejo a várias interpretações. A mais simples é que “ele” e “sua” são um modo de dizer “cada um deles”; é uma expressão idiomática que não é rara no Hebraico, e parece que v. 20 dá apoio a isto, se está resumindo a passagem. Uma segunda maneira é começar v. 6 com “Dizem:” (que o Hebraico pode deixar subentendido), fazendo com que Davi, e não os inimigos deste, sejam o alvo daquilo que se segue. NEB confina este discurso do inimigo ao v. 6 (tomando vv. 7-20 como resposta de Davi; JB, no entanto, leva-o até o fim do v. 15, e alguns comentaristas o levaram até ao fim de 19.

Fazer com que a parte que pronuncia esta maldição espantosa seja o inimigo é livrar o salmo da sua afronta principalmente às nossas sensibilidades, e, ao mesmo tempo, explica de modo natural a longa passagem no singular. Do outro lado, isto tornaria muito forçada a referência que Pedro fez a Judas⁷ (e Pedro disse que era uma profecia que “o Espírito Santo proferiu anteriormente por boca de Davi, acerca de Judas”, Atos 1:16). Além disto, nada contribui para tirar o ferrão das demais passagens de quase igual violência, e.g. Jr 18:19-23, que pode ser chamada uma miniatura deste salmo.

Entendemos, desta forma, que estas palavras são do próprio Davi, e, embora demos devido valor ao elemento da indignação justa e à hiperbole retórica,⁸ vemos que se comparam com as explosões de Jeremias e Jó: registradas para nossa instrução, não para imitarmos; mesmo assim, expressam o clamor do sangue inocente, ao qual Deus prometeu que escutaria (Mt 23:35; Lc 18:8), tornando-se, portanto, porta-voz de Deus ao pronunciar julgamento contra os não arrependidos. Dentro do evangelho, esta função não é nossa, pois devemos “abençoar, e não amaldiçoar”. O salmo poderá até nos chocar ao ponto de cumprirmos com mais fervor as nossas ordens como ministros da reconciliação.

6. A palavra *acusador*, ou “adversário” (*šātān*), se destaca neste salmo, pois reaparece nos vv. 20 e 29, e o verbo correspondente já apareceu no v. 4. Naqueles versículos, ele é o partidário dos inimigos; desta forma, este

⁷ Pode-se responder, talvez, à objeção, ao indicar que no v. 20, Davi devolve a maldição para aqueles que a merecem. Tal argumento, no entanto, é um pouco indireto.

⁸ Este conceito se discute mais pormenorizadamente na Introdução, págs. 38-39.

versículo deseja para os inimigos uma dose da xaropada que eles receitaram. É, aliás, a palavra de onde Satanás deriva seu nome e título, sendo que é com grande satisfação e com toda artimanha que ele insiste no processo contra os justos (cf. Jó 1:6 e segs.; 2:1 e segs.; Ap 12:10). Em Zc 3:1 ele é visto em pé à mão direita do homem que está sendo processado, como faz o acusador aqui; parece claro que esta era a posição costumeira num tribunal.

7. *Sua oração*, nesta cena do tribunal, pode dar a impressão de significar “sua petição em juízo”; conforme, porém, indica Kirkpatrick, a palavra significa, em todas as suas ocorrências, a oração dirigida a Deus. Há muitos paralelos da rejeição enfática de tais tipos de oração, da parte de Deus: e.g. Pv. 28:9; Is 1:15.

8. *Seu encargo*: este é o sentido do original que é retomado na citação em At 1:20. Quanto aos seus “bens” (RSV), estes serão tratados de modo suficiente no v. 11. Quanto à sombra de Judas neste versículo, ver sobre vv. 4-5, supra.

9-16. A triste situação dos *filhos* e da *viúva* do homem é desejada principalmente, segundo parece, por causa de vergonha que isto trará à sua memória durante o curto período durante o qual haverá qualquer lembrança dele (cf. as variações sobre o tema da memória nos versículos 13-16). A imprecação não é menos cruel por causa disto, mas é ali onde recai a ênfase. Relembra a horrível maldição que Davi pronunciou contra a casa de Joabe em 2 Sm 3:29. Ao mesmo tempo, não se trata de mera fantasia: noutros lugares, tais julgamentos se revelam como sendo o lado sombrio da solidariedade humana, e a maldição pronunciada por Davi, por pior que fosse a sua motivação, ainda pode ter sido o veículo do julgamento divino, como a maldição de Jotão (Jz 9:57). Tanto a Lei, como os Profetas e os Evangelhos dão advertências, embora não com prazer, quanto àquilo que os pecados dos pais podem trazer sobre os filhos (Êx 20:5; 1 Sm 2:31 e segs.; Lc 19:4ss.).

17-20. A lógica terrível do julgamento, mediante a qual o homem recebe, no final, e de modo total, aquilo que escolhe, sendo até absorvido e envolvido nele, expressa-se aqui com intensidade vívida como em nenhum outro lugar. Para sermos exatos, o texto hebraico coloca 17-19 na forma de uma narrativa (“Amava amaldiçoar, e vieram maldições . . .”), permitindo que o v. 20 seja traduzido como declaração (“Este é o galardão . . .”, como em RV). A diferença é matéria de vogais, que originalmente não eram escritas no texto; não parece razoável, no entanto, acrescentar mais maldições ao salmo, através das emendas, quando o texto se contenta com declarações. A LXX confirma o Texto Massorético (com declarações, mais do que maldições), entendendo que se trata de proclamações proféticas.⁹

⁹ Quanto ao “perfeito profético”, ver sobre 9:5 ou sobre 93:1, 2, onde a nota de rodapé dá mais referências.

109:21-29. A oração

Mais uma vez, conforme ocorre tão freqüentemente nos Salmos, o ambiente inteiro muda com a frase crucial *Mas tu . . .* (cf. especialmente 22:3, 9, 19). O apelo se apoia na base mais sólida de todas: *por amor do teu nome*; ver o segundo parágrafo sobre 23:3. NEB expressa muito bem esta idéia: “trata comigo de modo digno da Tua honra” (21).

23. *Atirado para longe*, como quando alguém sacode a roupa para remover um inseto desagradável (cf. BDB). O salmista se sente duplamente humilhado: uma criatura fraca e repulsiva — tão desmoralizador é o efeito do desprezo. Não é de se estranhar que nosso Senhor viu nesta atitude o equivalente ao assassinato (Mt 5:2-3).

27. *Isso vem das tuas mãos* significa “a minha restauração não é acidente”.

28. A primeira linha, que talvez soe como o pagar com bênçãos o amaldiçoamento, é, naturalmente, uma petição no sentido que, quando o inimigo invoca as piores coisas contra Davi, Deus, pelo contrário, derrama o melhor sobre este, conforme deixam claro as linhas subseqüentes. É uma boa oração para desviar a ponta mais aguda de um ataque: cf. Rm 8:31 e segs.

109:30, 31. O voto de louvor

Os salmos freqüentemente ressaltam que é coisa correta, e até um dever, dar graças em público por bênçãos pessoalmente recebidas: cf. especialmente 40:10.

O versículo final coloca o assunto de modo conciso, ao retomar uma frase do v. 6, colocando no lugar da figura do acusador, que fica em pé à direita da sua vítima, a Pessoa de Deus, *que se põe à direita do pobre* (ou necessitado), num sentido bem diferente. É a resposta completa.

Salmo 110
O Senhor de Davi

Em nenhum outro lugar no Saltério há tanta doutrina que depende do título familiar *Salmo de Davi*, como aqui. Além disto, nenhum outro Salmo tem sua autoria tão enfaticamente confirmada noutras partes das Escrituras. Amputar esta frase de abertura,¹⁰ ou recusar-se a reconhecer nela qualquer referência à autoria do salmo, é ficar fora de harmonia com o Novo Testamento, que vê muita significância no fato do Rei Davi reconhecer seu

¹⁰ Não há interrupção no texto hebraico entre estas palavras e aquelas que normalmente imprimimos como a primeira linha. Nosso costume de colocar o título acima do salmo, ao invés de ser ele uma parte do primeiro versículo, é assunto de conveniência, que não altera a sua posição como parte do texto. Ver a Introdução, págs. 45 e segs.

“Senhor”.¹¹ Embora outros salmos compartilhem com este a linguagem elevada que vai além de indicar o soberano reinante, para se referir ao Messias, é somente aqui que o próprio rei presta homenagem a esta Pessoa — solucionando, assim, duas questões importantes: se o rei perfeito era alguém que haveria de vir, ou se era apenas o soberano atual, idealizado; e se aquele que haveria de vir seria simplesmente o homem ideal, ou algo mais de que isto.

Nosso Senhor atribui pleno peso à autoria de Davi e às palavras de Davi, ressaltando aquela duas vezes pela expressão “o próprio Davi”, e estas mediante o comentário que este falava “pelo Espírito Santo” (Mc 12:36-37) e mediante a Sua insistência de que os termos dele se constituíam em desafio às idéias aceitas acerca do Messias, desafio este que deve ser levado a sério. Pedro, também, no Dia do Pentecoste, ressaltou o contraste no salmo entre Davi “mesmo” e seu “Senhor”, que “subiu aos céus”, para ser “exaltado à destra de Deus” (At 2:33-35).

Assim, o Rei Davi fala no salmo, como profeta que pronuncia o oráculo de entronização do Rei Messiânico, que corresponde ao oráculo dado a outros reis na ocasião em que eram ungidos ou coroados (cf. 1 Sm 10:1-2; 2 Rs 11:12). Desta forma, aqueles que negam que o salmo é da autoria de Davi, por ter o estilo de um oráculo de entronização, perdem o impacto dele, de modo curioso. É exatamente um oráculo deste tipo. O que há aqui de incomparável é que quem fala é um rei, que se dirige a Quem é mais do que um Rei.

O que o oráculo declara foi destinado a se tornar em base do ensino dos apóstolos acerca da glorificação, posição no céu, e sacerdócio real de Cristo. É um dos mais citados de todos os salmos.

110:1-3. O Rei

A primeira linha, depois do título diz, literalmente: “O oráculo de Javé ao meu Senhor”.¹² É uma abertura que marca as palavras seguintes como sendo a mensagem direta de Deus ao Seu Rei, sobre as quais os vv. 2 e 3 dão o comentário inspirado. Uma segunda mensagem é dada no v. 4, mas vv. 5-7 voltam a desenvolver a parte anterior do salmo.

¹¹ Entre os críticos anteriores às descobertas de Cunrā, havia alguma tendência no sentido de datar o salmo na era macabéia (século II a.C.), e mesmo de achar o nome de Simão, o sumo sacerdote e líder político macabeo, nas primeiras letras dos versículos, com um pouco de remanejamento. Com considerável ingenuidade H. H. Rowley (*Festschrift für Alfred Bertholet*, J. C. B. Mohr, 1950, págs. 464 e segs.) viu no versículo 4 um oráculo de Davi dirigido a um Zadoque jebuseu, chamando-o de Sumo Sacerdote de Israel, enquanto no restante do salmo Zadoque se dirige a Davi, recém-entronizado em Jerusalém. A maioria dos críticos atuais discordam com mais moderação do ponto de vista do Novo Testamento, vendo-o como oráculo de entronização para Davi ou para um dos seus sucessores, falado a ele por um oficial anônimo do ritual. Dá-se a entender que nosso Senhor e os apóstolos não tinham tanta capacidade assim.

¹² Um tipo de paródia de uma frase deste tipo se acha no texto Heb. de 36:2 / 1 nas versões / . Ver sobre 36:1.

O fato surpreendente que Davi falava acerca de um rei como sendo *meu Senhor* (cf. Knox, livremente, “o Mestre a Quem sirvo”) foi indicado pelo próprio Cristo, conforme já vimos, e Ele deixou Seus ouvintes pensar sobre as implicações disto, e Seus apóstolos tinham que declará-las. Como Josué, que entregou seu comando com as palavras: “Que diz *meu Senhor* ao seu servo?”, Davi aqui (por assim dizer) se prostra e adora o Homem que fica diante dele (cf. Js 5:14). Segue-se agora o oráculo de Deus, dirigido ao Senhor de Davi.

Assenta-te à minha direita. A autoridade e o poder que são conferidos através desta declaração serão ilustrados nos versículos restantes do salmo; mesmo assim, somente o Novo Testamento revelará seu pleno sentido.

a. Ele não é somente maior do que Davi (At 2:34, “Porque Davi não subiu aos céus”), como também maior do que os anjos (Hb 1:13: “a qual dos anjos jamais disse: Assenta-te à minha direita . . .”).

b. Deus exaltou tão enfaticamente quanto o homem O rejeitou (At 5:30-31: “Deus, porém, com a sua dextra, exaltou . . . à sua dextra.”).

c. É como Salvador e Intercessor que Ele reina (At 5:31; Rm 8:34: “Cristo . . . o qual está à direita de Deus . . . intercede por nós”;

d. (“*Assenta-te . . .*”): Em sinal de uma tarefa completada, Ele está assentado (Hb 10:11-12: “cada sacerdote fica em pé/lit./ dia após dia . . . a oferecer muitas vezes . . . Jesus, porém . . . assentou-se à dextra de Deus”);

e. (“*até . . .*”): Ele aguarda a última entrega (Hb 10:13: “aguardando, daí em diante, até que os seus inimigos sejam postos por estrado dos seus pés”; cf. também 1 Co 15:25-26).

Assim, este versículo, por si só, demonstra a Pessoa divina de Cristo, Seu poder, e as perspectivas diante dEle. Juntamente com o v. 4, subjaz boa parte dos ensinamentos sobre a Sua glória como Sacerdote-Rei.

2. Nota-se a união perfeita entre o Senhor (Javé) e este Rei. É o Senhor quem manuseia o cetro, é o Rei que é conclamado a reinar pois a autoridade humana é ressaltada, e não diminuída, por semelhante sociedade. A palavra que se emprega para *Dominar* tem certa severidade, que se condiz com o contraste entre a obediência forçada dos inimigos neste versículo, e a resposta alegre dos voluntários no versículo seguinte. Há algo do mesmo contraste em, e.g., Ap 17:14.

3. Quase todas as palavras deste versículo se interpretam de modo diferente em traduções diferentes, mas emerge o quadro geral (a não ser quando há emendas do texto) de uma multidão de voluntários que juntam forças com seu líder numa guerra santa. Na primeira linha há um toque do Cântico de Débora, quando “o povo se ofereceu voluntariamente” (Jz 5:2); mas a expressão é ainda mais ousada aqui: lit. “teu povo (será) ofertas voluntá-

rias",¹³ um modo de falar que já antecipa o quadro que Paulo pinta de "um sacrifício vivo" ou de uma vida derramada "por libação" (Rm 12:1; Fp 2:17; cf. 2 Co 8:3,5).

No dia do teu poder: poder é a palavra que se emprega para "força"¹⁴ ou "força de armas" em Zc 4:6, e corresponde bem a "no dia da sua ira" no versículo 5.

Com santos ornamentos. Lit. "nas belezas da santidade", segundo o texto hebraico padronizado, com o apoio de LXX, Vulg. (Alguns MSS, bem como Símaco e Jerônimo, têm: "sobre os montes santos"). Quanto ao significado, ver sobre 29:2 (o comentário sobre "na beleza da santidade")

Como o orvalho . . . os teus jovens interpreta "juventude" coletivamente (cf. TEV), e supõe que a letra *k* (= "como") foi omitida depois de uma palavra que termina em *k* ("a ti"), que é um erro ortográfico comum. Dá-se o quadro de um exercício esplêndido que se mobiliza de modo repentino e silencioso. O Hebraico, no entanto, faz bom sentido como consta, i. é: "tens o orvalho dos teus jovens" (cf. AV, RV). I. é, este rei sempre conserva o primeiro frescor da aurora da vida, diferentemente daqueles cujo amor é "como a nuvem da manhã, e como o orvalho da madrugada, que cedo passa" (Os 6:4).¹⁵

Resumindo: este versículo (conforme o entendo) mostra o Messias saindo em vigor pristino, santidade e glória, encabeçando uma hoste que é tão dedicada como aqueles israelitas antigos que "expuseram a sua vida à morte" (Jz 5:18). O cristão pode identificar semelhante exército com os vencedores retratados em Ap 12:11, por menos que reconheça sua própria pessoa e seus companheiros em qualquer um destes quadros.

110:4. O Sacerdote

Aqui temos o segundo dos dois oráculos diretos da parte de Deus, onde se pode abrir aspas como na RSV (como também no v. 11), para distinguí-los das declarações na terceira pessoa acerca de Deus e dos Messias no restante do Salmo.

Se há algo que é mais forte do que um oráculo divino, é um juramento divino (cf. Hb 6:17-18; 7:20 e segs.), que aqui é fortalecido ainda mais pela promessa de que Deus *não se arrepende*. Pode ser que aqui tenhamos uma

¹³ Lendo palavras diferentes (*'immekā neḏibôt*) LXX tem "contigo (será) soberania". "Dádivas principescas" (NEB) ou "coisas nobres" como em Is 32:8, é um sentido mais provável da palavra postulada do que "soberania".

¹⁴ NEB aqui (cf. JB) a substitui por uma palavra que significa "nascimento". Trata-se de uma conjectura, cujo único apoio se acha nas metáforas empregadas nas duas linhas finais do versículo.

¹⁵ LXX e algumas outras versões lêem as consoantes de "tua juventude" (*yaldū-teykā*) com outras vogais, com o sentido de "eu te gerei" (*yelaḏītkā*).

olhadela em direção da promessa que precisou de ser retirada de Eli (1 Sm 2: 30). *Este* sacerdote nunca abusará do seu ofício, e este sacerdócio não somente é mais antigo como também mais perfeito (conforme demonstrará o Novo Testamento) do que aquele da casa inteira de Levi.

As passagens que esclarecem este oráculo são Gn 14:18-20 e Hb 5:5-10 com 6:19-7:28. Destas passagens, conclui-se que tanto o nome *Melquisede* (rei da justiça) e sua esfera como rei de Salém (i.é, de Jerusalém, cuja forma mais curta ressalta o significado, “Paz”) fazem dele um indicador apropriado dAquele que estava para vir (Hb 7:2); que o silêncio que o cerca na narrativa fez com que ele fosse um símbolo apropriado dAquele que, na plena realidade, “não teve princípio de dias, nem fim de existência” (Hb 7:3); além disto, o fato de ele ficar mais próximo de Deus de que Abraão, tanto na bênção e nos presentes que deu, como também nos dízimos que recebeu, comprovou sua prioridade sobre a totalidade do povo abraâmico, e sobre o sacerdócio levítico em particular (Hb 7:4-19). Pode-se acrescentar a isto que, em Melquisedeque, o sacerdócio e o reino se reuniram, como haveria de acontecer também em Cristo. Cf. a ênfase sobre Cristo como Rei nos capítulos iniciais de Hebreus, e sobre Ele como Sacerdote nos capítulos finais, exatamente como estes versículos do salmo.

A cláusula adicional, *para sempre*, talvez seja a mais significativa de todas. É ela que decide o assunto da nossa certeza. É um tema principal da Epístola aos Hebreus, depois do seu primeiro aparecimento em Hb 5:6, onde se mostra que o sacerdote eterno providencia salvação eterna (Hb 5:9), em contraste com os sacerdotes efêmeros cujas labutas eram manifestamente inconclusivas.

110:5-7. O Guerreiro

Realisticamente, o salmo termina na nota de uma guerra feroz com uma perseguição vigorosa, sendo que a entronização do Sacerdote-Rei não é a cena final, o prelúdio à conquista do mundo. O Salmo 2 mostrou a mesma sequência.

Agora o Senhor (i.é, Javé) e Seu Rei agem como um só,¹⁶ e o exército de voluntários que foi visto no v. 3 já não está no cenário. A batalha é do Senhor, embora Ele e Seu Rei estejam tão unidos que, ao chegar-se ao v. 7, fica claro que o parceiro humano fica em primeiro plano. Em termos do Novo Testamento, avançamos de Hebreus para o Apocalipse, onde o quadro de juízo e vitória não é menos terrível do que aquele do v. 6 (cf. e.g. Ap. 19: 11-21).

O salmo, no entanto, pela sua própria forma, nos relembra uma situação que ainda está em movimento. Ficamos com o quadro do Guerreiro que

¹⁶ Não há necessidade de procurar consistência entre a “mão direita” de Javé no v. 1 e a do Rei no v. 5. A cena já mudou do trono para o campo da batalha apresentando, assim, este novo aspecto da sociedade.

prossegue na Sua vitória, como Gideão e seus trezentos perto do Jordão, “cansados, mas ainda perseguindo” (Jz 8:4), que faz pausa apenas para renovar suas forças e então apressar-Se para completar a derrota total do inimigo. É um Líder assim, conforme devemos inferir, que nos acena para segui-Lo.

Salmo 111 Deus em Operação

Os Salmos 111-113 começam, todos eles, com Aleluia, e há um vínculo especialmente estreito entre 111 e 112. Estes dois são acrósticos,¹⁷ cada um com 22 linhas que começam com as 22 letras sucessivas do alfabeto hebraico. Além disto, são um par bem-ajustado na matéria do seu conteúdo, que fala sobre Deus neste Salmo, e do homem de Deus no seguinte, e até compartilham das mesmas frases, ou de frases semelhantes, em um ou dois versículos.

Como noutros salmos acrósticos, o alfabeto, mais do que o progresso dos parágrafos providencia a estrutura, permitindo que o pensamento vá para a frente e para trás entre alguns poucos assuntos. O tópico principal é a bondade permanente de Deus, demonstrada nas Suas obras. Em RSV, ARA, o termo “obra(s)” ocorre em cinco dos dez versículos (ARC coloca “maravilhas” onde RSV tem “obras maravilhosas”); o texto hebraico deixa menos óbvia esta ênfase, ao empregar um certo número de sinônimos, mas o fato ainda permanece. Louvamos Aquele cuja bondade é prática.

1. *Companhia* é aquela palavra íntima *sôd*, que tem a conotação de um círculo de amigos ou conselheiros: cf. a nota sobre “amizade” em 25:14. A palavra mais lata, porém, *assembléia*, exclui qualquer idéia de um grupo exclusivo e estreito; os dois termos juntos descrevem o povo de Deus na sua largura (cf. a “congregação” como termo para todo o Israel nas narrativas do deserto) e nos seus vínculos estreitos de comunhão.

2. Nos Salmos, as *obras do Senhor (mā'asîm)* às vezes são Seus atos, como no v. 6, mais freqüentemente, porém, são as coisas que Ele fez (e.g., os céus, 8:3; 19:1; 102:25; e a terra populosa, 104:24). Por causa de serem feitas “com sabedoria” (104:24 outra vez), merecem ser pesquisadas, como nos têm demonstrados séculos recentes de estudo rigoroso; e este versículo foi bem escolhido para ornar a entrada do Laboratório Cavendish em Cambridge, que foi cenário dalgumas descobertas fundamentais da física. Embora este versículo seja corretamente tomado como estatuto de Deus para os cientistas e artistas, deve ser acompanhado pelo v. 10, a fim de não chegarmos a ser, mesmo “professando sermos sábios”, estultos, como os homens de Rm 1:18-23.

¹⁷ Outros acrósticos do Antigo Testamento estão alistados na primeira nota de rodapé de 119.

3. Aqui, a “obra” (*pō’al*) de Deus tem maior probabilidade de significar Seus atos providenciais, como, e.g., em Dt 32:4; Is 45:9-13, porém, nos lembra que não devemos fazer uma distinção por demais marcante entre aquilo que Ele fez (criou), e aquilo que está fazendo, pois fazem parte de uma só atuação.

O salmo seguinte reproduz, de modo marcante, parte deste versículo e dos dois seguintes, no seu retrato do homem piedoso (ver sobre 112:3ss.) — para evitar que, desta vez, façamos uma separação por demais nítida entre o caráter de Deus e aquilo que Ele requer dos Seus discípulos.

4. A palavra *maravilhas* abre outra linha de pensamento. Refere-se mais freqüentemente aos grandes atos salvíficos de Deus. A primeira linha pode ser interpretada: “Fez memorial das Suas maravilhas”, que parece ser uma referência sobretudo à Páscoa (cf., para nós, 1 Co 11:23-26).¹⁸ TEV liga este versículo com o seguinte de modo eficaz, com a paráfrase: “O Senhor não nos deixa esquecer . . .” e “Ele nunca Se esquece . . .”

5ss. Assim, em conjunção quieta com os atos retumbantes dos v. 4 e 6, há a fidelidade regular do v. 5, que significa o nosso pão de todos os dias, bem como a Sua paciência conosco, dia após dia. O padrão continua no restante do salmo: a estabilidade consoladora dos vv. 7 e 8 está em consonância com a atividade impressionante do v. 9, no qual se relembra os milagres do Êxodo e a teofania do Sinai, como também os cristãos relembram o Êxodo maior a Nova Aliança.

Nota-se também a harmonia entre aquilo que Deus faz e aquilo que Ele diz: entre Suas *obras* e Seus *preceitos* (7-8); cf. os outros pares indivisíveis notados no comentário do v. 3. Em 8b, faz-se referência às obras de Deus, como Criador e Autor delas; cf. NEB, “fortemente baseadas para durarem para sempre, seu feitio é bondade e verdade”.

10. Este versículo retoma o tema da reverência do fim do versículo 9, onde a palavra *tremendo* faz parte do verbo hebraico “temer”. Este ditado famoso é virtualmente o lema dos escritos de Sabedoria, onde a verdade dele fala em várias formas: cf. Jó 28:28; Pv 1:7; 9:10; Ec 12:13. Em cada ocorrência dele, o contexto dá uma matiz diferente do significado: aqui, tem relacionamento especial com Deus no Seu caráter de Criador, Redentor e Provedor, e com a reverência para com Ele se misturarão o deleite (2), a gratidão (4, 9) e a confiança (5). Desta forma, os homens de Deus têm a chave do significado da vida — que “dEle, para Ele e por meio dEle são todas as coisas” — e têm o benefício de preceitos perfeitos para tratarem com ela.

Nota-se, por último, a palavra final: *para sempre*. Com um ou outro dos seus sinônimos hebraicos, ou com ambos juntos (8, expressão esta que

¹⁸ Pode significar que “conquistou um nome com Seus atos maravilhosos” (NEB); mas a preposição heb. é um pouco menos apropriado a isto, e a recorrência da raiz para “lembrar-se” no versículo 5 indica mais o tema da memória do que da fama, nestes versículos adjacentes.

se traduz para todo o sempre” em ARC, ARA), quase domina o salmo inteiro, como convém a um cântico acerca de Deus. Além disto, reflete ambos os aspectos da Sua obra que já foram notados: que foi feita para durar (e.g. 8, 9), e que, sendo que pertence a Ele, está sob Seus cuidados constantes (5).

Salmo 112 A Piedade em Operação

Este é o salmo central de um pequeno grupo de três que começam com Aleluia. Mais significativa ainda, é o segundo de um par que está estreitamente vinculado, sendo que ambos são acrósticos (ver sobre Salmo 111): o primeiro trata de Deus e Seus caminhos, e o segundo trata do homem de Deus. Há momentos em que os dois retratos coincidem completamente; e este salmo pode ser encarado como um desenvolvimento do versículo final do seu antecessor, sobre a bem-aventurança do temor ao Senhor.

1. Os versículos iniciais são límpidos: formam um quadro idílico de piedade e prosperidade que relembram o começo do Livro de Jó. O fato de que esta pessoa é um homem de caráter, e não meramente de bens, emergirá principalmente nos versículos posteriores, mas a piedade dele já se revelou como entusiasmo mais do que como um fardo. Pode haver um eco do salmo anterior na palavra *se compraz* (1b), que é o verbo por detrás da frase ali: “todos os que nelas se comprazem” (111:2). Para este homem, a palavra de Deus é tão fascinante como são Suas obras para o naturalista; e o termo que se emprega para *mandamentos*, dá a entender que seu interesse é prático. Aquilo que prende a sua atenção é o chamamento e a vontade de Deus.

2, 3. O interesse que o Antigo Testamento tem na continuidade da família corrige nosso individualismo excessivo. Por si mesma, aquela poderia ser distorcida pelo orgulho e pela complacência (Mt 3:9), embora, na sua forma saudável, seja prezada por Deus, que ainda a emprega (cf. Gn 18:19; 2 Tm 1:5). A prosperidade que se promete nestes versículos pode ser material em boa medida, mas um exame mais de perto revela os termos morais e espirituais que fazem dela um instrumento do bem. Um país precisa dos seus homens *poderosos*, e é afortunado se eles são de descendência deste tipo, e se as riquezas nacionais estão em tais mãos.

Sua justiça (3b), por notável que seja este fato, tacitamente se compara com a de Deus, pois esta linha reproduz exatamente 111:3b.¹⁹ Em ambos os salmos, parece que fala das coisas certas feitas por estes dois agentes, que nada pode desfazer; isto fica duplamente claro quando esta linha volta mais uma vez no versículo 9.

¹⁹ SLH, TEV obscurecem este fato, ao traduzirem esta palavra por “prosperidade”, aqui, “bondade” no v. 9, e “justiça” em 111:3.

4. Fica cada vez mais claro que aqui temos um homem cuja bondade transborda para outras pessoas. Neste versículo, este justo deve ser considerado o sujeito a cada passo: "Ele se levanta no escuro, uma luz para os retos; ele é benigno, misericordioso e justo". Desta forma, 4b é outra comparação ousada com o próprio Senhor, pois faz alusão ao v. 4b correspondente no Salmo 111 (como aquela do v. 3b, notado supra).

5 e segs. Agora fica visível a forma específica da bondade deste homem próspero. É a generosidade, o tema deste versículo e do v. 9, mas já antecipada em 4b. O salmo, ao dar mais detalhes acerca dela, trata de modo realístico das tentações que acompanham a posse de dinheiro. Uma delas é abusar do poder que o dinheiro traz: recomenda-se, portanto, a graciosidade (5a; cf. RV, NEB) e a eqüidade (5b) no prestador, que tem uma vantagem bastante forte sobre o que toma emprestado.²⁰ Outro laço é o medo (7, 8), pois há muita coisa que pode desandar na vida de um homem rico (cf. as *más notícias* do v. 7), bem como muita malícia e rivalidade para enfrentar (8, 10). A resposta a tais coisas é tomar posição ao lado de Deus (7b); confia-se, não numa esperada melhora de eventos, mas, sim, no Senhor (este conceito de desenvolve mais plenamente em, e.g., 37). O que é prometido não é alguma notícia melhor (não, pelo menos, por enquanto, embora há de vir: 8b, 10), e, sim, um coração firme. Mais exatamente, é um coração *tornado* firme: "estabelecido" (7b, lit.) e "apoiado" (8a, lit.) por fatos melhores do que sua própria coragem.

Uma terceira tentação é a do avaro. O salmo inteiro fala contra ela, mas especialmente vv. 5, 6 e 9, o último dos quais Paulo cita em 2 Co 9:9. Ali, como aqui, o curso mais corajoso é demonstrado como sendo o mais seguro. No salmo, onde a ênfase recai sobre as coisas que duram, o homem que ousa ser generoso é visto como sendo aquele que será lembrado (6), cujos bons atos nunca perderão o seu valor (9; cf. 3). Em 2 Co, onde esta generosidade foi demonstrada com coragem ainda maior por cristãos em "profunda pobreza" (2 Co 8:2), é a idéia de espalhar que é retomada do nosso versículo 9 ("distribuiu livremente" — RSV), no sentido de semear para uma ceifa; desta forma, ali se ressalta a ceifa abundante e a alegria generalizada (2 Co 9:9-12) que são suas recompensas.

10. O salmo que é o companheiro deste, cujo assunto era o Senhor, terminou com um versículo que convidava a resposta do homem. Este presente salmo, tendo feito uma exposição daquela resposta, decide o assunto ao demonstrar quão amargo e fútil é o único outro tipo de vida que existe como alternativa.

²⁰ 5a, no entanto, pode falar em emprestar sem juros (cf. JB), e 5b pode significar "que dirige seus negócios com honestidade" (SLH), ou "aquele que pode sustentar a sua causa no foro" (cf BDB). Aqui temos lit. "justiça", que em Hebraico possui vários matizes de significado.

Salmo 113

Nada é Grande demais para Ele, Ninguém Pequeno demais

Um grupo curto de salmos que se emprega na Páscoa anual começa aqui, que, portanto, comumente recebe o nome de Hallel Egípcio (Hallel significa “Louvor”). Somente o segundo entre eles (114) fala diretamente do Êxodo, mas o tema de levantar os pisoteados (113), e a nota de louvor em conjunto (115), de ações de graças pessoais (116), da visão do mundo (117) e da procissão festiva (118) fazem com que seja uma série apropriada para marcar a salvação que começou no Egito e que se espalhará entre as nações. Conforme o costume, os dois primeiros salmos se cantam antes da refeição da Páscoa, e os outros quatro depois dela. Estes, portanto, provavelmente são os últimos salmos que nosso Senhor cantou antes da Sua paixão (Mc 14: 26), e o salmo 118 já se fizera ouvir mais do que uma vez durante a confrontação dos poucos dias anteriores. Havia mais relevância destes salmos ao Êxodo — ao Êxodo maior — do que poderia ser imaginado nos tempos do Antigo Testamento.

113:1-4. Nas alturas

1. Nestas convocações ao louvor, há mais do que mera repetição. Há razão para especificar os *servos* do Senhor e Seu *nome*, sendo que a adoração, para ser aceitável tem que ser mais do que bajulação e mais do que conjectura. É a homenagem amorosa dos dedicados, dirigida Àquele que Se revelou. Ver sobre 20:1 para algumas implicações da palavra “nome”; ver também Êx 34:5-7.

2-4. Os adoradores que invocam Seu nome em qualquer lugar individual, porém, são apenas parte de uma vasta companhia, que se estende além da imaginação no tempo (2) e no espaço (3), conforme convém à Sua soberania na terra e no céu (4). Há um eco, ou talvez um paralelo, do v. 3 na visão²¹ de Malaquias de um culto de alcance mundial e vindo do profundo do coração — sendo que o profeta via nas atitudes dos contemporâneos um contraste doloroso.

113:5-9. Lá em baixo.

O desafio do v. 5, *Quem há semelhante ao SENHOR nosso Deus?*, surge diante de nós, ou expressado ou subentendido, em todas as partes da Bíblia e de modo extensivo em Isaías 40:12 — 41:4, tendo, além disto, suas testemunhas a cada passo, mesmo nos nomes dos homens e dos anjos (Micaías, “quem é como Javé?”; Miguel, “quem é como Deus?”). Aqui, esta

²¹ MI 1:11, que (como nosso versículo) não contém nenhum verbo finito, entende-se melhor como predição, como em AV, RV mg., ARC. Ver o Comentário Tynedale, *Haggai, Zechariah, Malachi* por J. G. Baldwin (IVP, 1972), em MI 1:11.

transcendência é sugerida de modo memorável pela perspectiva do v. 6, onde os próprios céus quase se perdem de vista abaixo dEle. Conforme JB expressa esta verdade, Ele está “entronizado tão alto, que precisa de Se abaixar para ver o céu e a terra!”

7 e segs. Mesmo assim, Ele não é nem um pouco indiferente. Os vv. 7 e 8 antecipam o grande impulso para baixo e para cima do evangelho, que penetraria mais profundamente do que o *pó* e subiria mais alto do que o trono de *príncipes*: da sepultura para o trono de Deus (Ef 2:5-6).

De modo consciente, no entanto, estes versículos olham para trás, para o cântico de Ana, que citam quase exatamente (cf. 7, 8a com 1 Sm 2:8). Foi dali que veio a referência súbita à mulher sem filhos que fica sendo mãe (9), pois foi este o tema de Ana. Com este pano de fundo, o salmo não somente aplica sua lição imediata, que o Altíssimo cuida dos mais humilhados, mas também traz à mente a sequência de eventos que pode decorrer de semelhante intervenção. A alegria de Ana veio a ser aquela de Israel inteiro; a de Sara veio a ser a do mundo inteiro. E, um dia, o cântico de Ana seria ultrapassado, quanto ao brilho, pelo *Magnificat* (o Cântico de Maria). Os eventos espectaculares dos nossos vv. 7 e 8 não são maiores do que este que se origina num lar; os mais importantes deles surgiram de uma origem exatamente como esta.

Seria, no entanto, uma distorção deste salmo e dos seus valores, considerar o v. 9 simplesmente como o meio para um fim. O salmo termina com o que parece ser um antíclimax, e ele não deve ser disfarçado. É aqui que a glória de Deus difere mais agudamente da do homem: uma glória que está igualmente bem estabelecida “acima dos céus” (4) e ao lado de uma pessoa abandonada.

Claramente, há mais do que retórica na pergunta do v. 5: “Quem há semelhante ao SENHOR nosso Deus?”

Salmo 114 O Êxodo que Sacudiu a Terra

Um deleite feroz e orgulhoso desta grande marcha de Deus reluz em cada linha desta pequena poesia — uma obra de mestre cujos vãos de imaginação verbal a teria excluído de qualquer hinário senão este. Aqui temos o Êxodo, não como um ítem familiar no credo de Israel, mas como acontecimento estarrecedor: tão assustador como o trovão, tão abalador como um terremoto.

1, 2. Há uma mudança dramática de situação entre o primeiro versículo e o segundo. O grupo de estrangeiros, seu isolamento aumentado pela *língua estranha* que o cercava, agora é encarado, não em relacionamento com o homem, mas com Deus. Tem a dignidade de uma igreja e de um reino; são o sinal visível da santidade e do domínio de Deus, mesmo quando

seu caráter (como o da igreja, sua sucessora)²² não estava à altura do seu chamamento.

3, 4. Desta forma, embora a história em Êxodo e Josué recapturasse a grandeza daquilo que Israel experimentou — o temor da perseguição, a exaltação desenfreada no outro lado do mar, a tremedeira no monte Sinai, e, finalmente, a travessia do Jordão, com pressa e respeito (Js 4:10c, 14) — o salmo encara tudo de um ângulo totalmente diferente. Com um floreio sublime, mostra a corrida e a emoção causadas pela chegada do Criador com Sua corte terrestre: o mar e o rio que se troçam uns contra os outros, por assim dizer, para abrir caminho diante dEle; as montanhas e colinas, já não indiferentes e majestosas, mas cheias de animação e expectativa.

5, 6. A pilhéria dirigida contra esta afobação é outro golpe que se regozija na exaltação do Senhor sobre Seu mundo. Tem todo o prazer despreocupado do escárnio de Elias dirigido contra o Baal incapaz, e prepara com jeito artístico para a mudança repentina de disposição que há de seguir.

7, 8. *Estremece, ó terra* — e com razão, diante de um encontro desta natureza! “De sua presença” (conforme aquilo que João haveria de ver, diante do grande trono branco) “fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles”.²³

Ele, porém, é o *Deus de Jacó*, e Seu propósito é a salvação. O salmo termina, como seu antecessor, na nota da Sua criatividade e cuidado tranqüilos: Seu poder que se dirige diretamente à necessidade, transformando aquilo que é menos promissor em lugar de abundância e fonte de alegria.

Salmo 115 Não a Nós!

Em certas versões antigas²⁴ este salmo é ligado diretamente ao Salmo 114 — para o detrimento de ambos. A vivacidade tersa de 114 é exclusivamente dele; os refrões e as palavras-chaves de 115 são outro modo de escrever. Aqui, cantamos da glória de Deus que não pode ser desafiada, e das bênçãos que Ele distribui aos fiéis, ao invés das Suas proezas antigas na ocasião do Êxodo.

A troca animada de motejos com os pagãos sugere um período quando os israelitas estavam sendo (ou tinham recentemente estado) expostos à zombaria daqueles, talvez durante o exílio na Babilônia ou pouco depois. A menção dos “que temem ao SENHOR”, se devemos entendê-la como refe-

²² Êx 19:6; 1 Pe 2:9.

²³ Ap 20:11. Do outro lado, o verbo para *estremecer*, em nosso versículo, tem polarização entre a agonia e o deleite; NEB, portanto, tem: “Dança, ó terra”. É bem possível, mas as passagens citadas na nota de rodapé de 96:9 parecem inclinar a balança em favor de “tremor”.

²⁴ LXX, Teodócio, Jerônimo, Sir.; também alguns MSS heb.

rência a um terceiro grupo lado a lado com os israelitas e sacerdotes (9-11, 12, 13), tem levado alguns comentaristas (e.g. Briggs) a datarem o salmo num período posterior, grego (i.é, após 330 a.C.), sendo que este termo finalmente veio a ser o nome padronizado para os simpatizantes gentios. Tanto sua história como sua referência exata são por demais incertas para se editar teorias. Além disto, 118, que emprega os mesmos três termos (118:2-4), agora é geralmente considerado pré-exílico.

115:1-8. O único Deus a ser louvado

1. O magnífico versículo de abertura tem a atmosfera de uma grande libertação, ou presente ou vindoura, e fez para si mesmo um lugar na história. Kirkpatrick cita, por exemplo, a narrativa de Holinshed que descreve o cântico dos Salmos 114-115 depois da batalha de Agincourt, quando o exército inteiro foi ordenado a se ajoelhar mediante as palavras *Non nobis, Domine* . . . (“Não a nós, Senhor”). Numa ocasião bem diferente, William Wilberforce marcou a aprovação do seu decreto que aboliu o comércio dos escravos, meditando sobre este versículo²⁵, e muitos outros exemplos poderiam ser dados.

2. A zombaria dos pagãos pode dar a entender um pano de fundo para o salmo bem diferente daquele da vitória. A não ser que o versículo signifique: “Que direito têm *agora* de dizer . . .” (i. é, agora que Deus nos salvou), parece que Israel está numa triste situação neste momento. Neste caso, o v. 1 deve ser considerado uma petição por socorro, embora seja cheia de confiança: que Deus salvará o Seu povo, não por causa do mesmo, mas por causa dEle (cf. Ez 36:21-22). O v. 2, portanto, tem um belo tom de desafio, um prelúdio para a resposta esmagadora em 3-8.

3-7. A réplica consegue de volta a iniciativa. O orgulho do pagão naquilo que pode ver, e seu desprezo por aquilo que não consegue ver (que são atitudes modernas, e não somente antigas), são jogados de volta contra ele. Um Deus que é grandioso demais para ser atado a qualquer imagem, ou até à própria terra, é um Deus em Quem se pode gloriar. E Ele é *o nosso Deus*, não no sentido mesquinho no qual os pagãos têm *os ídolos deles* — obra totalmente deles! — mas no vínculo pessoal de “misericórdia e . . . fidelidade” (cf. v. 1).

O catálogo cáustico de 4-7, como a pesquisa feita sobre a fabricação de deuses em Is. 44:12 e segs., ou sobre o transporte de deuses em Is 46, não precisa da sermonização para aplicar a sua lição: bastam os simples fatos. É um dos trechos onde as Escrituras, como a criança na estória das Roupas Novas do Imperador, encara calmamente aquilo que o mundo não quer confessar. Aquilo que o salmo faz com os deuses, Eclesiastes fará de modo

²⁵ Cf. R. E. Prothero, *The Psalms in Human Life* (J. J. Murray, 1904), págs. 306-307.

supremo ao homem e às suas ambições; de fato, nosso versículo seguinte já tem um indício disto.

8. Esta é uma predição ou uma oração:²⁶ ou: “Os que os fabricam acabarão sendo como eles . . .” (JB, cf. RV, NEB), ou: *Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem . . .*” (ARC, ARA, TEV, SLH) — em qualquer dos casos, mortos. Este é verdadeiramente o “fim deles”, conforme a expressão em 73:17, em contraste com aquele dos justos, cujo Deus é deles “para sempre” (73:26). Ver também sobre vv. 17-18, e sobre a esperança de ver Sua semelhança e participar dela, em 17:15.

115:9-11. Socorro e escudo

O refrão, que sugere que o salmo era cantado (cantor e congregação? grupo com grupo? cf. Êx 15:1, 20-21; Is 6:3), também sugere o modo de entender *confiar*. Nas antigas versões, é uma declaração,²⁷ “Mas Israel confia no Senhor . . .”, que se condiz com o refrão, lit. “amparo deles”, “escudo deles” (o Heb. conta “Israel” como coletivo, regendo o plural). Condiz-se, também, com a grande afirmação do v. 3, fazendo um contraste retumbante com a confiança mal-orientada de 8b.

Temos um relance de como a congregação encarava a si mesma, como sendo composta de israelitas leigos, sacerdotes (*a casa de Arão*) e os tementes a Deus em geral — sendo este último termo talvez uma expressão que abrange os dois grupos anteriores, mas talvez um reconhecimento de convertidos não-israelitas, que eram um elemento em Israel desde o início (cf. Gn 15:2; Êx 12:48-49; Rt 1:16). Não se sabe, no entanto, até qual data remonta esta expressão como virtualmente um termo técnico para simpatizantes gentios; nem podemos ter certeza de até que ponto seu emprego aqui é largo ou estreito.

115:12-15. Doador da bênção

Aqui temos os mesmos grupos de adoradores como em 9-11, e agora o pensamento avança desde o poder de Deus para salvar (mostrado nas palavras *amparo* e *escudo*, 9-11) para Seu poder para enriquecer. A palavra *abençoar* ou *bendito* ocorre cinco vezes nesta seção curta, e sua introdução com as palavras: *De nós se tem lembrado o SENHOR* marca o ponto crucial entre os tempos magros e coisas melhores. Tais transformações podem ser o fruto do arrependimento (e.g. Ag 1:8-11; 2:19) ou simplesmente do fato de que o

²⁶ Quanto a uma declaração com o verbo “ser” (AV, RSV), o Hebraico não precisa de verbo algum, enquanto aqui emprega o imperfeito ou jussivo (“serão . . .”, ou: “que sejam . . .”) de um verbo cujo significado predominante é “tornar-se”.

²⁷ As consoantes, que originalmente constituíam o texto escrito, podem ser pronunciadas ou como imperativo (TM) ou como perfeito na 3a. pessoa (LXX, Vulg. Sir). O plural na 3a. pessoa do refrão indica este último, de modo enfático.

tempo de Deus ficou maduro (e.g. Gn 8:1; Êx 2:24). Bem à parte destas ocasiões destacadas, entretanto, a repetição insistente da palavra “abençoar” inculca a lição de que cada um de nós igualmente — cada grupo (12, 13a), cada tipo de pessoa (13b) e cada geração (14) — deve ter sobre si o sorriso e toque criador de Deus se é que vamos prosperar (cf. 14 com 1 Co 3:6-7). O tratamento mais completo deste tema se dá em Dt 28, primeiramente de modo positivo e depois como advertência.

115:16-18. O lugar e o tempo para o louvor.

A frase do versículo 15, “. . . que fez os céus e a terra”, agora é retomada e voltada em nossa direção. Tudo é dEle, mas nós somos os herdeiros e administradores substanciais dEle. Há generosidade na frase: “mas a terra deu-a ele aos filhos dos homens”; há responsabilidade também, pois não somos os criadores dela, nem ela está simplesmente “ali” como matéria sem significado para nosso aproveitamento. Por detrás da dádiva há o Doador, e a resposta do salmo é totalmente positiva: louvor aqui e agora, no tempo e no espaço que Ele nos alocou; louvor, além disto (conforme podemos entender a lição), através dos nossos métodos de tratar da nossa herança, e não somente através do nosso modo de cantar acerca dela.

Destarte, o âmbito estranho da morte e do silêncio (17) não é assunto nosso, a não ser que sirva como novo estímulo para dar a Deus a glória que os mortos não podem dar. O salmo poderia ter parado ali, satisfazendo-se com a lição prática de se resgatar o tempo presente, lição esta que é válida e importante; cf. Jo 9:4. Na realidade, porém, olha para a frente, para louvor eterno no futuro (18); e embora isto talvez pudesse significar que um Israel infindo ofereceria o louvor, muito bem pode ser que o significado é que nós, que servimos ao Deus vivo, continuaremos a viver pessoalmente, diferentemente dos adoradores dos objetos sem vida (ver sobre o v. 8). Se este for o caso, então esta estrofe acrescenta seu testemunho a uma vida futura às passagens tais como 73:23 e segs., e outras alistadas no comentário de 117:7; e tem todos os motivos para terminar, como certo número dos seus vizinhos, com uma Aleluia.

Salmo 116 Como Posso Retribuir-Lhe?

Este salmo revela um deleite contagiante e uma gratidão tocante, o tributo pessoal de um homem cuja oração recebeu uma resposta cumulativa. Agora, veio para o templo, para contar à assembléia inteira o que lhe aconteceu, e para oferecer a Deus aquilo que Lhe votara na sua necessidade.

Salmos tais como este, uma vez anotados, haveriam de ajudar muitas outras pessoas a acharem palavras para suas próprias ações de graças

públicas.²⁸ A questão da possibilidade de louvores deste tipo no Saltério terem sido composições profissionais para as ocasiões que tinham a probabilidade de surgir, ou de serem, pelo menos nalguns casos, os produtos diretos da experiência pessoal, é debatida na Introdução, págs. 18 e segs., especialmente págs. 28-30. Nenhuma resposta única, talvez, sirva para explicar todos os casos; este salmo, porém, tem todas as marcas da espontaneidade, talvez como nenhum outro. Mesmo quando o autor cita outro salmo, “dá-lhe novas forças tiradas das profundidades da sua própria experiência recente” (Kirkpatrick).

A Septuaginta e a Vulgata tratam este salmo como dois, sendo que o segundo deles começa no versículo 10 (mas alguns MSS. heb. fazem uma separação semelhante depois do v. 11).

116:1-4. A angústia lembrada

“Amo! Porque Javé escuta . . .” — assim fica a primeira linha em JB, com fidelidade total ao texto original. Se a palavra Javé (*o SENHOR*) trocou de lugar com *porque ele ouve* no processo da cópia (que parece provável, sendo que “amar” precisa de um objeto), certamente o tempo do presente está certo.²⁹ O cantor não somente se lembra de uma ocasião passada, como também dela tira segurança duradoura (“ouve a minha voz”) e faz uma resolução para durar a vida inteira³⁰ (“invocá-lo-ei”, 2). É uma resolução no sentido de confiar exclusivamente em Deus (cf. Rm 10:12-13) e de confiar explicitamente nEle (cf. Gn 4:26; 12:8).

3. Este quadro, que faz uso da linguagem de 18:4-5, não retrata alguém que deve escolher seu caminho no meio de muitos perigos, e, sim, alguém que já foi apanhado e preso (“As cordas da morte se apertaram em redor de mim”, JB). A palavra rara que se traduz *angústias* também tem a idéia de construção, ou, noutros trechos, apuros (“Sheol me segurou nas suas garras”, NEB). Na poesia do Antigo Testamento, a *morte* e o *inferno* (“Sheol”) são agressivos,³¹ tentando agarrar os vivos para desgastá-los com doenças ou esmagá-los com depressão; assim também, a triste situação do cantor poderia ter sido uma doença desesperadora ou (como sugere o v. 11), uma experiência que fere ou desilude. Como no caso de Jó, pode ter sido ambas juntamente.

²⁸ Um exemplo de semelhante emprego em nossa própria era é a inclusão do Sl 116, quase integralmente, na forma de ações de graças para depois do nascimento de um filho, no Livro de Orações de 1662.

²⁹ Senão, outro tempo contínuo, do futuro ou do passado.

³⁰ “Enquanto eu viver” é lit., “e nos meus dias”. Algumas versões modernas preferem dizer: “sempre que eu clamo” (cf. JB, NEB, SLH, TEV); isto, porém, evita sem motivo o Heb. para “e”, e revocaliza as consoantes de “dias”, mudando *bēyāmāy* para *bîmē*.

³¹ Ver mais, sobre Sl 6:5.

4. O único refúgio diante do ataque violento é o nome do *SENHOR*. Estas palavras são enfáticas, e o verbo, também, pode indicar a urgência da oração: "Continuei chamando" (cf. Anderson). Este foi o ponto crucial, e não foi esquecida a sua lição: fica quase um refrão em 2b, 13b, 17b.

116:5-11. Misericórdias relembradas

O irrompimento do louvor, sem aviso prévio, fala por si mesmo; concretiza o deleite de ver a oração respondida e a cena transformada. Rm 7:25 tem alguma coisa desta mesma radiância repentina.

6. *Os simples* é um termo revelador, pois, no Antigo Testamento, não tem nenhum sinal de mérito. "Os tontos" talvez não seja um termo forte demais para estas pessoas facilmente enganadas e desajeitadas que vagueiam pelas páginas de Provérbios, que vão desgarrando-se até caírem em problemas. É humildade da parte do salmista que se identifique com eles; é humildade da parte de Deus ter tempo para eles (se "eles" é o pronome certo para nós empregarmos).

7. NEB dá à primeira linha uma simplicidade impressionante: "Fica em descanso de novo, meu coração". Até que ponto Deus tem sido *generoso* para com o cantor, será revelado no versículo seguinte.

8. Nestas frases, a salvação fica espalhada diante de nós — aqui, provavelmente, no plano do bem-estar humano, empregando-se, porém, palavras que são verdadeiras no nível mais profundo (cf., e.g., Rm 8:10-11; 2 Co 6:10; Jd 24). A primeira e a última linha deste versículo são tiradas do Salmo 56:13a, mas a linha central, *das lágrimas os meus olhos*, é nova, e acrescenta a sua própria nota pessoal, um contraste, que se lembra com gratidão, da depressão lembrada em, e.g., versículo 11.

9. Inspirado outra vez pelo exemplo de Davi (56:13b) o autor deixa as emoções inflamarem a vontade, dando ao seu deleite uma orientação prática e efeito duradouro, mediante esta nova resolução.³² *Andarei na presença do SENHOR*, como na expressão do Novo Testamento, "andar na luz", é tanto exigente quanto consolador, pois, nesta presença, a pessoa fica totalmente exposta mas também totalmente acompanhada pela amizade.

10, 11. A maioria das versões modernas, a não ser NEB,³³ apoia o entendimento de 10a registrada em RSV e ARA: "*Eu cria, ainda que disse . . .*" Paulo cita a forma do versículo registrada na LXX: "Cri, por isso falei" (ARC) (2 Co 4:13), que é mais forte do que o nosso texto hebraico.

³² Embora o tempo presente (RSV, SLH, TEV) seja uma tradução possível, o contexto favorece o futuro: "Andarei . . .", como na maioria das versões. Este concorda com o que parece ser o impacto de 56:13 (lit.) "... libertado ... para andar diante de Deus".

³³ NEB ("Tinha certeza de que eu seria arrastado para longe") revocaliza *ʿdabbēr* ("Eu dizia") como *ʿeddabbēr*, o hithpael presumido de uma segunda raiz *db̄r*, "voltar para trás", "destruir". Cf. I H. Brockington, *The Hebrew Text of the Old Testament* (CUP, 1973), ad loc.

Esta última forma, no entanto, concorda em fazer da fé a atitude subjacente daquele que fala, embora seja fé submetida à pressão. Além disto, o impulso de falar abertamente em prol de Deus logo fica aparente nos demais versículos. Conforme observa James Denney: "A confissão aberta de Deus, como um dever da fé, permeia o salmo, a partir deste ponto em diante."³⁴

Assim, o autor tira uma lição que os demais salmistas freqüentemente ilustram: sentir-se esmagado (10)³⁵ ou desiludido (11), e dizer isto, mesmo nos tons irrestritos do pânico (que é a palavra que NEB emprega para *perturbação*, 11; ver sobre 31:22), não é prova alguma de que a fé está morta; pode até comprovar sua sobrevivência, assim como a dor é um sinal de vida. Na realidade, assim como a dor clama para a cura, a perturbação enfrentada com franqueza clama por Deus. As duas exclamações (10b, 11b) têm este apelo implícito, que podemos reconhecer mais facilmente nas linhas de H.F. Lyte, que se espelham:

"Quando fracassam outros ajudantes,³⁶ e fogem as consolações,³⁷
Ajudador dos indefesos, Ó habita comigo."³⁸

116:12-19. Gratidão fervorosa

O salmo se movimenta em direção do clímax das ações de graça: um sacrifício oferecido a Deus e depois devolvido aos homens para uma festa "diante do Senhor" (Lv 7:11 segs.; Dt 12:17-18).

12-14. O próprio Novo Testamento dificilmente poderia dar um vislumbre melhor do que este, da graça celestial e da resposta humana, tudo nos termos mais simples e diretos. A pergunta inicial, com a resposta inesperada, se ressaltam bem em NEB: "Como poderei retribuir ao Senhor . . . ? Pegarei nas mãos o cálice da salvação . . ." (Este *cálice* poderia se referir à oferta da libação, conforme as conjecturas de TEV; cf. Nm 15:10. Um cálice de *salvação*, porém, sugere a dádiva de Deus ao homem, como aquela de 23:5, mais do que uma oferta a Deus da parte do homem). Como o oposto do "cálice espumejante" da ira que merecemos (cf. 75:8), e como alguma coisa que é livremente oferecida, demonstra o próprio padrão do evangelho. O homem é o suplicante (cf. 13b com vv. 1, 2), e o recipiente, antes de ter qualquer coisa para dar. Suas únicas ofertas são suas dívidas de gratidão (14).

Tomarei (13) é o verbo que significa "carregar" ou "levantar" quando se refere a objetos fora da pessoa, embora se empregue para "erguer" ou

³⁴ *The Expositor's Bible; 2 Corinthians* (Hodder & Stoughton, 1903), pág. 165, n. 3.

³⁵ Este é o sentido básico da palavra traduzida *aflito*; mas JB, SLH, TEV a exageram com o advérbio "completamente", que deveria ser "grandemente" (RSV) ou "duramente" (Gelineau).

³⁶ Cf. 11b.

³⁷ Cf. 10b.

³⁸ H. F. Lyte, "Abide with me".

“levantar” os olhos, mãos, cabeça etc. da pessoa. (Há outros verbos para segurar uma coisa no alto).

15. *Preciosa* pode significar, ou “altamente estimada”, ou, num sentido menos feliz, “custosa”. NEB entende aqui o primeiro (“Coisa preciosa. . . é a morte daqueles que morrem fiéis a ele”); o livramento do cantor da morte (3, 8), torna mais provável o segundo sentido, no entanto, o que é bem expresso em JB: “A morte dos devotos custa caro a Javé” (cf. Mt 10:29-31; e, em termos finais, Jo 10:28-29).

16. Aqui temos o sacrifício vivo, do qual as ofertas rituais eram apenas indicações (cf. 40:6-8; 51:17), e aqui temos os laços voluntários (*teu servo*, i.é., “Teu escravo”), que são mais fortes do que os laços quebrados da morte.

17, 18. Assim, as palavras de 13, 14 se repetem, segundo parece, com a diferença significativa que “Tomarei” (13, ver a nota) agora é substituído por “Oferecerei”.

19. Podemos notar, finalmente, que a fé e o amor intensamente pessoais que marcam este salmo, não estão em competição com as expressões públicas, formais e localizadas de piedade. Esta chama não é afastada para queimar sozinha. Colocada *no meio*, acenderá outras, e resplandecerá tanto melhor e por mais tempo por causa disto.

Salmo 117 Todas as Nações

Este salmo minúsculo é grande na sua fé, e seu alcance é enorme. Sua mensagem ainda era grande demais para alguns dos leitores de Paulo compreenderem: ver Rm 15:7ss., passagem esta que é encerrada pela citação deste salmo, entre outros.

1. Ao cantarmos este salmo, nós, também, recebemos o desafio no sentido de não medirmos a soberania de Deus pelo Seu “rebanho pequeno”, nem de aceitarmos a idéia de que povos diferentes têm direito a religiões diferentes. A própria diversidade dos súditos de Deus se ressalta nas expressões *todos os gentios* (“nações”) e “todas as tribos” (*povos*, ARA); cf. as unidades pequenas referidas pela palavra hebraica traduzida “tribos”, em Gn 25:16; Nm 25:15; as outras únicas ocorrências da mesma palavra); esta variedade, outrossim, reaparece na multidão em Ap 7:9, “de todas as nações, tribos, povos e línguas”.

2. A causa do louvor é que Seu amor inabalável (*misericórdia*) “prevalece” (*é grande*, ARA). Esta última é uma palavra vigorosa e formidável, que se emprega do lado mais forte na batalha (“prevalecia”, Êx 17:11), ou das águas do Dilúvio que “prevaleceram . . . excessivamente” (Gn 7:18-20); ou, outra vez, das nossas transgressões (65:3); como também das bênçãos de Deus (Gn 49:26) e do Seu amor prometido (tanto aqui como em 103:11).

O que é mais surpreendente, neste contexto gentio, é que a matéria de regozijo é a bondade de Deus *para conosco*, o que significa, em primeiro lugar, Israel. Mesmo assim, isto faz sentido excelente, porque todas as nações haveriam de achar bênçãos em Abraão, e, na realidade, já as estão achando (cf. Gl 3:8-9). Pode também ser que o “nós” do v. 2 já tenha achado lugar para o “vós” que está subentendido no v. 1, em encarar os israelitas e gentios como um só povo em Deus.

Se sua misericórdia é grande, Sua *fidelidade* é eterna. isto não quer dizer que as duas se coloquem em contraste, pois são aspectos da mesma graça. Mesmo assim, pode-se resumir a segunda linha ao dizer que os planos e promessas de Deus são tão vigorosos e intatos agora como no dia em que foram feitos, e continuarão sendo assim.

Voltando, em conclusão, aos convites iniciais ao louvor: tais exortações dirigidas ao mundo inteiro têm valor mesmo como retórica, pois declaram os direitos de Deus sobre os homens. Mesmo assim, a retórica ficará vazia em grande parte, a não ser que as nações e as tribos a ouçam como uma chamada genuína e inteligível. A convocação, portanto, recai sobre aqueles que a empregam, com a obrigação de fazer com que o convite seja ouvido além das paredes e círculo imediato daqueles.

O salmo mais curto revela-se, na realidade, como um dos mais possantes e germinais.

Salmo 118 Hosana!

O movimento de uma grande ocasião empresta sua emoção ao salmo enquanto progride, e tomamos consciência de um adorador individual no centro dele, cujo progresso até ao Templo não é para celebrar uma libertação meramente particular, como a do 116; pelo contrário, trata-se de uma vitória e uma vindicação dignas de um rei. Muitas vozes se ouvem: litúrgicas (1-4), pessoais (5-14), populares (15-16); e há fragmentos de diálogo formal enquanto a figura central e sua procissão se aproximam dos portões, exigindo a admissão (19), e recebendo a resposta e a aclamação (20, 26), para finalmente chegar ao altar, ponto final da romagem (27).

Este salmo, como salmo final do “Hallel egípcio”, cantado para celebrar a Páscoa (ver sobre 113), pode ter retratado, para aqueles que o cantavam pela primeira vez, o salvamento de Israel no Êxodo, e, finalmente, o término da viagem no monte Sião. Estava, no entanto, destinado a ser cumprido de modo mais perfeito, conforme os ecos do mesmo durante o Domingo de Ramos e a Semana Santa tornam claro para todos os leitores dos Evangelhos.

118:1-4. Amor eterno

A voz de uma grande congregação pode se ouvir por detrás das quatro

respostas idênticas a estes convites. O salmo terminará com as palavras com as quais começou (vv. 1, 29), e outros salmos confirmam a familiaridade desta convocação à adoração (106:1; 136:1), e mostram a oportunidade que dava ao cantor e à congregação para juntamente passarem em revista os grandes atos de Deus (136:1-26). Um vislumbre autêntico de uma cena semelhante se preserva em Jr 33:11, onde Deus promete restaurar a ventura do Seu povo, e “ainda se ouvirá a voz de júbilo e de alegria . . . e dos que trazem ofertas de ações de graça à casa do SENHOR:

‘Rendei graças ao SENHOR dos Exércitos,
porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre!’ ”

Sobre a palavra para *misericórdia*, ver sobre 17:7; e sobre os três grupos aos quais parece que a palavra é dirigida nos vv. 2-4, ver sobre 115:9-11. Provavelmente a resposta haveria de ser dada por estes grupos diferentes, um após outro, demonstrando de novo a extensão e variedade da companhia reunida diante de Deus.

118:5-9. Socorro em boa hora

Agora, uma voz isolada retoma a palavra das demais; não é, no entanto, qualquer indivíduo comum. Logo estará falando como rei (10ss.) e recebendo as boas-vindas de um rei (19-27). Por enquanto, porém, seu testemunho é aquele de qualquer homem que foi libertado; emprega a mesma palavra para *tribulação* (5) que emprega o sofredor em 116:3 para as angústias ou aperto do Seol; e seu grito de desafio: *Que me podem fazer o homem?* era aquele de Davi em 56:11, como também é nosso em Hb 13:6. O lema inesquecível dos vv. 8 e 9 é, da mesma forma, uma máxima para todos, embora talvez a seja especialmente para aqueles que têm acesso aos poderosos (mas ver sobre 146:3).

118:10-14. O círculo dos inimigos

Agora emerge a verdadeira escala das operações, com as palavras *Todas as nações*. Se aquele que fala inclui seu próprio povo consigo mesmo, então temos aqui uma lembrança da hostilidade furiosa das nações contra a cidade de Deus em, e.g. 46 e 48, e do ajuntamento final de todas as nações contra Jerusalém em Zc 14:2. Muitos intérpretes, no entanto, acham aqui uma referência a uma humilhação ritual do rei (ver a Introdução, págs. 21-23, vendo, portanto, o povo tumultuar o rei ao invés de um cerco da cidade. Existisse ou não semelhante ritual, os eventos da história haveriam de mostrar que a inimizade do mundo era, realmente pessoal no fundo, uma rejeição nítida “contra o SENHOR e contra o seu Ungido” (2:2); e mais ainda: que os conspiradores incluíam o próprio Israel (At 4:27).

A expressão *cercaram-me*, quatro vezes repetida, é bastante ameaçadora em si, e o símile de *abelhas* que enxameam e o do crepitar do *fogo* ressaltam que o ataque era perturbador na sua proximidade e na sua fúria. Nosso

Senhor haveria de experimentar malevolência deste tipo, e não somente quando foi julgado: cf. Lucas 11:53-54. O texto hebraico, no entanto, olha para além das labaredas deste *fogo em espinhos* para ver a extinção do mesmo (várias traduções, seguindo mais lit. o Heb., colocam “foram apagadas” ao invés de “foram queimadas”); um fogo desta natureza, portanto, se apaga tão rapidamente como explodiu em chamas, e o poder da maldade se revelará tão curto na sua duração como era feroz.

As destrui (10-12) talvez deve ser traduzido “as expulsarei” (cf. NEB, TRP).

14. Este versículo é uma citação exata da canção de vitória no Mar Vermelho (Êx 15:2a), e os versículos 15 e 28 contêm outros ecos da mesma. Desta forma, os eventos do Êxodo imprimem sua semelhança sobre os atos divinos da redenção no decurso da história (1 Co 10:6, 11; lit. “como padrões”), consumado na obra de Cristo (cf. Lc 9:31; lit. “Seu êxodo que estava para realizar em Jerusalém”).

118:15-18. Os cânticos da vitória

De agora em diante, ouvem-se outras vozes com aquela do rei (se é o rei mesmo quem fala). A batalha foi travada por um só; a vitória é repartida. E aquela vitória (ou salvação — é a mesma palavra) era fundamentalmente do Senhor, tão certamente como foi a libertação no Mar Vermelho. Outro eco do Cântico de Moisés chama a atenção a este fato, no louvor reiterado da *dextra do SENHOR* (cf. Êx 15:6, 12).

118:19-27. As boas-vindas para um vencedor

19, 20. O pedido de senha, às portas. Estes dois versículos formam um par: o desafio, pedindo senha, e a resposta, como os no Salmo 24. É a glória da nossa fé que o próprio Rei entrou pelas *portas da justiça* inteiramente pelos Seus méritos, e aperfeiçoado através do seu sofrimento; e é a glória que Ele tenha entrado assim “por nós” (Hb 2:10; 9:24).

21-23. A principal pedra, angular.³⁹ Aqui temos o primeiro indício de que, no círculo dos inimigos (10 e segs.) havia os próprios *construtores*, os homens de influência em Israel. Isaías mostra que rejeitavam a pedra fundamental nos dias dele, preferindo seu “refúgio de mentiras” (Is 28:15-16), e o Novo Testamento não deixa dúvidas quanto a esta pedra ser um prenúncio de Cristo (Mt 21:42; Rm 9:32-33; Ef 2:20; 1 Pe 2:6 e segs.). A vindicação *maravilhosa* que Deus fez dEle foi através da ressurreição, conforme Pedro dá a entender em At 4:10-11.

24-27. “Hosana! Benedictus! O que Jesus deu a entender de modo fora das dúvidas (Mt 21:42, 45), a multidão percebeu de modo intuitivo quando O saudava com palavras tiradas deste contexto — pois o v. 25 lhe

³⁹ Ver a Introdução, pág. 35.

deu o "hosana!" (*hōšā' ānnā*, "Salva, pedimos!"), e v. 26 o "Benedictus" ("Bendito o que vem . . .").⁴⁰

A ocasião marcada por este salmo, nos tempos do Antigo Testamento, parece ter sido um festival (*o dia que o SENHOR fez* (24) poderia ter sido um sábado, mas a palavra *feira* (ver a nota adicional sobre 27, abaixo) indica que pode ser uma das três festas anuais de romagem: a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos), e temos aqui um vislumbre de duas companhias neste ponto: uma que já está nos átrios do Templo, saudando outra que está chegando com o rei. *Bendito o que vem* é uma saudação individual, mas *nós vos abençoamos* se dirige aos muitos que estão com ele.

Aqueles que participaram duma cerimônia desta natureza nunca poderiam ter previsto que, de repente, seria realizada no caminho para Jerusalém: sem ensaio, sem ser liturgia, e com força explosiva. Naquela semana durante a qual as realidades de Deus romperam Seus símbolos e prenúncios (cf. Hb 10:1), *as pontas do altar* ficaram sendo os braços da cruz, e a própria "feira" (ver a Nota Adicional, abaixo, sobre *feira*) achou seu cumprimento em "Cristo, nossa páscoa" (1 Co 5:7).

118:28, 29. A doxologia

No v. 28, ouve-se outra vez a voz individual, e completa (de modo livre) o versículo do Cântico de Moisés que foi citado no v. 14 (cf. Êx 15:2). Depois, o refrão da congregação (29) completa o salmo como o introduziu (1) — só que agora, pelo menos para nós, há novo discernimento quanto ao seu significado.

Nota adicional sobre v. 27

Festa é uma palavra que significa "festival", ou "feira de romagem" (cf. Êx 23:14 e segs.). Aqui, parece significar, por extensão, algum aspecto da festa, ou os adoradores (cf. a maioria das versões recentes) ou o sacrifício, como sugere o paralelismo de Êx 23:18 (cf. BDB, AV, ARA, RV, RP; ver também Ml 2:3, "vossos sacrifícios". Note-se também a expressão: "Cristo, nossa páscoa", referida supra).

Ramos é um sentido raro de uma palavra razoavelmente comum para "cordas" (e.g. Sl 2:3; Jz 15:13; etc.); e, sendo que "Atai o sacrifício com cordas" faz bom senso de imediato, tem prioridade, à primeira vista, sobre "Adornai a festa com ramos".⁴¹ A única objeção é que, as vítimas não eram

⁴⁰ Além disto, pode ser que Jesus tivesse em mente as palavras subseqüentes (*O SENHOR . . . é a nossa luz*, 27) na Sua advertência imediatamente em seguida: "Ainda por um pouco a luz está convosco . . ." (Jo 12:35-36).

⁴¹ Em defesa desta última tradução, tem sido argumentado que "atar" pode significar "começar" ou "juntar" (ver a discussão de Anderson, ad loc.). Mais significativo é o fato de que, no costume judaico (cf. Lv 23:40), ramos de salgueiro eram empilhados ao redor do altar na Festa dos Tabernáculos, e uma procissão andava ao redor dele, citando o v. 25 do nosso salmo (Misná, Suk. 4:5) — embora não se saiba quando foram introduzidos estes rituais. Além disto, a LXX e outras versões antigas entendiam o texto no sentido de procissão festiva com ramos.

atadas às pontas do altar, pelo que saibamos, embora houvesse anéis para segurar animais, fixados no lado do altar no tempo de Herodes (cf. Delitzsch). Tendo em vista, porém, a preposição *até a*, pode ser que a palavra “Atai” seja uma expressão, carregada de sentido, para “Trazei . . . atado” (de modo algo semelhante ao v. 5, onde o Hebraico deixa subentendidas as palavras “e me deu”. Cf. G-K 119 e segs. para exemplos adicionais). De modo geral o sentido de “Trazei o sacrifício, atado, às pontas do altar” traz consigo o número menor de dificuldades.

Salmo 119 “A Jóia Rica e Preciosa” da Palavra

Este gigante entre os Salmos mostra o pleno florescimento do “prazer . . . na lei do SENHOR” que é descrito no Salmo 1, e acrescenta seu testemunho pessoal às qualidades multiformes das Escrituras que se louvam em 19:7ss.

É um salmo acróstico,⁴² um abecedário de orações e reflexões sobre a Palavra de Deus, dando a cada letra sua vez de iniciar oito versículos sucessivos sobre o assunto. Embora pensamentos diferentes tendem a predominar em estrofes diferentes, parcialmente por causa do estímulo dado pelo esquema alfabético,⁴³ misturam-se com outros que repetidas vezes ocorrem de modo constante. A disposição de ânimo é meditativa; as preocupações e circunstâncias do poeta vêm à luz nas orações e exclamações, não colocadas em seqüência, mas espalhadas pelo salmo inteiro.

Desta forma, nossos comentários, na sua maior parte, reunirão certos temas, ao invés de seguir o salmo na sua ordem consecutiva. Quando se adota este último modo, na seção V, as notas sobre as estrofes sucessivas tratarão principalmente de detalhes complementares.

1. A REVELAÇÃO MULTIFORME

Como um carrilhão de oito sinos, oito sinônimos para as Escrituras dominam o salmo, e as vinte e duas estrofes os empregarão para fazer soar as

⁴² Os acrósticos alfabéticos no Saltério são 9-10, 25, 34, 37, 111, 112, 119, 145. *Pv 31:10-31* é outro; como também cada um dos quatro primeiros capítulos de Lamentações, dos quais o cap. 3 é o mais detalhado. A tradução de R.A. Knox do Antigo Testamento emprega 22 letras do abecedário europeu para reproduzir este padrão em Inglês, sempre quando ocorre.

⁴³ Os exemplos mais claros deste estímulo são as estrofes 5 e 6 (*hé e vâv*), onde a primeira destas letras se presta para a formação de imperativos causativos, e a última a seqüências, sendo que cada um dos versículos 41-48 é ligado ao seu antecessor pelo equivalente hebraico de “e”).

suas variações. Farão assim, de modo livre, sem as fórmulas complexas dos sineiros, e, ocasionalmente, introduzirão um termo adicional. Mesmo assim, os sinônimos andam juntos, e é provável que não devêssemos esperar de cada um que revele sua característica distintiva com cada ocorrência, e, sim, que contribua, nas suas aparências freqüentes, ao nosso entendimento total daquilo que é a Escritura.

Seguindo a ordem da primeira ocorrência de cada uma destas expressões regulares, achamos as seguintes:

a. “Lei” (*tôrâ*)

Este é o termo principal entre todos, e é aquele que surge mais freqüentemente. O verbo do qual se deriva significa “ensinar” (v. 33) ou “dirigir”; vindo da parte de Deus, portanto, significa tanto “lei” como “revelação”. Pode-se empregar de um mandamento único, ou de um corpo inteiro de lei, especialmente do Pentateuco, ou, ainda, da Escritura na sua totalidade.⁴⁴ Faz-nos lembrar que a revelação não é somente para o interesse, mas para a obediência. Cf. Tg 1:25.

b. “Testemunhos” (*‘ēdôt*)

Israel recebeu a ordem no sentido de colocar o livro da lei ao lado da arca da aliança, “para que ali esteja por testemunha (*‘ēd*) contra (Dt 31:26). A franqueza das Escrituras, com seus padrões elevados e suas advertências sinceras (e.g. Dt 8:19, com o emprego desta raiz), é subentendida nesta expressão, como também é sua confiabilidade, como a palavra da “testemunha fiel e verdadeira”. Sendo assim, “os teus testemunhos são o meu deleite” (24).⁴⁵

c. “Preceitos” (*piqqûdîm*)

Esta palavra se deriva do âmbito de um oficial ou superintendente, um homem que é responsável para investigar de perto uma situação e adotar alguma ação (cf. Jr 23:2, onde Deus “cuidará” (*pôqēd*) dos pastores que não “cuidaram” do rebanho). Assim, a palavra indica algumas instruções específicas do Senhor, como sendo da parte de quem cuida dos pormenores.

d. “Decretos” (*huqqîm*)

Estes falam da força obrigatória e da permanência das Escrituras, em se tratando de leis “registradas para os dias vindouros, para sempre, perpetuamente” (cf. Is 30:8).

⁴⁴ Cf. Jo 15:25; 1 Co 14:21, citando os Salmos e os Profetas como “Lei”.

⁴⁵ Na expressão “a arca do testemunho” ou “as duas tábuas do testemunho”, onde a palavra é *‘ēdūt* (Êx 32:15, etc.), “testemunho” é quase sinônimo de “aliança” (cf. e.g. Dt 9:15). Pode ser, no entanto, que *‘ēdūt* e *‘ēdôt* não estejam tão estreitamente relacionados entre si como parece: cf. o comentário sobre Êx 25:16 no Comentário Cultura Bíblica de *Êxodo* por R. A. Cole (EVN, EMC; 1980); cf. também W. F. Albright, *From the Stone Age to Christianity* (Doubleday, 21957), pág. 16.

e. “Mandamentos” (*miswôt*)

Esta palavra ressalta a autoridade direta daquilo que é dito; não meramente o poder para convencer ou persuadir, mas o direito de dar ordens.

f. “Juízos” (*mišpatîm*)

Este “juízos” são as decisões do Juiz onisciente a respeito de situações humanas comuns (cf. Êx 21:1; Dt 17:8a, 9b), e, partindo delas, os “direitos e deveres” revelados, que lhes são apropriados (o “direito do reino”, 1 Sm 10:25). As Escrituras, portanto, sendo o padrão que foi dado para o trato honesto entre os homens, dão o sentido predominante deste termo.

g. “Palavra” (*dābār*)

Este é o termo o mais generalizado de todos, e abrange a verdade de Deus em qualquer forma, declarada, prometida ou mandada.

h. “Promessa” ou “Palavra” (*’imrâ*)

Este termo é muito semelhante ao anterior, e AV e RV a traduzem “palavra” em todo o salmo. Enquanto JB e NEB ficam com a tradução “promessa” a cada passo, ARA, RSV têm “promessa” 13 vezes, permitindo-lhe um sentido mais geral (usualmente “palavra” seis vezes vv. 11, 67, 103, 158, 162, 172). Este modo de traduzir provavelmente atinge o equilíbrio entre o geral e o específico que há nesta palavra que se deriva do verbo “dizer”.

Além destas oito expressões, outras, também, podem falar da auto-revelação de Deus. Os vv. 3 e 37 têm “teus caminhos”, sem o acompanhamento de qualquer dos termos supra; v. 132 tem “teu nome”, e, no v. 90, “tua fidelidade” se refere primariamente à imutabilidade daquilo que Deus decreta. Somente os vv. 84, 121 e 122 não têm qualquer expressão desta natureza.⁴⁶

A ênfase incansável tem levado alguns a acusarem o salmista de adorar a Palavra mais do que ao Senhor; já foi observado com razão, porém, que todas as referências à Escritura contidas aqui, se referem sem exceção ao Autor da mesma, de modo explícito; na realidade, todo o versículo a partir do v. 4 até ao fim é uma oração ou afirmação dirigida a Ele. Esta é a verdadeira piedade: um amor a Deus que não é ressequido pelo estudo, mas por ele refrigerado, informado e nutrido.

II. ALGUMAS QUALIDADES ATRIBUÍDAS ÀS ESCRITURAS

Se os títulos formais das Escrituras, discutidos supra, levam consigo

⁴⁶ Os vv. 84 e 121 contêm a palavra “justiça” (ver sobre “Juízos”, acima), mas não como sinônimo para a Escritura. Há a palavra “juízos” no v. 91, TR que traduz a mesma palavra hebraica, com conotação diferente).

suas próprias implicações, outras facetas surgem a luz nas palavras do próprio salmista enquanto ora e reflete, de tal modo que estes termos formidáveis nos deixam à vontade, falando-nos como amigos em potencial.

a. Um tema persistente é o *regozijo* e o *prazer* que estes ditados trazem. As primeiras referências a este fato, nos vv. 14 e 16, estabelecem o tom de muita coisa que se há de seguir, pelas palavras que empregam para “prazer”⁴⁷ e pela comparação das Escrituras com as riquezas que elas sobrepujam (cf. “milhares de ouro ou de prata” no v. 72; ver também os vv. 111, 127, 162). Não se trata apenas do prazer de um estudioso (embora tenha este aspecto, 97): é o de um discípulo, cujo regozijo está na obediência: “*com o caminho* dos teus testemunhos” (14; cf. v. 1, que indica o curso do salmo inteiro).

b. Mais profundo do que o prazer é o *amor*; e as Escrituras o evocam de modo abundante.⁴⁸ Aqui, o v. 132 penetra ao âmago da matéria na expressão: “os que amam o teu nome”. É por amor a Deus que nos deleitamos nos escritos que O revelam. O anseio do salmista (20, 40), que agora retrata como apetite prazeroso, (“Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! mais que o mel à minha boca”, 103), e agora como urgência anelante (“Abro a boca, e aspiro”, 131), é pelo próprio Deus, conforme revela o contexto.⁴⁹ Cf. a busca “dele” no v. 2, o “Tu” enfático no v. 4; acima de tudo, o v. 57: “Tu, Senhor, és tudo quanto desejo” (conforme a paráfrase de TEV, ver também, SLH.).

c. Se, porém, as Escrituras são atraentes e graciosas, estas qualidades nem por isto deixam de se combinar com a força. Quanto à voz de Deus, é *temível*, fato este que é transmitido não somente pela palavra forte traduzida por “teme” em 161 como também pela metáfora surpreendente de algo que faz os cabelos se arrepiarem (120: “Arrepiam-se-me a carne com temor de ti”. É a palavra que se emprega da visão que Elifaz teve de um espectro, em Jó 4:15). Fortalecimento de um tipo mais encorajante se expressa no fato de que a palavra de Deus é *reta* (7, 75, 123, 138, 144, 172), *digna de confiança* (43, 142; note-se o “todos” no v. 86, 151, e “em tudo” em 160), e tão *inabalável* como o céu e a terra (89-91, 152; mas nosso Senhor foi mais longe, tornando o “para sempre” absoluto, a despeito do céu e da terra: Mt 24:35). além disto, é inexaurível, com “maravilhas” a serem exploradas (18, 27, 129) e uma largura que não pode ser igualada, nem de longe, por qualquer outra coisa (96).

⁴⁷ “Alegrar-se”, “Deleitar-se”, nos vv. 14, 162 (e seu sub. no v. 111), é uma palavra festiva e exultante, enquanto a palavra paralela no v. 16 (cf. 47, 70, e os sub. nos vv. 24, 77, 92, 142, 174) tem um som mais quieto, mais à vontade, e mais simples.

⁴⁸ Ver as declarações dos versículos 47, 48, 97, 113, 119, 127, 132, 140, 159, 163, 165, 167.

⁴⁹ Note-se o *tu* enfático imediatamente antes de 103, e a oração, “Volta-te para mim” que se segue após 131.

III. OS BENEFÍCIOS DAS ESCRITURAS

a. *Libertação*

O paradoxo de que, onde Deus é o senhor “o serviço é liberdade perfeita”, se acha não somente no v. 96, notado supra (*um mandamento* — note-se a palavra — que é de maior alcance de que qualquer coisa na terra) como também no v. 45, onde a liberdade (“largueza”) se acha nos preceitos de Deus, e não em ser desobrigado deles. Dois elementos desta liberdade são: em primeiro lugar, o rompimento do “domínio” do pecado à medida em que os passos são guiados pela Palavra e por ela firmados (133), e, em segundo lugar, pelo encontro com uma sabedoria e visão maiores do que aquelas da pessoa, que expande a mente. “Com largueza” (45) significa estar no “lugar espaçoso” que Davi achou no Salmo 18:19/20, Heb./; no v. 32, porém, relembra a “larga inteligência” que foi concedida a Salomão.⁵⁰ A paráfrase que Moffatt dá deste versículo capta ambos os aspectos desta largueza: “Eu Te obedecerei zelosamente, conforme Tu desdobras a minha vida”.

b. *Luz*

Dois versículos memoráveis falam diretamente acerca da luz. No v. 105 há um toque tipicamente prático com a menção dos “meus pés” e dos “meus caminhos”: é uma luz na qual se anda (cf. 128), e não para se deitar e bronzear-se. O v. 130, no entanto, ressalta seu poder educativo ao criar uma mente de discernimento — pois pouco ajuda ter a vista sem ter o discernimento. A petição: “Dá-me entendimento” (ou “discernimento”) aprecia este fato; ocorre a cada passo (34, 73, 125, 144, 169). Para este olho experiente, aquilo que é falso (104) perde seu apelo. A lição se destaca noutros termos na oração do v. 66 que pede bom juízo (lit. “gosto”, i.é, discriminação; cf. 103) e o testemunho dos vv. 98-100 quanto à sabedoria, ensinada por Deus, que está num plano mais alto do que a do homem.

c. *Vida*

Este é o tema de muitas orações, especialmente perto do fim, onde aparece em rápida e numerosa seqüência (cinco vezes entre 144 e 159). Às vezes, a ligação entre as Escrituras e a dádiva da vida se constitui de uma promessa que o cantor toma para si (25, 50, 107, 154); às vezes, esta ligação se acha no fato de que o próprio guardar das leis de Deus é restaurador (37) e vivificante (93; cf. Sl 19:7), sendo que dirigem o olhar e os passos em direção a Ele. Às vezes, pela proposição inversa, o salmista pede vida a fim de capacitá-lo a guardar estes preceitos (88, e talvez 40). A expressão hebraica que se traduz “vivifica-me” em v. 25, 37, 40, 88, 149, 159 (onde algumas traduções modernas fazem variações segundo o contexto) é, literalmente:

⁵⁰ 1 Rs 4:29 (5:9, Heb.)

“causa-me viver”, que reconhece que a vitalidade depende diretamente de Deus. Este cantor não é legalista, sentindo-se satisfeito com uma sucessão; prosseguirá pressurosamente em busca de nada menos do que o toque vitalizante de Deus. Sabe que, sem este, sua religião estará morta: ver mais, sobre v. 17.

d. Estabilidade

Esta é bem desvendada na situação do v. 23, onde as Escrituras repletam e ocupam uma mente que poderia se desviar. Não se trata de escapismo; trata-se, sim, de prestar atenção ao melhor conselho (“teus testemunhos . . . são os meus conselheiros”, 24) e à questão principal, a saber: a vontade e as promessas de Deus, mais reais e relevantes do que os complôs dos homens. Os vv. 49, 50 mostram o salmista fazendo assim: baseando sua “esperança” e “consolação” numa “palavra” e “promessa” fidedigna. Entre outros exemplos, veja vv. 76, 89-92, 95, 114-118; acima de tudo, o testemunho sereno de 165: “Grande paz têm os que amam a tua lei; para eles não há tropeço”.

IV. A VIDA E OS TEMPOS DO SALMISTA

a. Um mundo hostil

Embora Deus tivesse, como sempre, Seus fiéis, e o salmista tivesse uns companheiros afins (63, 74), o ambiente que imperava parece ter sido um ceticismo religioso (“fizeram em nada a tua lei”, AV), desde os que não se comprometem, os “homens que são metade para lá, metade para cá” (113, Moffatt), até os totalmente profanos, “Os ímpios me espreitam para perder-me” (95).

Os ataques contra o salmista tomam a forma de desprezo (22), a calúnia, (mediante mentiras forjadas, 69, e intrigas, 23, 85). O fato de que as autoridades o perseguem por meios dévios sugere que o regime não é abertamente apóstata; mesmo assim, versículos tais como 87 e 109 mostram quão mortífera pode ser semelhante pressão. E, segundo parece, ele é jovem (o “jovem” do v. 9 é ele mesmo, julgando pelo contexto; ver também 99-100) e sensível ao desprezo (“o opróbrio, que temo”, 39); seu isolamento o deprime: “Pequeno sou e desprezado” (141), e ele se sente despojado da vitalidade e ressequido (25, 28, 83). Como Jeremias, outra personalidade sensível, sente, alternadamente, tristeza e fúria por aquilo que vê, e reage, ora com lágrimas (136), ora com “indignação” e “desgosto” (53, 158).

b. A luta pela sobrevivência

Tudo isto, no entanto, fortalece sua segurança na palavra de Deus, ao invés de enfraquecê-la. Como Paulo e Silas, embora os grilhões deles fossem mais literais do que os do salmista, levanta-se à meia-noite para louvar a Deus, embora “laços de perversos me enleiam” (61-62; cf. 54, 147-8, 164);

e, em muitos pontos do salmo é impressionante comparar o desânimo de uma linha de uma copla com a firmeza da linha que a ela responde (e.g., em cada um dos versículos 81-83). Além disto, é marcante notar a sua humildade, pois conhece suas tentações ao mundanismo (36-37) e à inconstância, expõe diante de Deus os seus atos (26), cômico de que, embora em princípio não se desgarrar dos preceitos de Deus (110), na prática “anda errante como ovelha desgarrada” e precisa ser procurado e achado (176). Até sente gratidão pela aflição que era necessária a fim de colocá-lo na linha (67, 71, 75). Quanto ao restante dos seus sofrimentos, são muito mais do que compensados pelos “grandes despojos” (162) que achou na palavra de Deus (ver seções II e III, supra). Desta forma, ele está ansioso para dar testemunho dela, desejando ardentemente recomendá-la a grandes e pequenos (42-43, 46) e aos seus companheiros na fé (79).

c. O ímpeto para avançar com ânimo

No todo, resplandece a perseverança imperturbada (“de contínuo, para todo o sempre”, 44) da pessoa que escolheu viver à altura das decisões de Deus, recusando caminhos falsos, aceitando a perseguição, lutando contra a depressão. E, juntamente com a perseverança, tem entusiasmo: corre, ao invés de caminhar penosamente (32), e, conforme demonstram as suas duas orações prediletas, continua ansioso por aprender (“dá-me entendimento”) e por ser renovado e fervoroso (“vivifica-me”) mediante o poder criador de Deus.

V. AS VINTE E DUAS ESTROFES

Estas notas suplementam os comentários nas seções I-IV sobre os temas principais do salmo. As palavras em itálico à direita de cada título são as letras hebraicas que iniciam cada um dos oito versículos da estrofe (ver ARC).

119:1-8 O coração indiviso

Álefe

Sobre os termos, *lei*, *testemunhos*, etc., ver seção I, supra.

1. *Irrepreensíveis* (Heb. *tāmîn*). Ver o comentário sobre 18:30.

2. Nota-se aqui aquilo que está implícito em todas as partes do salmo, que as Escrituras são reverenciadas por serem declaração *dEle* (ou: “Tuas”), e os servos de Deus, portanto, assim procuram a *Ele*, e não ao livro por si só.

3. *Iniquidade* tem o sentido de, ativamente, “lesar” alguém, e não de falhas morais em sentido geral. Pode-se traduzir: “nada de injusto”.

4. *Tu* é enfático; cf. a nota sobre o v. 2.

119:9-16. Tesouro armazenado

Bete

9. Decorre-se de todas as orações, proferidas do fundo do coração,

nos versículos em derredor, que é provável que o *jovem* seja o próprio salmista em primeiro lugar (ver IV.a, supra). Está orando mais do que pregando.

11. Quanto a este termo para *palavra*, ver I. h, supra (não I. g). Pv 2: 10-12 e Cl 3:16 mostram que a mente que entesoura as Escrituras tem seu gosto e juízo educados por Deus.

16. Sobre *prazer*, ver II.a, supra.

119:17-24. Consolo na solidão

Guímel

17. *Para que eu viva* é a primeira de muitas orações neste sentido (cf. III c, supra). Embora algumas delas talvez fossem uma mera referência à sobrevivência a uma doença ou a um ataque, outras são claramente qualitativas, falando de uma vida que merece ser assim chamada, ou, em nossa linguagem, a vida espiritual, que se acha em comunhão com Deus: e.g. vv. 37, 50, 93, 144, e provavelmente outros. É um conceito familiar do Antigo Testamento (cf., e.g., Sl 16:11; 36:9; Dt 8:3).

18. Para sentir o impacto deste pedido, cf. as vistas que se abriram diante dos olhos desvendados de Balaão (Nm 22:31) ou do servo de Eliseu (2 Rs 6:17, empregando outra palavra). A metáfora aqui e na história de Balaão é da remoção de um véu ou cobertor (cf. 2 Co 3:14-18).

23, 24. Ver seção III. d, supra.

119:25-32. Vivifica-me!

Dálete

25. Ver sobre v. 17, e seção III. c, supra.

28. Ver IV.a.

29. *Favorece-me* tem o pensamento de outorgar conhecimento desta lei e, talvez também “a graça de viver por ela” (NEB). É um feliz lembrete de que a lei de Deus é uma boa dádiva (cf. III.a), e somente fica sendo a antítese da graça quando se emprega na tentativa de merecer a salvação.

30-32. Os três verbos que iniciam cada um destes versículos, “escolher”, “apegar-se”, e “percorrer”, formam um resumo excelente da piedade: cf., e.g., Hb 11:25; At 11:23; Fl 3:12-14. Sobre *quando me alargares o coração*, ver o fim da seção III a.

119:33-40. Ensina-me!

Hê

33. *Até ao fim* é um dos sentidos de uma palavra que também significa “consequência” ou “recompensa”, como no Salmo 19:11 / 12, Heb./ Assim, NEB aqui traduz: “acharei a minha recompensa”; e, no v. 112: “são uma recompensa que nunca falta”. Qualquer dos sentidos é possível, e, como cada um deles tem seu parceiro noutro trecho do salmo (e.g. 44, para a constância, e 72 para o enriquecimento), a questão permanece em aberto.

38. O sentido literal da segunda linha é “que é para o temor de ti”: uma declaração acerca do propósito prático da palavra de Deus.

119:41-48. Palavras para outras pessoas.

Vav

A oração de At 4:29: “que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra”, não somente é antecipada aqui (42-43, 46), como também é posta no seu contexto; isto porque a palavra falada primeiramente deve ser apropriada (41), confiada (42b, 43b), obedecida (44), procurada (45) e amada (47-48).

48. *Levantarei as minhas mãos* usualmente é um termo para a oração; aqui, é uma expressão arrojada para o anseio pela revelação de Deus nas Escrituras.

119:49-56. Palavras que estabilizam.

Zaiin

Esta estrofe ajuda a preencher o quadro esboçado na seção IV.a, supra.

56. A tradução mais simples seria: “Isto eu tive, porque⁵¹ guardei os teus preceitos” — sendo que “isto” é a alegria e conforto que se descreve de modo tão significativa em 54-55. Embora a obediência não possa merecer estas bênçãos, nos vira na direção certa para recebê-las.

119:57-64. De todo o meu coração.

Hete

57. Quanto ao tema deste versículo, e à paráfrase atraente de SLH, TEV, ver seção II.b, supra.

60. *Deter-se* é a palavra que se empregou de Ló, enquanto “se detinha”, relutante para deixar Sodoma.

61-63. Versículos que fazem companhia com estes são anotados na seção IV.a, supra.

64. Este versículo faz um par ideal com outros vislumbres do mundo como obra e reino de Deus: e.g. 24:1; 33:5; 104:24; Is 6:3; Hc 2:14; 3:3.

119:65-72. Duras lições aprendidas

Tete

66. *Juízo* aqui é, literalmente, “gosto”, não no sentido atual de bom gosto artístico, mas de discriminação espiritual: “Porque o ouvido prova as palavras, como o paladar a comida” (Jó 34:3). Cf. Hb. 5:14.

67, 71. Quanto à gratidão do salmista por remédios amargos, cf. v. 75, e ver seção IV.b, supra. Mesmo assim, não se deve considerar estas “aflições” como sendo castigos (cf. SLH).

119:73-80. “Glorificavam a Deus a meu respeito”

Jode

73. *Afeiçoaram* não é a palavra do oleiro que se emprega em, e.g., 33:15; 139:16; pelo contrário, ressalta o conceito de dar a alguma coisa sua constituição firme (cf. “fundar” ou “constituir”, no v. 90 ou no SI 8:3 / 4,

⁵¹ Esta conjunção também pode significar “quando” ou “que”. Neste último caso, (cf. RSV, NEB, TEV), a lição será que a obediência é seu próprio galardão; cf. 19:11.

Heb./; mas também Jó 10:8). Daí NEB: “me fizeram aquilo que sou”; e cf. JB, SLH, TEV.

75. Ver vv. 67, 71.

78. *Oprimido*: i.é, torceram a verdade acerca de mim (cf. Lm 3:36);

119:81-88. A beira da ruína

Cáfe

81. *Desfalece* tem a idéia de chegar ao fim; cf. SLH, “Senhor estou cansado de esperar . . .” É o mesmo verbo, porém intransitivo, como o de 87a.

88. *Vivifica-me* pode ser traduzido: “dá-me vida” (cf. 93, 107, etc.), que é uma oração para mais do que a mera sobrevivência: ver III.c, supra.

119:89-96. As grandes certezas

Lâmede

Um aspecto marcante destes versículos é a associação entre a palavra de Deus que criou e sustenta o mundo, com Sua lei para o homem. Ambas são o produto da mesma mente que coloca tudo em ordem; e não somente os homens mas “todas as coisas” são “Seus servos” (91, RSV). *Juízos*: a mesma palavra familiar, “julgamentos” ou “ordenanças”, através da qual, num contexto humano, declara Sua vontade para a nossa obediência.

96. Este versículo serviria muito bem como um resumo de Eclesiastes, onde todo o empreendimento humano tem seu dia e depois vem a ser nada, e onde é somente em Deus e nos Seus mandamentos que passamos para além destes limites frustradores. Quanto à largura libertadora deste mandamento (contrariamente aos temores dele, da nossa parte), ver III.a, supra.

119:97-104. Sabedoria celestial

Mem

O Novo Testamento ilumina os vv. 98-100 pelas suas demonstrações sucessivas de que a sabedoria celestial começa como dádiva para “pequenos”, e é oculta aos sábios segundo o mundo. Tal fato fica claro no ministério de Cristo (Lc 10:21), de modo decisivo na crucificação (1 Co 2:8), e consistentemente depois disto, nas reações dos sábios ao evangelho (1 Co 1:18 e segs.). Quanto aos temas destes versículos, ver também At. 6:10; 1 Jo 2:27; mas Hb 5:11-14; 1 Co 14:20.

102. A palavra *tu* é enfática. Aqui temos Quem garante a verdade da Bíblia, e o Único que pode abrir os olhos dos discípulos para vê-la.

103, 104. A atração aquilo que é verdadeiro, e a repugnância por aquilo que é falso são, para nós, gostos adquiridos. V. 104 descreve o processo; 101 revela a cooperação sincera que da nossa parte é exigida.

119:105-112. Sem perder o caminho

Num

105, 106. Estes dois versículos, no seu conjunto, demonstram que tipo de *luz* e de *caminho* estão em mente, e o v. 104 deixa este fato duplamente claro. Não se trata de orientação conveniente para a carreira da

pessoa, mas de verdades para escolhas morais: ver, por exemplo, o tipo de “cilada” e do “desviar-se” subentendido em 110. O exemplo clássico da luz das Escrituras, bem empregadas num lugar de muitas ciladas, é a tentação do nosso Senhor.

112. Sobre a expressão: *até ao fim*, ver sobre v. 33.

119:113-120. Longe de ser um apóstata

Sâmeque

113. *Duplicidade* é semelhante à palavra que Elias empregou, desfaçando daqueles que “coxeavam entre dois pensamentos?” (1 Rs 18:21). Moffatt coloca bem esta expressão (conforme foi notado na seção IV.a, supra): “os homens que são metade para lá, metade para cá”.

120. Sobre a expressão muito enfática: *Arrepi-se-me a carne*, ver II.c, supra.

119:121-128. Pressões da parte dos ímpios

Aiim

122. Cf. Jó 17:3.

126. Para outro grito de *é tempo* . . . (mas endereçado aos homens), ver Os 10:12.

127, 128. À primeira vista a expressão “Pelo que” (ARC, lit. “por causa disto”) que começa o v. 127 pode parecer fora do lugar, e alguns a emendam.⁵² Mesmo assim, a lógica da lealdade é se dedicar ainda mais à medida em que crescem as pressões contrárias.

119:129-136. “A luz resplandece nas trevas”

Pê

130. Para *A revelação*, AV tem “a entrada”, baseada na palavra bem semelhante que significa “porta”. A idéia de “desdobrar” ou, literalmente, “abrir”, é certa, como na história de Emaús: “Porventura não nos ardia o coração . . . quando nos expunha as Escrituras?” (Lc 24:32; cf. At 17:3).

131. Aqui temos uma palavra diferente para *abro* do que aquela do v. 130. Expressa o anseio de um animal faminto ou sedento (e.g. Jó 29:23).

133. *Na tua palavra* faz sentido excelente, e segue de perto o Hebraico; mas é fácil confundir as letras hebraicas para *be* (“em” ou “por”) e *ke* (“segundo”), e há evidência antiga a favor deste último, que é seguido, talvez sem necessidade, pela maioria das versões modernas.

136. Ver a descrição do salmista entre os seus contemporâneos, na seção IV.a, supra.

119:137-144. Justiça eterna.

Tsade

Quanto ao auto-retrato que se vislumbra nos vv. 139 e 141, ver outra vez a seção IV.a.

⁵² Para o TM *‘al-kên* (“portanto”, “por causa disto”), uma sugestão é *‘al-kôl* (“acima de tudo”); outra é omitir *‘al*, deixando *kên* sozinho (“verdadeiramente”, NEB; “sim”, BLH, JB). RSV tem “portanto”, e ARA omite a expressão.

142. Um companheiro para este versículo é 145:13, um “reino eterno”; ao que se poderia acrescentar Jr 31:3 / 2, Heb./, ”... amor eterno”.

119:145-152. A esperança adiada.

Cofe

150, 151. Note-se o realismo da declaração dupla: *Aproximam-se... Tu estás perto*. Não se encobre a ameaça; é colocada na sua perspectiva por um fato maior.

119:153-160. A vida preciosa.

Reche

Há uma urgência crescente, evidenciada pela repetição, na petição em prol da vida, que se ouve três vezes numa exclamação idêntica (*vivifica-me*) que, no Hebraico, termina os vv. 154, 156, 159. Quanto ao seu significado, ver seção III.c, supra.

160. *Em tudo... desde o princípio* é literalmente “a cabeça”. Juntamente com “desde”, esta palavra pode, de fato, significar “princípio” (e.g. Is 40:21; Pv 8:23); aqui, porém, somente diz “a cabeça da Tua palavra”. Num frase deste tipo significa, como em RSV, “a soma” (c.f., e.g., 139:17); e seu emprego como equivalente de “censo” em Êx 30:12; Nm 1:2, etc., mostra que a “soma” não significa “de modo geral”, mas, pelo contrário: “toda parte dela” (cf., tb. SLH).

119:161-168. O lugar da paz.

Chim

O quadro do salmista que aqui emerge é preenchido no restante do salmo; ver seção IV, supra.

168. Nota-se a reverência para o próprio Deus, e não para as Escrituras isoladamente; cf. as observações no fim de seção I, supra, e note-se a piedade pessoal na estrofe final.

119:169-176. Ensina-me, ajuda-me, procura-me.

Tau

171, 172. Nas duas palavras, *Profiram* e *celebre*, pode haver um indicio de, respectivamente, a espontaneidade particular e pública: a primeira destas palavras sugere o borbulhar de uma fonte, e a segunda (lit. “A minha língua responderá”) o louvor antifonal de um coro (cf. a mesma palavra “responder” para “cantar” em 147:7; e, empregando outros termos, o clamor dos serafins, uns para os outros em Is 6:3).

176. A nota de necessidade urgente com a qual o salmo termina (*desgarrada* pode ser traduzido “que perece”) é prova bastante de que o amor para as Escrituras, que motivou os escribas de todas as eras, não precisa endurecer-se até se tornar em orgulho acadêmico. Este homem não teria tomado posição ao lado do fariseu da parábola; pelo contrário, teria ficado com o publicano que se colocou em pé à distância, mas que foi para casa justificado.

Salmo 120 O Forasteiro

Este é o primeiro dos quinze Cânticos de Romagem (120-134, um grupo cujo nome se debate resumidamente na Introdução, pág. 57). Parece que eram cânticos empregados pelos peregrinos ao caminharem para o Templo em Jerusalém para as festas. Nem todo salmo deste grupo era necessariamente composto para este propósito. Este salmo, por exemplo, parece marcadamente pessoal,⁵³ embora expresse muito bem, num contexto de romagem, as saudades do lar daqueles que fizeram sua habitação entre estrangeiros ou inimigos. Apropriadamente, começa a série numa terra distante, de modo que nos juntamos aos peregrinos enquanto iniciam uma viagem que, em linhas gerais, nos trará para Jerusalém no Salmo 122, e, nos últimos salmos do grupo, até à arca, aos sacerdotes e aos servos do Templo que ministram, por turnos, dia e noite na Casa do Senhor.

120:1-4. Flechas mortíferas

1, 2. A *angústia* ou “apertos” para onde as palavras humanas podem forçar um homem, se contrastam cruelmente com a liberdade, ou “largura” que 119 achava nas palavras de Deus (e.g. 119:45, 96).

Este homem, ao invés de retorquir, olhou numa direção melhor, e recebeu uma resposta mais retumbante, conforme agora responde.⁵⁴

3, 4. Em resumo, a resposta é que o mentiroso, por mais que as suas armas machuquem, será destruído com flechas bem mais poderosas do que as mentiras: as *setas*⁵⁵ divinas da verdade, e as *brasas*⁵⁶ do julgamento.

120:5-7. Espadas desembainhadas

Agora vem ao lume a situação especial do cantor como estrangeiro, e com ela, a motivação destas calúnias, que é simplesmente o ressentimento de um modo de vida contra seu oposto. Esta pequena passagem é um comentário clássico sobre o “jugo desigual”, a incompatibilidade da luz e das trevas que nenhuma quantidade de boa vontade, exceto a capitulação ou a conversão, pode resolver. O Novo Testamento aconselha o cristão neste contexto contra dois erros opostos: de um lado, o meio termo (2 Co 6:14 e segs.; 1 Jo 2:15 e segs.), e, do outro lado, a animosidade (Rm 12:14-21).

⁵³ Ver, porém, a nota adicional sobre o v. 5.

⁵⁴ A tradução mais natural do v. 1 indica um evento no passado: “. . . clamei. . . e ele me respondeu”, como na maioria das versões. V. 2 então relembra a oração, e vv. 3-4 declaram o resultado (cp., porém, ARA, SLH).

⁵⁵ Cf. 64:3-4, 7-8, onde a seta de Deus faz com que as flechas verbais dos caluniadores se voltem contra eles.

⁵⁶ Aparentemente, as raízes do *zimbardo* queimam bem, e produzem um carvão vegetal notável. Quanto a *brasas* como símbolo do juízo, c.f., e.g., 140:10 / 11, Heb./.

Nota adicional sobre o versículo 5

Meseque e *Quedar* ficam tão distantes entre si (os habitantes das estepes do extremo norte, Ez 39:1-2, e os vizinhos árabes de Israel ao sudeste) que a única maneira de serem unidos aqui é como termo geral para os pagãos. Se o “eu” deste salmo é Israel personificado, então estes dois nomes resumem o mundo gentio, longe e perto, onde Israel ficou disperso. Senão, a não ser que tenha havido emenda do texto,⁵⁷ devem ser entendidos como nomes figurativos do salmista para a companhia estranha onde fica: tão alienada como os povos mais remotos, e tão implacável como seus aparentados árabes (cf. Gn 16:12; 25:13).

Salmo 121
“Elevo os olhos”

A palavra “guardar” ocorre frequentemente neste salmo. A proteção é uma questão vital para um peregrino que viaja arduamente, e no meio de território solitário.

1. *Os montes* são enigmáticos: será que a linha inicial retrata um impulso para se refugiar neles, como Davi se sentiu tentado a “fugir, como pássaro, para o monte”? (11.1). Ou será que os próprio montes são uma ameaça, o antro dos assaltantes?

2. Davi, de qualquer forma, conhece algo melhor. O pensamento deste versículo pula para além dos montes para o universo; para além do universo para o Criador do mesmo. Aqui há ajuda viva: primária, pessoal, sábia, incomensurável.

3, 4. O resto do salmo leva para um círculo de promessa que sempre se expande, tudo em termos de “Ele” e “tu”. Parece que neste ponto do cântico dos peregrinos, outra voz responde à pessoa que fala primeiro, e ainda outra no v. 4; ou pode ser que o cântico inteiro seja a expressão de um indivíduo, e o diálogo interior, como em, e.g., 42:5.

No v. 3, a palavra para *não* é aquela que normalmente se emprega para pedidos e mandamentos. Desta forma, o versículo não deve ser tomado como declaração que o v. 4 virtualmente repetirá, mas como desejo ou oração (cf. TEV⁵⁸), a ser respondida pela confiança vibrante do v. 4 e de tudo quanto se segue. I.é., “Que não permita que os teus pés vacilem; que não dormite aquele que te guarda!” — seguido por: “É certo que não dormita nem dorme o guarda de Israel”.

⁵⁷ Duas emendas sugeridas são: (a) ler Massá (Gn 25:14) no lugar de Meseque, diferença esta só de uma consoante hebraica; (b) ver Meseque como abreviatura accidental de *mošē kē qešer*, “os que estendem o arco”; cf. a reputação de Ismael e seus descendentes, através de Qedar, Gn 21:20; Is 21:17. Tanto a LXX como a Vulg. lêem este verbo como sendo “estender” ao invés do nome Meseque, que tem as mesmas consoantes.

⁵⁸ TEV, no entanto, altera “te” etc. para “me”.

5, 6. Agora, o privilégio de Israel é assegurado ao israelita individual: uma proteção tão pessoal como é ele mesmo. Começa onde ele está agora, lá na sua viagem, olhando para os montes. O Senhor está mais perto do que eles (5c), e Sua proteção é tão refrescante como é completa. É eficaz contra os perigos conhecidos e desconhecidos do dia e da noite; contra as forças mais assoberbantes e as mais insidiosas.⁵⁹

7, 8. A promessa avança, deixando as preocupações imediatas do peregrino para abranger a totalidade da existência. À luz de outros trechos bíblicos, ser *guardado de todo mal* não dá a entender uma vida bem almofadada, e, sim, uma vida bem armada. Cf. 23:4 que sabe que vem o vale da sombra, mas está pronto para enfrentá-lo. As duas metades do v. 7 podem ser comparadas com Lc 21:18-19, onde o cuidado mais minucioso de Deus (“não se perderá um só fio de cabelo da vossa cabeça”) e a realização mais profunda dos Seus servos (“ganhareis a vida verdadeira”, NEB) se prometem na mesma ocasião em que se adverte da perspectiva da perseguição e do martírio (Lc 21:16-17). *Tua alma*, nesta passagem (7), é uma palavra com muitas facetas, como em Lucas; significa a totalidade da pessoa viva. Nosso Senhor enriqueceu o conceito de conservar ou perder esta vida ou alma mediante o Seu ensinamento do dar a si mesmo e do amar a si mesmo (e.g. Jo 12:24-25).

O salmo termina com uma promessa que dificilmente poderia ser mais enfática ou mais abrangente. *A tua saída e a tua entrada* não é apenas um modo de dizer “tudo” (cf. a nota de rodapé do v. 6); com detalhe mais preciso, chama atenção às aventuras e empreendimentos da pessoa (cf. 126:6), e para o lar que permanece sendo a base da pessoa; outra vez, à peregrinação e ao retorno; talvez até (mediante outra associação deste par de verbos) à aurora e ao pôr do sol na vida da pessoa. A última linha, no entanto, toma cuidado desta viagem; e seria difícil decidir qual metade dela nos dá mais encorajamento: o fato de que começa “*desde agora*”, ou de que continua, não até ao fim do tempo, mas eternamente; como o próprio Deus, que é (cf. 73:26) “A minha herança para sempre”.

Salmo 122 A Cidade Amada

122:1, 2. A alegria da chegada

Finalmente, aproximam-se Jerusalém e a Casa do Senhor, que se tor-

⁵⁹ As duas linhas do v. 6 não somente são paralelos poéticos (cf. Introdução, págs. 11 e segs.), como também empregam um modo predileto hebraico de expressar a totalidade: mencionar por nome um par de opostos para expressar tudo que fica entre eles (cf. 8a). Sobre os efeitos da *lua* sobre as pessoas, pouco se entende; mas alguns tipos de distúrbios mental variam com as fases da lua. Nem toda a crença popular sobre este assunto está sem fundamento.

nam visíveis, e chegamos. O deleite do v. 2 é captado por Gelineau: “E agora, os nossos pés estão firmados dentro das tuas portas, Ó Jerusalém!” As provações de um expatriado (120) e os riscos da viagem (121) agora são ofuscados pela alegria que já inicialmente atraiu o peregrino para fazer sua viagem. Há uma forma em miniatura desta alegria em qualquer reunião para a verdadeira adoração (expressada especialmente no “Cântico para o Dia de Sábado”, 92); aqui, porém, a vista da Casa do Senhor é o auge de uma peregrinação mais longa e árdua do que a “viagem de um dia de sábado”. O equivalente cristão deste progresso e desta chegada se expressa magnificamente na doxologia de Jd 24, dedicada Àquele “que é poderoso para vos guardar de tropeços” (cf. 121) “e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória” (cf. 122).

122:3-5. Laços de união

Nada (a não ser, às vezes, a igreja) poderia estar mais longe deste quadro de uma “cidade que está em união consigo mesma” (PBV) do que a Jerusalém que nosso Senhor descreveu: “que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados!” (Lc 13:34). A expressão *como cidade compacta* emprega (conforme indica Anderson) o mesmo verbo que se acha nas instruções para a fabricação do tabernáculo para adoração: “ajuntarás a tenda, para que venha a ser um todo” (Êx 26:11). Assim era o projeto; assim também será a realidade final (Ap 21:10ss.).

4. A *união nunca teve a intenção de ser uniformidade*; Israel era uma família de *tribos*, cada uma com seu caráter bem marcado (cf. Gn 49; Dt 33). Os laços, porém, eram mais do que os de sangue ou de conveniência: estas eram as tribos *do SENHOR*, e Jerusalém era o lugar de encontro com Ele, e não simplesmente de umas com as outras. O rei Jeroboão, com seu reino separatista, tinha medo deste ponto de reagrupamento (1 Rs 12:26 e segs.), esquecendo-se de que aquilo que *convém a Israel* (ARC: “como testemunho de Israel”; Dt 12:13-14) nunca poderia ficar em desarmonia com aquilo que lhe fora condicionalmente prometido pelo mesmo Deus (cf. 1 Rs 11:38).

Note-se que o objetivo destas festas de romagem era *render graças*, e não, primariamente, buscar a união ou a prosperidade. Estas eram dádivas adicionais, decorrentes da ocasião, e não a razão de ser dela; a adoração paga, pelo contrário, era, por demais desavergonhadamente, um meio de se obter seus próprios desejos: cf. Os 2:5.

5. A *justiça* pode parecer um anticlímax entre as glórias de Jerusalém, mas, na realidade, ela é o primeiro dever de um soberano, e seu mais rico dom: cf. Is 2:4; 42:3-4. Ver também sobre 72:1-4.

122:6-9. A visão da paz

O som e o sentido do nome de *Jerusalém*, cujas sílabas finais sugerem a palavra *paz* (cf. Hb 7:2), definem o tom destes versículos, nos quais

šālôm (“paz”) e *šālhwâ* (“segurança”, “prosperidade”⁶⁰) fazem sentir sua influência agradável. São os frutos apropriados da justiça, o assunto do v. 5.

A segunda metade do v. 6, juntamente com o v. 7, deve ser tratada como uma intercessão proferida em resposta à conclamação de 6a. É mais do que uma oração contra inimigos externos, embora sua alusão a *muros e palácios* tome devida nota dos mesmos (cf. 48:12ss.): sobretudo, pede a concórdia: a paz “*dentro . . . nos . . . em . . .*”.

A lamentação de nosso Senhor em prol da Jerusalém dos dias dEle lança nova luz sobre esta oração. Para as autoridades daquele tempo, as coisas que contribuiriam para a paz pareciam, à primeira vista, divisivas e perigosas (Jo 11:48), e finalmente ficaram sendo inconcebíveis (Lc 19:41ss.). Jerusalém, manipulando as coisas para assegurar a sua própria segurança, conseguiu trazer sobre si a destruição.

8, 9. Aquilo que Jerusalém era para o israelita, a igreja é para o cristão. Aqui estão seus laços mais fortes, seus *irmãos e amigos*, conhecidos e desconhecidos, atraídos juntamente com ele a um só centro, como peregrinos juntamente.

“Diante do Teu trono diariamente nos encontramos

Juntando nossas petições a Ti;

Em espírito, saudamos uns aos outros,

E voltaremos a nos encontrar”.⁶¹

Além disto, quaisquer que fossem as limitações dos seus cidadãos, Jerusalém foi o lugar onde Deus achou por bem edificar a Sua casa. A resposta simples a isto, *buscarei o teu bem*, era o mínimo que tal fato exigia, e não havia limite para ela. Para o cristão, ela, além disto, não tem fronteiras territoriais. Quanto às implicações inspiradoras disto, ver Hb 12:22-24; quanto às aplicações imediatas, ver Hb 13:1-3.

Salmo 123 Nossos Olhos Ansiosos

Como o próprio Saltério, estes cânticos de romagem preservam muitas disposições de ânimo, e refletem algo da história turbulenta de Sião, uma história que continua na epopéia da igreja. Este clamor que vem do fundo do coração ainda pode falar em prol dos nossos contemporâneos sob perseguição, dando-nos palavras para orarmos em uníssono com eles.

1. Se o viajante do 121 tinha que aprender a olhar mais alto do que os montes, este sofredor, ainda mais cercado, ganhou a mesma vitória. Suas palavras, voando bem alto acima das suas circunstâncias, colocaram seus pro-

⁶⁰ *Ser próspero* (6) é o verbo do qual se deriva *prosperidade* (7). A idéia básica é de uma tranquilidade próspera.

⁶¹ R. Baxter “*He wants not friends that hath thy love*”.

blemas num contexto suficientemente grande para contê-los. Deus, “entronizado nos céus” (RSV) “tudo faz como lhe agrada” (115:3), e Seu amor e sabedoria fiéis são igualmente além dos nossos cálculos (36:5; Is 55:9). O Pai Nosso começa com uma olhada para cima como esta; o salmo pode corrigir a olhadela indiferente para a qual a indiferença freqüentemente reduz este olhar.

2. Havia imenso cumprimento de foco no v. 1; agora, o olhar se fixa num ponto único mais perto, com a vigilância treinada do servo que está pronto para o mínimo gesto. Não se deve forçar a comparação: estes servos estão aguardando alívio, e não ordens; mesmo assim, continuam sendo servos, sempre leais e submissos. Recusaram-se a aliviarem a tensão de esperarem por Deus por meio de renunciá-Lo, ou de comprarem sua liberdade do “desprezo dos soberbos” (4) por meio de se juntarem a estes. O hino que liga este salmo com a injunção de nosso Senhor no sentido de sermos fiéis que vigiem pela volta dEle, é leal ao espírito deste trecho:

“Notem o primeiro sinal da Sua mão
e apareçam todos em prontidão”.⁶²

3.4. É revelador que o *desprezo* seja destacado para ser mencionado. Outras coisas podem machucar, mas este é ferro cortante. Penetra mais profundamente no espírito do que qualquer outra forma de rejeição; no Sermão da Montanha é considerado mais assassino do que a ira (Mt 5:22). Fere especialmente quando é fortuito ou inconsciente; se, porém, é merecido e irreversível, é uma das dores do inferno (Dn 12:2); cf. a citação de C. S. Lewis no comentário sobre 14:4-6⁶³

Mesmo assim, como parte daquilo que ocorre ao cristão, na sua capacidade de cristão, o ferrão do desprezo é retirado. Pode ser uma honra (At 5:41), e é alguma coisa que o próprio Cristo aceitou, e tornou em parte da redenção.

Entre as muitas repetições que reforçam a urgência do salmo é a expressão *estamos fartos* ou *está saturada* (trata-se do mesmo verbo hebraico). O salmo termina de repente, sem receber uma resposta; há, porém, uma resposta de outro sofredor no meio do mesmo tipo de situação, aceitando com resolução esta palavra, em Lm 3:30-31, 33:

“Dê a face ao que o fere;

farte-se de afronta.

O SENHOR não rejeitará

para sempre . . .

porque não aflige nem entristece de bom grado
os filhos dos homens”.

⁶² P. Doddridge, “Ye servants of the Lord”.

⁶³ Ver a pág. 96, vol. I.

Salmo 124
“Quando falha a armadura terrestre”

Como salmo de Davi, este nos dá uma preciosa introspecção nos perigos enfrentados durante a primeira parte do seu reino, especialmente da parte dos filisteus, que pensaram que tinham visto os últimos vestígios de Israel ao espatifarem o reino de Saul. 2 Sm 5:17ss. mostra quão séria era a ameaça, e quão pouca confiança Davi tinha na sua própria capacidade de sobrevivê-la. Esta não era mera incursão para ganhar território: é guerra total para por fim a Davi e à esperança de Israel.

1, 2. Ouvimos o cantor declamando a sua linha de abertura, para então dar lugar a congregação trovejar em repetição, no v. 2 (cf. JB “— que Israel o repita —”; ver, de modo semelhante, 129:1).

3. O restante do salmo, a não ser o versículo final, simplesmente consiste em três ou quatro figuras vívidas para nos tornar real o desastre total que se avolumou tão perto. A primeira delas retrata algum monstro grande o suficiente para dar conta da sua presa num só gole.

4, 5. A torrente impetuosa pode ser duplamente apropriada, pois, na realidade, foi Deus quem irrompeu entre os filisteus “como quem rompe águas” numa ocasião que parece ser idêntica com esta (2 Sm 5:20; cf. os comentários introdutórios, supra). Para outro exemplo de um exército que a tudo conquista, ver Is 8:7-8.

6. Esta figura não é bem idêntica àquela do v. 3. Entre estas máximas sentimos as agonias mais lentas da derrota, como o rasgar e moer da presa.

7. A última metáfora, a mais vívida de todas, apresenta a provação como aquela que já estivera em estado avançado, sendo um fato presente o domínio do inimigo, com seu exército numa posição de supremacia (cf. 2 Sm 5:18). Tal fato, aliás, faz o Salmo ficar bem acessível ao cristão como veículo do seu próprio louvor — o de um cativo libertado, cujos próprios esforços somente teriam servido para deixá-lo ainda mais emaranhado. Em primeiro lugar, no entanto, o louvor é coletivo, bendizendo a Deus pela sobrevivência do Seu povo (no qual podemos ver, não somente Israel, como também a Igreja) sofrendo os ataques mais formidáveis e a opressão mais desapiadada.

8. O exemplo de Davi, ao olhar para o Criador, e não às coisas criadas, parece ter inspirado um peregrino posterior (121:2); mas a menção do *nome* pode ser um eco do seu próprio Salmo 20:7, onde esta ajuda invisível revelase mais real e mais poderosa do que o equipamento mais avançado daqueles dias. É esta a lição do salmo inteiro.

Salmo 125
O Guardião dos Justos

Os montes e a cidade santa, bem visíveis aos peregrinos e presentes nas

suas mentes, fazem sentir outra vez a sua presença; e, mais uma vez, os pensamentos que despertam perscrutam e são fundamentais, penetrando até as realidades por detrás destas vistas impressionantes.

1. A religião carnal se fixa naquilo que é sacrossanto, e tomará abrigo atrás do Monte Sião contra o próprio Deus (ver o sermão do “covil de salteadores” em Jr 7). A verdadeira religião começa no centro, o *SENHOR*, em Quem todas as coisas — inclusive o Monte Sião — se firmam juntamente. A frase: *Os que confiam no SENHOR* mostra uma das várias facetas do nosso relacionamento, que se menciona no Antigo Testamento juntamente com a menção daqueles que “temem”, “amam”, e “conhecem” a Ele; um vínculo por demais íntimo para ser uma conexão passageira. Sua própria lógica faz com que seja *para sempre*.

2. Assim como Sião despertava pensamentos acerca da sua contraparte viva, a igreja, assim também os montes em derredor atraíam a mente para ultrapassar a eles, chegando a Deus. 121:1 mostra que a mente é tentada a parar muito antes deste ponto.

3. Agora emerge a situação desoladora na qual foram faladas estas palavras: é onde parece que o mal está dominando enquanto os justos hesitam. A alusão pode ser uma alusão ao domínio estrangeiro, ou não: os pagãos não detêm o monopólio do pecado. A convicção de que esta situação não pode durar não se baseia no ponto de vista de que o mal pode sentir tanta vergonha que deixará de agir, conforme talvez possa sugerir 3a tomado isoladamente. Pelo contrário, o mal sempre está feliz em achar alguma coisa que possa corromper; e 3b leva a sério esta possibilidade. Cf. os ditados em Mt 24:12 sobre a maldade e o esfriar do amor. Somente Deus pode encurtar o reinado dela, e recebemos a promessa de que assim fará.

4, 5. A certeza desabrocha em oração; v. 5, bem como v. 4, pode ser tomado naquele sentido: i. é, “. . . que o SENHOR os leve . . .”. As *sendas tortuosas* trazem uma lembrança de Jz 5:6, quando os viajantes tinham que tomar caminhos dévios; estes homens, no entanto, são dévios por escolha. Sem dúvida, é o modo deles procurarem a paz conforme eles a compreendem.

Em contraste, as palavras finais do salmo chegaram à *paz*, não por meios termos, mas pelo único caminho que a ela conduz: o caminho da justiça.

Salmo 126

“Foi como um sonho!”

Alegria e alívio delirantes — tal é a disposição de ânimo captada de novo na primeira metade deste cântico. Agora, porém, não passa de uma memória, e o salmo se transforma em oração que pede uma transformação comparável de uma cena estéril e sem ânimo. Qual foi o tipo de libertação

que Deus dera, e ainda estava para dar, é a pergunta levantada no comentário sobre vv. 1-3.

126:1-3. A alegria trazida à lembrança

As antigas traduções, bem como algumas das modernas (e.g. JB, SLH, v. porém, nota, TEV), entendem que este salmo trata do cativeiro e da libertação. As frases-chaves nos vv. 1 e 4, no entanto, podem abranger muito mais do que isto, e, na realidade, os vv. 4-6 pintam um quadro de labuta coaroadada com bênçãos, afinal, ao invés da simples misericórdia da volta ao lar. Assim, RSV e ARA (cf. NEB) fazem bem ao empregarem os termos gerais da sorte restaurada⁶⁴ nestes versículos. A restauração de Jó se descreve da mesma maneira (Jó 42:10). Se a restauração de Sião era da fome ou da cerca, do cativeiro ou da peste, obviamente era milagrosa e muito comentada.⁶⁵ Permaneceu uma vívida lembrança nacional (cf. a paráfrase viva em TEV: "foi como um sonho! Como rimos, como cantamos de alegria . . . como fomos felizes"), tão inspiradora como o irrompimento de um avivamento na igreja cristã.

V. 3 ainda está olhando para ela, conforme sugere o texto hebraico e conforme exige o v. 4.

126:4-6. A alegria chamada de volta

A memória, longe de se descambar para a nostalgia, agora dá o ímpeto para a esperança. V. 1 poderia ter sido ecoado como um suspiro; ao invés disto, porém, estabelece o tom e o escopo da intercessão confiante.

Os dois retratos da renovação (4b, 5-6) não somente são marcantes: complementam-se entre si. O primeiro deles é de algo repentino, puramente uma dádiva do céu; o segundo é lento e árduo, sendo que ao homem é atribuído um papel crucial para desempenhar nele.

A generosidade repentina aqui recebe sua ilustração perfeita, sendo que poucos lugares são mais áridos do que o *Neguebe*⁶⁶ e poucas transformações são mais dramáticas do que a de uma ravina seca que se transforma em torrente. Este pode ser o efeito de uma chuvarada, que pode também

⁶⁴ Ver o comentário e nota de rodapé sobre 14:7. O texto existente de 126:1 possivelmente dá um pouco mais de apoio a RSV e ARA, sendo que *šibāṭ* dificilmente poderia significar "cativeiro". Geralmente, porém, se reconhece que foi um erro ortográfico, que deveria ser *šebūt* / *šebīt*, como no v. 4 e noutros trechos.

⁶⁵ Este fato pesa contra o ponto de vista que considera o salmo um produto do ritual, ações de graças e orações litúrgicas pela ceifa e pelas chuvas nas suas estações. Mesmo se "sonha" (1) fosse substituído pela alternativa mais prosaica "temos saúde" (cf. NEB. e as ocorrências desta segunda raiz em Jó 39:4; Is 38:16), ainda permanece a surpresa entre as nações (2) que pareceria um pouco excessiva se o assunto em pauta fosse a devida sequência das estações.

⁶⁶ Este nome, que significa "seco" ou "ressequido", é dado à parte do extremo sul, que se estende em direção à península do Sinai. Em AV, RV, ARC, é chamado o "sul".

transformar o deserto em derredor em lugar de relva e flores, da noite para o dia.⁶⁷

Formando um par com este quadro, há o outro que também retrata o reavivamento, em termos da agricultura de um tipo que rompe o coração; todas as suas alegrias foram obtidas com dificuldades (cf. 2 Co 9:6) e aguardadas durante muito tempo (Gl 6:7-10; Tg 5:7-8). Quaisquer que sejam, no entanto, as incertezas da agricultura literal, o salmista tem tanta certeza desta ceifa — a bênção divina de semente semeada⁶⁸, e a visitação do Seu povo — como têm os apóstolos. As traduções modernas tendem a omitir as palavras adicionais de ênfase no versículo final, que são parcialmente preservadas em AV, PBV. Tanto o sair como o voltar para casa são enfatizados mediante a duplicação do verbo, que poderia ser traduzido: “Aquele que decerto sai chorando . . . decerto voltará para casa com gritos de alegria”.

Desta forma, o salmo, falando em primeiro lugar para os seus próprios tempos, continua falando. Convida-nos a tratar os milagres do passado como medidas do futuro; os lugares secos como rios em potencial; o trabalho árduo e a boa semente como prelúdio certo da ceifa.

Salmo 127 Em Vão?

Um dos aspectos mais impressionantes desta poesia curta é que seleciona três das nossas preocupações mais universais — a construção, a segurança, a criação de um lar — e nos leva a perguntar o que tudo isto significa, e a quem os devemos. O salmo é atribuído a *Salomão*, e talvez tenha sua assinatura escondida na expressão *seus amados* (2), que é a palavra da qual se formava “Jedidias”, seu nome pessoal da parte de Deus (2 Sm 12:25). Mesmo assim, como muita coisa na sabedoria de Salomão, as lições deste salmo, por relevantes que fossem para a situação dele, foram desperdiçadas para ele. Sua edificação, tanto literal como figurada, se tornou desenfreada (1 Rs 9:10ss., 19), seu reino uma ruína (1 Rs 11:11ss.), e seus casamentos uma negação desastrosa de Deus (1 Rs 11:1ss).

As duas partes do salmo estão tão bem demarcadas que alguns já pensaram que fossem duas poesias separadas. Ambas as partes, no entanto, proclamam que somente aquilo que é da parte de Deus é verdadeiramente forte; e, além disto, os dois sentidos da palavra “casa” (uma moradia ou uma família) formam um jogo de palavras bem conhecido no Antigo Testamento,⁶⁹

⁶⁷ Ver, e.g., N. Glueck, *Rivers in the Desert* (Norton, Nova Iorque, 21968), págs. 92-93.

⁶⁸ *Enquanto semeia*. NEB tem “cesta de semente”, ver K.-B. O sentido mais provável, tendo em vista Amós 9:13, é “um canteiro de sementes” (lit. “uma tiragem de semente”); daí (RSV) “semente para semear”.

⁶⁹ Cf. especialmente 2 Sm 7:5, 11ss.

tanto mais acessível por causa da semelhança das palavras hebraicas *bōnīm* “edificadores” (1), e *bānīm*, “filhos” (3).

127:1,2. Esforços infrutíferos?

As duas atividades humanas do v. 1 são amostras de uma área grande da vida: seus empreendimentos e seus conflitos, o trabalho de produzir e o de conservar. Para cada um deles, este versículo vê apenas duas possibilidades: ou será feitura do Senhor ou será sem razão de ser; não há terceira opção.

Em vão não é mesma palavra que a “vaidade” que domina Eclesiastes, tirando o gosto do sucesso mundano; mesmo assim, é igualmente radical. O v. 2 subjaz a verdade de que trabalhar ainda mais não é uma resposta para ela: pode ficar sendo uma nova escravização.⁷⁰ Não se trata apenas do fracasso dos nossos projetos — pelo menos há “pão” como resultado deles — o pior é que não levam para lugar nenhum. Em termos do v. 1, a casa e a cidade podem sobreviver, mas será que valeu a pena edificá-las?

Aos seus amados ele o dá enquanto dormem: a partir deste ponto, o salmo apresenta a alternativa (já sugerida na frase: “Se o SENHOR não . . .”) aos nossos fracassos espalhafatosos. (Quanto à tradução desta linha, ver a nota adicional sobre o v. 2 na página seguinte.

127:3-5. Bens ativos

As dádivas de Deus são tão despretenciosas como são milagrosas. As duas metades se ilustram com clareza no primeiro e no último parágrafo de Gn 11, onde o homem edifica para a glória e a segurança, e acaba conseguindo nada mais do que um fiasco, enquanto Deus foi silenciosamente dando para um Tera obscuro um filho cujas bênçãos têm proliferado desde então.

O quadro pintado nestes versículos não é da mesma grande escala dos eventos de Gênesis, mas os valores morais são semelhantes. Nada se diz acerca de riquezas monetárias ou de posição: uma família reta é riqueza e honra suficiente.

E não é atípico das dádivas de Deus que, de início, sejam responsabilidades, na conta passiva, antes de ficarem sendo obviamente bens da conta ativa. Quanto maior a sua promessa, tanto mais provável fica sendo que estes filhos serão apenas uma mão cheia antes de encherem uma aljava.

Nota adicional sobre v. 2.⁷¹

A última meia-linha do v. 2 contém um problema para o tradutor. Em primeiro lugar, a palavra “pois” (*ki*), que faz bom sentido (ver ARC), não é

⁷⁰ *Que penosamente granjeastes* (ARC: “de dores”) é uma palavra hebraica que, com um sinônimo da mesma raiz, se destacou na sentença de “dores” e “fadigas” pronunciada contra Adão e Eva (Gn 3:16-17).

⁷¹ Esta nota deve muito a J. A. Emerton, “O significado de *šēnā*’ no Salmo CXXVII 2”, VT 24 (1974), págs. 15-31.

a única leitura: o texto-padrão tem *kên*, que AV e RV traduzem como “portanto”; pode, porém, também significar “verdadeiramente”, que também faz bom sentido.⁷²

O segundo ponto enigmático é a palavra que se traduz *sono*. Este pode significar a bênção que Deus dá (cf. RSV; ARC), ou (interpretado adverbialmente) o tempo ou modo de Ele a dar (cf. Weiser, na nota 72 de rodapé). Embora seja atraente fazer um contraste entre a labuta infrutífera e o enriquecimento sem esforço, acontece na realidade que os versículos iniciais contrastam duas atitudes para com Deus (dependência e independência) ao invés de duas atitudes para com o trabalho; trata-se muito menos dos méritos rivais do trabalho e do sono. Desta forma, esta linha decerto subentende muita coisa que deixa sem dizer, se é que deve chegar ao contraste entre a labuta infrutífera dos esforços próprios, e a frutificação sem tensão, mas também sem preguiça, dos piedosos.

Embora esta falta de exatidão de expressão seja longe de ser a única, seria de certa monta, e, desta forma, outros significados têm sido procurados para a palavra que se traduz “sono”. Entre as várias sugestões passadas em revista no artigo de J. A. Emerton referido na nota supra, podemos notar “prosperidade” (Dahood) e “alta posição” ou “honra” (Emerton), sendo que cada uma destas palavras pode alegar algum apoio linguístico, e aliviar a dificuldade desta linha enigmática.

Para mim, no entanto, parece provável que o salmista falou mesmo do *sono*, limitando-se a esboçar o contraste com o quadro de atividade frenética, nos termos mais simples e graciosos, sejam quais forem as objeções lógicas que um escrutínio minucioso literalista pudesse desvendar. Há um paralelo deste ponto de vista que *parece* ser escapista, com o incidente de Cristo que dormia no meio do temporal?

Salmo 128

A Paz

As bênçãos quietas de uma vida bem ordenada se traçam desde o centro até aos lados neste salmo, enquanto o olhar passa do homem piedoso para a sua família, e finalmente para Israel. Aqui temos a piedade singela, com seu fruto apropriado de estabilidade e paz.

128:1, 2. Um homem diante de Deus

Os ingredientes da verdadeira felicidade (pois a primeira palavra do salmo, *Bem-aventurado*, e *feliz* em 2b, têm este sentido) não se acham inacessíveis. Aqui, resumem-se como sendo a reverência (o relacionamento certo

⁷² Entendido como substantivo, também pode significar “aquilo que é certo”; assim, Weiser traduz a linha: “porque dá aos Seus, no sono, aquilo que é apropriado”.

SALMO 128:3-6

com Deus, 1a) e a obediência (os hábitos aprendidos dEle, 1b). O trabalho árduo (2a) é considerado algo normal, mas este salmo deixa tão claro como o 127 que gozar dos frutos do serviço é uma dádiva da parte de Deus (cf. Is 62:8-9).

Se estas promessas parecem modestas, e o programa do v. 1 pouco aventuroso, podem ser comparadas com suas alternativas antissonantes: *Feliz serás* com “sereis como deuses” (Gn 3:5); e o andar *nos Seus caminhos* com “cada um se desviava pelo caminho” (Is 53:6). Salmo 14 mostra qual é o resultado destas ambições.

128:3, 4. O círculo familiar

A *videira* era símbolo, não somente da frutificação (aqui explicitamente assim) como também do encanto nupcial (Ct 7:8 e segs.) e da festividade (Jz 9:13). A palavra expressiva que se traduz *no interior* (cf. NEB, “no coração da tua casa”), que se refere diretamente à esposa, e não à videira, se contrasta marcantemente com aquilo que se diz da esposa promíscua em Pv 7:11, conforme indica Keet: “Ela é espalhafatosa e teimosa, seus pés não ficam em casa”. No salmo, a qualidade atraente desta esposa é totalmente acompanhada pela sua fidelidade.

Os *filhos . . . à roda de tua mesa* são a esperança e a promessa do futuro. O símile *rebentos da oliveira* não é mais fotográfico do que as “flechas” de 127:4. Nos dois salmos, estes dois aspectos ou etapas da juventude, como crescimento tenro a ser nutrido, e como concretização do zelo feroso, formam um par complementar. Cf., adicionalmente, 144:12.

128:5, 6. O horizonte mais largo

Se a piedade pode ser por demais individualista, e uma família por demais fechada em si mesma, a estrofe final cuida desses dois perigos. *Sião*, onde os fiéis se reúnem, é onde “tu” (o indivíduo) pode achar uma bênção (cf. Hb 12:22ss.); e o futuro da sua família está ligado ao bem-estar de Sião e com o de *Israel*.

No Novo Testamento há o que talvez seja um eco da exclamação final: *Paz sobre Israel!* em Gl 6:16. Ali, não é uma frase vazia: resume a preocupação urgente de Paulo no sentido de o povo de Deus não erguer barreiras entre si, mostrando-se, pelo contrário, verdadeiros cidadãos da “Jerusalém lá de cima” (Gl 4:26), a metrópole de todos nós. Esta continua sendo uma oração digna de ser ecoada.

Salmo 129 A Sião Perseguida

Embora a maioria das nações tende a olhar para trás, para relemburar o que conseguiram no passado, Israel aqui reflete sobre aquilo que sobreviveu.

Pode ser um exercício desanimador, pois Sião ainda tem aqueles que lhe desejam o mal. Mesmo assim, os cantores obtêm coragem do passado, voltando-se a Deus com gratidão e aos seus inimigos com desafio.

129:1-4. O sobrevivente cicatrizado

No v. 1 (como em 124:1) ouvimos o cantor declamando as palavras que o restante da companhia retomará. A menção da *mocidade* de Israel leva a mente de volta para o Êxodo, evento este comemorado em duas das três festas peregrinas. “Quando Israel era menino,⁷³ eu o amei; e do Egito chamei o meu filho” (Os 11:1). Este era o melhor ponto de partida para reflexões sobre o sofrimento, assim como o são a cruz e a ressurreição para o cristão. Muitas das provações posteriores de Israel, diferentemente da escravidão no Egito, eram castigos; através de todas elas, no entanto, brilhava o caráter de Deus como *justo* (4; cf. sobre 23:3b) e como salvador (4b).

A metáfora em duas etapas que mostra Israel como homem açoitado, com os vergões nas suas costas como *sulcos* de um campo arado (3), dificilmente poderia ser mais forte ou mais horrivelmente apta. A sobrevivência deste povo, tão odiado mas tão resiliente, deu testemunho silencioso do seu Conservador (e sente-se que também tem continuado a assim fazer). Tal evidência involuntária é forte, dentro do seu limitado alcance. Os Cânticos do Servo, no entanto, visualizam este testemunho elevado para um plano totalmente mais alto: aquele de um sofrimento deliberadamente aceito, em primeiro lugar como o preço de falar declaradamente em prol de Deus (que é o contexto das palavras: “Ofereci as costas aos que me feriam”, Is 50:6), e, finalmente, como sacrifício vicário — uma tarefa além da capacidade de Israel por si só (“pelas suas pisaduras fomos sarados”, Is 53:5). O Novo Testamento, enquanto demonstra que em Cristo é que há o cumprimento (e exclusivamente nEle, quanto ao aspecto expiador), chama a igreja a seguir nos Seus passos, e mostra que os apóstolos têm regozijo em assim fazer.

Sobre o v. 4, ver o fim do primeiro parágrafo sobre vv. 1-4.

129:5-8. O preço do ódio

Se *Sião* não fosse nada mais do que uma cidade capital, esta imprecação contra seus inimigos seria mera petulância e ameaça vã. No Saltério, porém, Sião é “a cidade do nosso Deus” (48:1), “o monte que Deus escolheu para sua habitação” (68:16), e destinada a ser cidade-mãe do mundo (87). No Salmo mencionado por último, os convertidos gentios dizem a ela: “Todas as minhas fontes são em ti” (87:7). Não é mais do que apropriado, colocando o assunto nestes termos, que aqueles que a rejeitam murchem (6-7); deixando de lado as metáforas, não apenas estão escolhendo o caminho do

⁷³ Embora ARA empregue a palavra “menino” em Os 11:1, é basicamente a mesma que temos no salmo.

ódio, que destrói a alma, comó também se colocam em luta contra Deus, que é suicídio.

O símile da erva que seca (6-7) não é reservado somente para os inimigos; pelo contrário, em 90:5-6 se aplica à humanidade em geral; em Is 40:6-8, este símile é contrastado com a Palavra de Deus, em cuja eternidade podemos participar (1 Pe 1:23ss.; 1 Jo 2:17). Aqui, o contraste entre tais tufos fúteis e os feixes que os ceifeiros recolhem, relembra a alegre troca de *bênção* (8) que escutamos num outro cenário de ceifa (Rt 2:4). Para aquilo que é efêmero, e, em última análise, irrelevante, há apenas silêncio.

Salmo 130 "Das Profundezas"

As palavras iniciais deste salmo formam um título apropriado para ele, sendo que se condizem igualmente bem com o progresso e não somente o ponto inicial da oração. Há uma ascensão constante em direção à certeza, e, no fim, há encorajamento para os muitos, tirado da experiência do indivíduo.

Tradicionalmente, este é o sexto dos sete "salmos penitenciais", alistados no primeiro comentário sobre Salmo 6.

1, 2. *As profundezas* já por si mesmas são suficientemente eloqüentes como figura da beira do desespero, mas, além disto, 69:1-2, 14-15 preenche os detalhes deste quadro, mostrando como a vítima se sente chafurdida e aterrorizada. O que fica claro em todas as passagens deste tipo é que o método do "ajuda-te a ti mesmo" não é resposta suficiente para as profundezas da angústia, por mais útil que possa ser no lugar raso da auto-piedade.

3, 4. Agora aparece a natureza do problema, como algo diferente da depressão da doença, das saudades do lar, ou da perseguição que se vêem nalguns dos outros salmos (e.g. 6, 42, 69). Aqui, trata-se da culpa. A confissão do v. 3 lança luz sobre as profissões de justiça que se acham noutros trechos do Saltério, pois dá a entender que semelhantes asseverações nunca poderiam ser absolutas (ver sobre 5:4-6); além disto, revela quão pequena, de modo geral, era a certeza de expiação naquela época. Um cristão poderia ter contemplado a plenitude do resgate mais do que a brandura do ajuste de contas. Até ao fim do salmo, o escritor está fazendo exatamente isto, no que diz respeito a Israel; a base da redenção, no entanto (Rm 3:25), ainda não está revelada para ele.

Apesar disto, não há dúvida quanto ao *fato* do perdão (4). Paulo, se tivesse assim desejado, poderia ter acrescentado este versículo à sua citação de 32:1, para comprovar que o Antigo Testamento já conhece o perdão não merecido (Rm 4:7). O v. 4, porém, também é notável por causa da sua

segunda linha: “para que sejas temido” (ARC), ⁷⁴ que talvez possa parecer um resultado estranho do perdão. Na realidade, confirma o sentido verdadeiro do “temor do Senhor” no Antigo Testamento, dissipando qualquer dúvida de que significa reverência e subentende um relacionamento. O medo seria teria diminuído, e não aumentado, o perdão.

5, 6. O modo supra de entender “temor” é confirmado por estes versículos. É pelo próprio Senhor, e não apenas o escape da punição, que o escritor anseia. Em termos simples, fala de uma promessa (*sua palavra*) à qual se pode apegar, e, ao retratar *os guardas*, escolhe como sua símile uma esperança que não falhará. Pode ser que a noite pareça infinda, mas a manhã é certa, e seu tempo é determinado.

7, 8. Nada poderia ser mais distante da depressão trancada e da incerteza das “profundezas” do que isto. O cantor agora está livre de si mesmo, para voltar-se ao seu povo e mostrar esperanças que estão longe de serem tentativas. A bela expressão *copiosa redenção* reluz brilhantemente contra a escuridão do começo do salmo. O versículo final menos espetacular, no entanto, ao confirmar e declarar detalhadamente o significado dele, é talvez ainda mais animador. Já está bem longe da “esperança tremente” dos vv. 3-4. Não se pode discutir com a inclusividade arrojada (respondendo à inclusividade pesarosa de 3) das últimas palavras: *de todas as suas iniquidades*. “On-de abundou o pecado, superabundou a graça”.

Salmo 131

O Espírito como de Criança

O nome de Davi no título deste salmo expõe seu caráter à comparação com a profissão que ele faz. Nesta comparação, há algumas ironias à luz dos seus anos medianos e posteriores, mas também desperta memórias da sua antiga modéstia, simplicidade e falta de rancor, entre as qualidades que o tornaram grande. Este pequeno salmo modesto antecipa a lição prática de Mt 18:1-4, quando Jesus chamou para Si uma criança em resposta à pergunta: “Quem é, porventura, o maior no reino dos céus?”

1. Seria fácil fazer deste versículo uma desculpa para evitar os desafios da vida. O pecado que se rejeita no v. 1a. é o orgulho (cf. o pequeno retrato dos sobranceiros em Pv 30:13), enquanto o pecado de 1b é presunção. Mediante o primeiro destes pecados, a pessoa dá valor muito pequeno às demais (a não ser que haja vantagem em cultivar sua amizade); mediante o segundo, a pessoa se superestima e se sobrepuja, esquecendo-se, e.g. de Dt 29:29. Em Fl 2, mostra-se a resposta construtiva à primeira destas tentações, na

⁷⁴ Símaco e Teodócio entenderam as consoantes deste verbo (*twr'*) como sendo as de *tôrâ* (“lei”), soletrado com uma letra final diferente (*twr'* ao invés de *twrh*). LXX tem “por causa do teu nome”. Parece, no entanto, que estas variações são modos diferentes de escapar ao paradoxo de “temido”.

honra de ser um servo; e, em Fl 3, 1 Co 2, a resposta à segunda, não mediantemente o apagar o espírito da aventura, mas por meio de o dirigir corretamente.

2. A palavra *desmamada* ressalta a analogia entre a criança que já não anseia por aquilo que antes achava indispensável, e a alma que aprendeu uma lição comparável. RV traduz mais lit.: “Como uma criança desmamada com ⁷⁵ sua mãe, minha alma é comigo como uma criança desmamada”. É a libertação (à luz do v. 1), da importunação da procura das suas próprias vantagens, e, conforme acrescentaria o v. 3, da escravidão de tormentas e terrores delusivos. Em termos do Novo Testamento outra vez, concretiza as lições de Fl 2:3ss. (“Nada façais por partidatismo, ou vanglória”) e 4:1ss. (“Aprendi a viver contente”).

3. O último versículo nos desperta da nossa contemplação de Davi, para seguirmos seu exemplo e aquele do seu Filho maior: não através da introspecção, e, sim, por meio de sermos desmamados de ambições sem substâncias para a única porção sólida que pode ser nossa: “A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra” (Jo 4:34).

Salmo 132 **A Arca Sobe para Sião**

Quando a arca percorreu a pequena distância entre Quiriate-Jearim e Jerusalém, que acabara de ser tomada, era o clímax de uma viagem de séculos, começada no Sinai distante. Pelo menos dois outros salmos trazem este evento vividamente à mente: 24, cheio de reverência diante da santidade do Rei da glória, e 68, exultando diante da grande marcha de Deus e da escolha da pequena Sião como Sua sede real. Neste salmo, outro fio da trama se torna visível: o lugar de Davi neste empreendimento. A primeira metade revela sua resolução, firmada com juramento, no sentido de levar o assunto até ao fim, e vive de novo a grande ocasião; a segunda metade se condiz com aquela, com a resolução e juramento da parte de Deus, no sentido de ficar firme com a dinastia de Davi e com Sua própria escolha de Sião.

V. 10, onde um novo “ungido” olha para trás em direção de Davi, faz com que este salmo seja subsequente à época de Davi. 2 Cr 6:41-42, porém, citando vv. 8-10, mostra que existiu suficientemente cedo no reinado de Salomão para estar pronto para a dedicação do seu templo, quando a arca completou a viagem à qual Davi a dedicara.

132:1-5. O juramento de Davi a Deus

Este é um vislumbre sem igual do motivo de Davi em trazer a arca para

⁷⁵ Mais literalmente, “sobre”, em ambas as linhas. O quadro é de uma criança nos braços da mãe, mas sem o propósito de ser alimentado.

Jerusalém (2 Sm 6; 1 Cr 13 - 16). Sem ele, poderíamos ter interpretado erroneamente a operação (conforme alguns fizeram) como golpe político: um toque final no seu prestígio e naquele da sua capital nova. Mostra-se, pelo contrário, que ele é zeloso pela honra de Deus, e consciente da herança do seu povo (*o Poderoso de Jacó* é um título que foi ouvido pela última vez antes disto, nos lábios de Jacó quando profetizou os destinos das doze tribos, Gn 49:24) e comprometido (2) para levar este assunto ao bom termo, custe o que custar (1) e com a maior pressa possível (3-5).

As *provações*, aqui, provavelmente não são aquelas que Davi sofreu na juventude; pelo contrário, são as sondagens de coração⁷⁶ que trouxe à sua tarefa; talvez, também, seu choque e aflição diante da morte de Uzá (2 Sm 6:6ss.). Pode ser que uma parte da exuberância do seu dançar diante do Senhor se devesse ao seu alívio ao se ver aceito de novo.

3, 4. *Tenda em que moro e leito em que repouso* são, literalmente, “tenda da minha casa” e “leito da minha cama”, sendo que a duplicação de palavras não deve passar de reforço poético. Do mesmo modo, a recusa do *sono* é uma figura de linguagem comum (cf. Pv 6:4), que não se deve necessariamente entender de modo literal. Neste caso, o empreendimento acabou sendo deixado de lado durante três meses.

132:6-10. A procissão para Sião

Alusões esparsas (a arca até fica oculta no verbo no v. 6) e momentos avulsos de cântico criam a impressão da procissão emocionada que se pôs a trazer a arca para Sião, e é bem possível que estas sejam as frases empregadas num restabelecimento ritual da cena. A busca da arca no v. 6, como se tratasse de objeto quase totalmente esquecido, ressalta o fato de que, conforme a expressão de Davi: “nos dias de Saul, não nos valem dela” (1 Cr 13:3). A arca permanecera na obscuridade de Quiriate-Jearim (1 Sm 7:1-2),⁷⁷ que é o lugar aludido nos nomes Efrata e Jaar (6)⁷⁸ — sendo que este último (com o significado de “bosque” ou “moita”) deliberadamente chamava a atenção

⁷⁶ A frase *todas as suas provasções* é, lit. “seu estar aflito”, que fica próximo do Heb. de “que nesse dia se não afligir . . .” nas instruções para a observância do Dia de Expição (Lv 23:29).

⁷⁷ Em 2 Sm 6:2, o lugar é chamada Baalim de Judá, que, segundo demonstra 1 Cr 13:6, é um nome alternativo para “Quiriate-Jearim que pertence a Judá”. Ali, a sua ortografia é Baalá.

⁷⁸ *Jaar* é o singular de *jearim*; o nome *Quiriate-Jearim* significa “cidade da região florestal”. *Efrata* usualmente é um nome para Belém ou seus arredores, e aqui a explicação dada por alguns expositores é que a busca (ou a ordem para ela ser levada a efeito) partiu em Belém, mas terminou em Quiriate-Jearim. Delitzsch, no entanto (*Psalmms*, III, pág. 310), indicou que a esposa de Calebe, Efrata, teve um filho (Hur) que é chamado “o pai de Belém” (1 Cr 2:50); parece que, por esta razão, o distrito em redor de Belém era conhecido por Efrata (Mq 5:2), e aquele que cercava Quiriate-Jearim, por Calebe-Efrata (1 Cr 2:24).

para esta habitação rústica e incongruente: cf. PBV “. . . e a achamos no bosque”.

7. Assim, depois da busca ritual, os adoradores voltavam o rosto em direção a Jerusalém, conclamados com uma chamada como os convites de 99:5, 9 e 122:1; palavras que envergonhavam toda a superficialidade e apatia na adoração.

8. *Levanta-te, SENHOR*, era a invocação sempre que partia a arca, nos dias de Moisés (Nm 10:35); outro eco dela introduz o grande Salmo processional, SI 68. No deserto, a arca guiara o povo, etapa após etapa, “para lhes deparar lugar de descanso” (Nm 10:33); agora, porém, a peregrinação está no fim, conforme ressaltará v. 14. No 23 há um progresso semelhante, na experiência do indivíduo, por “águas de descanso” (ou de lugares de descanso), dia após dia, até o lar estabelecido para onde se chega ao fim.

9. O primeiro encontro de Davi com a arca começara com descuido e terminara em tragédia (1 Cr 13:11ss.). Este é o pano de fundo triste da sequência ideal que temos aqui, e que começa com a retidão e termina com alegria — uma reminiscência da segunda tentativa de Davi, que começou com o apelo: “santificai-vos” (1 Cr 15:12) e terminou em festividade. Nosso versículo, que capta aquele ambiente, foi adaptado no Livro de Orações da Igreja Anglicana como petição cristã em prol dos ministros e do povo. Há uma resposta, que dá certeza quanto a isto, no v. 16. Cf. Is 61:10 para a promessa de “vestes de salvação” e “o manto da justiça”.

10. Depreende-se deste versículo que o monarca reinante (*teu ungido*) está cantando o salmo na procissão. É por causa de Davi, e não mediante o merecimento dele, que procura o direito de entrar na cidade, que é de Deus, e não dele. Como o cristão, pode se aproximar com intrepidez: cf. aquilo que Deus concedeu “por amor a Davi” em, e.g., 1 Rs 15:4. Pode ser que Salomão empregasse estas palavras antes do tempo registrado em 2 Cr 6:41-42; e é possível que outros reis as empregassem depois dele. Este encenamento periódico, no entanto permanece sendo conjectura, por provável que seja.

132:11, 12. O juramento que Deus fez a Davi

A segunda metade do salmo é o complemento luminoso da primeira, com um juramento de Deus que agora vem responder àquele de Davi, sendo que a Sua promessa coroa as orações do povo. Este compromisso no sentido da perpetuação da casa de Davi (2 Sm 7:11b-16) incluía promessas adicionais que haveriam de desabrochar na esperança messiânica: ver sobre 89:19-37. Era uma resposta tipicamente divina a um gesto de boa vontade humana, a recusa de uma casa perecível, e o outorgar de uma casa imperecível.

132:13-18. Sua presença em Sião

O calor e a riqueza destas promessas brotam do amor, e requerem um amor correspondente para seu cumprimento. Ao invés disto, a resposta

humana tem sido freqüentemente cínica, ao tratar a escolha de Deus como algo para ser explorado: um abrigo contra Seu juízo (Jr 7, especialmente os vv. 8-15) ou em bem para ser comercializado (Mt 21:12-13). Este falso conceito do compromisso de Deus para com Sião foi total, conforme demonstraram muitos eventos e conforme as exposições de muitos trechos bíblicos. Ver sobre 46:4; 48:1-3; 87; 122:8, 9; cf. as passagens do Novo Testamento referidas naqueles comentários.

16. Dentro da resposta geral dos vv. 11-18 aos vv. 1-10, esta promessa concede o que foi pedido no v. 9, ver o comentário ali.

17, 18. Aqui, também, temos a resposta abundante à oração do v. 10. Os três termos, *força*, *lâmpada* e *coroa*, quase dispensam comentário, com suas implicações evidentes de fortaleza, clareza,⁷⁹ e dignidade real. Nota-se, porém, que a palavra que se emprega para *coroa* (a mesma que se refere ao diadema do sumo sacerdote) chama a atenção ao fato de que simbolizava a consagração do rei. A glória deste rei — que é o nosso Rei — não é o poder somente, mas a santidade.

A palavra *florescerá* talvez sirva de lembrança (como o verbo inesperado “brotar”, 17) da vitalidade e frescor daquilo que Deus cria, diferente do falso brilho daquilo que é feito pelos homens; talvez seja uma lembrança, também, da vara, cujo brotar foi a autenticação, da parte de Deus, do Seu sumo sacerdote, Arão (Nm 17:8 / 23, Heb./).

Desta forma, o salmo, que começou com provações e resoluções inflexíveis, termina com a glória que é o alvo e resultado apropriado daquelas: a vitória e a radiância do Rei prometido.

Salmo 133 A Generosa Concórdia

Este vívido salmo pequeno é atribuído a Davi. Se marcava o momento para ele ansiado, quando todo o Israel finalmente se ajuntou a ele, e Deus agora lhe dera Jerusalém (2 Sm 5:1-10), ou se era uma meditação isolada, não temos modo de ficarmos sabendo. A vida posterior de Davi dava ênfase trágica às suas palavras; aqui, porém, não há sinal de ironia ou de pesar. Ainda não deu esta paz em troca pela espada que “nunca se apartaria” da sua casa (2 Sm 12:10).

1. A cláusula, *viverem unidos os irmãos* (lit. “quando os irmãos habitam também juntos”), tem um paralelo quase idêntico em Dt 25:5, onde meramente se refere a uma família extensa que habita perto. Alguns, portanto, viram neste salmo uma exortação no sentido de restaurar ou preservar

⁷⁹ Ver, porém, 2 Sm 21:17, onde Davi é chamado “a lâmpada do Senhor”, o que pode dar a entender que a promessa contida no salmo é de um sucessor condigno para subir ao trono.

este padrão social, ou como louvor pelas reuniões das famílias que as festas peregrinas possibilitaram (nota-se a ênfase que se dá a Sião, 3).

Este conceito, no entanto, é demasiadamente estreito. Todos os israelitas, inclusive até os endividados, os escravos e malfetores (cf. e.g., Dt 15:3, 12; 25:3) eram irmãos diante de Deus. Decerto, o salmo está cantando, conforme o modo da maioria das versões entendê-lo, o viver à altura deste ideal, dando profundidade e realidade à palavra que se enfatiza: “unidos”.

2. As traduções mais antigas (AV, PBV, RV, ARC) exageraram este quadro ao entenderem que a “boca” ou “abertura” das vestes de Arão era a “orla”, ao invés de se tratar da *gola* (cf. Êx 28:32); esta interpretação daria a entender uma inundação ao invés de uma unção. O salmo não precisa de semelhante exagero para retratar, mediante esta figura, um povo tão diferenciado como também integrado, como um sacerdote e as suas vestes; um povo no meio do qual as bênçãos divinas não são o direito reservado dalguns poucos; pelo contrário, unificando ainda mais aqueles que a recebem, assim como o óleo de unção, que era para a cabeça (Êx 29:7), não se confinava a ela, nem se podia deter a sua fragância. Êx 29:21 dispôs explicitamente que, depois de o óleo ter sido derramado na cabeça, uma parte dele devia ser aspergida sobre as vestes: “para que ele seja santificado, e as suas vestes”.

Embora a fragância não se menciona aqui de modo direto, é subentendida na expressão *o óleo precioso* (lit. “o óleo bom”), cujas especiarias, “compostas segundo a arte de perfumista”, se especificam em Êx 30:23ss.

3. *Hermom*, a montanha mais alta em Israel, era proverbial por seu orvalho pesado; mesmo assim, o pequeno monte Sião também desfrutava da mesma dádiva. “Grandes e humildes bebem do mesmo doce refrigério” (Perowne); trata-se, essencialmente, do mesmo pensamento já apresentado no v. 2.

A segunda metade do v. 3, ressaltando fortemente a iniciativa de Deus (*ordena*) e aquilo que somente Ele podia dar (*a vida para sempre*), comprova outra ênfase do salmo, “desce (2a) . . . desce (2b) . . . desce (3a). Em resumo: a verdadeira união, como todas as boas dádivas, vem de cima; é doada, ao invés de ser planejada, uma bênção, muito mais do que uma realização.

No *ali* enfático de 3b, que dá o impacto final à mensagem do salmo, há ironia inconsciente no fato de a palavra vir dos lábios de Davi. “Ali”, i.é., Jerusalém, onde os israelitas se encontravam nos átrios de Deus, foi onde se podia achar a concórdia celestial. Ao invés disto, porém, “ali” (2 Sm 11:1) foi o lugar onde Davi estava para trazer sobre seu povo a discórdia que se derramaria e se espalharia da sua própria casa para todos os cantos de seu reino.

Salmo 134
Louvor Incessante

Os Cânticos de Romagem, que começaram nos ambientes inóspitos de Meseque e Quedar (120), terminam apropriadamente na nota de servir a Deus “de dia e de noite no Seu templo”. Aqui há, possivelmente, a saudação e a resposta: os peregrinos se dirigem aos sacerdotes e levitas nos vv. 1 e 2, e recebem, como resposta, a bênção que termina o salmo.

1. Em 1 Cr 9:33 ficamos sabendo que os cantores levíticos (cujos turnos de serviço se delineiam em 1 Cr 25) “de dia e de noite estavam ocupados no seu mister”. A Lei de Moisés já resumira o papel desta tribo com as palavras: “para levar a Arca . . ., para estar diante do SENHOR, para o servir, e para abençoar em seu nome” (Dt 10:8). Quando a arca chegou ao seu lugar de descanso, Davi deu aos levitas novas responsabilidades, mas a adoração continuou ocupando a posição de primazia: “Deviam estar presentes todas as manhãs para renderem graças ao SENHOR, e o louvarem; e da mesma sorte à tarde” (1 Cr 23:30; cf. v. 26). São estes, mais do que a congregação em geral, os *servos do SENHOR* aos quais aqui se dirige a palavra.

2. A palavra *santuário* traduz a palavra “santidade” que, no uso hebraico, também pode significar “santuário”, e aqui se emprega como advérbio. Assim, pode ser que fale na adoração “na santidade” (RV mg.), e que seja a passagem que subjaz 1 Tm 2:8, “erguendo santas mãos”; ou, como prefere a maioria das versões, pode significar *para o santuário*.⁸⁰

3. A palavra *bendizer/abençoar* é, talvez a nota tônica deste salmo, pois é soada em cada versículo. Até este ponto, foi dirigida em direção a Deus; agora, volta de Deus para o homem. A troca, porém, é muito desigual: “bendizer” a Deus é reconhecer com gratidão aquilo que Ele é; Deus, porém, para abençoar ao homem, tem que fazer deste aquilo que não é, e dar-lhe aquilo que não tem.

Nota-se, finalmente, o lugar que Deus reserva tanto para “os mui pequenos” como para “os mui grandes” (tomando emprestada uma frase de um hino).⁸¹ Ele, sendo *criador do céu e da terra*, dá sem medida; e Seus caminhos são inescrutáveis. Mesmo assim, Sua bênção vem *de Sião*, um lugar específico, que se podia achar, para o qual o israelita poderia, levantando-se, dirigir-se. Sua bênção, como Seus mandamentos, não está “longe”, nem “nos céus”, nem “além do mar”; pelo contrário, está “perto de ti” (Dt 30:11 14; cf. Rm 10:6 e segs.). Seu verdadeiro Monte Sião é, como demonstra Hb 12: 22-24, onde “Jesus, o Mediador de Nova Aliança” reina no meio do Seu

⁸⁰ O santuário, por sua vez, podia representar a totalidade do complexo do templo, juntamente com os seus átrios, ou a edificação na qual somente os sacerdotes podiam entrar.

⁸¹ Sir Ronald Ross, “Before thy feet I fall”.

SALMO 135:1-7

povo. Nas palavras do salmo anterior: "Ali ordena o SENHOR a sua bênção, e a vida para sempre".

Salmo 135 Uma Antologia de Louvor

Cada versículo deste salmo ou ecoa, ou é ecoado por, alguma outra parte das Escrituras. Lado a lado com estas passagens grandiosas e bem conhecidas, edifica a sua própria estrutura coerente de louvor, e começa e termina com uma chamada à adoração, dirigida a Israel, e consubstanciada pela parte principal do salmo mediante o contraste entre o verdadeiro Soberano e Redentor e os ídolos impotentes dos pagãos.

135:1-4. Aclamação dos Seus escolhidos

O primeiro versículo redispõe as frases de 113:1, para introduzir a conclamação dirigida aos *servos* de Deus reunidos nos átrios do templo (lb, 2 ecoando 134:1). Embora o salmo anterior saudasse principalmente os levitas durante a vigília noturna, este tem em vista uma multidão grande e variada, de sacerdotes e leigos (ver vv. 19-20).

3. Este é um dos três versículos, relacionados entre si, no Saltério, que nos lembra que o nome do Senhor (a reputação que merece), é bom (52:9/11, Heb./), que Ele próprio é bom (135:3) e que louvá-Lo é bom (147:1); além disto, que tanto Seu nome (aqui) e o ato de adoração (147:1) são um deleite. Ver também 33:1; 92:1.

4. Se o primeiro motivo do louvor é o caráter de Deus (3), o segundo é Seu amor para conosco. A palavra *Jacó* (é, conseqüentemente, *Israel* também) é enfática: "Pois foi a Jacó que o Senhor escolheu . . .". Nisto, e na palavra marcante *segullá*, "tesouro" ou "posseção particular", o salmo relembra Dt 7:6 (lit.): ". . . foi a ti que o SENHOR teu Deus escolheu . . . para ser Sua própria posseção"; e os dois versículos seguintes tornam muito clara a pura graça de uma escolha desta natureza.

135:5-7. O Senhor onipotente

Há paralelos entre estes três versículos e Êx 18:11; 115:3; Jr 10:13.⁸² São, no entanto, mais do que citações: a cláusula inicial lhes empresta convicção pessoal, *Com efeito, eu sei*. . .; e o "eu" é enfático, fazendo com que o testemunho de Jetro (Êx 18:11) seja do escritor (e do leitor). Trata-se de uma verdade à luz da qual se vive. Sua referência ao mundo físico em derredor não nos deixa relegar os milagres de Deus para o passado (8-12) ou para o futuro (14), por mais importantes que sejam estas dimensões.

⁸² Ver a totalidade de Jr 10 para as implicações deste versículo para a fé e a conduta, poderosamente expostas.

135:8-14. O Senhor nosso Salvador

A maioria das frases dos vv. 8 - 12 reaparece no salmo seguinte, palavra por palavra (136:10, 18-22). É de pouca importância saber se aquele salmo as tirou daqui, intercalando seus refrãos entre elas, ou se foi este salmo que as tomou emprestadas (possivelmente através da memorização de palavras constantemente cantadas). Mesmo assim, sua dupla ocorrência, bem como a presença de revistas históricas (e.g. 78, 105, 106), chama a atenção para o papel que uma lembrança grata de fatos reais desempenha na adoração. Deus começou uma boa obra: segue-se que Ele a completará, conforme conclui o v. 14. Os credos cristãos têm um padrão semelhante: progredem da criação até aos atos da nossa redenção, e de lá, para a perspectiva certa da segunda vinda de Cristo e da consumação.

11. As vitórias contra *Seom* e *Ogue* se narram em Nm 21:21ss., 33ss.; cf. Dt 3:11.

13, 14. Estes versículos se referem a Êx 3:15 e Dt 32:36. Este último (do Cântico de Moisés) torna muito claro que o salvamento do povo de Deus será totalmente imerecido: será o livrar dos tolos e apóstatas do predicamento no qual caíram por culpa própria.

135:15-18. O absurdo dos ídolos

Esta estrofe reproduz 115:4-6, 8 quase exatamente.⁸³ Há uma diferença entre a tradução do v. 18 aqui e seu equivalente, 115:8 (ver o comentário ali), sendo que o texto hebraico é idêntico.

135:19-21. Antífonas dos Seus escolhidos

Ver, sobre estes versículos, os comentários sobre 115:9-11, onde três destes quatro grupos de nomes são conclamados, cada um por sua vez, para glorificarem a Deus. Ali, a chamada era para honrá-Lo no centro do ser, através da confiança; aqui, pela demonstração externa de gratidão e louvor. A declaração de "bendito" que sobe a Ele *desde Sião* (21) não se compara com a bênção criadora que Ele outorga a partir dali (134:3, ver a nota ali); mesmo assim, conforme nos lembra Mt 21:16, não é orgulhoso demais para Se deleitar quando este louvor Lhe é dirigido.

Salmo 136
Seu amor não tem fim

Nossas versões deste salmo são, na sua maior parte, desajeitadas: faltalhes a rapidez que livraria de tédio as suas repetições. As seis sílabas hebraicas

⁸³ 115:7 se omite, e 115:6b recebe uma nova orientação depois de nosso salmo ter tomado sua primeira palavra, *ap*, não no sentido de "nariz", e, sim, como a conjunção que aqui se traduz: "pois não . . .".

SALMO 136:1-16

da resposta têm seu equívale mais feliz na versão de Gelineau de 118:1 (117:1 na numeração de Gelineau): “pois seu amor não tem fim”. Neste salmo, no entanto, inexplicavelmente, Gelineau coloca uma alternativa mais pesada, embora o Hebraico permaneça sendo o mesmo. Ver sobre vv. 1-3, abaixo.

Na tradição judaica, este salmo é freqüentemente conhecido como o Grande Hallel (“o Grande Salmo de Louvor”). Segue um padrão bem semelhante ao salmo anterior, com o qual tem em comum uma série de frases idênticas. As respostas entremeadas nos dão um vislumbre da participação da congregação no cântico dos salmos; uma comparação entre os vv. 18-22 com 135:10b-12 sugere que outros salmos, ou partes deles, eram para ser cantados desta forma.

136:1-3. O Deus dos deuses

Rendei graças não é a totalidade do significado desta palavra (que introduz não somente cada um dos primeiros três versículos e o último, como também, sem ser ouvida, a totalidade dos versículos ou seqüências neste salmo): basicamente, significa “confessar” ou “reconhecer” (cf. e.g., Lv 5:5; Pv 28:13, num contexto menos feliz), sendo, portanto, que nos conclama à adoração pensativa e grata, declarando tudo quanto sabemos ou descobrimos da glória de Deus e dos Seus atos. O salmo, ao se desenrolar, faz exatamente isto, falando aqui do Seu caráter (1) e soberania (2, 3); depois, daquilo que Ele criou e praticou (4 e segs.), e daquilo que continua a fazer (25).

Misericórdia é a palavra *hesed*, discutida em 17:7. Na condição de se entender este pano de fundo de fidelidade à aliança, a resposta: “Pois Seu amor não tem fim” é preferível à resposta mais cansativa de ARA, ARC. A palavra *dura* é acrescentada para fazer bom sentido nesta última forma.

136:4-9. Criador

Estes convites juntam dois modos que há no Antigo Testamento de tratar o tema da criação: o de Provérbios, que desenvolve o conceito da sabedoria e do *entendimento* (5) que a criação pressupõe (cf. Pv 3:19-20; 8:1, 22-31), e o de Gênesis, que narra a história dela (cf. vv. 6-9 com Gn 1:9-10, 16-18).

Este tema, seja onde surgir no Saltério (cf. tratamentos tão variados como 8, 19, 33, 104, 147, 148), convida o cristão, não a discutir teorias cosmológicas, mas a deleitar-se no seu ambiente, que lhe é conhecido, não como mero mecanismo, mas como obra de “amor inabalável”. Nenhum descrente possui motivos para uma alegria desta qualidade.

136:10-16. Libertador

Aquilo que significa “o julgamento deste mundo” e do seu “prín-

cipe”⁸⁴ para o cristão, a partir da cruz e da ressurreição, a derrota de Faraó e suas hostes significava, até certo ponto, para Israel. Esta última também faz parte da nossa própria história, lançando luz sobre a nossa própria redenção e sobre o significado do nosso batismo e peregrinação (1 Co 5:7; 10:1-13).

136:17-22. Vencedor

Esta passagem é quase exatamente paralela a 135:10-12, ver o comentário ali.

136:23-25. Amigo na hora da necessidade

Os vv. 23-24 talvez são um resumo da história já contada, mas mais provavelmente a continuam até o tempo presente. Afinal das contas, “o seu eterno amor dura para sempre”, e o refrão tem a intenção de mostrar a relevância de cada ato de Deus a todos quantos cantam o salmo. Depois, v. 25 passa a alargar o horizonte em termos de espaço, e não somente de tempo.

136:26. Deus do céu

Este versículo final retoma o estilo dos vv. 1-3, fazendo com que o salmo volte, em efeito, à nota tônica que lhe deu início.

Salmo 137 Às margens dos rios de Babilônia

Este salmo não precisa de título para anunciar que sua procedência era o exílio na Babilônia. Cada linha dele revela uma dor viva, cuja intensidade cresce com cada estrofe, até ao clímax apavorante. O relacionamento entre esta exclamação e outras partes do Antigo Testamento, e os ensinamentos do Novo, se discute na Introdução, págs. 38-45.

137:1-3. Sofrimento

A cena tem o toque vívido da experiência de primeira mão. *Os rios de Babilônia* incluíam um sistema de canais que atravessavam a enorme planície, uma paisagem já por si bastante estranha para aqueles que nasceram entre os montes e vales de Judá. Quanto às *harpas* e à exigência de *canções*, acontece que um relevo do palácio de Senaqueribe em Nínive, no país vizinho da Assíria, retrata uma situação semelhante a esta, com três prisioneiros de guerra tocando liras enquanto um soldado armado os fazia marchar.⁸⁵

⁸⁴ Jo 12:31; 16:11.

⁸⁵ Ver M. A. Beek, *Atlas of Mesopotamia* (Nelson, 1962), gravura 219.

Nossos opressores (3) é um significado tão provável como qualquer um que já foi proposto ou substituído por esta palavra, que ocorre somente aqui.

137:4-6. Desafio

Já no v. 2, estava implícita uma tenacidade excelente, no gesto de se recusar a expor os cânticos e altas reivindicações de Sião à zombaria. A pergunta do v. 4, *Como, porém, haveríamos de entoar o canto do SENHOR ...?* poderia ter sido o prelúdio de uma resposta derrotista, repudiando a esperança de Israel. Pelo contrário, conforme revelam os vv. 5 e 6, brota de uma lealdade ardente que o infortúnio somente consegue erguer para um nível mais alto de intensidade.

137:7-9. Imprecação

A primeira coisa que se deve notar nesta estrofe é seu pano de fundo jurídico, indicado pela expressão *Contra . . . lembra-te*, que “tem suas raízes na vida jurídica do Israel Antigo”⁸⁶ No v. 7, apresenta-se diante do Juiz divino a evidência contra Edom (os fatos, que condenam totalmente, emergem com mais detalhes em Ob 10-14). Depois, o autor se volta fortemente contra Babilônia, a ré principal (8, 9). Embora se trate apenas de uma explosão de protesto, e não de uma petição direta ao Juiz, e revele apenas de modo oblíquo aquilo que Babilônia fez, as palavras, por implicação, como continuação do v. 7, se falam para o Senhor escutar. Esta inferência se confirma pelo apelo que o v. 8b faz à *lex talionis*, ou princípio da retribuição que se aplicava a decisões jurídicas, mas não pessoais (cf., e.g., Dt 19:19 e segs. com Pv 24:29). A linguagem do v. 8 concorda com a promessa geral de Deus: “Eu pagarei”,⁸⁷ e, podemos acrescentar, com Sua sentença específica contra a Babilônia em Jr 51:56. Parece, de fato, que este último trecho é a base deste versículo (8), pois dificilmente poderia ser coincidência que três das palavras principais de Jeremias se relacionassem com os três verbos de 137:8.⁸⁸ O salmo, portanto, é uma resposta às Escrituras além de ser uma reação diante dos eventos.

Revela-se no v. 9, que é o espelho de *o mal que nos fizeste* (8c), a natureza daqueles eventos. Há bastante evidência de que “esmagar os filhos”

⁸⁶ B. S. Childs, *Memory and Tradition in Israel* (SCM Press, 1962), p. 32.

⁸⁷ Cf. “*dar de pago*” (retribuir) aqui com o Heb. de Dt 7:10; 32:35; Is 65:6.

⁸⁸ As palavras relacionadas se traduzem, aqui e em Jr 51:56, respectivamente, destruída/destruidor (raiz *šld*); der o pago/dá a paga (*šlm*); fizeste/retribuirá (raiz *gmh*). “Destruída” interpreta, como passivo, o verbo que também pode ser traduzido “destruidor”.

era uma seqüela bastante comum a uma vitória pagã,⁸⁹ e Babilônia não se sentia disposta a controlar-se na queda de Jerusalém (2 Rs 25:7; Lm 5:11-12). À pergunta: Qual o *merecimento* daqueles que cometeram tais atos? a resposta imparcial seria “o grau de sofrimento que impuseram aos outros”, deixando de lado a pergunta de que, na realidade, deveria lhes ser feita, e por quem. A esta última pergunta, o Novo Testamento responde que, em última análise, Deus “retribuirá a cada um segundo as suas obras”, mas também torna claro que a ira é somente para a “dureza e coração impenitente” (Rm 2:5-6).

Podemos sentir que é isto que o salmista poderia ter dito num momento mais claro. Não o recebemos naquela forma, no entanto. A declaração chega a nós, branca de calor. Nossa reação diante de semelhante trecho bíblico deve ser tríplice, segundo sugerimos. Primeiro, distilar dele a essência, como fez Deus com os gritos de Jó e de Jeremias.⁹⁰ Em segundo lugar, receber dele o impacto. Esta ferida aberta, lançada diante dos nossos olhos, nos proíbe de dar respostas fáceis ao fato real da crueldade. Cortar fora do Antigo Testamento este testemunho seria danificar o valor dele como revelação, tanto daquilo que o homem é, como daquilo que a Cruz precisou realizar em prol da nossa salvação. Em terceiro lugar, nossa resposta deve reconhecer que a nossa vocação, depois da Cruz, é orar pedindo a reconciliação, e não o julgamento. Este assunto se discute mais pormenorizadamente na Introdução, págs. 43-45.

Assim, este salmo toma seu lugar nas Escrituras como protesto apaixonado, muito além da possibilidade de ser deixado de lado ou abafado, não somente contra um ato específico de crueldade, mas contra todos os pontos de vista conformistas com a maldade humana, ou no que diz respeito ao julgamento que merece ou quanto ao legado que deixa; e, não menos, no que se relaciona com o custo, a Deus e aos homens, de enterrar todas as suas inimizades e amarguras.

Salmo 138 A Bondade Além de Toda Medida

Aqui começa um grupo de oito salmos de Davi, concluindo a participação dele no Saltério, que fica sendo, ao todo, quase metade da coletânea.

⁸⁹ Ver 2 Rs 8:12; Is 13:16; Os 10:14; 13:16 / 14:1, Heb./ Na 3:10. Para um exemplo moderno, cf. o relatório por S. S. Stubaf. Haller do método que se empregava na Segunda Guerra Mundial em Bromberg: “segurar as crianças judias pelos pés, quebrando a sua cabeça contra a parede . . .” (transcrição traduzida em P. Joffroy, *A Spy for God* – (Collins, 1971), pág. 292. Cf. *ibid.* pág. 163).

⁹⁰ Ver a Introdução, págs. 39-40.

Mais uma vez, ficamos conscientes da presença de inimigos, e da gratidão especial dalguém que foi muito ameaçado, mas também muito protegido. Sobre *Davi* como autor, ver a Introdução, pág. 46.

138:1-3. Ajuda para certo homem

A palavra *graças*, repetida nos versículos 1, 2 e 4 (no v. 2 ARC e ARA ocultam a palavra no verbo *louvarei*) indica o momento que o salmista tem em mente para deixar ouvir o seu cântico, quando fará publicamente o sacrifício das ações de graças e contará perante a grande congregação as novas alegres da libertação (cf. 40:10). Desde o início, há uma mistura nobre de ousadia e humildade: ousadia para confessar o Senhor *na presença dos poderosos* (“deuses”, ARC), e humildade para *prostrar-se* diante dEle.

Davi já sentira, mas rejeitara, a pressão de “outros deuses” (1 Sm 26:19) dentro dos territórios deles — assim como nós podemos sentir a força de outras ideologias, ou de poderes demoníacos, onde são cultivados. Desta forma, v. 1b não é gesto vazio, como também 2a não o é.⁹¹

2b. O texto hebraico, conforme o temos, se traduz em AV, RV, ARC: “pois engrandeceste a tua palavra acima de todo o teu nome”. É uma expressão estranha, e uma declaração estranha se “teu nome” tem o significado usual da revelação da própria Pessoa de Deus, conforme tem na primeira metade do versículo. Apesar de seus altos clamores, a Escritura nunca encorajou a bibliolatria; desta forma, o único sentido de uma frase assim pode ser que Deus cumpriu Sua promessa⁹² de tal modo que ultrapassa tudo quanto até então tem sido revelado acerca dEle. Esta expressão, porém, seria um modo estranho de declarar esta idéia, e RSV (com ARA) parece justificada em supor que um copista omitiu a letra w, com o significado de “e”,⁹³ de um texto que dizia: *pois magnificaste acima de tudo*⁹⁴ *o teu nome e a tua palavra*.⁹⁵

3. Há um espírito de agressividade na segunda linha deste versículo que muitas versões não captam, embora se ressalte em NEB: “tu me respondeste e me fizeste corajoso e valente de coração” v. SLH. Ficamos pensando em Paulo, gloriando-se no Senhor e até nas suas enfermidades; e possível, pois, que a resposta aqui foi, primeira e principalmente, outorgar a própria coragem, que levou Davi a ser suficiente para a ocasião (como Paulo em 2 Co 12:8-10). Nem sempre é a situação que tem mais necessidade de mudança; o caso mais comum é que o próprio homem que precisa desta, no meio da situação.

⁹¹ Quanto à palavra *templo* (2a) nos salmos de Davi, ver sobre 5:7.

⁹² “Promessa” é um significado freqüente de *imrá*; cf. 119:38, 41, 50, etc.

⁹³ Uma alternativa à postulação da omissão de w (“e”) é supor que “teu nome” em 2b veio de transferência de 2a, por ditografia.

⁹⁴ Um sinal de significado de “tudo” foi, talvez, preservado na vogal longa de *kól*, que é bem atestada, embora haja quem a dispute (BH tem s vogal curta).

⁹⁵ LXX, omitindo “tua palavra”, tem “teu santo nome”.

138:4-6. Luz para o mundo

De modo semelhante a 22:27ss., revela-se a Davi as implicações daquilo que descobriu na sua própria hora de trevas. O Deus verdadeiro, um Deus tão maravilhoso, não pode ficar sempre oculto, conhecido apenas a alguns poucos. Toda língua deve confessá-Lo,⁹⁶ e Suas palavras devem ser espalhadas por toda a terra. O tempo perfeito do verbo *ouvir* no v. 4b expressa a certeza daquilo que ainda está para vir; ver sobre Salmo 9:5-6. Quanto a 4a e 5a, os tempos muito bem podem ser jussivos: “Que todos . . . te rendam graças . . . e cantem”, como em NEB.

5, 6. A experiência que Davi teve da graça clarifica sua visão da *glória*, que ele vê não apenas em termos de poder como também de magnanimidade. O cuidado de Deus conosco, e não apenas Seu poder soberano, é a glória dEle. E esta, por sua vez, mostra os homens como realmente são: a pretenciosidade dos *soberbos* pertence a um mundo totalmente diferente do dEle. Estes dois conceitos de grandeza não têm nenhum ponto de encontro.

138:7, 8. Ajuda até ao fim

Neste ínterim, ainda se aguarda o cumprimento da visão dos vv. 4-6, e os tempos são difíceis. Se a resiliência interior outorgada conforme v. 3 foi a primeira parte da ajuda da parte de Deus, não foi a última. V. 7 mostra que tem controle sobre a batalha, tanto como “o Senhor e doador da *vida*”⁹⁷, e como Aquele que é mais forte do que o inimigo; e v. 8 olha para além do cenário imediato, para o produto final que Deus, por certo, tem em mente quanto ao Seu servo (8a), uma obra na qual já colocou a Sua mão (8b). A tradução antiga (ARC) de 8a é talvez, tão memorável como qualquer outra: “O Senhor aperfeiçoará o que me concerne” (AV, RV). Desta forma, a primeira e a última linha deste versículo fazem uso pessoal, confiante e urgente da verdade familiar que elas abrangem na linha do meio. Para Davi, duramente oprimido e ameaçado, as palavras chegam como frase recém-cunhada: *a tua misericórdia, ó SENHOR, dura para sempre*.

Salmo 139

“Maravilhoso demais para mim”

Se tivermos quaisquer pensamentos menos grandiosos acerca de Deus, este salmo os transcenderá de modo magnífico; mesmo assim, apesar das suas alturas e profundidades, permanece sendo intensamente pessoal, do começo até ao fim.

⁹⁶ Este é o significado primário da palavra traduzida “louvar” ou “render graças” (4, cf. 1 e 2). Ver sobre 136:1.

⁹⁷ Como em 119:25, 37, etc. a palavra única que se traduz *tu me refazes a vida também pode significar “me vivificas”* (cf. AV, RV, “*me revivificarás*” ARC, aqui). Ver os comentários introdutórios a 119, e seção III, c., págs. 434-435).

Um dos manuscritos da Septuaginta atribui a Zacarias este salmo, acrescentando a nota “na dispersão” (que parece ser uma inferência injustificada dos vv. 7-12). Algumas semelhanças com Jó (e.g. o termo Eloah para Deus, v. 19) e algumas afinidades com o Aramaico, deram origem a dúvidas quanto à autoria de Davi; a influência aramaica, no entanto, não é prova de uma data posterior. Para algumas observações tentativas neste aspecto, ver a Introdução, pág. 34, nota de rodapé 63. Quanto à anotação: *Ao mestre de canto*, ver pág. 53.

A versão de Gelineau dá ao salmo o nome o título “O caçador Celestial”, uma lembrança do fato de que o excelente poema com o mesmo título deveu seu tema de fuga e perseguição principalmente à segunda estrofe deste salmo (vv. 7-12), que é um dos pontos altos da poesia veterotestamentária.

139:1-6. O Onividente

Esta declaração de onisciência é caracteristicamente vívida e concreta: não é formulada como doutrina, mas, como é próprio de um salmo, é confessada em adoração. Este conhecimento divino não é meramente compreensivo, como de algum receptor que não deixa passar nada, e capta tudo da mesma forma. É pessoal e ativo: discerne-nos (2b); peneira-nos (3a, onde *esquadrinhas* num termo para joeirar); conhece mais de perto a nossa mente (*toda*) do que nós mesmos a conhecemos (2b, 4; cf. Am 4:13); cerca-nos e trata conosco (5).

Se nossa primeira reação a isto é ficarmos maravilhados, como no v. 6, a segunda pode ser o impulso para escaparmos, que parece ser a força por detrás da estrofe seguinte.

139:7-12. O Onipresente

O impulso de fugir da face de Deus (ou da Sua presença) é tão antigo como a Queda. Admite-se que as alusões à fuga possam ser mera técnica literária para dramatizar o fato da ubiqüidade de Deus; mesmo assim, parece haver aqui, no mínimo, uma atitude ambivalente para com Ele, como a de uma criança que foge da mãe. V. 10 reconhece que o longo braço de Deus é movido somente pelo amor, mas a linguagem dos vv. 11-12 sugere uma tentativa derradeira e mal-sucedida, de esconder-se. Amós 9:2ss. emprega figuras que relembram esta mesma passagem, para descrever a perseguição daqueles que são fugitivos da justiça. Se não tivesse havido qualquer pensamento de escape em mente neste trecho, Davi poderia ter exclamado: “O que me pode separar do Teu Espírito, ou afastar-me da Tua presença?”, de modo algo semelhante a Paulo, em Rm 8:38-39. No fim do salmo, no entanto, já não haverá qualquer dúvida ou hesitação.

8. Sobre “Sheol” (*o mais profundo abismo*), ver o resumo dos seus aspectos veterotestamentários em 6:5. O Novo Testamento deu à segunda linha deste versículo um sabor totalmente diferente; em primeiro lugar,

porque Cristo desceu ao Seol em nosso lugar, e “não era possível fosse ele retido por ele” (At 2:24, 31), e, em segundo lugar, porque o Seol para nós se transformou em Paraíso. A expressão de Davi: *lá estás!* perde toda a sua ambiguidade com a frase anelante de Paulo: “Com Cristo, o que é incomparavelmente melhor”.

9. Quanto à expressão sublime, *as asas da alvorada*, ver sobre 57:8. É muito possível que aqui haja o pensamento da grande expansão dos céus, de um horizonte para outro, sendo que, em Israel, *o mar* era o sinônimo natural do ocidente.

10-12. Quanto às implicações destes versículos, ver os comentários iniciais sobre esta estrofe, supra. No v. 11, o texto hebraico diz “as trevas me machucarão”, que parece ser um erro ortográfico para *me encobrirão*.⁹⁸ a não ser (improvavelmente) que as trevas aqui sirvam de metáfora para “aflição” (Anderson), que faria algum sentido, embora expresso de forma obscura.⁹⁹

139:13-18. O Criador de Tudo

A terceira estrofe ajunta e adianta o pensamento das duas primeiras: Deus não somente vê o invisível e penetra no inacessível, como também é operante ali, o autor de cada detalhe do meu ser. Além disto, a dimensão do tempo agora se acrescenta àquelas do espaço, desde antes da minha existência, até tudo quanto é subentendido na frase “quando acordo” (18, ARC).

13. *Formaste* (ou “criaste”) e *teceste* aqui fazem melhor sentido do que “possuístes” (ARC) e “cubristes” (AV, RV), e são traduções alternativas bem estabelecidas das respectivas palavras hebraicas.

14. *Graças te dou, visto que por modo assombrosamente*¹⁰⁰ *maravilhoso me formaste* é uma interpretação legítima do Hebraico, como também: “porque de um modo terrível, e tão maravilhoso fui formado” (ARC). RSV, seguindo LXX, tem: “tu és terrível e maravilhoso; maravilhosas são as tuas obras”. JB traduz, livremente: “Por todos estes mistérios te agradeço: pela maravilha daquilo que sou, pela maravilha das Tuas obras”.

A última linha deste versículo, conforme a temos, diz: *e a minha alma o sabe muito bem* (cf. LXX, AV, RV, ARA). A maioria das versões modernas invertem a ordem, com RSV (“Tu me conheces . . .”); fazer assim, no entanto, requer uma mudança das vogais tradicionais, o que dificilmente se justifica.

⁹⁸ I.é, *yēšupēnī* por *yēšukkēnī*, erroneamente?

⁹⁹ Na linha seguinte, há um texto de Cunrā que tem as consoantes 'zr (“cingir”) ao invés de 'ur (“luz”), que leva NEB a traduzir: “e a noite se fechará em redor de mim”. LXX, no entanto, concorda com TM.

¹⁰⁰ O mesmo substantivo no plural se emprega adverbialmente em Jó 37:5 (“maravilhosamente”, ARA).

15. *Como nas profundezas da terra* é metáfora para a profunda ocultação, i.é, aquela na madre. Esta linha (15b) se aproxima, quanto ao pensamento, de 13b, cuja expressão, “me teceste”, é levada um passo para a frente na expressão *entret tecido*, que sugere os padrões e cores complexos de tecido ou bordador.

16. A expressão hebraica, de difícil interpretação, pode ou significar que os *dias* da minha vida foram planejados de antemão (RSV, JB, TEV, BLH, ARA), ou meus membros embrionários foram planejados e sabidos, da mesma forma, antes das muitas etapas (“dia a dia” — ARC)¹⁰¹ do seu desenvolvimento (AV, RV, NEB). A primeira opção talvez dê uma frase um pouco mais direta do que a última; em qualquer caso, a estrofe por enquanto ressaltou principalmente nossa formação pré-natal por parte de Deus (13-16a, pelo menos) — uma lembrança poderosa do valor que atribui a nós, mesmo como embriões, e do fato de que planejou nosso fim desde o começo.¹⁰²

17, 18. Davi avançou da contemplação dos seus próprios pensamentos, desvendados como são diante de Deus (2), para a consideração dos inúmeros pensamentos de Deus para com ele (cf. 40:5, e o comentário ali). Não está exagerando. Mesmo no seu próprio corpo (13 e segs.) há uma riqueza de detalhe além de toda a imaginação, sendo que cada pormenor provém da mente de Deus. Este conhecimento divino não é apenas “maravilhoso” (cf. v. 6), como também *precioso*, sendo que leva consigo sua própria prova de compromisso infinito: Deus não deixará a obra das Suas próprias mãos (138:8c), ou ao acaso ou à extinção final. A metáfora de *teu livro* (16; cf. 56:8) já excluiu uma atitude divina tão casual; e as palavras “ainda estou contigo” (18b, ARC), entendidas juntamente com o vasto pano de fundo dos vv. 7-12, não podem ser limitadas de modo algum, nem pela morte. “Quando acordo” (ARC)¹⁰³, portanto, pode receber seu sentido mais forte, um vislumbre da ressurreição. Quanto a este tema, ver também sobre 17:15.

139:19-24. O Santíssimo

A própria clareza da visão torna intolerável a anomalia do mal, do jactar-se diretamente diante da face de Deus; desta forma, a reentrada de Davi

¹⁰¹ O substantivo plural, “dias”, pode se empregar como advérbio (“diariamente”); cf. a nota de rodapé anterior. Neste caso, porém, “meus membros” teria que ser inferido a partir do substantivo no singular “meu embrião” (“minha substância informante”) como sujeito oculto dos verbos.

¹⁰² Parece que este fato levanta questões éticas importantes quanto ao emprego do aborto visando e.g. a conveniência social ou um nível de saúde “aceitável”.

¹⁰³ O tempo está perfeito, e assim, Delitzsch entende que Davi adormecera enquanto meditava, e que agora despertou de novo (cf. Jr 31:26). Um perfeito profético, no entanto, i.é, um perfeito de antecipação, é igualmente possível, como em RSV, ARC, etc.). A sugestão alternativa, “Se eu chegasse ao fim” (RSV mg.; cf. RP, NEB), se baseia noutro verbo (propriamente: “cortar”), que se postula por causa de uma ortografia alternada que se acha em três MSS. LXX, no entanto, apoia “despertar”.

na atmosfera da terra cria, por assim dizer, uma súbita incandescência. A mudança abrupta do salmo, da meditação para a resolução é perturbadora, porém totalmente bíblica, no seu realismo; e os dois versículos finais ressaltam a continuidade desta estrofe com aquilo que foi dito antes, transpondo os versículos iniciais para a tonalidade de aceitação e entrega, de boa mente.

19-22. Apesar de toda a sua veemência o ódio nesta passagem não é despeito, mas zelo por Deus. No “dia da salvação”, o Novo Testamento encaminhará este espírito de luta numa nova direção, sem deixar de confirmar sinceridade do mesmo (“Que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? ou que comunhão da luz com as trevas? Que harmonia entre Cristo e o maligno?” 2 Co 6:14-15). Vale a pena notar que a resolução de Davi não era necessariamente fácil, sendo que os inescrupulosos podem ser aliados convenientes, e os zombadores podem ser oponentes intimidantes. Para uma declaração mais detalhada dela, ver o voto que o rei faz em 101, com o comentário introdutório do mesmo. Ver também a Introdução, pp. 44-45.

23, 24. Davi não confina seu ataque à maldade em derredor dele: enfrenta o mal que pode estar dentro dele. Se houve qualquer desalento na confissão do v. 1: “tu me sondas e me conheces”, transformou-se em gratidão e boas-vindas animadas. Duas expressões em particular, conforme NEB as traduz, revelam sua consciência sensível quanto à sua necessidade: primeiro: “meus presentimentos” (23b); não meramente pensamentos”, como no v. 2, mas as cogitações inquietas e ramificadas que se traduzem por “cuidados” em 94:19 (cf. talvez o conflito interior confessado em Mc 9:24). Segundo: “para que eu não siga qualquer caminho que Te entristeça” (24a) — ou, simplesmente, “. . . que é prejudicial”, a Deus e aos homens — reconhecendo-se que o pecado nunca é um incidente isolado.

As palavras finais poderiam ser traduzidas: “pelas veredas antigas” como em Jr 6:16 (cf. RSV mg., NEB); parece, porém, que a maioria das traduções tem razão ao traduzirem: *pelo caminho eterno*, em contraste com o caminho dos ímpios que perecerá (1:6), e em harmonia com o que se declara a respeito do caminho dos justos, “que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito” (Pv 4:18).

Salmo 140 Veneno

O tema único da intriga maliciosa domina este salmo, como dominou muitos outros, especialmente os de Davi. O Novo Testamento trata o Saltério como testemunha importantíssima à depravação humana (a maior parte de Rm 3:10-18 é tirada dos Salmos), mormente porque ele desmascara em nós este elemento de pura malícia, um veneno que pode ser segredo e empregado não somente sem provocação (69:4) como também em face da generosidade e do amor (cf. especialmente 35:12-16; 55:12-14).

As orações dos vv. 1-5 são influenciadas principalmente pelos pensamentos dos maquinadores e seus caminhos; as de 6-11, pelas intervenções divinas que são pedidas; finalmente, vv. 12 e 13 coroam a oração com afirmação.

O Título

Sobre o *mestre de canto* e *Davi*, ver a Introdução, págs. 53, 46.

140:1-5. Os conspiradores

O que emerge claramente desta passagem é o mal que pode surgir, não de qualquer pressão das circunstâncias, mas de um amor da violência, da crueldade e da intriga, por elas só. Davi não tem ilusões e não pede desculpas por estes homens, assim como nosso Senhor não as fez por aqueles que se opunham a Ele, em e.g., Jo 8:34-47. Escolheram o caminho alternativo ao caminho de Deus, e é aquele do “assassino desde o princípio” e “pai das mentiras”. O leitor deste salmo pode refletir que este padrão de lesar, caluniar e enganar tem suas manifestações mais brandas, e não é raridade alguma.

140:6-11. A explosão contrária

O primeiro motivo do apelo de Davi é pessoal (6-8). Não somente já existe um elo entre ele e Deus, que ele declara com certa ênfase em 6a (e elabora nos possessivos adicionais de 7a: “Meu SENHOR, força da minha salvação”), como também Deus o ajudou antes, no meio dos perigos ainda maiores. O que lhe foi de socorro eficaz *no dia da batalha* será suficiente contra o *mau propósito* deles. Cf. Paulo em 2 Co 1:10: “o qual nos livrou e nos livrará de tão grande morte”. Ou John Newton, com sábia simplicidade:

“Seu amor em tempos passados

Proíbe-me de pensar

Que por ele serei deixado

Nas aflições a afundar”.¹⁰⁴

O segundo motivo é punitivo (9-11). Estes homens devem receber o que merecem, e tomar uma dose da xaropada que receita para os outros. É provável que as *brasas vivas* e os *abismos* sejam metafóricos, sendo que aquelas representam as palavras ardentemente danosas que gostavam de falar (mas as que voltarão contra eles serão mais mortíferas, pois não haverá possibilidade de uma resposta a elas; cf. sobre 120:3-4), e estes representam os alçapões e armadilhas que prepararam para os outros (cf., e.g., 141:10). Resalta-se outra vez em 11b quão apropriado é o julgamento; ali, o mal aparece como um tipo de Nêmesis. Cf. 109:17ss.

¹⁰⁴ J. Newton, “Begone, unbelief”.

140:12, 13. A certeza

A palavra que se emprega para *causa* (12) é jurídica, e é reforçada por *direito* na segunda linha. O dever do rei diante do seu povo, nesta esfera, era uma lembrança constante de que Deus, como Rei, não levará menos a sério este assunto. Em última análise, não poderá haver qualquer questão não resolvida na Sua administração.

Ainda melhor do que esta nota de certeza, no entanto, é que Davi foi liberto da obsessão, pois finalmente deixou o assunto por liquidado. A linha final é totalmente positiva. Seu coração fica livre para achar seu verdadeiro lar, e suas palavras se condizem com o ponto culminante em direção do qual a totalidade das Escrituras avança: "Os seus servos o servirão, contemplarão a sua face . . ." (Ap 22:3-4).

Salmo 141
Nenhum Meio-Termo

Há um vigor puritano e sinceridade neste Salmo, que faz lembrar Cristo e Fiel na Feira da Vaidade, cuja oração era "Desvia meus olhos de contemplarem a vaidade", e cuja resposta ao desafio "O que comprareis?" foi: "Compramos a verdade". O Hebraico pitoresco dos versículos centrais é difícil, embora fique clara a mensagem do salmo: é uma oração contra a insinceridade e os meios-terminos, e uma petição em prol da sobrevivência sob os ataques selvagens que semelhante atitude provocou.

O Título

Sobre *Davi*, ver a Introdução, pág. 46.

141:1, 2. A oração pura

Este salmo vespertino, que forma um par com a oração matutina referida em 5:3, foi inspirado, como seu companheiro, no exemplo dos sacrifícios diários (2; Êx 29:38ss.). Davi captou o significado desta devoção disciplinada¹⁰⁵, e a aplicou às suas próprias orações. Cf. Ap 5:8, com suas "taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos", e Hb 13:15, com seu "sacrifício de louvor" verbal.

Vê-se no v. 1, porém, quão aguda é a provação à qual esta piedade está sendo submetida, e o restante do salmo desdobrará este aspecto. Não se trata de uma situação na segurança de um mosteiro, como também não era a do Salmo 5.

141:3-6. A simples lealdade

A petição deste versículo brota de modo natural do v. 2, com sua

¹⁰⁵ Ver sobre 5:3; e cf. NEB no presente versículo, onde "*como incenso à tua presença*" é muito bem interpretado: "*como incenso devidamente colocado diante de ti*".

preocupação com uma oferenda pura de oração. Não pode fluir da mesma boca bênçãos e maldições (cf. v. 3 com Tg 3:9-10); e se a casa de Deus precisava dos seus guardas e porteiros, quanto mais o homem de Deus!

4. Agora a oração se aprofunda e se alarga, indo por detrás dos lábios para chegar à mente e à vontade (*meu coração*), e, dali, às ações e, sobretudo, às atitudes e alianças que fluem do centro do ser.

“Não inclines o meu coração para o mal” (ARC) é uma petição formulada da mesma maneira marcante como “Não nos deixes cair em tentação”. Este modo de expressar o pensamento, embora talvez convidasse a um sofisma acerca da atitude de Deus para com o mal (respondida por Tg 1:13), confia a Ele “as primeiras fontes do pensamento e da vontade”, com a humildade de uma petição e a clareza de uma renúncia — pois ninguém pode orar assim com complacência ou com reservas.

Comer das suas iguarias dá a entender um laço muito mais estreito de amizade do que necessariamente significaria em nossa sociedade. O Novo Testamento narra alguns dos problemas que isto criava para os tradicionalistas e externalistas, e mostrou como o evangelho trouxe uma nova abordagem à matéria (e.g. Mc 2:16-17). O que Davi temia era a ameaça à sua lealdade, e foi bastante real o perigo a esta. C. S. Lewis descreve seu equivalente, com a mesma penetração de costume: “Há um jogo sutil de olhares e tons de voz e risos mediante o qual um mortal pode dar a entender que pertence ao mesmo partido que aqueles com os quais fala . . . Adotará, primeiramente apenas mediante suas maneiras, mas logo também mediante suas palavras, todos os tipos de atitudes cínicas e céticas que não são realmente dele. Podem, no entanto, vir a ser dele. Todos os mortais tendem a tornar-se aquilo que fingem ser”.¹⁰⁶

5.¹⁰⁷ RSV (“que o óleo dos ímpios nunca unja minha cabeça”) e outras versões modernas seguiram, de modo razoável, a Septuaginta na segunda linha,¹⁰⁸ trazendo clareza ao versículo, em harmonia com o provérbio: “Leais são as feridas feitas pelo que ama” (Pv 27:6), e de conformidade com a oração do v. 4, levando-a uma etapa para a frente.

6. A forma idiomática hebraica permitiria que esta frase fosse uma construção temporal, passível da seguinte tradução: “Quando seus juízes forem precipitados . . . ouvirão as minhas palavras, que são agradáveis”. Em

¹⁰⁶ C.S. Lewis, “Cartas do Inferno”, Edições Vida Nova, (S.P., 1964).

¹⁰⁷ A obscuridade do Heb. 5-7 sugere um texto danificado. As variações entre as traduções diferentes, nesta altura, surgem, na sua mor parte, de tentativas no sentido de esclarecer ou de restaurar este texto.

¹⁰⁸ Trata-se de uma pequena variante (*rašā'* “ímpio” ao invés de TM *rôš* que parece ser uma ditografia parcial de *rôš* *šî*, “minha cabeça”, logo adiante na linha), e de uma tradução que parece ser melhor, de um verbo (“ungir”, cf. TRP, ad. loc., ao invés de “rejeitar” — ARA).

resumo: Davi afirma que o julgamento alcançará os líderes (“juízes”) dos seus oponentes, e que depois, afinal, os seguidores deles escutarão a ele de bom grado.

Por difícil que pareça a tradução deste versículo, leva o pensamento anterior para a frente, até atingir o ponto culminante, reforçando a resolução de que nenhum negócio será feito com o mal, ao olhar para o tempo futuro quando esta posição firme comprovará sua veracidade e alcançará seguidores.

141:7-10. A Pura Fé

Para incluir o v. 7 nesta seção, devemos entender que a triste situação é *nossa* (“nossos ossos”) e não a do inimigo.¹⁰⁹ Com a adaptação da tradução livre de NEB, pode-se ler: “Nossos ossos estão espalhados à boca de Sheol, como lascas de pedra ou madeira na terra”. Salmo 79 descreveria, mais tarde, uma cena destas na realidade (79:1-3); e Ezequiel haveria de ver a parábola assim proposta, e uma visão daquilo que Deus poderia fazer dela (Ez 37:1-14). Aqui, não há visão; há, porém, a oração da fé, que começa com as frases enfáticas do v. 8, cuja ordem dá devida precedência a Deus: “Pois *em ti* . . . estão fitos os meus olhos; *em ti* confio”.

Assim, o salmo termina com a nota urgente e pessoal com a qual começou. Falharam as palavras lisonjeiras dos inimigos; permanece a malícia deles, e Davi conhece a sua sutileza. A última linha, porém (“neste ínterim, quanto a mim – passo direto para a frente!”)¹¹⁰ tem a animação à altura do homem que passou deslizando por muitos laços com a ajuda de Deus, e que está com certeza que ainda há de avançar muito mais.

Salmo 142

Cercado

O título no texto faz com que este salmo seja um companheiro do Salmo 57, com a nota: “quando estava na caverna”; juntamente, pois, os dois salmos nos dão alguma idéia do estado flutuante das emoções de Davi durante a provação. 57 é corajoso e animado, quase gostando da situação por causa da certeza do seu resultado triunfante. No presente salmo, a tensão de ser odiado e caçado é quase demais, e a fé se estica até seu limite. Mesmo assim, esta fé não se derrota, e, nas palavras finais, a esperança vem reforçá-la.

Quanto à autenticidade das notas biográficas dos títulos dos salmos, ver as pags. 57ss. Sobre os termos *Salmo Didático (Masquil)* e *Oração*, ver pag. 52.

¹⁰⁹ RSV, SLH, NEB, TEV seguem alguns MSS da LXX ao lerem “ossos deles”, mas o texto hebraico padrão tem “nossos ossos”.

¹¹⁰ O Heb. diz, lit.: “enquanto, juntamente, eu passo para a frente”. “Juntamente” (*yahad*), pode significar “ao mesmo tempo”, ou, possivelmente, “incólume” (ARA, Anderson, SLH, TEV). LXX o leu como *yāhid*, “sozinho” (cf. NEB).

142:1-3a. Minha petição

A urgência da oração surge de imediato, na repetição *ergo a minha voz . . . com minha voz* (que significa “em alta voz”). Davi, como Bartimeu nos Evangelhos, conhece o valor da recusa de se deixar cair no silêncio. Este último é o caminho do desespero.

Algumas facetas do seu orar podem ser percebidas nestes termos iniciais. *Suplicar* é fazer um apelo à bondade (é isto que a palavra hebraica sugere); *minha queixa* não é uma palavra tão petulante como pareça em Português: pelo contrário, pode ser traduzida: “meus pensamentos perturbados”; e não devemos deixar de perceber a nota de franqueza nas palavras *derramo e conto*, ou o sentido de acesso na reiteração de *perante ele . . . à sua presença* (2).

3a, no entanto, é o primeiro de três picos modestos do salmo, que se ressalta tanto mais por causa da profundidade (TEV, livremente: “Quando estou a ponto de perder a esperança” v. SLH) e por causa da sua ênfase dada à palavra “Tu” (oculto em ARA, ARC); deve ser grifada: “*Tu* conheces a minha vereda!”

142:3b, 4. Minha triste situação

Agora fica duplamente claro quão apropriada era a convicção de que Deus conhecia o caminho de Davi (3a). Em primeiro lugar, v. 3b mostra os perigos do caminho na frente; pode agradecer a Deus porque não são problema para Ele. Depois, v. 4 revela o estado de Davi quanto ao ser destituído de amigos — sente que ninguém quer saber dele. Neste ponto também, Deus, na Sua misericórdia, conhece e tem cuidado. No caso, parece que Deus respondeu abundantemente, pois logo enviou “os irmãos e toda a casa do pai de Davi” para fazer companhia a ele na sua caverna, e, depois, gradualmente, um grupo que haveria de se tornar em núcleo do seu reino (1 Sm 22:1-2). Esta maré baixa nos seus fortúnios revelou-se, na realidade, ponto decisivo na recuperação.

142:5, 6a. Minha porção

Este é o segundo pico da fé neste salmo (cf. 3a): uma segunda afirmação que enfrenta todas as aparências e sentimentos. Quanto a este segundo pico, v. 6a é eloquente na sua simplicidade; seu tom patético antecipa a própria declaração do nosso Senhor: “A minha alma está profundamente triste até a morte” (Mt 26:38).

Meu refúgio (S; não a mesma palavra que assim se traduz em 4b) e, com justo motivo, uma palavra predileta de Davi; ver sobre 57:1. Dizer “*meu quinhão*” vai tanto além disto como o amor vai além do medo. SLH ressalta a grande força desta palavra com a frase: “Tu és tudo que desejo” (cf. 73:26; 119:57; e, em contraste significante, 17:14).

142:6b, 7. Minhas perspectivas

Perseguidores (6b); Davi está sendo literalmente perseguido, como animal caçado; *cárcere*, do outro lado, é metáfora para sua situação frustradora: é forçado a ficar num esconderijo, separado da vida normal. (A tradução: *Tira a minha alma do cárcere* é possivelmente por demais literal, sendo que “minha alma” é freqüentemente um modo mais pomenorizado de dizer “me”.)

V. 7b termina o salmo num terceiro pico (cf. 3a, 5), onde a fé, agora acompanhada pela esperança, olha para o futuro. Aqueles que não aceitam a autoria davídica do salmo, e que o encaram como uma peça destinada para o emprego de qualquer adorador individual, em tempos de aflição, entendem que 7b antecipa o dia em que um sofrendor deste tipo, depois de receber a resposta à sua oração, fará uma oferta de ações de graças na presença da congregação (cf., e.g., 116:12-19). É útil a lembrança de que os Salmos eram (e ainda são) para todos empregarem e tornarem seus; mesmo assim, em primeira instância é Davi que ousa visualizar o dia em que ele já não seria evitado ou perseguido, mas, sim, cercado por amigos, e até coroado.¹¹¹

É possível que ele antecipasse simplesmente seu momento de trazer uma oferta de ações de graças no culto público, ao voltar a ser um homem livre. Mesmo assim, já sabia que era o futuro rei. Será que sua primeira visão se renovava, mesmo durante esta hora de sombras, enquanto orava?

Salmo 143
Meu Espírito Esmorece

Tradicionalmente, este é conhecido como o último dos sete salmos penitenciais (há uma lista deles no comentário sobre 6). Esta classificação, no entanto, é provavelmente por causa do versículo 2, com seu reconhecimento da culpa universal; é uma verdade importante, mas também é a única referência no salmo ao pecado e ao perdão. A preocupação principal de Davi é com a situação angustiosa à qual seus inimigos o trouxeram. Embora sua preocupação principal fosse inicialmente suas dificuldades, já perto do fim passa a ser o descobrir e seguir o caminho de Deus para a frente.

Título

Sobre *Davi*, ver a Introdução, pág. 46.

143:1-6. Pensamentos humildes

1, 2. No Antigo Testamento, a *fidelidade* e a *justiça* freqüentemente

¹¹¹ De “cercar”, que é o significado básico do verbo em 7b (*os justos me rodearão*), deriva-se uma palavra para uma coroa real (Et 1:11; 2:7; 6:8) e um sentido adicional do verbo como “coroar” (Pv 14:18). NEB vê este sentido aqui (mas não em termos de realeza) ao traduzir 7b: “Os justos me coroarão com guirlandas”, com uma alternativa: “afluirão em multidão ao meu redor”.

são invocadas no sentido de tomarem partido com aquele que ora, assim como a integridade de um juiz seria apreciada por aquele que traz seu caso ao foro. Davi, no entanto, se freia repentinamente com a palavra que acaba de proferir (2; cf. 130:3). O paradoxo de um juiz justo que, mesmo assim, “justifica os ímpios” (um ato que Pv 17:15 chama de abominação diante do Senhor) não seria resolvido até que a Cruz a resolvesse, (cf. Rm 3:21-26; I Jo 1:9).

3, 4. Cada frase aqui está tão pesada com aflição, que nenhum sofredor precisa se sentir sozinho naquilo que passa. E a semelhança entre estes termos e os que descrevem as emoções do nosso Senhor (cf. Mt 26:37-38; Hb 4:15ss.) nos lembram que ninguém precisa sentir-se sozinho, nem menos do que plenamente compreendido.

As palavras de Davi em 3b foram posteriormente retomadas em Lm 3:6; ali, no entanto, ressalta-se que a mão de Deus estava por detrás daquela do inimigo, executando julgamento, o que não se diz aqui.

A palavra forte para *esmorece* (4) aparece também no salmo anterior, em 142:3, ver o comentário e notar a frase impressionante que a traduz em SLH.

5, 6. A disposição de ânimo aqui não é a nostalgia, aquele anseio infrutífero por outros tempos e lugares; é, pelo contrário, uma lembrança daquilo que Deus pode fazer. Talvez incluísse a própria experiência de Davi, embora a segunda e a terceira linha do v.5 abranjam um cenário maior: os atos de Deus na história e na criação (cf. NEB, de modo algo livre). O que é ainda mais significativo é que procura alcançar o próprio Deus, e não apenas as coisas que a Ele se possa pedir que faça. A grandeza de Davi foi justamente esta devoção pessoal (cf. 63:1 para a metáfora da sede) e é esta a perpétua grandeza dos salmos dele.

Já está escapando da prisão das suas circunstâncias e da sua preocupação consigo mesmo; não haverá, porém, qualquer mudança dramática.

143:7-12. Impulsos da vontade

7-10. A pressão ainda é extrema (7),¹¹² e o único sinal prometedor é um que o cantor teria deixado de notar: o fato de que está começando a olhar para o futuro e a buscar orientação. A frase: *pela manhã* (8), já é indício disto, ao reconhecer que a noite não é infinda; cf. 30:5.

Três vezes nos vv. 8-10, Davi ora, pedindo orientação; e cada petição tem sua própria matiz de sentido. *O caminho por onde devo andar* (8b) dá algum leve destaque ao fato do destino individual, i.é, que cada um de nós tem uma posição e vocação sem igual (cf. Jo 21:21-22). *Ensina-me a fazer a tua vontade* (10a) liquida as prioridades, definindo o alvo como sendo agra-

¹¹² A última linha do v. 7 cita 28:1. Ver o comentário sobre aquele versículo e sobre 28:3-5, onde se dá mais detalhes deste temor.

dar a Deus e completar a Sua obra, e não a realização de si mesmo. As palavras *guie-me* (10b) falam com a humildade que sabe que precisa de ser pastoreado, além de o caminho certo ser indicado a ele. Davi, não menos do que Paulo (Rm 8:14; Gl 5:18), nos ensina a buscar com o *bom Espírito* de Deus esta orientação; noutras palavras, uma obra no íntimo, de inclinar a vontade e de despertar a mente. O pedido por *terreno plano*¹¹³ (o termo que se emprega para o planalto largo distribuído a Rúben, Dt 4:43), dá a entender a confissão de que a pessoa tende a tropeçar, além de desgarrar-se. Pode ser traduzido, em termos menos pitorescos, como “terra da retidão”, que reforça a oração “fazer a tua vontade” (10a).

11, 12. Entrementes, a própria vida está arriscada, embora Davi possa confiar na promessa firme de Deus. É esta a força do seu apelo ao *nome* de Deus (cf. 106:8), e à Sua *justiça e misericórdia* (ver sobre 17:7), pois Deus Se comprometeu com Seu servo (12c) tão certamente como Seu servo se comprometeu com Ele. Se Deus não desse valor ao Seu nome, à causa da justiça e à Sua aliança, poderíamos ter dúvidas quanto à salvação da parte dEle. Caso contrário, não podemos duvidar.

Salmo 144 O Cântico de um Rei

Há a energia de um guerreiro neste salmo, que é digno de Davi no auge dos seus poderes, o Davi do salmo 18. Mesmo assim, agora aquele salmo de triunfo é citado mais como estímulo à oração do que como meras ações de graças, pois os inimigos e os agitadores estão fazendo fortes pressões, e a cena idílica da estrofe final ainda continua sendo uma visão, talvez pedida tanto mais fervorosamente em oração por causa de se contrastar tanto com a atualidade.

O salmo é um mosaico, e não um monolito; a maior parte da sua matéria, sem contar os versículos finais, é tirada de outros salmos de Davi, mais substancialmente do 18. Ocasionalmente, porém, pode haver vislumbres de outras partes do Saltério, o que levou a maioria de exegetas recentes a inferir que um autor posterior compôs o salmo para os herdeiros de Davi, a fim de que, nas ocasiões de estado, pudessem, por assim dizer, usar o seu manto e invocar uma renovação das bênçãos e vitórias desfrutadas por aquele.

Somente três ou quatro frases deste poema, no entanto, tem paralelos bem próximos noutros salmos, e acontece que todos estes são anônimos,¹¹⁴

¹¹³ Ou “caminho” (RSV) conforme certos MSS que divergem do TM (“terra”).

¹¹⁴ Cf. v. 5b com 104:32b; v. 9 com 33:2-3; v. 15b com 33:12a. V. 4b se assemelha, até certo ponto, com 102:11, mas igualmente com o trecho davídico, 109:23 e Jó 8:9; Ec 6:12, etc., sendo que emprega um símile padronizado.

e seria difícil comprovar que estes tenham que ser pós-davídicos, ou que nenhuma destas expressões constava na linguagem religiosa comum. Além disso, me parece tão provável que o próprio Davi tivesse feito livre emprego da sua obra anterior para fazer frente a uma nova situação, como que outro autor o tivesse feito. Seja qual for o caso, é a vida e fé de Davi, e a poesia de Davi, que aqui nos estimula à oração e à intercessão.

144:1-4. O forte e o frágil

É um toque significativo juntar aqui, nestes quatro versículos, a disposição de ânimo do Salmo 18 e as reflexões mais perscrutadoras dos salmos mais pensativos, sendo que, desta forma, não somente engrandece ao Senhor como também reduz tanto amigos como inimigos ao seu tamanho certo.

1. O pensamento de Davi dá um pulo de uma palavra que empregara em 18:2 (*rocha minha*) para uma frase de 18:34, à qual acrescenta uma linha paralela, e os dedos para guerra (sendo que “dedos” não se emprega em contraste com mãos, mas como sinônimo poético delas; cf. a Introdução, pág. 11).

2. Aqui, também, Davi abrange o alcance do salmo mais antigo, voltando para o versículo 2 do mesmo, avançando depois, com ímpeto, para o v. 47, sendo que modifica estes dois versículos. Ao citar aquele, ao invés de repetir “minha rocha”, introduz um termo novo e marcante para Deus: *minha misericórdia* que NEB traduz: “meu socorro que nunca falha”.¹¹⁵ Ao citar 18:47, outra vez introduz uma modificação, dizendo, agora: *quem me submete o meu povo*. Agora, é a ordem e a paz em casa, e não somente no seu império, que ocupa os seus pensamentos, como também acontecerá nos versículos expansivos no fim.

3, 4. Agora, o *homem*, tão cheio de si, é visto na sua proporção certa, primeiramente numa citação livre de 8:4 (ver ali o comentário, bem como uma nota sobre passagens semelhantes), e depois, em frases que relembram 39:5 (*um sopro*) e 102:11; 109:23 (*a sombra*).

144:5-11. Um padrão de salvamento

A recordação agora é o trampolim para a intercessão. Onde 18 olhava para trás, maravilhado (“Baixou ele os céus e desceu . . . tirou-me das muitas águas”, 18:9, 16), este salmo olha com firmeza para o céu para um ato comparável de libertação. Todos estes verbos agora são imperativos. E enquanto 18:44-45/45-46, Heb./ contava de estrangeiros que se encolhiam de medo diante do seu conquistador, os vv. 7c, 8 e 11 apontam outra vez para eles (*estranhos*, que traduz a mesma expressão), esta vez como ameaça insidiosa e

¹¹⁵ Este termo ousado para Deus não é sem paralelo: cf. Jn 2:8/9, Heb./, onde outra vez deve ser tomado como designação do Senhor e da Sua lealdade (isto fica claro em ARA), e não da lealdade do homem a Ele.

mortal.¹¹⁶ A mão *direita* (8, 11) era comumente erguida para o céu (Dt 32:40) ao prestar um juramento, ou oferecida ao parceiro para apertar mãos ao entrar num acordo (cf., e.g., Pv 6:1b, lit.).

9. Este versículo reparte seus aspectos mais marcantes, o *novo cântico* e o *salterio de dez cordas*, com 32:2-3. Um salmo que tira tanta matéria de outros poemas tem a probabilidade, mas não a certeza, de ser o emprestador e não a fonte destas expressões; não há, porém, qualquer modo certo de datar 33.¹¹⁷ O *novo cântico*, no contexto desta esperança de vitória, por certo significa uma canção para ser composta para a ocasião; outras sugestões parecem por demais laboriosas para este salmo, e.g., que é para acompanhar uma renovação da aliança, ou uma canção para uma era vindoura (sentido este que tem mais naturalmente no ambiente escatológico de 96:1; 98:1; 149:1; cf. Ap 5:9; 14:3).

10. *Vitória*, ou *salvação*, *aos reis* é um eco de 18:50/51, Heb./.. Mais uma vez, Davi trata as “misericórdias anteriores” como medida daquilo que Deus pode fazer.

144:12-15. Um povo em paz

Esta cena tranqüila é tanto mais atraente por causa da perturbação e traição que ela substitui, da mesma forma que a oração que a abrange é tanto mais sincera do fundo do coração.

12. A oração¹¹⁸ começa com a família e com a sua nova geração — e não com sonhos de um império. Aqui, conforme indica 127:3-5, temos força viva, dada por Deus. Os filhos, os jovens rebentos de oliveira em 128:3, agora se retratam como arvorezinhas robustas e bem estabelecidas, e as filhas como o próprio retrato da elegância e força esculturais, “como pilares esculpidos nas esquinas de um palácio” (NEB). Não houve nada de relaxado na sua criação.

¹¹⁶ As *mentiras* e a *falsidade* são a contrapartida arrogante dos elementos da falsidade subentendidos no verbo heb. que se traduz “mostrar-se submisso” em 18:44/45, Heb./.. Ver pág. 113, nota de rodapé 67.

¹¹⁷ Poderia até ser davídico (conforme alega LXX), já que sua posição fica no Primeiro Livro do Salterio; é possível que o título fosse acidentalmente omitido em TM (cf. Anderson, ad loc.).

¹¹⁸ Pode-se debater se esta é uma oração ou uma bem-aventurança (antecipando v. 15), pois não há verbos finitos nesta estrofe: trata-se de uma série de quadros em palavras, expressados por participios. A série, no entanto, é introduzida com a partícula *ušer*, que é flexível quanto ao sentido, sendo que corresponde, em certa medida, à nossa palavra “que”, tanto como pronome relativo (cf. LXX, implausivelmente aqui), e no sentido de “a fim de que” (cf. e.g., Gn 11:7; Dt 4:40). Embora não se ache noutros lugares neste último sentido, quando é seguido somente por participios, parece que esta é a continuação mais provável da oração de 11a (NEB, com “Felizes somos nós...”, emenda *ušer* para *ušerê*).

13, 14. O salmo, depois de mencionar os recursos humanos do reino, volta para considerar as suas riquezas materiais, que o Antigo Testamento preza, realisticamente, como dádiva de Deus — pode-se alegrar com elas, mas não pressupô-las. V. 14, conforme é traduzido em ARA, relembra as bênçãos condicionais de, e.g., Dt 28:4; Êx 23:26. A segunda linha deste versículo 14, no entanto, fala mais provavelmente de segurança, como em ARC. Gelineau traduz: “nenhuma muralha ruída, nenhum exílio”. Os *gritos de lamento* podem se referir à agonia da derrota, mas não precisam se limitar a ela. É uma verdadeira atitude de rei dizer, com Paulo: “Quem é fraco, e eu não sou fraco? . . . quem é ofendido, e eu não ardo?”

15. Tendo começado com valores humanos, e não materiais, na firmeza da família (12), a oração termina na fonte da harmonia que visualizou. Isto porque, embora dê valor às dádivas, reserva a bem-aventurança final para o relacionamento que há por detrás delas: aquele de ser o povo que conhece o Senhor como sendo o Deus dele. Este relacionamento, como haveria de declarar, com fervor, um homem de Deus em tempos posteriores (Hc 3:17-18), pode pesar na balança mais do que a perda de tudo mais.

Salmo 145 **Um Abecedário de Louvor**

Este grande derramamento de adoração é o último salmo de Davi no Saltério, é o último dos acrósticos que ali se acham (ver a primeira nota de rodapé à 119), dos quais nada menos do que cinco trazem o nome dele. Uma das letras do abecedário (*nûn*) falta do texto hebraico padrão; a maioria das traduções antigas, no entanto, bem como um texto de Cunrá (11Q Ps^a) que agora surgiu, preenchem o versículo que faltava, que RSV, SLH e ARA incluem no fim do v. 13 (i. é, a parelha que começa: “O SENHOR é fiel . . .”).

O Título

Sobre “Cântico” (*Louvores*) e *Davi*, ver a Introdução, págs. 52, 46.

145:1-3. Uma doxologia de abertura

O louvor a Deus que brotava mais naturalmente nos lábios de Davi noutros salmos empregava expressões tais como “Rocha”, “Fortaleza”, e “Libertador”, palavras estas que surgiam da experiência pessoal. Aqui, sua abordagem se alarga, para se gloriar na grandeza de Deus e na Sua providência geral. Por todo o salmo, seu louvor pessoal se misturará com aquele de todas as gerações e de todas as criaturas.

145:4-7. Um tema para todos os homens

Até Davi poderia ter tido pouca idéia do cumprimento que haveria

para suas palavras, não somente no fato de que a *geração* dele ainda fala à nossa, e seu pequeno círculo (outra matiz de sentido para esta palavra traduzida “geração”) ao mundo, como também no fato de que os *poderosos feitos, maravilhas, e feitos tremendos* de Deus chegariam a um ponto culminante nos eventos do evangelho, os quais ainda agora avançam para a sua consumação.

Com a exceção de *tua majestade* (5), e talvez *tua grandeza* (6; mas cf. seu significado dinâmico em 2 Sm 7:21), todos os assuntos para louvor nesta estrofe são das intervenções salvadoras feitas por Deus, sendo que os vários termos para as mesmas ressaltam seus aspectos diferentes. No v. 7, os dois substantivos principais ainda têm este impacto redentor, falando, respectivamente, da bondade de Deus ou da Sua generosidade em agir (*tua . . . bondade*), e Seu interesse em endireitar as coisas (*tua justiça*: ver sobre 24:5; 65:5)

145:8, 9. Deus o compassivo

V. 8 repete a revelação que Deus fez de Si mesmo em Sinai (Êx 34:6), quase palavra por palavra. Foi uma das declarações mais citadas no Antigo Testamento:¹¹⁹ rico fruto da oração de Moisés: “Rogo-te que me mostres a tua glória”, sendo que esta foi a resposta. Quando Jonas a citou para Deus com desaprovação, recebeu uma resposta que não somente confirmou aquela, como também a veracidade do nosso v. 9, a revelar a misericórdia de Deus para com o próprio gado de Nínive (Jn 4:2, 11).

145:10-13a. Rei para sempre

A expressão *Todas as tuas obras*, retoma o pensamento de 9b, onde ocorre a mesma expressão. Talvez “Te declaram” seja mais exato aqui do que *te* renderão graças (*ver sobre 136:1; 138:4*), sendo que somente o homem pode conhecer a verdadeira gratidão (10b), enquanto as demais obras de Deus O proclamam por aquilo que são, e, no final, o farão de modo perfeito (Rm 8:21).

Esta parte do salmo emprega vários termos dos vv. 4-7, mas agora resalta a palavra *reino* (quatro vezes: 11, 12, 13, 14), enfatizando o tema de domínio mais do que redenção. O reaparecimento do v. 13 em Daniel 4:3 / TM 3:33/ nos lábios de Nabucodonosor confirma esta ênfase e nos indica uma parte das Escrituras que faz posição detalhada desta soberania, e em escala mundial. É uma causa de júbilo tanto quanto a compaixão proclamada nos vv. 8 e 9.

145:13b-20. Deus o Provedor

Esta passagem desenvolve o tema dos vv. 8 e 9, com exemplos tirados

¹¹⁹ Cf. Nm 14:18; Ne 9:17; 86:15; 103:8; 111:4; Jl 2:13; Jn 4:2.

SALMO 145:14-21

das emergências da vida, bem como das suas regularidades. Os vv. 13b¹²⁰ e 17 resumem as qualidades divinas que aqui ficam mais aparentes, ressaltando principalmente a confiabilidade de Deus, sendo que a palavra *santo* (13b) e *benigno* (17) representa a única palavra *hāsîd*, que *poderia* ser traduzida “leal” ou (NEB) “imutável”. É um termo freqüente para os servos dedicados de Deus (ver sobre SI 18:25), mas é somente nestes dois versículos e em Jr 3:12 onde NEB o interpreta pela frase: “meu amor nunca falha”.

Quatro aspectos da vida testificam a esta preocupação e a esta constância:

14. Socorro para os inadequados. Esta frase, *os que vacilam*, é de expressividade incomum; e esta ajuda em tempo hábil, já numa etapa inicial, se liga com o poder de Deus para revivificar a esperança perdida e as capacidades que falharam; cf. NEB: “e endireita as costas curvadas”.

15, 16. Alimento para todas as criaturas. Este suprimento complexo e exuberante — tão diferente das unidades dietéticas padronizadas dos tecnocratas agrícolas — reflete a alegria generosa do Criador com o Seu mundo, tema este que se desenvolve por extenso em 104, e empregado para a nossa emulação e encorajamento no Sermão da Montanha (Mt 5:45; 6:25ss.).

18, 19. Respostas para os que oram. O simbolismo da palavra *perto* não se confina ao pensamento de estar dentro do alcance do ouvido, sendo que pode incluir o da aproximação entre amigos (“os soberbos ele os conhece de longe”, 138:6; cf. 25:14) e a bênção do socorro que está pronto e que aguarda (Pv 27:10b; Is 50:8). Nota-se, porém, a advertência de Is 55:6.

20. Proteção para aqueles que são dEle. Este versículo contém a única menção direta dos *ímpios* no salmo. Dificilmente, porém, seria um salmo acerca da vida (ou um salmo de Davi!) sem esta sombra; nem se poderia ver completamente a fidelidade de Deus sem uma referência ao Seu julgamento sem meios termos. *Guarda* poderia dar vazão a um pequeno malentendido, como se promettesse aos piedosos uma vida encantada. “Vigia” (NEB) seria melhor; ver outra vez Lc 21:16, 18.

145:21. Uma doxologia final

Assim termina a contribuição de Davi ao Saltério, com uma nota de louvor que é totalmente dele (21a), sendo, porém, tão vasta como a humanidade e tão imarcessível como a eternidade.

Salmo 146 Louvarei ao meu Criador”

Cinco salmos jubilosos de louvor, cada um dos quais começa e termina

¹²⁰ Quanto a esta parêntese adicional do v. 13, ver os comentários que introduzem o salmo.

com Aleluia, encerram o Saltério. Assim, neste aspecto, como também em muitos outros, os Salmos são uma miniatura da nossa história como um todo, que terminará com bênçãos e deleites sem fim.

Vários hinos em alemão, e em inglês, os versos por Isaac Watts, “Louvarei ao meu Criador enquanto respiro”, devem a este salmo a sua inspiração.

146:1, 2. Uma vida inteira de louvor

A chamada inicial, *Aleluia* (“Louvai ao SENHOR”), está no plural, uma convocação para todos, mas, dentro do coro, cada um pode fazer uma oferta que é totalmente dele (1b, 2). Há um tipo enfático na resolução do v. 2 (cf. 104:33), que JB capta com sua interpretação: “Pretendo louvar . . . durante toda a minha vida. Pretendo cantar . . . enquanto eu viver”. Coloca o assunto numa base mais larga do que a disposição de ânimo do momento; cf. 34:1 e o comentário.

146:3, 4. O homem, a falsa esperança

A palavra *príncipes* talvez pareça remover este conselho do plano de pessoas comuns e das suas necessidades; mas um equivalente moderno pode ser “os influentes”, cujo apoio talvez pareça mais sólido e prático do que o que vem da parte de Deus. Is 32:5 nos lembra que os nomes grandes nem sempre são aquilo que parecem ser,¹²¹ mas esta passagem vai ainda mais fundo com seu jogo de palavras sombrio com *homem* (*’adām*) e “terra” (ARC — *’adāmā*) que se deriva de Gn 3:19.

146:5-9. Deus, grande e bom

V. 5 é a última bem-aventurança no Saltério (ver a lista na nota de rodapé a 1:1), e desenvolve suas implicações pela totalidade desta estrofe).

5. *Jacó* provavelmente tem, aqui, o significado coletivo de povo de Deus; pode, no entanto, levar consigo uma lembrança do homem de quem Deus Se fez amigo, transformando-o. Certamente, a bem-aventurança é para o indivíduo que, segundo se entende, está numa aliança pessoal com Deus. Os versículos seguintes mostrarão quão imenso é este privilégio.

6. Deus, como Criador, Se contrasta nitidamente com os ajudadores efêmeros dos vv. 3 e 4; isto, porém, não somente como Criador, mas também como Aquele que *mantém fidelidade*. Com os homens, falta a boa vontade tão freqüentemente como falta a capacidade. Cf. Paulo, acerca do seu julgamento: “Todos me abandonaram . . . Mas o Senhor me assistiu” (2 Tm 4:16-17).

7ss. Tal Pai, tal Filho. Para nós, estas linhas podem trazer à mente o oráculo de Is 61, que Jesus leu para anunciar a Sua missão, e os indícios

¹²¹ A palavra “nobre”, ali, é o singular da palavra que aqui se emprega para “príncipes”; e o “tolo” é o malfetor arrogante retratado em 14:1.

adicionais da Sua identidade que enviou de volta para João Batista (Lc 4:18-19; 7:21-22). O que aqui se acrescenta é o julgamento, duas declarações do qual flanqueiam a história da paixão, e que, na realidade, fazem parte dela (7a, 9c). O relacionamento entre o julgamento e a salvação na obra de Cristo é um dos temas do evangelho: e.g. Jo 3:17-19; 5:25-29. A natureza final que ambos acabarão tendo é uma perspectiva mais clara ali do que nos salmos.

146:10. Uma eternidade de louvor

O louvor individual, para durar a vida inteira, que foi votado na estrofe inicial, agora desabrocha em louvores de *Sião*, i.é., o povo de Deus (ver sobre 87), e nos da eternidade. Se o cantor individual do v. 2 se via incluído nestas gerações eternas, ou não, foi este de fato o destino dele, pois Deus “não é Deus dos mortos, e, sim, dos vivos”.

“Meus dias de louvor nunca se passarão,
enquanto durarem a vida, o pensamento e a existência,
ou enquanto perdurar a imortalidade”.¹²²

Salmo 147

“Ergue teus olhos até às alturas”

Às vezes, este salmão retoma as perguntas retóricas de Is 40, e, às vezes, os desafios do Senhor dirigidos a Jó, transformando-os em louvor, e vinculando as maravilhas da criação com as glórias da providência e da graça.

A LXX trata este como dois salmos, dos quais o segundo começa no v. 12. Desta forma, sua numeração do Saltério, que divergiu daquela da Bíblia Hebraica (que é a conhecida dos protestantes) do Salmo 10 em diante, agora fica de novo no compasso para os últimos três salmos, 148-150.

147:1-6. O Deus que redime

1. Antes de se voltar para assuntos específicos de louvor, o salmo faz uma pausa para considerar quão deleitável é o próprio louvor. Embora sempre deva ser uma “oferta integral”, nunca levando em consideração a própria pessoa, o próprio ato de dar uma resposta articulada à pura glória e bondade de Deus vivifica e emancipa; ver sobre 92:1-4. Pode-se traduzir v. 1: “Quão bom é ¹²³ cantar salmos, quão agradável proferir louvor apropriado”.¹²⁴

2ss. Agora segue-se o primeiro motivo para esta oferenda, a saber: a gratidão. As promessas de Is 40 e segs. para uma geração sem lar aqui se

¹²² I. Watts, “Louvarei ao meu Criador”.

¹²³ Lit. “decerto é bom”, entendendo-se que a partícula *kí* aqui é sinal de ênfase mais do que uma conjunção explanatória.

¹²⁴ Esta frase segue Anderson (baseado em J. Blau, *VT* 4 (1954), págs. 410-411) ao entender *nā wā* como infinitivo.

refletem de volta para Deus, como louvor ou em pura fé, ou como resposta ao cumprimento das mesmas. Estamos cantando a mesma melodia do profeta: cf. v. 3 com Is 61:1, mas principalmente vv. 4 e 5 com Is 40:26, 28c, onde se ensina a lição (mais explicitamente do que no salmo) que Aquele que põe em ordem a hoste das estrelas, “as quais ele chama pelos seus nomes” (como aqui, 4b), é mais do que suficiente para os problemas do Seu povo, tanto em *poder* como em *entendimento* (cf. 5). Faz uma reviravolta do argumento familiar de que, num universo tão vasto, nossos assuntos pequenos são por demais minúsculos para serem notados.

147:7-11. O Deus que tem cuidado

O tema, inicialmente, é o de Jó 38 e segs. e de 104: o alcance imenso das operações de Deus, igualmente maravilhosas por sua vastidão e por sua atenção aos detalhes. Trata-se de cuidado divino numa escala que evoca admiração e adoração; vv. 10 e 11, no entanto, emprestam ao assunto um ângulo novo, de modo que o Doador procura uma resposta humilde, e não o benefício da nossa proeza (“como se de alguma coisa precisasse”, At 17:25), e confiança nEle, ao invés da auto-suficiência. O pensamento se expressa em mais detalhe em Mt 6:25-34.

147:12-20. O Deus que manda

O salmo continua a conservar numa unidade a visão de Deus como Senhor da aliança e como Senhor da criação. Vv. 12-14 podem ser ou ações de graças por aquilo que foi recebido, e.g. nos dias de Neemias, ou uma predição confiante; em qualquer dos casos, nos deleitamos nas dádivas características de Deus, e confessamos que os requisitos básicos de qualquer povo, a saber: a segurança, a saúde espiritual, a concórdia e a prosperidade, estão nas mãos dEle, para nos dar, e não nas nossas para alcançarmos (conforme mostra a experiência).

15ss. O tema unificante dos versículos finais é a *palavra* de Deus (15, 18, 19) nas suas duas grandes funções: ordenar e comunicar. Vv. 15-18 mostram o controle de Deus, sem esforço, com termos que relembram Jó 37 e 38; além disto, nos relembram da vontade e inteligência única que há por detrás da diversidade que vemos. O frio é *seu frio*, e o vento que o degela também é dEle.

Vv. 19, 20, no entanto, são o ponto culminante. Aqui não se trata meramente de uma palavra ativante, mas, surpreendente, um encontro de mentes. Foi indicado com toda a razão que, apenas como meios de fazer com que as coisas sejam feitas, “estatutos e juízos” (ARC), ou até apelos e encorajamentos, são ferramentas bem incertas. Deus, portanto, ao Se dirigir a nós, ao invés de nos programar, mostra que procura um relacionamento, e não simplesmente uma seqüência de ações que sejam realizadas. “Deus não

deseja ter a minha obediência como algo que é valiosa de si mesma. Deseja a minha pessoa".¹²⁵

Assim, v. 20, que de início pode dar a impressão de auto-satisfação, é uma exclamação de admiração. Se o orgulho fosse insinuar-se aqui, o próprio nome *Jacó* (19) deveria silenciá-lo, e a vocação para ser "luz para as nações" (Is 49:6) deve lhe dar novas diretrizes.

Salmo 148 O Coro da Criação

Começando com a hoste angelical, e descendo pelos céus até as várias formas e criaturas da terra, conclamando depois a família do homem e, finalmente, o povo escolhido, a chamada ao louvor reúne a criação inteira. Se qualquer noção de um regime insípido e enclausurado se associasse com o nome de Deus, este relance da Sua criatividade incansável seria o bastante para dissipá-la.

O *Benedicite* (tirado do Cântico dos Três Servos, nos Apócrifos) é uma expansão deste salmo.

148:1-6. Louvor das alturas

Não somente nos tempos do Antigo Testamento, como também na era cristã, os homens têm sido tentados a adorarem aos *anjos* (Cl 2:18), que são nossos conservos (Ap 22:8-9), e a tratarem as *estrelas* como árbitros do destino.¹ O salmo afasta para longe semelhante estultícia com dois gestos: primeiramente, com sua convocação a toda esta hoste celestial, animada e inanimada, a louvar ao Senhor — e, realmente, para iniciar o louvor que será ecoado de volta para Ele, conforme mostram as expressões gêmeas "dos céus" (1) e "da terra" (7) — e, em segundo lugar, com a lembrança de que eles, como nós, foram *criados* com uma palavra (5), sendo que o destino de cada um foi alocado de conformidade com a vontade dEle.

Legiões celestiais, é a expressão normal para um exército (como também seu equivalente grego, Lc 2:13; cf. Mt 26:53), mais um sinal de que, citando Milton, a posição de Deus

"É soberana; milhares se apressam às Suas ordens

E, sem descanso, atravessam terras e oceanos".¹²⁶

4. *Céus dos céus* é um superlativo semelhante a "santo dos santos", ou talvez uma expressão para "o próprio céu" (cf. Anderson, referindo-se a J. Gray. *As águas que estão acima do firmamento* são um termo poético ou popular para as nuvens de chuva; cf. Gn 1:6-8.

6. A palavra traduzida *ordem* também significa decreto ou estatuto.

¹²⁵ E. Brunner, *The Divine Imperative* (Lutterworth, 1937), pág. 145.

¹²⁶ John Milton, Soneto "Acerca da sua Cegueira".

148:7-14. Louvor da terra

Agora em a antífona responsiva *da terra* (7; cf. “dos céus”, 1), espelhando aquela do céu, sendo que o louvor que foi passado de participantes conscientes para inconscientes nos vv. 1-6 agora sobe a escala até ao homem, que tem consciência de Deus, e, finalmente, para as pessoas que estão em aliança com Ele.

11, 12. Nestas poucas linhas emerge, de modo bem incidental e com simplicidade que não é forçada, o único vínculo potencial entre os extremos da humanidade: uma alegre preocupação com Deus.

13, 14. É instrutivo comparar estes versículos com seus semelhantes, vv. 5 e 6. No v. 5, os corpos celestes são conclamados a louvarem a Deus pelo mero fato da sua existência (“pois mandou ele, e foram criados”). Em 13 no entanto, o homem pode louvá-lo de modo consciente, sendo que Ele Se revelou (“porque só o seu nome é excelso”). Da mesma forma, a glória de Deus no mundo natural é o reinado da lei (6), a regularidade que nos convida a “considerar” ou “pesquisar” as Suas obras (111:2); entre Seu povo, porém, Sua glória é o amor redentor (14), ao levantar para ele um “poder”, i.é, um poderoso salvador (Lc 1:69); acima de tudo, em fazer com que Seu povo *Lhe seja chegado*. Este é o ponto culminante do salmo, como também o é do evangelho: “Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povo de Deus” (Ap 21:3).

Nota adicional sobre v. 14

Alguns comentaristas questionaram se as linhas 14b, c (“o louvor de todos os seus santos . . .” etc.) fizeram parte integrante do salmo, sugerindo que eram uma rubrica ou título acrescentado, como Habacuque 3:19b (ver a Introdução, pág. 52). R. A. F. MacKenzie¹²⁷ considera este salmo de outro ângulo, ao argumentar que estas linhas eram, na realidade, o título do salmo seguinte, isolado dele de um Aleluia que entrou no lugar errado, e que deveria ter seguido 14a ao invés de 14c. A parte mais impressionante do seu argumento é sua observação que, das sete palavras hebraicas de 14b, c, seis delas ocorrem em 149, mas apenas uma delas no restante de 148.

Se, porém, considerarmos 149 como composição gerada *por* 148:14, escrito para dar mais detalhes acerca do assunto que somente surgiu naquele versículo final — a vocação especial de Israel — estes vínculos verbais serão igualmente bem explicados. Além disto, 148 reterá uma conclusão digna do tema de uma intimidade crescente de louvor e resposta.

¹²⁷ Biblica, 51² (1970), págs. 221-224.

Salmo 149
A Celebração da Vitória

Enquanto o salmo anterior conclamou a criação inteira à adoração, e reservou a participação de Israel nela para o versículo final, aqui é o louvor e a vocação dele que completa o quadro. O versículo que acaba de ser mencionado, 148:14, com seu júbilo pela libertação e seu sentido de vocação, pode possivelmente ter sido a semente do qual se desenvolveu este salmo; ver a Nota Adicional sobre ele, supra.

149:1-5. A igreja jubilosa

Um novo cântico sugere uma nova situação, e esta tem todas as marcas da vitória, inclusive o modo tradicional de celebrá-la com “dança” (ARC mg.) e com o *adufe* (cf. Êx 15:20; Jz 11:34; 1 Sm 18:6). A escala deste cântico é de alcance mundial (7 ss.), e parece claro que estamos cantando um evento que é nada menos do que o advento de Deus, como em 93, 96-99 (cf. o “cântico novo” de 96:1; 98:1; cânticos da nova era).¹²⁸

5. Os *leitos* podem se referir simplesmente ao fato de se poder deitar de noite sem temor e com boa consciência (cf. 4:8; Os 7:14). Do outro lado, pode se tratar de uma refeição festiva, onde se reclinava em divãs (cf. também o “hino” cantado em Mc 14:26), especialmente se o tema de semelhante festival fosse a vitória final de Deus. (Uma sugestão adicional, que haja alusão a esteiras de oração — cf. JB, “prostrar-se diante dele”; NEB, “ajoeilhar-se diante dele”, está aberta à objeção de que a raiz desta palavra significa deitar-se, e não curvar-se ou prostrar-se.)

149:6-9. A igreja militante

Agora em termos de uma guerra santa, tal como aquelas de Israel contra os cananitas, cantamos da retribuição que sobrevirá aos inimigos de Deus. Israel, como nação, fora encarregada com semelhante guerra de modo literal ao entrar na terra prometida; e, no dia final, os anjos, os exércitos do céu, acompanharão nosso Senhor até ao julgamento (2 Ts 1:7ss.; cf. Ap 19:1 ss.). Em contraste, os inimigos da igreja não são “sangue e carne e, sim . . . as forças celestiais do mal”; e suas armas não são aquelas do mundo. Nossa *espada de dois gumes* (c. 6) é a palavra de Deus, criada para “destruir fortalezas; anulando sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus”. Nosso equivalente de meter *reis em cadeias* (8) é “levar todo pensamento à obediência de Cristo” (2 Co 10:5; cf. Ef 6:12; Hb 4:12). O Apocalipse, apesar de todos seus quadros flamejantes do julgamento final, descreve a vitória da igreja com alguma coisa em harmonia com a do Calvário.

¹²⁸ O sentido em que se deve entender “cântico novo” provavelmente varia no contexto no qual ocorre. Ver sobre 144:9.

“Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram, e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida” (Ap 12:11).

Esta é a *sentença escrita* pela cruz contra “o príncipe deste mundo” (Jo 16:11), que é o poderio por detrás dos reis do v. 8. Deus destinou *honra para todos os seus santos* num nível mais alto do que foi claramente visível no Antigo Testamento. Tais são as honras da batalha da guerra genuinamente santa.

Salmo 150

Aleluia!

Embora cada um dos quatro primeiros Livros dos Salmos terminasse com uma doxologia, o quinto Livro completa o Saltério inteiro com um salmo totalmente dedicado ao louvor. Sua brevidade estimula. Não pode haver medo de desanimar; além disso, tudo já foi dito, e podemos nos entregar a um “fortíssimo” sustentado de resposta.

150:1. O “onde” do louvor

O Saltério de Coverdale (PBV) tem “Louvai a Deus na Sua santidade”, que é uma tradução viável; a linha paralela, no entanto, “no firmamento do seu poder” (ARC), sugere que “santidade” aqui tem seu sentido secundário: *seu santuário* (ARA). Desta forma, a chamada é dirigida aos adoradores de Deus na terra, encontrando-se no Seu lugar escolhido, como também à Sua hoste celestial (o *firmamento* é o céu, a abóbada celestial) para misturar os louvores deles com os nossos. A terra e o céu podem ser completamente uníssonos nisto. Sua glória enche o universo; Seu louvor não pode fazer menos.

150:2. O “porque” do louvor

Em todas as partes do salmo, a não ser em 2b,¹²⁹ persiste a mesma preposição hebraica, assumindo várias matizes de significado conforme o contexto. Em 2a, claramente significa *por*, mas podemos sentir o impacto do seu sentido primário, “em”, ao lembrar-nos da nossa própria expressão “regozijar-se em” — e.g., regozijar-se nos seus poderosos feitos, como neste versículo. Aqui, há duas matérias compreensivas para o louvor, das quais a segunda: *sua muita grandeza*, concentra-se naquilo que Ele é pessoalmente (cf. a frase na *Gloria in Excelsis*: “graças Te damos pela Tua grande glória”),

¹²⁹ Em 2b, a preposição *ke* (“segundo”) toma o lugar de *be* (traduzido “em”, “por” e “com”, nos vv. 1, 2a e 3-5, respectivamente). Aquelas duas consoantes, no entanto, parecem muito semelhante em Hebraico, e, possivelmente, 2b deve se conformar com os demais, conforme sugere uma das versões antigas (a Pesita).

enquanto a primeira, *seus poderosos feitos*, significa primariamente Seus atos de salvação (e.g. 20:6c/7, Heb./; 145:4, 12), embora também signifique, de modo secundário, Seu poder como Criador (65:6/7, Heb./) e o Soberano do mundo (66:7).

150:3-5. O “como” do louvor

A resposta da pergunta “como?” é: “com tudo quanto você tem!” vários lados da vida se tocam nesta linha curta: grande ocasiões nacionais e sagradas, ao som da *trombeta* (esta era o chifre curvo empregado para anunciar o ano do jubileu, Lv 25:9; ver sobre Sl 81:3); celebração alegre, e.g., de uma vitória, *com adufes e danças* (ver sobre 81:2; 149:3); a produção da música simples, julgando pelas associações quotidianas da *flauta*¹³⁰ (Gn 4:21; Jó 21:12; 30:31). Estas, porém, não são distinções que devem ser forçadas, além do fato de que todo tipo de instrumento, solene ou alegre, percussivo ou melódioso, suave ou estridente, aqui é reunido para o louvor de Deus.¹³¹

150:6. O “quem” do louvor

Embora alguns sustentariam que *tudo ser* aqui devesse ser traduzido como “toda pessoa”, este parece ser um ponto de vista desnecessariamente estreito da frase, que é literalmente: “Que todo o hálito louve ao SENHOR”. Pelo contrário, deve resumir a gloriosa variedade que foi vislumbrada em 148:7-12, com “monstros marinhos . . . feras e gados, répteis e voláteis”, acompanhados pela família inteira do homem, desde os reis até às crianças — realmente, conforme declara Salmo 8, até pequeninos e crianças de peito.

“Então ouvi que toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo: Àquele que está sentado no trono, e ao Cordeiro, seja o louvor e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos”.

Amém!

¹³⁰ ARC tem “órgãos”, derivado da Vulgata, mas erroneamente.

¹³¹ Para maiores detalhes sobre os instrumentos, ver NDB, artigo: “Música e Instrumentos Musicais”. Os termos hebraicos e seus equivalentes na ARA aqui são os seguintes: *šōpār* (trombeta); *nēbel* (saltério); *kinnôr* (harpa); *tōp* (adufe); *minnîm* (cordas); *ûgāb* (flauta); *sešēlîm* (címbalos).

COMENTÁRIOS BÍBLICOS

DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Estes comentários são feitos de modo a dar ao leitor uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A Introdução de cada livro dá às questões de autoria e data, um tratamento conciso mas completo.

Isso é de grande ajuda para o leitor em geral, pois mostra não só o propósito como as circunstâncias em que foi escrito o livro.

Isso é, também, de inestimável valor para os professores e estudantes, que desejam dar e requerem informações sobre pontos-chave, e aí se vêem combinados, com relação ao texto sagrado, o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito.

Os Comentários propriamente ditos tomam respectivamente os livros estabelecendo-lhes as seções e ressaltando seus temas principais. O texto é comentado versículo por versículo sendo focalizados os problemas de interpretação. Em notas adicionais, são discutidas em profundidade as dificuldades específicas.

O objetivo principal é de alcançar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, e tornar sua mensagem plenamente compreensível.

EDIÇÕES VIDA NOVA
EDITORA MUNDO CRISTÃO